



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

ANA PAULA ESTRELA

TRAJETÓRIAS DE VIDA DE EX-ALUNAS DO “COLÉGIO DAS FREIRAS”: O
COLÉGIO NOSSA SENHORA AUXILIADORA (SOUSA-PB, 1958-1985)

JOÃO PESSOA – PB

2023

ANA PAULA ESTRELA

**TRAJETÓRIAS DE VIDA DE EX-ALUNAS DO “COLÉGIO DAS FREIRAS”: O
COLÉGIO NOSSA SENHORA AUXILIADORA (SOUSA-PB, 1958-1985)**

Texto apresentado para a defesa da dissertação de mestrado
do Programa de Pós-Graduação em História, da
Universidade Federal da Paraíba, na área de concentração em
História e Cultura Histórica.

Orientadora: Profa. Dra. Surya Aaronovich Pombo de Barros

Linha de Pesquisa: Ensino de História e Saberes Históricos

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

E82t Estrela, Ana Paula.

Trajetórias de vida de ex-alunas do "Colégio das freiras" : o Colégio Nossa Senhora Auxiliadora (Sousa-PB, 1958-1985) / Ana Paula Estrela. - João Pessoa, 2023.

164 f. : il.

Orientação: Surya Aaronovich Pombo de Barros.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

1. Educação feminina. 2. Educação católica - Memória. 3. Colégio Nossa Senhora Auxiliadora-Sousa/PB. I. Barros, Surya Aaronovich Pombo de. II. Título.

UFPB/BC

CDU 37-055.2(043)



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Ata nº 281 de defesa de Dissertação do Programa de Pós-Graduação em História do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba de autoria do mestrando ANA PAULA ESTRELA, área de concentração História e Cultura Histórica, linha de pesquisa em ENSINO DE HISTÓRIA E SABERES HISTÓRICOS.

Aos vinte e um dias do mês de dezembro do ano de 2023, às 14 horas, em sessão virtual realizada na Sala <https://meet.google.com/umj-rmcc-eyb>, atendendo aos princípios ordenadores dos Artigos 67 a 72 do Regulamento do Programa de Pós-Graduação em História do CCHLA da UFPB, foi realizada a Sessão de Defesa e Julgamento da Dissertação de autoria da mestranda **ANA PAULA ESTRELA** matrícula **20211014880**, junto ao PPGH/CCHLA/UFPB, requisito final para obtenção do título de Mestre em História na área de concentração em História e Cultura Histórica, linha de pesquisa ENSINO DE HISTÓRIA E SABERES HISTÓRICOS, conforme encaminhamento do Professor GUILHERME QUEIROZ DE SOUZA, vice-coordenador do PPGH, e cumprimento do exame de qualificação, pré-requisito para esta apresentação, segundo registrado na secretaria do Programa. O trabalho da mestranda foi avaliado pela Banca Examinadora composta pelos(as) professores(as) doutores(as): SURYA AARONOVICH POMBO DE BARROS (UFPB – Orientadora e Presidenta da sessão), ROSEMERE OLIMPIO DE SANTANA (UFCEG – Examinadora Externa) e CLAUDIA ENGLER CURY (UFPB – Examinadora Interna). A realização da sessão de Julgamento e Avaliação ocorreu virtualmente na Sala <https://meet.google.com/umj-rmcc-eyb>, divulgado previamente pelo PPGH e com acesso permitido aos interessados em acompanhá-la em tempo real. Iniciada a sessão, a presidenta **SURYA AARONOVICH POMBO DE BARROS** apresentou os membros da Comissão e, em seguida, indicou à mestranda para que fizesse, oralmente e pelo tempo de 20 minutos, a apresentação do Trabalho Final intitulado “*Trajetórias de vida de ex-alunas do “Colégio das freiras”: O Colégio Nossa Senhora Auxiliadora (Sousa-PB, 1958-1985)*”. Concluída a apresentação, procedeu-se à arguição pelos membros da Banca. Ao final da arguição, foi solicitado ao público presente que saísse da sala a fim de que a banca pudesse deliberar sobre a apresentação da mestranda. Após discussão, a Banca emitiu o seguinte parecer:

A banca considera o trabalho aprovado para o nível de mestrado, ressalta a importância do tema da dissertação e solicita que para a versão final seja realizada uma revisão do texto, a fim de atender às sugestões feitas durante a arguição. Assim, decidiu-se pelo conceito **APROVADA**. Deve a



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

secretaria do PPGH, após homologação desta ata pelo Colegiado deste Programa, solicitar à Pró-Reitoria de Pós-Graduação da Universidade Federal da Paraíba a emissão, na forma da lei, do respectivo diploma de Mestre em História. Terminada a sessão foi encerrada a reunião, da qual, eu, GUILHERME QUEIROZ DE SOUZA, vice-coordenador do PPGH, lavrei a presente ata que vai assinada pelos membros da banca e pela mestranda.

João Pessoa, 21 de dezembro de 2023.

Orientadora

Documento assinado digitalmente



ROSEMERE OLIMPIO DE SANTANA

Data: 21/12/2023 22:10:38-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Examinadora Externa

Documento assinado digitalmente



CLAUDIA ENGLER CURY

Data: 21/12/2023 17:57:42-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Examinadora Interna

Mestranda

AGRADECIMENTOS

Esse trabalho foi escrito mediante um período de longa dedicação e aperfeiçoamento. Diante disso, sabemos que a construção de uma pesquisa não é solitária, pelo contrário, se faz mediante o auxílio de pessoas que nos dão suporte ao longo da trajetória de pesquisa e da escrita.

Primeiramente, agradeço imensamente ao meu Senhor Jesus, afinal nada que acontece na minha vida tem mérito meu e sim Dele, pois toda honra e glória sejam dadas a Ele! Obrigada Senhor por estar comigo a cada momento dessa trajetória, desde a aprovação neste mestrado até a conclusão, sendo meu alicerce, me proporcionando tamanha força e coragem para concluir esse desafio.

Agradeço com todo meu coração, amor, saudades e reconhecimento ao meu querido e amado pai, Francisco de Assis Estrela, homem temente a Deus e excelente pai que sonhou com esse momento muito mais que eu. O meu pai sempre acreditou nos meus sonhos, esteve ao meu lado me apoiando, incentivando e ajudando no que eu precisei. Mesmo não estando fisicamente comigo, sua presença está no meu coração e na minha memória. Sou eternamente grata e orgulhosa por ser sua filha. Obrigada por ser tão representativo na minha vida.

Agradeço a minha família, em especial minha mãe, Maria da Conceição, mulher guerreira, mãe exemplar, minha companheira de todas as horas e momentos. Sempre me apoiou em tudo, sendo minha fonte de inspiração para não desistir quando as situações difíceis me amedrontavam. Obrigada por me fortalecer diariamente e obrigada por me amar incondicionalmente, minha vida. Agradeço também do fundo do meu coração a minha irmã Ana Thalia, o marido da minha mãe, Mazinho Lacerda e minha prima/irmã Ryllary Estrela, que são pessoas importantes demais na minha vida e sempre estiveram presentes com incentivos, entusiasmo e forças em todos os momentos vivenciados nessa caminhada.

Agradeço às minhas queridas orientadoras que tive a honra de ter como inspiração. A Profa. Dra. Surya Aaronovich Pombo, Profa. Dra. Cláudia Lago Borges e Profa Dra. Rosemere Olimpo de Santana que foram determinantes para conclusão desse desafio. Ambas me acolheram com imenso cuidado e respeito, vivenciando cada etapa ao meu lado com grande dedicação, paciência e bondade. Vocês são mulheres incríveis, de uma inteligência e humanidade sem igual, sou muito grata pelo total suporte que me dispuseram nos momentos que precisei, com contribuições e reflexões que transformaram meu modo de enxergar a realidade.

Agradeço a Fundação de Apoio à Pesquisa da Paraíba - FAPESQ, que foi essencial para o prosseguimento da pesquisa, no qual foi importante fator com o auxílio nos momentos de dificuldades, diante dos desafios e sendo suporte primordial para esse momento final.

Agradeço às queridas depoentes desta pesquisa, que são mulheres de uma qualidade exemplar de força, resiliência e gratidão. Às senhoras Neusinha, Deci, Antônia, Karla, Lene e Madre Aurélia expresso minha profunda gratidão por aceitarem expor suas memórias e trajetórias de vida, por abrirem as portas de suas casas com muita alegria e confiança. Obrigada pelo carinho que tem

comigo sempre que nos encontramos na cidade e por terem me permitido conhecer suas vidas e passar a admirá-las ainda mais.

Agradeço com muito carinho aos meus irmãos e amigos Lyzzandro e Jhonathas por tamanha ajuda no período das entrevistas, me ajudando sempre que solicitei com suas capacidades e ferramentas técnicas e sendo meu grande auxílio no desenvolvimento das entrevistas e nas transcrições. Sem vocês dois não teria conseguido chegar até aqui. Obrigada pela paciência que tem comigo e por serem amigos verdadeiros que quero ter pra sempre ao meu lado.

Agradeço com carinho e admiração os meus colegas do PPGH da turma de mestrado 2021.1. Cada um de vocês foram primordiais para continuidade no curso, sendo pessoas que compartilhavam suas experiências, dialogavam, auxiliavam e proporcionavam excelentes trocas de aprendizagem e de afetividade. Tenho muito orgulho de ter feito parte de uma turma tão incrível. Meu muito obrigada por estarem presentes na minha trajetória acadêmica.

E por fim, agradeço a todos meus familiares e amigos que acompanharam a concretização desse sonho, sendo compreensivos diante das minhas ausências e que colaboraram bastante com suas orações e incentivos. Sou grata por tudo que vivenciei nesse mestrado e me apresento feliz e realizada por ter concluído uma etapa tão significativa.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à pessoa que mais sonhou com esse momento, o meu amado pai, Francisco de Assis Estrela (in memoriam). Ao senhor meu pai, dedico e agradeço por tudo que sou hoje e por ser tão importante na minha vida. Dedico também com todo meu amor a minha mãe maravilhosa, Maria da Conceição Estrela, por ser a pessoa mais importante da minha vida e por estar ao meu lado em qualquer circunstância.

RESUMO

A presente dissertação tem como objetivo analisar as trajetórias de vida e o desenvolvimento da educação católica feminina no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, na cidade de Sousa-PB, no período de 1958 a 1985, quando o ensino era destinado apenas para meninas. Nosso recorte delimitou a análise para estudantes no Curso Pedagógico. Discutimos como foi desenvolvida a educação de mulheres a partir de uma formação pautada para o magistério, relacionada com os ideais da fé católica. Discorremos sobre como eram produzidos os discursos em torno da formação da trajetória de vida e da construção das identidades de gênero a partir das vivências educacionais na instituição. Utilizamos como metodologia a História Oral, realizando entrevistas com ex-alunas, ex-professoras do educandário, assim como da memória da ex-diretora. Além dos depoimentos orais, temos como fontes documentais as Revistas do colégio e os livros de memorialistas que relatam a história do educandário e sua filosofia educacional. A pesquisa se baseia no referencial teórico da História Cultural e da História da Educação das Instituições escolares, articulando com as categorias de educação católica, gênero e memória, debatendo com os seguintes autores: Foucault (2014), Barros (2005), Louro (1997), Soares (2008), Scott (1995), Dominique Julia (2001), Portelli (2001) e Ferreira (2002). A construção das identidades dessas mulheres está contida na filosofia do educandário e teve como intuito a construção de atitudes e comportamentos considerados necessários para a disciplina confessional dos sujeitos. Trabalhamos com as trajetórias de vida pensando na experiência e nos ensinamentos que elas absorveram dentro do espaço e analisamos a profissionalização docente dessas mulheres, pois isso era uma realidade existente nesse espaço. A metodologia da pesquisa foi desenvolvida pela discussão das memórias dessas mulheres, preocupando-se com essas vivências e experiências, pensando na construção do feminino que foi idealizado a partir de sua formação educacional no referido colégio.

Palavras-chaves: Educação feminina; Memória; Educação Católica; Colégio Nossa Senhora Auxiliadora-Sousa/PB.

ABSTRACT

This dissertation aims to analyze the life trajectories and development of female Catholic education at Nossa Senhora Auxiliadora School located in Sousa-PB, during the period of 1958 to 1985, when education was exclusively for girls. This paper's focus is on students in the Pedagogical Course. It is discussed the education of women, centered on teaching, aligned with Catholic faith ideals, and explored how discourses were based on life trajectories and gender identities through educational experiences at the above mentioned institution. Employing Oral History, where former students, teachers, and former principal were interviewed. In addition to oral reports, documentary sources include the school magazines and memoirs detailing the institution's history and educational philosophy. The research draws thought the Cultural History and History of Educational institutions theoretical framework, connecting with the categories of Catholic education, gender, and memory, engaging with authors such as Foucault (2014), Barros (2005), Louro (1997), Soares (2008), Scott (1995), Dominique Julia (2001), Portelli (2001), and Ferreira (2002). Women's identities were shaped by the school's philosophy, aiming to instill attitudes for confessional discipline. We examine life trajectories considering experiences and teachings at Nossa Senhora Auxiliadora School, analyzing these women's teaching professionalization, a prevalent reality during the studied time period. The research methodology involves discussing these women's memories and life experiences, focusing on constructing femininity through their education at the mentioned school.

Keywords: Female education; Memory; Catholic education; Nossa Senhora Auxiliadora School - Sousa-PB.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Fardamento do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, 1958	37
Imagem 2: Inauguração do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, em 23 de março de 1958	38
Imagem 3: Mapa do Estado da Paraíba e seus municípios	42
Imagem 4: Estação Ferroviária de Sousa, em 1926	43
Imagem 5: Identidade visual do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora	50
Imagem 6: Sede do antigo Colégio São José	51
Imagem 7: Antiga fachada do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora.....	51
Imagem 8: Colégio Nossa Senhora Auxiliadora atualmente	52
Imagem 9: Vista aérea da Praça da Matriz em Sousa-PB, no ano 1950	80
Imagem 10: Lembrança escolar de Karla com aspectos do civismo, em 1985	85
Imagem 11: Primeira Eucarístia de Karla com a religiosa Madre Aurélia	90
Imagem 12: Colação de grau da turma da depoente Lene, em 1984	96
Imagem 13: Colação de grau de Antônia recebendo o diploma de seu esposo, em 1979	97

SUMÁRIO

Introdução	12
1.1 Percursos e trajetória da produção historiográfica	12
1.2 Discussão teórica: os principais conceitos e autores	14
1.3 Caminhos metodológicos: as fontes e os depoimentos	19
2 A educação feminina no Brasil: reflexões e debates	25
2.1 Os diferentes discursos acerca da educação feminina	26
2.2 A importância da cultura escolar para compreensão da formação educacional	29
2.3 O disciplinamento dos corpos femininos	31
3 O Colégio Nossa Senhora Auxiliadora e a região de Sousa-PB	42
3.1 A cidade de Sousa entre as décadas de 1950 e 1980: mudanças e permanências	42
3.2 A representação da mulher na Revista Letras do Sertão	45
3.3 A Congregação das Filhas de Santa Teresa de Jesus e o seu papel na educação	48
3.4 A formação docente no educandário sousense	56
4 Memórias e trajetórias de vida: a construção do ser mulher nas educandas	62
4.1 A trajetória de vida das alunas: perspectivas, realizações, construções e desconstruções	64
4.1.1 Neusinha (1973 e 1974): vida estável e uma carreira consolidada	64
4.1.2 Deci (1978 e 1979): trajetória de vida marcada por dificuldades e resistência	65
4.1.3 Antônio (1978 e 1979): marcas de dores, dificuldades e resiliência	67
4.1.4 Lene (1983 e 1984): longevidade e uma vida dedicada à instrução no CNSA	70
4.1.5 Karla (1983 a 1985): período de renovações e uma vida de recomeços	71
4.1.6 Madre Aurélia (1965 a 2015): caminhada de devoção, dedicação e representatividade	73
4.2 O permitido e os interditos: o regime disciplinar e o zelo pela “boa moral”	74
4.2.1 Os aspectos disciplinares	74
4.2.2 As fugas e namoros no CNSA	79
4.2.3 O contexto político na educação	83
4.3 O papel da mulher na sociedade: a atuação das religiosas para construção feminina	86
4.3.1 A formação religiosa no ‘Colégio das Freiras’	89
4.3.2 O impacto da formação educacional na vida das estudantes: depoimentos e lembranças	93
Considerações finais	101
Referências bibliográficas	104
Apêndices	109

INTRODUÇÃO

Esta dissertação tem como objetivo analisar as trajetórias de vida e o desenvolvimento da educação católica feminina no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, na cidade de Sousa-PB, no período de 1958 a 1985, quando o ensino era destinado apenas para meninas, tendo como recorte a análise para estudantes no Curso Pedagógico. Buscamos investigar a influência que o modelo educacional desempenhou na trajetória de vida de suas ex-alunas e a importância dessa educação naquele contexto, no qual o ensino era voltado para formação de meninas.

Essa pesquisa discute a história do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora e também as trajetórias de vida de suas alunas, fazendo um cruzamento com outros participantes do educandário, como a ex-diretora, para compreender os diferentes discursos e ações educativas desenvolvidos nesse espaço institucional religioso. A pesquisa está pautada na dimensão cultural da problemática, compreendendo que os aspectos sociais e econômicos foram importantes e analisados nesse contexto.

1.1 Percursos e trajetória da produção historiográfica

A educação nos colégios confessionais defendia a formação humana, cristã e uma educação feminina dócil, regrada, voltada para a profissionalização e desenvolvimento da condição de vida familiar e social adequada ao papel que se esperava e destinava para a mulher na sociedade. Nesse sentido, problematizamos como essa educação constituiu as identidades de gênero e a profissionalização dessas jovens, já que algumas delas tornaram-se educadoras do próprio colégio, como mostram as depoentes deste trabalho. Nessa perspectiva profissional, percebemos oportunidades e possibilidades dessas mulheres trabalharem e serem reconhecidas nesse contexto, assim como outras alunas que seguiram caminhos diversos, de acordo com o que almejavam. Pensamos como as práticas e os discursos formavam as discentes para a profissionalização docente, entendendo que era uma perspectiva de vida importante para a mudança de suas realidades e como esses discursos construíram a identidade das depoentes.

O Colégio Nossa Senhora Auxiliadora (CNSA), também popularmente conhecido como “Colégio das Freiras”, está situado na cidade de Sousa, no sertão da Paraíba. Nossa pesquisa, aborda a análise de um colégio confessional situado na região sertaneja da Paraíba, onde apresenta uma diversidade e pluralidade na região, entendendo que a imensidão de sertanejos espalhados pelo nosso país tem suas particularidades e que a presente região analisada apresenta aspectos próprios, característicos de um povo diverso, único e com histórias de vidas permeadas por dedicação, força e valores.

O interesse por pesquisar a educação desse educandário se deu devido a importância da instituição para a educação paraibana e também pela existência de poucos estudos acerca do mesmo.

Realizando um levantamento de trabalhos acadêmicos sobre o colégio citado, nos deparamos com apenas dois trabalhos acadêmicos¹ sobre a temática, um deles apresentando uma discussão sobre o Ensino de História e outro acerca da gestão escolar. Em outros momentos, dialogaremos com tais pesquisas, assim como com trabalhos sobre instituições semelhantes existentes em outras regiões.

Essa pesquisa foi proposta a fim de aprofundar as discussões iniciadas na graduação², desde quando realizamos a análise e o estudo do colégio citado. Com isso, realizamos discussões e reflexões a partir de entrevistas realizadas com mulheres que estudaram no CNSA. Acrescentamos novas fontes e abordagens e ampliamos a reflexão sobre o material visitado no TCC mencionado.

O nosso referencial teórico está inserido na História Cultural, um campo historiográfico que apresenta estudos variados, tendo como exemplo, análise sobre as práticas discursivas, os sistemas educativos, a representação cultural em um determinado tempo e espaço, as práticas simbólicas, os valores, costumes e crenças de uma região, entre outras temáticas. Barros enfatiza que a História Cultural “designa toda historiografia que se tem voltado para o estudo da dimensão cultural de uma determinada sociedade historicamente localizada” (Barros, 2005, p. 126).

Os modos de vida, as atitudes ou as normas de convivência são práticas culturais que geram produtos culturais e também padrões de vida cotidiana. Um sistema educativo se inscreve em uma prática cultural e inculca nos que se a ele se submetem representações destinadas a moldar padrões de caráter. Nesse sentido, as práticas e representações são resultado de motivações e necessidades sociais.

Esta pesquisa tem como aporte teórico a discussão proposta pelo campo da História da Educação, apresentando debates e reflexões acerca dessa problemática. Simone Ivashita (2014) destaca que a História da Educação tem estreitado relações com outras disciplinas e campos investigativos, contribuindo para a renovação teórica das pesquisas nesta área e também para a incorporação de novas abordagens teórico-metodológicas.

Para esse movimento de renovação da historiografia da educação, a vertente da Nova História Cultural contribui ao abrir outras possibilidades para uma história-problema que ocasionou uma perspectiva maior com o acréscimo de novos objetos, novas perspectivas e novas metodologias. Assim, a Nova História Cultural, discutida por Peter Burke (1997) trouxe avanço nos debates levantados pela História da Educação.

A escolha e delimitação do recorte temporal foi definido pelo contexto de início do

¹ Os trabalhos são os seguintes: DANTAS, Harlanne Krislen Belarmino. **Traços do ensino de história no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora na cidade de Sousa-PB**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em História) Centro de Formação de Professores, Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, Paraíba, Brasil, 2014. e MACIEL, Maria Goreth de Figueiredo. **Relatório do Pré-estágio supervisionado de supervisão escolar**. (Licenciatura em Pedagogia) – Centro de Formação de Professores, Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, Paraíba, Brasil, 1985.

² ESTRELA, Ana Paula. **História e memória da educação feminina no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora em Sousa-PB (1958-1980)**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Centro de Formação de Professores, Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, Paraíba, Brasil, 2019.

funcionamento do educandário no ano de 1958, se estendendo até 1985, período que o colégio começou a sua transformação para o ensino misto. A instalação do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora teve forte influência da sociedade sousense, que desejava uma educação católica, formadora de mulheres cristãs e que apresentasse como princípios os bons costumes e valores. Nesse sentido, a cidade de Sousa é marcada por essa forte religiosidade que reverberou para educação e que também permite analisarmos diante desse recorte temporal, os aspectos sociais, econômicos e culturais que permeavam a vivência dentro do educandário.

A problemática da pesquisa está em discutir a produção de discursos acerca da educação feminina no cotidiano das discentes no CNSA; os conflitos, as vivências e as recordações que essas jovens têm desse período escolar; as suas formas de resistências e conformidades desenvolvidas diante de um ensino confessional e disciplinador; quais as discussões de gênero podem ser feitas a partir de suas memórias e de suas trajetórias de vida e como era o ensino-aprendizagem no educandário.

Pautamos a importância de entender o contexto social e econômico, em que a maioria das alunas tinha condições financeiras para estudar nesse espaço, mas havia uma desigualdade social e econômica existente, pois aquelas que não tinham condições recebiam auxílio com bolsas de estudos e/ou viviam internas no colégio.

Nas trajetórias de vidas de nossas depoentes, identificamos aspectos singulares de cada realidade social e econômica, apresentando múltiplas perspectivas de estudo no CNSA. Dentro do quadro de ex-alunas, encontramos alunas com condições financeiras que podiam arcar com as mensalidades e alunas que recebiam bolsas de estudos, pois não tinham como quitar as mensalidades.

Com isso, cada mulher identificada apresentava uma história de vida própria e com características que em alguns aspectos eram semelhantes entre elas, e outros aspectos as distinguiam. Esperamos que a pesquisa colabore para a compreensão de como a educação religiosa reverberou na vida e nos corpos das alunas dessa instituição, nesse contexto local e de seu período.

1.2 Discussão teórica: os principais conceitos e autores

Estar em sala de aula e no ambiente escolar desperta vários sentimentos e sensações. Nesse espaço, vivenciamos os melhores momentos de nossas fases infantil e adolescente. Ali crescemos, nos desenvolvemos, aprendemos, erramos, somos corrigidos, vivenciamos regras, castigos, suspensões, correções, entre outras ações. Quem nunca teve essa sensação de que a escola é o melhor local para conhecer novas pessoas, se apaixonar, namorar escondido, criar laços de amizade fortificados, viver mudanças e comportamentos de acordo com o que deseja? Além disso, vontades e desejos de fugir do rigor da família, dos problemas familiares, de se libertar daquilo que traz angústias, medos e um peso?

Quando iniciamos os estudos, chegamos com a bagagem da formação familiar, onde

aprendemos algumas maneiras de se comportar e agir, mas ao longo dos anos escolares é que, de fato, aprendemos como viver e se comportar em sociedade. Assim, muitos sentimentos, atitudes e vivências vão sendo tolhidas, silenciadas, esquecidas, construídas e desconstruídas. É nesse ponto que devemos parar para refletir se essas formas de viver em sociedade trazem benefícios e/ou riscos para nossa trajetória de vida.

Com isso, nossa pesquisa se justifica pela necessidade de contribuir para os estudos educacionais, pertinentes às áreas de História das Instituições escolares, discussão sobre gênero e memória. A participação das mulheres e suas contribuições no campo educacional permite um amplo debate sobre como elas foram formadas, quais foram seus méritos, suas produções, suas trajetórias de vida e de profissão.

A formação da educação feminina tem ganhado destaque nos trabalhos acadêmicos. Segundo Maria Ivete Correia, ao analisar a educação fazemos uma reflexão sobre sua ação pretérita, ou seja, discutimos acerca das “imposições, determinações, condições de possibilidade, de resistência e de modificação através das quais o nosso ‘presente’ educacional veio a existir” (2010, p. 17).

Segundo Correia, as produções existentes visam denunciar a invisibilidade do “feminino na ciência e na história, ainda consideradas domínios do masculino, mas a verdade é que as mulheres sempre fizeram história, à margem da narrativa oficial dos heróis” (2010, p. 18). Deste modo, buscamos fazer uma análise da educação católica pela inserção do gênero como categoria histórica a partir das discussões de Joan Scott (1995), que tem contribuído para a produção científica no campo da história.

Para Scott (1995), o objetivo da pesquisa histórica é explodir a noção de fixidade, descobrir a natureza do debate ou da repressão que leva a aparência de permanência na representação binária dos gêneros. Essa análise, para a autora, deve incluir a noção do político e uma referência às instituições e organizações sociais.

Diante disto, nosso trabalho busca analisar os sujeitos escolares, como professoras, alunas e diretora, analisando suas ações conformadoras e instituidoras das culturas escolares, utilizando da categoria de gênero como instrumental teórico para compreender as ações e os lugares ocupados por tais sujeitos nas teias que envolvem e fabricam as culturas escolares.

O conceito de cultura escolar foi importante para compreensão da vivência nesse espaço educacional. Segundo Irlen Gonçalves (2004), os praticantes da cultura escolar desenvolvem as práticas a partir de seus lugares, de suas posições no interior de um sistema de forças assimétricas. Essas práticas objetivam produzir lugares de poder/saber, inteligibilidades e sentidos para a ação pedagógica escolar junto às novas gerações. Para o autor, tais práticas são produtoras de sujeitos e de seus respectivos lugares no interior do campo pedagógico.

Gonçalves, analisando o trabalho de Dominique Julia (2001), entende que um colégio não é apenas local de aprendizagem de saberes, mas também um lugar de incorporação de comportamentos e hábitos exigidos por uma ciência de governo que transcendia e dirigia a formação cristã e as

aprendizagens disciplinares. A definição de cultura escolar é compreendida como:

um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização). As normas e práticas não podem ser analisadas sem se levar em conta o corpo profissional dos agentes que são chamados a obedecer a essas ordens e, portanto, a utilizar dispositivos pedagógicos encarregados de facilitar sua aplicação, a saber, os professores primários e os demais professores (Julia, 2001, p. 10).

Segundo Robson de Oliveira (2016), o estudo da cultura escolar enquanto campo de saber da História da Educação, constitui em um campo produtivo para o conhecimento da história das instituições escolares, pois permite compreender os aspectos singulares do cotidiano escolar. Este autor analisa o Colégio Nossa Senhora do Rosário, na cidade de Alagoa Grande, no interior paraibano, no período de 1955 a 1965 e explica que o estudo da cultura escolar permitiu a problematização do processo disciplinar enquanto estratégia de escolarização cristã, entendendo o papel dos atores sociais como protagonistas através dos seus depoimentos orais.

Nesse sentido, refletimos a partir da perspectiva foucaultiana, os aspectos disciplinares no cotidiano da educação no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, percebendo as dinâmicas de controle dos corpos dessas jovens, analisamos as regras e normas desenvolvidas e identificamos as formas de resistências e conformidades que essas jovens praticaram.

O conceito de poder disciplinar desenvolvido por Foucault permitiu analisarmos como as normas e regras exigidas dentro da instituição transformava, modelava e formava as meninas para uma educação adequada a sua função social. Assim, os aspectos disciplinares tais como rigidez nos horários, cumprimento do fardamento, vigilância e formação religiosa desempenharam a produção dos corpos femininos dóceis e obedientes.

Esse poder disciplinar era visto principalmente na questão da vestimenta como forma de controle dos corpos femininos. Por meio dos uniformes escolares projeta-se um ideal de corpo desejado e considerado adequado para o espaço escolar e fora dele também. O trabalho de Mariani Viegas da Rocha (2020) dialoga com a perspectiva foucaultiana ao apontar que os corpos estudantis representam a escola quando transitam nas ruas vestindo o uniforme escolar e que ocorre uma pressão moral que recai sobre esses corpos quando circulam e andam fora da instituição. Por isso, as depoentes ex-alunas apontam que as principais ênfases dos discursos das gestoras eram quanto ao fardamento, devido a sua importância na representação do corpo feminino e da relação com a credibilidade da instituição diante da sociedade sousense.

Para contextualizarmos a cidade de Sousa, no qual será abordado no primeiro capítulo, alguns trabalhos produzidos a respeito de sua história nos deram suporte para compreender os pontos cruciais de sua transformação. Iremos citar os principais trabalhos encontrados que foram disponibilizados a partir de pesquisa por meio da busca em sites de instituições, assim como o

encontro de livros de memorialistas disponibilizados na biblioteca da Casa de Memória de Antônio Mariz, localizada nesta cidade.

Para visualizarmos a cidade de Sousa nesse período histórico tivemos a contribuição da dissertação de Rafaela Pereira Dário (2012). Sua pesquisa foi realizada através da Revista Letras do Sertão, publicação que circulou por um período nesta cidade. A autora explica que a revista era um veículo de divulgação dos trabalhos literários dos sertanejos. O recorte temporal deste trabalho traz uma perspectiva que representava as visões dos idealizadores da revista literária e que tem um conteúdo político engajado e portador de um interesse social bem endereçado.

Esta revista tornou-se um dos espaços de debate político da cidade de Sousa. É interessante trazer algumas análises da cidade a partir da Revista Letras do Sertão, porque nos possibilita compreender a realidade de Sousa e a percepção que os autores letrados enxergavam na época inserida. É notório que o progresso da cidade estava se despontando, pois nas décadas anteriores ao recorte temporal desta pesquisa, os índices de analfabetismo eram elevados, bem como a forte desigualdade social, e os meios de comunicação como rádio e televisão eram vistos em poucas residências. A revista mencionada foi produzida por intelectuais da região e mostra a realidade dos sousenses e circulou por um período de dezoito anos, de 1951 a 1969. Vale observar que é um período em que o Colégio estava sendo discutido e aberto para meninas da região.

Os debates travados na revista eram também vistos como porta-voz de melhorias no sentido de avanço do progresso por meio da introdução dos elementos da modernidade na cidade sousense. A revista, segundo Dário (2012), ganhava prestígio, trazendo à tona esses questionamentos e reivindicações no cenário da sociedade, que antes só era debatido nos períodos eleitorais. A autora destaca que esse tipo de produção era muito comum e tinha como característica “elevar os grandes vultos, evocar sobre a fundação da urbe, sem, contudo, realizarem análise crítica em seus conteúdos, ou seja, tais trabalhos refletiam a postura da época” (2012, p. 45).

Outro trabalho interessante que analisa a Revista Letras do Sertão é da autora Francisca Maria de Oliveira (2014), que discute a produção algodoeira na cidade de Sousa, tendo como recorte temporal o período da segunda metade do século XX. Para a autora, a importância dessa produção foi a sua ligação com o desenvolvimento socioeconômico da cidade. Ela realizou a pesquisa a partir da análise de dados produzidos e divulgados na Revista Letras do Sertão. O algodão era o produto de maior destaque na economia e suas boas safras proporcionavam movimentação importante na economia com a comercialização do produto nas feiras livres da cidade. Ela também utilizou de relatos orais advindos da população que vivenciou o apogeu da cotonicultura sousense. Foi importante compreender os aspectos econômicos da cidade para observarmos o perfil dos familiares das depoentes, onde muitos trabalhavam em fazendas da região e que permitiam obter condições financeiras para proporcionar a educação de suas filhas.

Dialogando com o trabalho de Oliveira (2014), o trabalho da escritora Julieta Pordeus Gadelha intitulado “Antes que ninguém conte” (1986), apresenta relatos do passado de Sousa, tendo

um caráter mais descritivo e memorialista acerca da fundação da cidade até a década de 1980. No trabalho encontram-se relatos da chegada de elementos considerados do progresso, como escolas, aspectos das administrações municipais, relatos sobre as festas religiosas, entre outros. Com isso, foi importante observar os avanços percorridos nas áreas educacionais, políticas, econômicas e sociais de Sousa, entendendo os avanços que a urbe sofreu ao longo dessas décadas analisadas.

Danuzia Supriano Sousa (2016) realizou um trabalho monográfico em que discute as representações do feminino na imprensa sertaneja, a partir também da Revista Letras do Sertão. A autora fez a pesquisa na perspectiva dos estudos de gênero, trazendo uma discussão sobre as lutas e dificuldades que as mulheres enfrentaram ao saírem do mundo privado, para buscarem ocupar espaços públicos na imprensa. O recorte realizado pela autora é interessante devido trazer uma análise sobre as publicações escritas pelo público feminino, em que se baseia na centralidade de narrativas que abordam a defesa das conquistas femininas, como também traziam à tona as críticas que eram feitas por homens sobre as novas maneiras de comportamento das mulheres.

Este trabalho de Sousa (2016) se assemelha as nossas discussões, pois os relatos e experiências das ex-alunas demonstram a importância de adentrar e ocupar os espaços públicos, como as salas de aula em escolas da cidade de Sousa, entendidas para elas como uma realização pessoal e que contribuíram para quebrar os paradigmas que eram predominantes ainda naquela sociedade de que deveriam está reclusas ao ambiente do lar e da maternidade, nos períodos de 1960 a 1980. Permitiu também analisar os discursos sobre a condição da mulher na sociedade sousense, pois ainda era forte o moralismo nas práticas cotidianas e nas vivências comportamentais das jovens.

Dialogamos também com a monografia de Harlanne Dantas (2014), que aborda o ensino de História no Colégio Nossa Auxiliadora, tendo como fonte as cadernetas escolares da disciplina de História, e questionário respondido por professores. A autora buscou apresentar as mutações sofridas pelo Ensino de História, percebendo que o contexto histórico desse período era de acordo com os direcionamentos sugeridos pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (1996) e as diretrizes dos PCN'S (1997) de História. Ela descreve a instalação do colégio na cidade de Sousa, apresenta o ensino de caráter religioso e pertencente à ordem da Congregação das Filhas de Santa Teresa, localizado na cidade do Crato-CE. Dom Quintino Rodrigues de Oliveira Silva e a Madre Ana Couto fundaram a Congregação citada no ano de 1923 e tinham como objetivo zelar pela formação de crianças e jovens. Posteriormente, aprofundaremos a apresentação do papel da congregação citada na educação desenvolvida no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora.

Dantas (2014) entrevistou a ex-diretora Madre Aurélia, que explicou que a vertente do educandário visava a transformação da realidade, a fim de promover a construção da autonomia, com uma proposta político-pedagógica democrática e participativa e os princípios religiosos, que buscassem a Cidadania, a Fé e a Ciência, considerados os pilares da educação desenvolvida no CNSA.

Outro trabalho importante para nossa pesquisa é das autoras Maria Nahir Batista Ferreira

Torres e Kênia Edjane Beserra de Oliveira (2019), que analisam a formação docente em escolas católicas de preparação de professoras que surgiram a partir da Congregação das Filhas de Santa Teresa de Jesus, localizado na cidade do Crato, estado do Ceará. É importante ressaltar que existe uma semelhança nas propostas educacionais dos colégios educacionais que são mantidos pela Congregação, pois a filosofia confessional proposta pela referida instituição deixa evidente a sua marca nos projetos educativos de cada colégio. Torres e Oliveira (2019) dialogam que mesmo com as mudanças ocorridas na política brasileira, o curso destinado às professoras, bem como a profissão docente apresentavam e mantinham vínculos com suas origens religiosas, pois o processo formativo estava associado tanto à instrução como também com a moral cultivada pela sociedade.

Similarmente, o trabalho de Paula Leonardi (2009) é uma referência para nossa discussão. Ela apresenta os investimentos da Igreja Católica na educação feminina, e chama atenção de se estudar e analisar acerca da história das Congregações, identificando seus percursos e seus trabalhos ligados à educação não formal, para depois adentrar no estudo dos colégios católicos desenvolvidos por essas instituições mantenedoras.

A cidade de Sousa apresenta costumes, hábitos e valores que permaneceram apegados às tradições, sobretudo ao alcance religioso que a cidade assumiu com sua forte presença em relação à fé católica. Sobre isso, Jane Soares de Almeida (2006) explica que os espaços femininos eram vistos como sendo adequados ou não à boa formação das moças, pois os modos de agir e pensar eram compatíveis com a sociedade que era marcada pelo moralismo e pela sombra da Igreja Católica.

Nas trajetórias de vida das alunas, identificamos os caminhos que algumas dessas mulheres trilharam para chegar no educandário, visto que elas vivenciaram algumas dificuldades, como a questão financeira, o transporte e a proteção familiar, no qual foram percalços que elas enfrentaram até a realização e concretização de seus objetivos. Diante de uma sociedade marcada pelo patriarcalismo, a vida em família era alicerçada nos valores do respeito e da obediência. As jovens eram vigiadas e mantidas sob controle disciplinar pela família que se encarregava de zelar pela sua reputação e honra.

1.3 Caminhos metodológicos: as fontes e os depoimentos

Diante dessas discussões teóricas, apresentamos como resultou esta pesquisa e os caminhos metodológicos que foram traçados e seguidos até chegar no resultado final, que é a produção escrita dessa dissertação.

O interesse pela construção dessa pesquisa se iniciou ao longo da graduação em História, quando na disciplina de Projeto de Pesquisa, com a professora Rosilene Alves de Melo, debatíamos sobre a importância da construção de pesquisa voltada para História Local, para a produção de uma pesquisa mais palpável e rica de fontes e possibilidades para desenvolvermos o fazer historiográfico. Ao questionar sobre possíveis temáticas, fui instigada a conhecer a história do “Colégio das Freiras”,

como é conhecido o Colégio Nossa Senhora Auxiliadora na cidade.

A partir de um diálogo rápido com minha tia e minha avó, percebemos que o colégio tem uma história bem mais profunda do que ser apenas o colégio dirigido por uma freira, a conhecida Madre Aurélia Gonçalves. Esta por sua vez é uma mulher bastante valorizada, respeitada e parte da história da cidade. Além disso, eu a conheço pessoalmente desde criança, pois a mesma desenvolvia vários projetos sociais para as crianças do bairro onde resido e também pela sua atuação religiosa, quando na época eu era seguidora do Catolicismo.

Com isso, iniciei diálogos com a própria Madre Aurélia, pois ela foi diretora do Colégio por quase cinquenta anos e apresenta um enorme conhecimento, experiências e trajetória ligada ao desenvolvimento do colégio. Diante da exposição da Madre Aurélia, tomei conhecimento de que o educandário havia sido destinado para formação educacional de moças, e depois de um tempo, tornou-se misto. Depois identificamos que havia a formação para o Magistério, com o Curso Pedagógico no qual formaram-se várias jovens, inclusive de localidades vizinhas da cidade.

Na condição de aluna do programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal da Paraíba, continuei firme nessa temática e com o desejo de aprofundar os debates sobre a história do colégio e do ensino para mulheres. Assim, o recorte temporal foi delimitado para que abarcasse os questionamentos e as inquietações que me eram instigadas a conhecer ainda mais. Nesse sentido, houve o aumento no número de depoentes em relação ao trabalho realizado durante o TCC.

O objetivo do trabalho é problematizar a educação feminina praticada no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, analisando os discursos em torno da construção da identidade feminina que buscava produzir valores, normas e experiências pautadas em um ideal de esposa, mãe e para as atividades do magistério, permeadas por um discurso religioso.

Além disso, buscamos refletir sobre os conjuntos de normas curriculares, práticas disciplinares adotadas pelas religiosas gestoras do educandário; analisar aspectos discursivos nas ações cotidianas através das atividades diárias e a forte influência da religiosidade católica desempenhada pelas irmãs e pela sociedade e discutir as memórias das ex-alunas, ex-professoras e ex-diretora, buscando entender quais as influências e as transformações que esta instituição desempenhou nas trajetórias de vida dessas mulheres e como elas se construíram enquanto mulheres e docentes a partir das práticas educativas vivenciadas.

A pesquisa inicialmente foi feita a partir do levantamento de documentação no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora. Fizemos visitas ao espaço escolar, conversamos com as gestoras e solicitamos a permissão de acessar fontes históricas, tais como Projeto Político Pedagógico, Regimento Escolar, Cadernos de atividades, Fotografias, livros e revistas memorialistas da instituição, diários e as propostas curriculares do recorte temporal da pesquisa. Porém, não tivemos acesso a todas essas fontes, devido a restrição desenvolvida pela instituição.

Assim, uma das fontes utilizadas foi a documentação produzida pela escola, através da qual acessamos o discurso oficial da instituição. A análise da documentação e as leituras bibliográficas

nos deram suporte e entendimentos dos conceitos, da estrutura e da formação educacional neste recorte temporal, para realizar a dissertação.

Utilizamos as Revistas Comemorativas do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora (Jubileu de ouro, 2008) e a Edição comemorativa de 80 anos da Revista Congregação das Filhas de Santa Teresa de Jesus, que nos permitiu compreender como foi gestada e ampliada a estrutura do colégio e a filosofia que o mesmo desenvolveu a partir dos ideais confessional e religioso da sua congregação mantenedora.

Além da pesquisa com fontes escritas, realizamos a pesquisa com as fontes orais. A primeira via de contato para chegar até as mulheres depoentes se deu pela pesquisa no Facebook, ao pesquisar na página do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora e identificar através das fotos postadas, os comentários de várias ex-alunas apresentando suas memórias e recordações dos seus tempos de estudantes.

Com isso, realizamos os seguintes caminhos metodológicos: entramos na página do Colégio em seu Facebook e pesquisando na opção fotos, encontramos imagens do colégio. Nessas imagens constatarem depoimentos de diversos egressos/as. Os comentários das alunas que diziam o período de estudo nos chamava mais atenção. Relatavam-se momentos de saudades de seus períodos de estudos, do orgulho de ter estudado na instituição, dos ensinamentos aprendidos com a Madre Aurélia, com seus momentos de orações e as brincadeiras no recreio. Também chamava atenção alguns comentários citando as irmãs religiosas e a boa relação que tinham com elas. A partir disso, fizemos um contato pelo *Messenger* para iniciar diálogos com as possíveis depoentes.

Logo em seguida, enviamos a seguinte mensagem as alunas:

Olá, boa tarde! Me chamo Ana Paula Estrela e sou professora e pesquisadora de História, na cidade de Sousa-PB. Atualmente, estou fazendo um Mestrado na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e tenho como objetivo analisar as histórias e memórias de ex-alunas que estudaram no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora. Minha intenção é realizar uma entrevista com você para dialogarmos sobre suas experiências e vivências enquanto estudante desse colégio e com isso me ajudar na pesquisa que venho desenvolvendo. Moro aqui em Sousa e espero contar com sua colaboração. Caso queira me ajudar, ficarei muito feliz e podemos entrar em contato para nos encontrarmos. Deixo bem claro que essa entrevista é apenas para uso na minha dissertação de Mestrado, em que pesquiso sobre a história e a educação do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, nos períodos de 1960 a 1990. Desde já, agradeço a sua atenção!!!

Endereçamos essa mensagem para um total de vinte mulheres no Facebook. Algumas rapidamente aceitaram participar e colaborar com a pesquisa; outras não responderam e entendemos que essa é uma opção individual. Tivemos o retorno de oito mulheres. Dessas oito, tivemos a concretização da realização das entrevistas com cinco ex-alunas, pois as outras três não residiam mais em Sousa e o contato virtual não foi viável para elas.

A partir da aceitação das cinco mulheres, iniciamos a conversa com uma breve apresentação sobre o intuito do contato, explicando o objetivo da pesquisa e questionando se poderiam realizar

uma entrevista para discorrer sobre suas memórias e trajetórias enquanto estudantes do educandário. Marcamos os horários disponíveis para cada uma e o local da realização de nossas conversas.

Para protegermos as depoentes, mencionamos os codinomes fictícios que foram pensados a partir das características pessoais dessas mulheres para que estejam seguras da nossa confidencialidade. Os nomes pensados foram os seguintes: Deci, Neusinha, Antônia, Lene e Karla. Esses nomes foram destinados a nossas depoentes colaboradoras para destacar aspectos pessoais e característicos dessas senhoras que contribuíram para nossa pesquisa. As entrevistas se deram através de roteiro com perguntas pré-elaboradas, na intenção de direcionar o diálogo entre a entrevistadora e as depoentes.

A entrevista conjunta das alunas Deci e Neusinha foi desenvolvida diante da relação de amizade entre elas, o período de estudo semelhante, bem como a possibilidade de maiores detalhes dos momentos e dos fatos abordados na entrevista. No momento da entrevista, as alunas conseguiam complementar as suas ideias uma a outra para que as suas memórias e recordações estivessem cada vez mais afloradas e explanadas para nossa análise. As demais entrevistadas tiveram suas falas realizadas individualmente, mas é importante frisar que cada uma dessas depoentes tem proximidade entre si, como as depoentes Deci e Karla que são mãe e filha respectivamente; a depoente Lene que foi professora de Karla e Antônia que estudou no mesmo período de ano da depoente Deci.

A abordagem da história oral foi articulada com as fotografias disponibilizadas pelas próprias depoentes, que estando com essas imagens em suas mãos, conseguiam observar e articular suas falas recordando os momentos que viveram no colégio de forma a apresentar mais riqueza de detalhes. Foi notável a necessidade da interação com as fontes visuais para que os depoimentos memorialísticos das estudantes estivessem permeados pela busca de uma reconstrução dos fatos vividos de forma mais próxima e palpável.

Assim, nos momentos de imprecisão com as datas, por exemplo, as dúvidas eram sanadas a medida que as depoentes folheavam as imagens nos seus álbuns e faziam comparações com as outras imagens, identificando as datações possíveis, bem como relatando outros aspectos como as vestimentas modificadas, os momentos de festividades, as cerimônias de conclusão do curso, entre outros momentos que serão expostos nos próximos capítulos.

Os depoimentos proporcionaram a compreensão da transformação, da trajetória de vida de cada aluna, o que reverberou essa educação em suas vidas, percebendo os conflitos, o cotidiano, a perspectiva de vida, o que essas ex-estudantes vivenciaram diante desse contexto. As transcrições das entrevistas, permitiram realizar a análise sobre o educandário religioso.

Esses relatos possibilitaram nos aprofundarmos e debruçarmos sobre as memórias dessas educandas e da ex-diretora³, pois a subjetividade dessas participantes possibilitou a compreensão da

³ A transcrição da entrevista com a ex-diretora Madre Aurélia está no meu Trabalho de Conclusão de Curso, no apêndice, realizado em 2019. Utilizamos como referência nas partes dessa entrevista a menção ao trabalho referido.

constituição de suas identidades.

Segundo Luciana Cunha (2016), a memória permite que rememorem os fatos que já vivenciamos, porém não concede que as lembranças sejam as mesmas, pois olhamos para o tempo passado com os olhos do presente. A autora explica que a memória no início é um fenômeno individual, mas a composição das memórias do indivíduo é feita com o meio social, com o coletivo.

Nesse sentido, analisamos as ações e vivências educativas realizadas por meio de atividades diversas, tais como a rotina de orações diárias, as atividades culturais, a formação humana, a discussão sobre a imagem da ex-diretora Madre Aurélia como referência de mulher, de recato e de obediência aos preceitos religiosos. Analisamos também o cuidado com as regras e o cumprimento com o fardamento, o respeito, o temor que as jovens tinham com a irmã da disciplina, aspectos estes que foram percebidos pelos depoimentos.

Pretendemos, com essa pesquisa, contribuir para as discussões no campo da História da Educação, História das Mulheres e Histórias das instituições, permitindo um retorno à sociedade com essas reflexões, assim como um retorno para diferentes instituições de pesquisa.

Assim, no segundo capítulo “A educação feminina no Brasil: reflexões e debates”, discorreremos sobre a parte teórica da pesquisa, analisando a temática com o auxílio dos conceitos historiográficos que possibilitam um entendimento da educação recebida por essas mulheres diante desse contexto. Discutimos como a educação feminina foi pensada a partir dos princípios cristãos e desenvolvida no educandário. Analisamos a formação educacional e pessoal através da reflexão sobre a instituição escolar, compreendida como um espaço de construção da formação das educandas, mas também de formação pessoal e de suas memórias. A discussão acerca do disciplinamento do corpo feminino foi feita a partir da perspectiva foucaultiana, através do conceito de poder disciplinar.

Buscamos discorrer sobre a temática da feminização do magistério, ressaltando a importância dada pelas estudantes à formação recebida. Muitas entendiam que era uma possibilidade de conseguir independência financeira e liberdade para com a vida em torno dos pais e de uma mudança em sua vida, para que não se destinassem apenas ao matrimônio, pois algumas alunas entendiam que a educação para o magistério traria melhor realização do que o casamento, algo difundido na época. Essa parte teve a contribuição de autores como Guacira Lopes Louro (1997), Jane Soares de Almeida (2007), Mary Del Priore (2004) e Joan Scott (1995).

No terceiro capítulo “O Colégio Nossa Senhora Auxiliadora e a região de Sousa-PB”, tratamos sobre a consolidação do educandário na cidade de Sousa. Este colégio foi inaugurado no dia 23 de março de 1958, sendo dirigido por madres religiosas e tem até os dias atuais como mantenedora a Congregação das Filhas de Santa Teresa de Jesus, que fica situada na cidade de Crato, no Ceará. Apresentamos o cenário da cidade onde estava localizado o colégio nesse recorte proposto. Nesse momento, os livros de memorialistas, as dissertações e trabalhos monográficos sobre Sousa são fontes que nos auxiliaram a historicizar a cidade sousense, para visualizarmos as mudanças e as

permanências, entendendo que houve crescimento da área urbana, com o surgimento de novos bairros, ampliação de negócios, crescimento da produção literária e cultural, trazendo uma visibilidade maior para o desenvolvimento do colégio diante desse cenário local.

No quarto e último capítulo “Memórias e trajetórias de vida: a construção do ser mulher nas educandas”, apresentamos a discussão sobre os depoimentos orais, com as entrevistas e o entendimento das questões sobre suas memórias, as lembranças e as respectivas trajetórias de vida das depoentes. A discussão sobre a História Oral e as memórias foram feitas como base para o aprofundamento das discussões do capítulo, em que as contribuições de autores como Alessandro Portelli (2001), Michael Pollak (1989), Pierre Nora (1993) e outros nos auxiliaram para o entendimento desses campos de estudos.

Discutimos as categorias de poder disciplinar, os mecanismos de fugas e namoros, o contexto político na educação devido ao período da Ditadura Militar, o papel da religiosas na construção feminina das estudantes, a formação religiosa e as recordações das aulas, evidenciando os impactos que essa educação e filosofia da instituição empreenderam na vida de cada depoente.

Finalmente, na conclusão, retomamos a análise, identificamos como essas mulheres construíram suas vidas, através dos estudos no colégio, como também de suas experiências profissionais e suas relações familiares, para que possamos compreender as suas transformações, suas histórias singulares, ou seja, o que a educação feminina no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora reverberou em suas trajetórias pessoais.

CAPÍTULO 2 – A educação feminina no Brasil: reflexões e debates

O presente capítulo traz uma discussão acerca da constituição das ações educativas voltadas para as mulheres, no qual havia um discurso muito forte sobre como as meninas deveriam ser instruídas e qual seu papel na sociedade.

A juventude é considerada por muitos estudiosos, uma fase crucial de nossa existência e vista como a fase mais difícil, no qual os jovens sentem o peso de serem reprimidos praticamente o tempo todo (Gonçalves et al, 2020).

Esse peso, no entanto, se torna maior para mulheres. O tratamento e as convicções de como uma mulher deve ser e se comportar ficam mais evidentes, em cada espaço social que ela ocupa. Diferentemente, infelizmente, da realidade vivida pelos homens. Esse peso da juventude, de viver momentos considerados especiais e necessários para elas, muitas vezes é visto e interpretado como transgressor, inadequado, errado e que deve ser corrigido.

A mulher especificamente no espaço social da escola, com destaque para um colégio religioso, é algo que estamos aqui para analisar e discutir. Maria Vasconcelos, Márcia da Silva e Cristina Vieira (2022) argumentam que a história das mulheres está envolta em silêncios e esquecimentos que foram impostos à condição feminina, pois cabia a elas um papel subalterno, no âmbito do privado e que era invisibilizado no espaço público.

Os corpos femininos são construídos por uma diversidade de narrativas, marcadas por diferentes temporalidades e espacialidades. Assim, várias instituições foram responsáveis por instituir uma “verdade” sobre os corpos femininos, baseado em concepções de caráter natural e biológico, com a finalidade de promover as disparidades de gênero (Rocha, 2020).

Uma das narrativas de controle e “verdades” sobre o corpo feminino está relacionada ao discurso da religião, no contexto de educação católica, no qual destaca-se para interpretação e apresentação de uma imagem feminina a ser seguida, a Virgem Maria, mãe do Senhor Jesus. Esta é considerada mulher de pureza, obediência, bondade, princípios e castidade. Então, tornou-se uma inspiração a ser seguida pela sociedade e por muitas mulheres.

No entanto, não era uma regra que todas almejavam, pois existem aquelas que não estavam à procura de seguir esse modelo padrão de mulher, de conduta e comportamento, mas sim viver o que sente, experimentar momentos, conhecer pessoas, aprender sobre si e o seu corpo. Com isso, as instruções que eram destacadas no educandário poderiam não ser tão fundamentais a essas jovens. Elas queriam experienciar situações, através da realização de práticas como aprontar, escapulir, fugir, burlar, se divertir, viver e serem felizes.

As mulheres souberam romper as barreiras de sua condição, transgredindo, resistindo e transformando seu cotidiano de aprisionamento em possibilidades de empoderamento:

Se não faziam parte do discurso oficial, eram protagonistas da narrativa oral,

aquela que atravessava fronteiras e se tornava potência civilizadora que cristalizou um ideal de comportamento, bondade, pureza, virtude, bem como o seu antônimo e a condição de mulher má, depravada, infiel e imoral. Ao transgredir e resistir aos rótulos e aos estereótipos muitas mulheres fizeram da educação uma forma de liberdade, da escrita um empoderamento e, a partir desse domínio, foram, pouco a pouco, mudando o seu entorno e, dele, para o mundo (Vasconcelos et al, 2022, p. 9).

Portanto, é diante desse cenário que interpretamos as trajetórias de vida de mulheres estudantes do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, de meninas inseridas em um contexto da década de 1960 a 1980, que vivenciavam sua melhor fase, tanto de aprendizado como também de experiências.

2.1 Os diferentes discursos acerca da educação feminina

A educação feminina na segunda metade do século XX apresenta transformações com a segunda onda do movimento feminista. Segundo a autora Jane Soares (2008), no final do século XIX e início do século XX, havia o modelo defendido por todos os setores sociais voltado para uma condição da mulher reprodutora, que deveria dar a nação, os filhos que ajudariam a desenvolver o país; que fosse assexuada, com o arquétipo da Virgem Maria e que apresentasse os comportamentos considerados característicos delas, tais como doçura, moralidade, pureza, bondade e submissão.

Porém, na década de 1960, o movimento feminista marcou a redefinição das relações de poder entre os sexos, com mulheres envolvidas fora do espaço doméstico, tendo como consequência o ganho da autonomia, iniciando o que Jane Soares explica como “uma reviravolta nas expectativas sociais, familiares e pessoais acerca do sexo que então estivera confinado no resguardo da domesticidade e no cumprimento das funções reprodutivas” (Soares, 2008, p. 220). A autora destaca a importância do feminismo para quebra desses padrões estabelecidos na sociedade e que trouxe consequências importantes para a vida social, familiar e pessoal das mulheres:

Em poucas décadas o feminismo mudou relações de autoridade milenares, abalou a estrutura tradicional familiar e promoveu um rompimento com uma forma de alienação considerada absolutamente natural por séculos, definida pela submissão da mulher ao homem. Em termos históricos, o feminismo é um fenômeno recente e não influenciou indistintamente as diversas etnias, culturas, religiões e classes sociais, podendo ser estudado como um movimento sócio-político que teve repercussões nos diversos campos epistemológicos, com influência na esfera pública e privada, alterando representações e simbologias nos papéis sociais diferenciados reservados a homens e mulheres (Soares, 2008, p. 221).

Segundo a autora, a religião representa um ponto crucial em que ocorrem as relações de poder estabelecidas no nível simbólico e no imaginário, por haver a necessidade de explicar e atribuir sentido e significado às ações individuais e coletivas dos seres humanos. Segundo ela, o controle da sexualidade, os arquétipos religiosos ditando normas de pureza e mansidão, normatizaram o

comportamento social, em destaque para o sexo feminino.

No Brasil, a Igreja Católica exerceu essa influência ao realizar suas regras sociais, morais e de comportamento religioso através do ensino centralizado nas elites. Aqueles que desviavam dos hábitos eram punidos através do discurso do pecado. Jane Soares destaca acerca do “adestramento dos corpos através da pressão da Igreja Católica [que] tinha como alvo principal a sexualidade feminina que, ao ultrapassar o permitido, ameaçaria o equilíbrio da família e do grupo social” (2008, p. 232).

Esse discurso promoveu a normatização dos corpos e mentes, sendo feito pela vigilância dos pais, irmãos e maridos, em que se entendia também que as mentes seriam adestradas pela educação, utilizando a chamada pedagogia do temor e da culpa, trazendo como consequência as mulheres tornando-se reféns:

Por carregar a nódoa do pecado original, a mulher deveria ser vigiada, mesmo que isso significasse tolher sua liberdade, abafar sua individualidade e privá-la do livre arbítrio. O casamento e a maternidade eram a salvação feminina; honesta era a esposa mãe de família; desonrada era a mulher transgressora que desse livre curso à sexualidade ou tivesse comportamentos em desacordo com a moral cristã (Soares, 2008, p. 233).

Com isso, a religiosidade se revestia de caráter disciplinador, normatizando a consciência e estabelecendo conexões com aspectos variados da prática social, tais como a vida cotidiana, a fé, a economia, a política, a festa, a educação e as relações entre os sexos. A religião tornou-se decisiva na definição de padrões comportamentais femininos, em destaque para o Catolicismo com a imposição da imagem da Virgem e Mãe (Soares, 2008).

Nesse sentido, o trabalho das autoras Heloisa Herneck e Gabriela Rodrigues (2016) traz uma discussão voltada para a forma cultural como vivemos e praticamos a nossa sexualidade, construída historicamente e socialmente. Elas discutem que a sexualidade é vista como um assunto pecaminoso e privado, atrelado a questões morais e religiosas e à concepção tradicional de que a escola é responsável apenas pela construção do saber institucionalizado. As autoras mostram que a sexualidade foi bastante reprimida pela Igreja, permitindo uma contribuição para a invisibilização das manifestações da sexualidade, sobretudo no contexto de educação confessional, sendo isto percebido e desenvolvido no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora.

As pesquisadoras alertam sobre a importância de questionar o que nos é dado como natural, pois estes discursos têm a finalidade de construir nossas subjetividades e controlar a forma como vivemos nossas sexualidades e entender como elas foram produzidas e disseminadas no cotidiano por meio das relações sociais de poder. Elas analisam através de depoimentos de alunas de uma escola pública de Viçosa, em Minas Gerais, que o contexto escolar representa a porta de entrada para muitas confidências e discussões sobre a sexualidade, se constituindo como um espaço privilegiado para construção de saberes sobre corpos e desejos.

As subjetividades são produzidas no cotidiano escolar e inscritas no corpo, por meio dos gestos, trajés, condutas e posturas exigidas para se adequarem à norma social. As meninas são ensinadas a se portar e se vestir de forma apropriada para não atrair olhares, devendo cuidar de si, dos seus gestos, formas de olhar, falar e se comportar, em destaque com relação aos meninos. Assim, espera-se que elas sejam recatadas, delicadas, tímidas, decentes e os meninos, por sua vez, não apresentam recomendações (Herneck e Rodrigues, 2016).

As autoras chamam atenção para esse modelo de garotas construído socialmente que ignora, reprime e exclui a multiplicidade nas formas de se fazer menina e que isso traz consequências para toda a vida. Com isso, essas análises contribuíram para identificarmos a partir da trajetória de vidas das depoentes acerca dessa construção moral vivenciada e experienciada sobre seus corpos. Porém, mesmo com essas repressões, ocorrem nos colégios pequenas transgressões, pois a ordem não se exerce de forma continuada. As meninas não são meras receptoras e reprodutoras de valores, pois elas são também produtoras de si mesmas. Então, é importante destacar suas fantasias, desejos, vontades, porque elas sentem a necessidade de manifestarem suas sexualidades, adotando as burlas das regras e se escondendo de quem as proibiam.

Herneck e Rodrigues (2016) defendem que com o silenciamento e impossibilitadas de sanar suas dúvidas e curiosidades na fase da adolescência, as jovens moças encontraram no cotidiano escolar as possibilidades de escapar da disciplina e da norma desenvolvida tanto pela instituição de ensino como também pelas suas famílias. Identificamos essas práticas de burlas com os depoimentos das ex-alunas, pois elas tinham momentos de lazer na Praça da Matriz, em Sousa e algumas fugiam para realizar encontros amorosos às escondidas, como exemplo disso a situação vivida pela depoente Karla.

Essas práticas da educação feminina no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, em Sousa-PB, nos permitiram compreender que a educação nos colégios confessionais apresentava características singulares e que o silêncio e o disciplinamento das condutas são referências recorrentes para caracterização da educação oferecida nesses estabelecimentos. As práticas educativas de mulheres em determinados lugares sociais definiram trajetórias de vida e experiências sociais, fixaram comportamentos e incutiram concepções aos discentes e docentes (Silva, 2018).

As instituições educacionais compartilharam a “tarefa de ensinar os códigos sociais aos que se tornariam responsáveis, quer pela manutenção quer pela transformação das dinâmicas da sociedade” (Silva, 2018, p. 119). Com isso, as instituições tiveram que proporcionar conhecimentos técnico-científicos fundamentados e preceitos diversos, sejam eles morais, culturais, sociais, religiosos, nos quais seriam validados pela sociedade que estavam inseridas. Ou seja, o propósito principal da educação feminina até a primeira metade do século XX era atender a demanda por mulheres que fossem instruídas para tarefa de educar os cidadãos da nação que estavam sendo formados e mantê-las defensoras e vinculadas ao Catolicismo.

Nesse sentido, a educação atua na perpetuação das diferenciações de gênero, devido a alocar no espaço escolar as expectativas quanto ao desempenho de papéis sexuais. Com isso, Soares (2007) discute que as relações de gênero e o poder real e simbólico edificaram historicamente no conservadorismo e que acabou por gerar uma perpetuação das desigualdades entre os sexos.

Guacira Lopes Louro (1975) contribui para entender que as diferentes instituições e práticas sociais são constituídas pelos gêneros e são, também, constituintes dos gêneros. Estas práticas e instituições “fabricam” os sujeitos. Estes são vistos como tendo identidades plurais, múltiplas, que se transformam, que não são fixas ou permanentes, e que podem ser contraditórias.

A autora defende que as identidades estão sempre se constituindo, por serem instáveis sendo passíveis de transformação. Nas relações sociais, atravessadas por diferentes discursos, símbolos, representações e práticas, os sujeitos vão se construindo como masculinos ou femininos, arranjando e desarranjando seus lugares sociais, suas disposições, suas formas de ser e de estar no mundo.

Destacando a fase da juventude, as jovens estudantes do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora estavam permeadas por estes discursos, atrelado também a força da educação familiar, ocorrendo a construção de suas trajetórias e de suas subjetividades. Para Louro (1975), essas construções e esses arranjos são sempre transitórios, transformando-se não apenas ao longo do tempo, como também se transformando na articulação com as histórias pessoais, as identidades sexuais, étnicas, de raça e de classe.

Portanto, a discussão do trabalho fica envolvida na articulação e interação desses marcadores sociais de diferença, em destaque a sexualidade e o gênero, que estão perpassando diante da formação educacional desenvolvida no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora.

2.2 A importância da cultura escolar para compreensão da formação educacional

O nosso objeto de estudo está sendo pensado a partir do tempo presente, o qual fazemos questionamentos em relação ao que aconteceu no passado, para que a partir de suas evidências históricas e suas reflexões investigativas possamos compreender, nesse contexto histórico inserido, as experiências educativas da formação das jovens moças da cidade sousense.

Com as fontes, percebemos a leitura feita pela própria instituição sobre a sua formação educacional através das documentações oficiais, das revistas produzidas pelo educandário e também pelos discursos das religiosas que dirigem esse colégio. Ivashita (2014) ressalta a importância das fontes para o trabalho do historiador, sendo estes os registros, os testemunhos dos atos históricos e que através deles, o conhecimento é produzido a respeito da história. A autora discorre que:

Na História da Educação, durante algum tempo, recorreu-se apenas às fontes oficiais escritas (a legislação, as discussões parlamentares, atas, relatórios escritos por autoridades, regulamentos, programas de ensino e estatísticas), entretanto com a expansão das investigações neste campo de estudos e pesquisas,

o historiador foi também alargando as possibilidades de uso das fontes [...] entendendo, por vezes, que as fontes oficiais apresentavam-se insuficientes para responder as questões da investigação (Ivashita, 2014, p. 5).

Ela reflete acerca da inesgotabilidade das fontes, pois a cada retorno no contato com elas permitem trazer à tona novos elementos, significados e também interpretações. Os arquivos escolares e seus documentos passaram a adquirir maior importância no campo da História da Educação, por possuírem informações que permitem analisar as representações e os discursos produzidos pelos atores educativos. Nesse sentido, a escola possui relevância enquanto instituição de formação educacional e pessoal e como as suas fontes contribuem para construção do conhecimento.

A escola é uma instituição que faz parte da história da sociedade e seu acervo constitui um dos meios para reavivar a memória daqueles que fizeram parte dessa instituição, além disso, os documentos encontrados dão indícios das práticas administrativas e pedagógicas que abrem um leque de possibilidades de análise do cotidiano escolar (Ivashita, 2014, p. 9).

Nesse sentido, o cotidiano da escola permite abordar o entendimento acerca do funcionamento administrativo e pedagógico, o processo de ensino, a cultura escolar, a história da instituição e a História da Educação. Assim, Ivashita desenvolve:

A História da Educação tem possibilitado não somente perceber as permanências e rupturas presentes no meio educacional, mas também propicia uma reflexão a respeito das especificidades pertinentes a educação. Podemos analisar pelo viés histórico diferentes concepções de ensino, métodos, modalidades, práticas educativas, conceitos educacionais, visões e atribuições para com educadores e educandos, tudo pertencente a determinados contextos históricos, de modo que o pesquisador pode voltar seu olhar e desvelar vestígios deixados pela história (Ivashita, 2014, p. 15).

Maria Helena Câmara Bastos (2016) explica que a identidade do pesquisador em História da Educação é multifacetada e plural, mas as pesquisas têm demonstrado uma presença mais significativa dos historiadores de formação e de ofício, o qual tem permitido uma abertura do campo epistemológico.

Bastos (2016) evidencia que a fecundidade das relações entre História Cultural e História da Educação promove um alargamento das possibilidades de investigação do historiador, conseguindo ir além dos aspectos mais formais da educação, para alcançar outros campos do conhecimento, sujeitos e objetos que não eram explorados. Então, ocorre um diálogo bem próximo entre a História da Educação e a História Cultural. A autora complementa que a História Cultural sinaliza a importância de se procurar compreender os diferentes processos educativos e escolares. A autora chama a atenção para que o diálogo seja permanente com a História e com outras ciências, numa perspectiva interdisciplinar, para ocorrer um avanço na área de produção de conhecimento.

Segundo Dominique Julia (2001), o conceito de cultura escolar não pode ser estudado sem a

análise das relações conflituosas ou pacíficas que ela mantém, a cada período de sua história, com o conjunto das culturas que lhe são contemporâneas: cultura religiosa, cultura política ou cultura popular.

A discussão sobre cultura escolar é importante para compreensão da vivência nesse espaço educacional. Segundo Irlen Gonçalves (2004), os praticantes da cultura escolar desenvolvem as práticas a partir de seus lugares, de suas posições no interior de um sistema de forças assimétricas. Essas práticas objetivam produzir lugares de poder/saber, inteligibilidades e sentidos para a ação pedagógica escolar junto às novas gerações. Para o autor, tais práticas são produtoras de sujeitos e de seus respectivos lugares no interior do campo pedagógico.

Portanto, Irlen Gonçalves analisando o trabalho de Dominique Julia (2001), entende que o colégio não é apenas um local de aprendizagem de saberes, mas também um lugar de incorporação de comportamentos e hábitos exigidos por uma ciência de governo que transcendia e dirigia a formação cristã e as aprendizagens disciplinares.

Schueler (2012) complementa nessa discussão para entender as relações de poder estabelecidas no interior de tais instituições, os estigmas trazidos pelas crianças e adolescentes e seus aspectos históricos da cultura institucional. Esses aspectos contribuíram para ressignificar o nosso trabalho e análise sobre essa juventude no tempo presente. Diante disso, nosso trabalho discute a realidade marcada por uma relação de poder existente dentro do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora e que destacaremos nos próximos tópicos.

O nosso trabalho analisa os sujeitos escolares, como as professoras, alunas e diretora, identificando suas ações conformadoras e instituidoras das culturas escolares, utilizando da categoria de gênero como instrumental teórico para compreender as ações e os lugares ocupados por esses sujeitos nas teias que envolvem e fabricam as culturas escolares.

2.3 O disciplinamento dos corpos femininos

Na história da educação dos corpos femininos apresenta-se uma multiplicidade de cuidados, olhares, regras, comportamentos e condutas a serem seguidas. Ao adentrarmos no espaço escolar, verificamos que ocorre uma aprendizagem que nos leva a incorporar as principais formas e maneiras de ser e de estar naquele espaço. Os discursos que são envolvidos pela sociedade, mais os discursos que aprendemos e trazemos de bagagem na nossa vivência familiar e as discussões envolvidas dentro da instituição, possibilitaram desenvolver nas mulheres uma educação específica e que controlava suas ações e movimentos.

Para entendermos a construção do disciplinamento do corpo feminino, é necessário compreender a história do corpo. Para isso, o autor Roy Porter (1992) analisa que devemos enxergar o corpo como sendo aquele que vivencia e se expressa no interior de sistemas culturais particulares, tanto privados quanto públicos, sendo por eles mesmos alterados através dos tempos. Porter ressalta que o corpo não pode ser tratado pelo historiador simplesmente como biológico, mas deve ser encarado como mediado por sistemas de sinais culturais. A distribuição da função e da responsabilidade entre o corpo e a mente, o corpo e a alma, difere segundo o século, a classe, as circunstâncias e a cultura.

O autor faz uma análise contextualizada acerca dos últimos dois séculos e apresenta que o corpo sofreu com a punição corporal ou capital, mudando os sistemas de valor intervenientes, no qual os reformadores penais declararam que era mais humano não punir o corpo, mas corrigir ou reformar a mente. A partir disso, as reformas implementaram aspirações para um melhor autocontrole, associadas à educação e à disciplina familiar. Nesse sentido, proliferaram manuais para comportamento adequado, tanto religioso quanto cívil, com as noções de submissão e obediência e sobre o cultivo das boas maneiras, da decência e do decoro (Porter, 1992).

O autor cita as análises de Foucault que enfatiza que os corpos das pessoas também se tornaram sujeitos a uma nova tecnologia política e esperava sua regeneração através das rotinas do fundo da fábrica, dos exercícios aplicados na escola, as punições do reformatório, a vigilância nos asilos, entre outros meios. Porter destaca que uma educação que se concentra exclusivamente em atingir habilidades como a leitura e a escrita, deixará escapar uma das principais funções da escola que é inculcar a obediência física e/ou a educação como um processo para domesticar as crianças.

Mariani Viegas da Rocha (2020) em sua dissertação argumenta que os corpos femininos foram produzidos por uma multiplicidade de discursos a partir de diferentes instituições, sendo esses corpos construídos, marcados e atravessados pelos discursos da filosofia, medicina, pedagogia, religião e da moral. Com isso, ela afirma que a escola é uma instância pedagógica que torna esses corpos úteis e passíveis às diferentes tecnologias do poder. A educação utiliza de grande domínio no corpo, sendo a escola o local responsável pela educação, controle, vigília e normatização.

Judith Butler (1996) discorre que as normas regulatórias materializam o “sexo” e produzem essa materialização através de uma reiteração forçada destas normas. Mesmo com o poder impositivo das normas, os corpos não se conformam completamente às normas pelas quais sua materialização é imposta. A autora defende que:

[...] discursos, na verdade, habitam corpos. Eles se acomodam em corpos; os corpos na verdade carregam discursos como parte de seu próprio sangue. E ninguém pode sobreviver sem, de alguma forma, ser carregado pelo discurso (Butler, 1996, p. 163)

Joan Scott (1992) e Judith Butler (1996) são autoras que discutem questões de gênero a partir

de uma perspectiva pós-estruturalista, pois operam com a desconstrução e desnaturalização para questionar a universalidade atribuída a esse conceito, que vigorou até a segunda metade do século XX. Rocha (2020) explica a partir das análises das autoras citadas que todo sujeito é um sujeito em processo, construído no discurso, pelos atos que executa, não sendo estáveis e fixos, mas fabricados por práticas e instituições.

Ao pensarmos na escola, percebemos que existem relações de hierarquia e de poder. Linguagens, saberes, significados e sujeitos que estão atravessados pelas relações de poder. O conceito de poder, a partir do viés do pós-estruturalismo e da teorização foucaultiana, opera como uma rede de poderes, sendo múltiplo, produtivo e potencialmente subversivo a si mesmo. O poder é produtor dos regimes de verdade, que são apresentados como aquilo que é legítimo. As verdades são múltiplas e são construídas, não sendo fixas e imutáveis. Cada período, tempo, lugar e espaço produz suas verdades, sendo elas parciais e provisórias, podendo ser questionadas. As pesquisas pós-estruturalistas não dizem respeito a busca pela verdade essencial, universal e exterior ao sujeito, mas sim a análise, problematização, considerando a verdade dependente do tempo, contexto e das redes de poder que a envolvem (Rocha, 2020).

Foucault pensa a questão do corpo a partir dos investimentos das relações de poder que o envolve, sendo no e com o corpo que o controle da sociedade incide sobre as sujeitas. Para o filósofo, o corpo:

também está diretamente mergulhado num campo político; as relações de poder têm alcance imediato sobre ele; elas o investem, o marcam, o dirigem, o supliciam, sujeitam-o a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhes sinais. Esse investimento político do corpo está ligado, segundo relações complexas e recíprocas, à sua utilização econômica; é, numa boa proporção, como força de produção que o corpo é investido por relações de poder e de dominação; mas em compensação sua constituição como força de trabalho só é possível se ele está preso num sistema de sujeição (onde a necessidade é também um instrumento político cuidadosamente organizado, calculado e utilizado); o corpo só se torna força útil se é ao mesmo tempo corpo produtivo e corpo submisso” (Foucault, 2014b. p. 29).

A escola não se situa como um espaço alheio ao seu entorno, pois está atravessada pelo contexto social e político e pelo cenário em que se encontra a educação. Rocha (2020) analisa que a educação de gênero e sexualidade constitui o espaço escolar e passa despercebida por meio da arquitetura, da organização de filas na entrada das salas de aula, dos uniformes e dos banheiros generificados que reforçam normas e binarismos.

Para construção do corpo dócil, útil e produtivo, a escola se utilizou de técnicas disciplinares, tais como estes que Foucault reforça:

[...] filas de alunos na sala, nos corredores, nos pátios; colocação atribuída a cada um em relação a cada tarefa e cada prova; colocação que ele obtém de semana em semana, de mês em mês, de ano em ano; alinhamento de classes de idade umas

depois das outras; sucessão dos assuntos ensinados, das questões tratadas segundo uma ordem de dificuldade crescente. E, nesse conjunto de alinhamentos obrigatórios, cada aluno segundo sua idade, seus desempenhos, seu comportamento, ocupa ora uma fila, ora outra; ele se desloca o tempo todo numa série de casas; umas ideias, que marcam uma hierarquia do saber e das capacidades, outras devendo traduzir materialmente no espaço da classe ou do colégio essa repartição de valores ou dos méritos (Foucault, 2014b, p. 144).

Essas técnicas disciplinares foram colocadas no cotidiano vivenciado pelas discentes ouvidas em nosso trabalho. Algumas ex-alunas relatam que havia um controle dos espaços livres do colégio, bem como a disposição da sala de aula em filas, as normas para entrada e saída, a cobrança para os melhores resultados, principalmente para as alunas internas e que recebiam bolsas de estudo. Ocorriam também penalidades para as que chegavam atrasadas e para aquelas que não obtinham bons comportamentos.

Rocha (2020) aborda que o dispositivo disciplinar opera combinando discursos e estratégias de regulação e controle dos corpos dentro do espaço escolar. Ela discute a partir das análises foucaultianas que o corpo passa a ser objeto de práticas disciplinares a partir da invenção da escola moderna e a disciplinarização dos corpos ocorreu em diferentes instituições como as fábricas, oficinas, conventos, quartéis, prisões, hospitais e escolas. Segundo Foucault, o dispositivo é:

um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos (Foucault, 2017, p. 364).

Os procedimentos disciplinares estão inseridos nas instituições e tem o objetivo de se perpetuar na sociedade, com a finalidade de desenvolver a docilidade e a utilidade em todos os espaços da sociedade. A disciplina então passou a organizar o espaço, tempo, arquitetura, registrando e individualizando os corpos. Foucault define que a disciplina é:

[...] uma coerção ininterrupta, constante, que vela sobre os processos da atividade mais que sobre seu resultado e se exerce de acordo com uma codificação que esquadrinha ao máximo o tempo, o espaço, os movimentos. Esses métodos permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade (Foucault, 2014, p. 135).

Foucault apresenta três mecanismos principais de atuação dos dispositivos disciplinares: a vigilância hierárquica, a sanção normalizadora e o exame. Identificando cada um desses mecanismos entendemos que a vigilância é contínua e funcional, no qual induz efeitos de poder pelo uso do olhar como forma de vigilância e coerção. Com esse olhar, o indivíduo não consegue escapar de seus efeitos, pois existe uma rede integrada de vigilância onde todos estão sendo vistoriados e sofrem os

efeitos desse poder que exerce sobre ele e sobre os outros. Segundo Rosilene Pereira (2014), todos estão igualmente sujeitos à vigilância e ao controle disciplinar.

Essa vigilância pode ser exemplificada pela função contínua de uma inspetora escolar, cuja função é está atenta as estudantes, bem como fiscalizar as aulas, as entradas e saídas das alunas e a aplicação das regras. No Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, a referida Irmã Tavares era responsável por realizar esse tipo de função. Atualmente, o uso de câmeras instaladas em diferentes espaços da área escolar, inclusiva nas salas de aulas, permitem que a vigilância e a observação dos alunos ocorram de forma mais sistematizada.

A sanção normalizadora é considerada uma penalidade perpétua que atravessa todos os pontos e controla todos os instantes da vida nas instituições escolares. Ela tem o objetivo de estabelecer uma norma, um padrão de normalidade como princípio de coerção e produz a penalidade para estabelecer a relação entre o normal e o anormal. A busca se dá pela homogeneidade dos indivíduos, onde as diferenças devem ser suprimidas ou silenciadas (Pereira, 2014).

No caso dessa sanção ocorre as penalidades para aqueles que não se adequam as normas e conjunturas de uma sociedade e/ou espaço disciplinar. As minorias, ou seja, os excluídos da sociedade são os mais atingidos e visados por esse mecanismo. Nas escolas, os alunos que não respeitam e desobedecem às normas impostas no espaço escolar, são colocados em posição de receptores das punições. Essas sanções são mascaradas pela difusão dos casos de indisciplinas, como justificativa de ser uma correção eficaz para que os alunos estejam se adequando aos princípios corretos de bom comportamento em sociedade.

O exame é considerado a união da vigilância e da sanção, no qual produz um controle que permite qualificar, classificar e punir, sendo o indivíduo visualizado e classificado perante os demais. Segundo Rosilene Pereira (2014, p. 2), “o exame transforma aquilo que seria um privilégio ser observado em suas características individuais em um meio de controle e um método de dominação”.

O exame aponta as diferenças entre aqueles que seguem as orientações disciplinares desenvolvidas e os desobedientes que são vistos como anormais, no qual não apresentam um bom desempenho satisfatório, permitindo que evidencie a necessidade de seguir a normatização para atingir os objetivos que a sociedade capitalista impõe, inculcando nos outros esse objetivo de atingir a docilidade e obediência. Assim, um dos objetivos da disciplina é fixar e conter as diferenças, pois os grupos mais homogêneos são mais fáceis de controlar e dominar.

As percepções sutis de aprisionamento do poder disciplinar percebido pelos depoimentos encontra-se na ênfase notória de que tudo o que vivenciaram no colégio construiu uma formação boa, eficiente e satisfatória para suas respectivas realidades. Assim, as normas impostas, a vigilância constante, as discriminações com aquelas que não cumpriam as regras, as penalidades, as correções dos gestos, dos comportamentos, das falas, das roupas, todos esses aspectos citados eram reduzidos a interpretação de que aquilo visava benefícios para seu futuro.

Rocha (2020) analisa a partir dos estudos feitos por Guacira Lopes Louro (2018) que a escola deixa marcas nos corpos e que elas não se referem apenas aos conteúdos, mas às práticas e experiências, para construção de suas subjetividades. Ao escolarizar, a escola distingue os corpos femininos e masculinos e assim ocorre o processo de disciplinamento. A autora defende que a escola exige dos corpos aspectos como postura, vestimenta, comportamento e alinhamento.

Maria Regina Prata (2005) aborda que a subjetivação é um processo contínuo, onde o sujeito pode fixar, manter ou transformar sua identidade. A instituição escolar faz parte da produção da subjetivação, pois é um lugar fundamental na constituição da subjetividade visto que ela é marcada pela configuração social e tem o papel de definir o sujeito, por meio das relações de poder entre professores e alunos e na forma que concebe a aprendizagem e transmite o saber.

Trazendo esse conceito para análise de um colégio confessional é importante analisar as crenças, os valores e as normas religiosas que influenciam na construção das identidades dos alunos, professores e funcionários. Também é possível analisar como as influências se manifestam nas práticas educacionais, na cultura escolar e nas relações interpessoais dentro do ambiente escolar. Essa análise profunda permite entender como a religião molda as percepções de si mesmo e dos outros, através das questões éticas e morais que permeiam e são abordadas na escola.

A autora tem como objeto de análise a vestimenta escolar e a entende como uma indumentária que transita entre o disciplinamento e a regulação dos corpos femininos, mas também enxerga como uma possibilidade de resistência dentro e fora do espaço escolar. Ela contextualiza sua fala a partir das experiências que vivenciou em escolas que lecionava, no qual observou que a uniformização é direcionada aos corpos femininos para exercer uma forma de controle e que esse controle por meio da vestimenta escolar, percorre as esferas do ensino público e do ensino privado, do religioso e do laico.

A autora contextualiza que os primeiros sinais de uma uniformização escolar aparecem com a expansão das escolas de ordem religiosa no Brasil destinadas ao ensino de meninos, em que tinha como propósito educar os estudantes de forma cívica e moral seguindo os ensinamentos religiosos cristãos e com uma busca de desviar os jovens dos pecados da carne. Essa vestimenta masculina apresentava um caráter vocacional.

De modo semelhante, a vestimenta feminina também tinha aspectos da vestimenta vocacionada do século XIX, em que os trajes das alunas se assemelhavam aos hábitos de freiras e contavam com a presença do crucifixo. Essa vestimenta tinha como objetivo reiterar uma imagem de docilidade, serviço, obediência, religiosidade e fraternal àquelas que desejavam seguir sua vocação profissional como professoras e cuidadoras de crianças, já que na escola reforçava atribuições femininas desenvolvidas no lar.

Essa vestimenta vocacionada marcou um período de tempo, sendo característica das escolas confessionais femininas. Esse tipo de indumentária esteve presente no Colégio Nossa Senhora

Auxiliadora como vestimenta das irmãs religiosas à frente do colégio desde sua abertura no ano de 1958. Percebe-se na imagem abaixo que as religiosas utilizavam ainda essas roupas tradicionais. Porém, a vestimenta veio a ser mudada quando ocorreu o Concílio do Vaticano II, na década de 1960, como será discutido mais detalhadamente no terceiro capítulo.

Imagem 1 – Fardamento do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, 1958

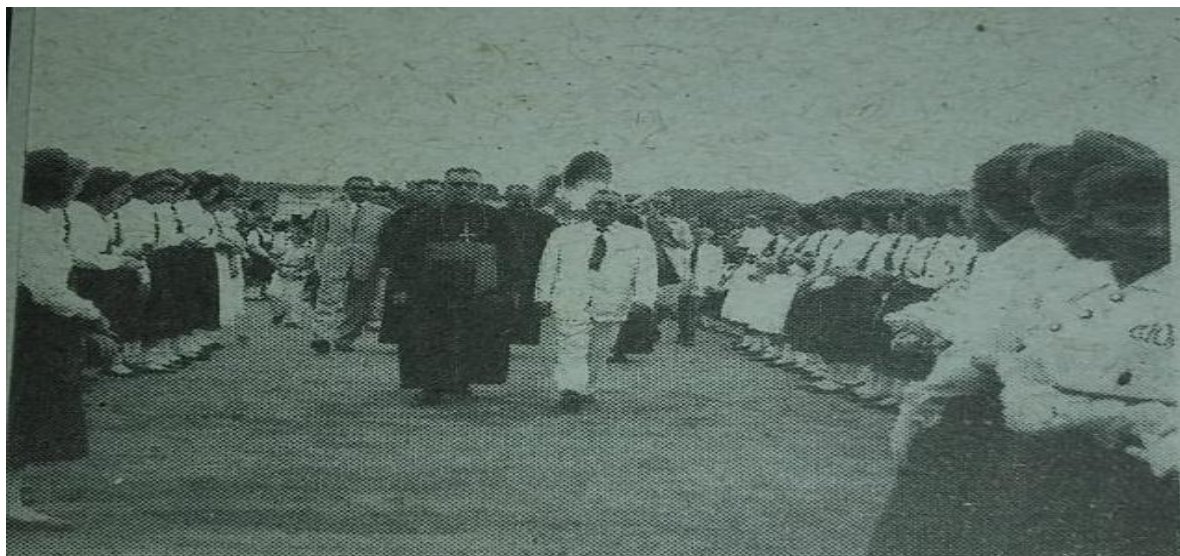


Fonte: Revista comemorativa do Jubileu de ouro do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, 2008.

Observa-se que o fardamento escolar em 1958 era composto por saias longas e blusa manga comprida branca. As jovens estudantes estavam organizadas em filas para apresentação em praça pública no dia da inauguração do colégio, sendo uma característica da disciplina desenvolvida na instituição desde o momento da inauguração. As religiosas estavam vestidas com o hábito tradicional. A Praça da Matriz, espaço da apresentação, estava localizada em frente ao colégio e a Igreja Matriz Nossa Senhora dos Remédios, o que permitiu chamar a atenção de curiosos, familiares e amigos para observar essa culminância de abertura.

No dia da inauguração do CNSA, a cidade sousense foi tomada por uma agitação que contou com a participação de religiosos católicos, das alunas estudantes do educandário e pela população que estavam curiosa para conhecer o novo espaço educacional. Como consta na imagem abaixo, o momento foi de festividade com apresentação em desfile das autoridades da região e com exposição de banda fanfarra. As alunas estavam trajadas com o uniforme oficial da instituição e havia grande expectativa para o desenvolvimento desse ensino formalizado para as jovens da cidade de Sousa e região.

Imagem 2 – Inauguração do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, em 23 de março de 1958



Fonte: Revista comemorativa do Jubileu de ouro do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, 2008.

Percebe-se que a organização em fila das estudantes, o comprimento do fardamento, as irmãs trajadas a caráter e o contexto do período estão articulados na construção do disciplinamento dos corpos femininos. As depoentes explicam que essas normas e regras deveriam ser seguidas diariamente.

No cotidiano escolar do Colégio, ocorria um rigoroso código de vestimenta e uma rigorosa fiscalização feita diariamente, sendo destacada pelas depoentes que era iniciada desde a entrada nas salas de aulas. O traje deveria estar completo e caso a estudante chegasse sem farda, era necessário voltar para casa e trocar de roupa. Atualmente, houve mudanças com relação a composição da vestimenta, deixando o uso das saias para o uso de calças, porém continua um intenso discurso de cumprir rigorosamente a regra da vestimenta completa.

O conjunto da vestimenta era composto de blusa branca de manga comprida e saia comprida de cor vermelha, representando as cores do colégio. Rocha (2020) explica que a necessidade de caracterizar as alunas e alunos de cada instituição de ensino passou a ser uma questão importante, devido ao aumento gradativo das escolas e colégios no país.

Nos colégios religiosos, as meninas aprendiam as disciplinas curriculares e a como serem educadas, cultas, devotas e fiéis aos ensinamentos cristãos e a vestimenta escolar buscava cumprir com o papel de reiterar esses ensinamentos.

Com a Ditadura Militar a partir de 1964, as roupas se mantinham em tons sóbrios e as saias com o padrão de comprimento nos joelhos. Após os primeiros anos da década de 1960, os uniformes escolares sofreram tímidas mudanças e houve um leve encurtamento das saias, devido às mudanças concedidas pelo Papa na execução do Concílio do Vaticano II, que será abordado no próximo

capítulo (Rocha, 2020). A gestora Madre Aurélia nos explicou que as mudanças foram ocorrendo paulatinamente à medida que a Igreja Católica concedia e permitia essas transformações diante do cenário que a sociedade se apresentava.

Katiene Nogueira e Denice Barbara (2016) problematizam que os uniformes escolares operam como dispositivo disciplinar por serem uma maneira de identificar as crianças que frequentam a escola e exercer domínio sobre elas, no qual onde elas estivessem, seriam obrigadas a obedecer às regras e as autoridades escolares.

Porém, sobre as meninas e sobre os corpos femininos a exigência é mais específica e sutil, como por exemplo, a correção da postura ao se sentar; o uso de uma vestimenta adequada ao comportamento de menina; as práticas de silenciar e não levantar a voz; a busca incessante na obtenção de bons resultados; as características de serem recatadas, com boas atitudes e que não praticassem algo que seja considerado masculinizado ou inapropriado. Nos depoimentos, percebe-se na fala das ex-alunas a incorporação dessa análise de um corpo educado através de uma vestimenta adequada:

Há uma preocupação recorrente em disciplinar os corpos femininos na escola. As imposições históricas, culturais e sociais sobre os corpos femininos se fazem presentes de forma marcante dentro da sala de aula, sendo estes corpos historicamente marcados e atravessados pelos discursos das instituições regulatórias como a Igreja, a medicina, a moral e, obviamente, a escola. A escola é uma instância pedagógica disciplinar que pratica a pedagogia da sexualidade, regulando e vigiando os corpos, gêneros e sexualidades que ali transitam (Rocha, 2020, p. 62).

A pesquisadora acima aponta que o espaço escolar também apresenta-se como um local de silenciamento e ocultamento, legitimando determinados corpos e marginalizando outros. Ela aborda que a escola sendo considerada como uma instituição disciplinar e biopolítica, lê os corpos como inadequados perante a matriz da heterocisnormatividade. Porém, é necessário afastar-se dessa norma pensando fora do centro e problematizando. Ao analisar o uniforme escolar, ela aponta que esse é um mecanismo que opera a partir do poder disciplinar e da biopolítica e que transita a partir da produtividade do poder, entre a captura e a resistência dos corpos.

Os corpos vestidos com uniformes escolares são alvos dos olhares de estranhamento quando estão fora da escola. A escola contemporânea apresenta marcas de períodos anteriores, como as marcas da escola moderna e disciplinar. Nesse sentido, os uniformes escolares se apresentam como parte das técnicas disciplinares das instituições modernas (Rocha, 2020).

Rocha ressalta que o uniforme escolar permite que ocorra um controle dos corpos femininos para além dos muros do colégio. Algumas alunas consideram que o uniforme tem o intuito de vigiá-las fora da escola. No colégio CNSA, ainda hoje existe a cobrança para o cumprimento da regra do fardamento, sendo que esse traje escolar evidencia em toda cidade a marca do educandário. É um

fardamento diferenciado, onde é notória que a população sousense reconhece o uniforme escolar do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora e devido a esse reconhecimento, se faz necessário que os discentes tenham consciência e responsabilidade ao usá-lo, pois carregam a história da instituição e sua credibilidade.

Segundo as depoentes, no período abarcado por nossa pesquisa, não era permitido ir para sala de aula faltando alguma peça do uniforme, nem realizar alterações de corte e cor ou vestir outras peças que não sejam do uniforme. Aqueles que descumpriam as regras eram penalizados. Foucault explica acerca do poder disciplinar exercido pelas micropenalidades:

[...] é utilizada, a título de punição, toda uma série de processos sutis, que vão do castigo físico leve a privações ligeiras e a pequenas humilhações. Trata-se ao mesmo tempo de tornar penalizáveis as frações mais tênues da conduta, e de dar uma função punitiva aos elementos aparentemente indiferentes do aparelho disciplinar: levando ao extremo, que tudo possa servir para punir a mínima coisa; que cada indivíduo se encontre preso numa universalidade punível-punidora (Foucault, 2014b, p 175).

A transgressão das regras do uniforme escolar era interpretada como indisciplina, gerando advertência, ligações para os responsáveis e isso ocorria através da atuação da inspetora da escola, no caso do CNSA, da irmã da disciplina citada pelas ex-alunas como sendo a Irmã Tavares.

Ainda assim, Rocha ressalta que o uniforme escolar não funciona apenas como captura dos corpos, pois é possível travar pequenas resistências no cotidiano escolar e que as meninas modificam a materialidade do uniforme mais do que os meninos, acarretando uma penalidade em maior escala para elas por estarem desonrando a tradição institucional:

A norma opera com a combinação do disciplinamento e da regulação das sujeitas. O corpo feminino é o local privilegiado da ordem e da norma e o uniforme escolar funciona como veículo para controlar, vigiar, disciplinar e normalizar constantemente esse corpo e/ou essa multiplicidade de corpos. No entanto, esses corpos não ficam apenas no campo da captura. Eles também reagem, eles resistem (Rocha, 2020, p. 89).

Na exposição das ex-alunas, era muito comum o encurtamento das saias, relatando que após a fiscalização da vestimenta na entrada do colégio, elas dobravam os cós das saias, pois achavam ultrapassado o tamanho longo da mesma. Muitas meninas saíam para praça que estava localizada em frente ao colégio com seu fardamento e realizavam fugas com seus namorados e encontros às escondidas, tendo casos em que a diretora “castigou” com a punição de realizar orações.

Então, verificamos que o cuidado rigoroso com a disciplina era devido ao nome que o colégio tinha e sua posição de destaque na cidade. A exposição pública de casos de expulsão por indisciplina poderia afetar a imagem do espaço educacional e também diminuir o número de estudantes ali presentes. Mesmo com todo esse rigor, as práticas de resistência aconteciam com as burlas nas regras e com as ações de desobediência dentro e fora do espaço de vigilância da instituição.

Na perspectiva foucaultiana, o poder é forte por movimentar-se entre a captura e a resistência, ao mesmo tempo que controla, regula e normaliza os corpos, mas também ele produz, investe e estimula. No terceiro capítulo, aprofundaremos essa análise exemplificando como ocorreram as transgressões. Porém, antes disso vamos apresentar a criação e consolidação do Colégio e a analisar a região durante as décadas de 1950 a 1980.

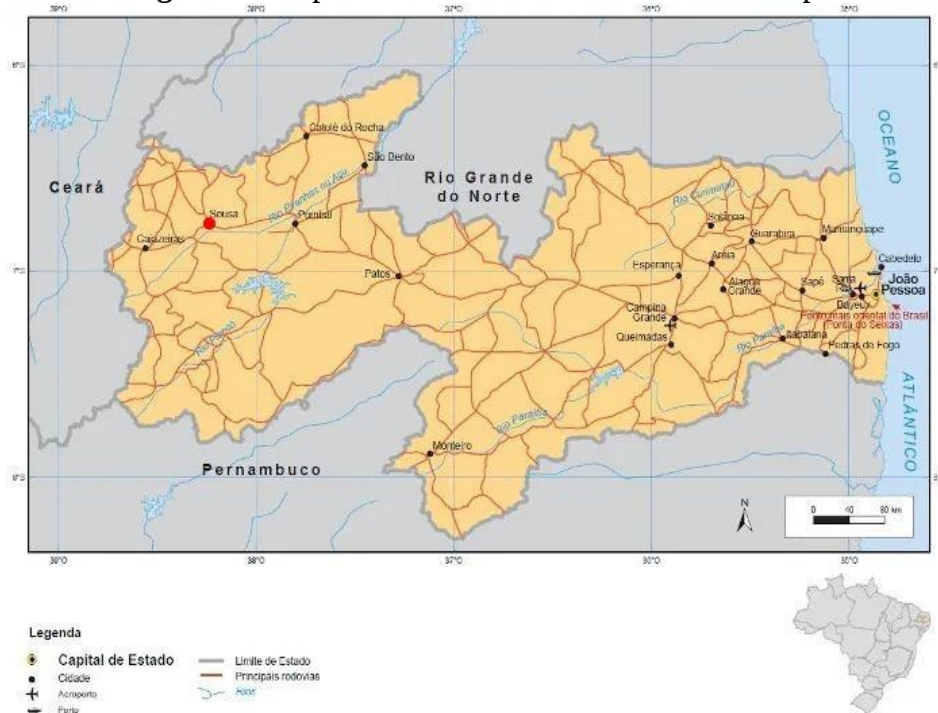
CAPÍTULO 3 – O Colégio Nossa Senhora Auxiliadora e a região de Sousa-PB

Este capítulo trata do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora e de sua inserção no sertão paraibano. Para isso, escolhemos fazer uma discussão sobre a cidade de Sousa, situando-a no tempo e no espaço, para que possamos visualizar os pontos mais relevantes sobre a região, de modo a entender a economia, a sociedade e a política.

3.1 A cidade de Sousa entre as décadas de 1950 e 1980: mudanças e permanências

A cidade de Sousa está localizada no estado da Paraíba, apresentando atualmente um número estimado de sua população em 67.259 habitantes, sendo que 79% corresponde a população residente na área urbana, segundo dados do Censo de 2022. No período de 1950 a 1960, a cidade era composta por uma população de 31.586 habitantes e apenas 23% da população sabia ler (Dário, 2012). Sousa atualmente é considerado o segundo maior município do sertão paraibano e apresenta uma economia voltada para o setor de serviços e tendo um número expressivo de indústrias.

Imagem 3 – Mapa do Estado da Paraíba e seus municípios



Fonte: Site educativo: Mundo Educação. Disponível em: <<https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/paraiba.htm>>. Acesso: 16 fev, 2023.

Sousa está localizada no interior do estado da Paraíba, apresentando uma distância de 432 km a oeste de João Pessoa, a capital. É atualmente a sexta maior cidade da Paraíba em população, segundo o Censo de 2022. Sousa limita-se com as seguintes cidades: Aparecida, Lastro, Marizópolis, Nazarezinho, Santa Cruz, São Francisco, São José da Lagoa Tapada e Vieirópolis. É considerada o principal pólo do Noroeste estadual de laticínios industrializados do oeste do estado e o tem em seu território o principal sítio zooarqueológico com

o conhecido Vale dos Dinossauros.

Contextualizando o recorte temporal delimitado pela nossa análise, identificamos que nas primeiras décadas do século XX, a produção algodoeira era o que se destacava na cidade de Sousa. Com isso, houve um rápido desenvolvimento do setor urbano devido aos transportes que imprimiam maior crescimento à região. A chegada do trem foi fator fundamental para o acelerado crescimento da produção algodoeira, com a construção da Estação Ferroviária feita no ano de 1926. O trem tinha a função de realizar o percurso com os passageiros e principalmente com as cargas, entre elas, do próprio algodão. Segundo Oliveira (2014, p. 43):

Com a ligação da estrada férrea Sousa-Mossoró, o comércio sousense conheceu um importante salto econômico nas relações comerciais que se dariam com o Rio Grande do Norte, uma vez que a cotonicultura necessitava de um meio de transporte veloz para escoar sua produção.

O escoamento do produto para outras regiões era necessário e a comercialização se dava em torno dos transportes, principalmente o trem, para que ocorresse o progresso econômico. Na cidade de Sousa, os meios de transportes como trem e depois as rodovias com os automóveis, fizeram a produção econômica do algodão conquistar mercados nas regiões circunvizinhas.

O algodão foi o principal produto da economia sousense, sua base de sustentação durante muito tempo. Sousa, com sua geografia, clima, fertilidade e com abundante disponibilidade de mão de obra demonstrou-se apta ao cultivo do algodão (Oliveira, 2014, p. 46).

Imagem 4 – Estação Ferroviária de Sousa, em 1926



Fonte: Página do Facebook de Samy Play Fotografia. Acesso em: 18 de julho, 2023.

Nessas imagens, percebemos a presença da Estação Ferroviária no desenvolvimento econômico da cidade sousense, atuando como transporte muito requisitado para circulação da população em viagens para as cidades vizinhas e também como encarregador de deslocar as produções algodoeira e outros produtos agrícolas para comercialização. A produção principalmente

do algodão nesse período era bastante difundido, permitindo que algumas fábricas de algodão fossem beneficiadas financeiramente.

Oliveira (2014) realizou um mapeamento das usinas de beneficiamento de algodão que existiam na região de Sousa e a que mais proporcionou desenvolvimento econômico foi a algodoeira dos irmãos Zabilo, Clotário e José Gadelha, pessoas conhecidas da família dos Gadelhas, que posteriormente tiveram destaque nas esferas política e econômica. Muitos membros desta família foram eleitos para cargos públicos, sendo considerados importantes na região. Além disso, essa família foi colaboradora do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora na obtenção de bolsas de estudos para alunas que residiam fora da sede de Sousa, conforme depoimento de Lene, ex-aluna da instituição. Os outros produtos agrícolas que se destacavam na cidade no período analisado eram milho, feijão e arroz.

A contribuição da produção algodoeira é exemplificada pela implementação de várias casas de tecido, além de outros gêneros que até então não existiam. Houve ampliação de empregos tanto nas usinas, como em outros setores do comércio, devido a necessidade de maior número de trabalhadores para desempenharem as funções na agricultura, nas usinas e nos serviços comerciais de forma geral. Houve também a chegada das agências bancárias na cidade que impulsionaram o progresso econômico da cidade de Sousa (Oliveira, 2014).

Além do trem, o caminhão foi bastante utilizado em Sousa para levar a produção para os grandes centros industriais e para transportar as cargas nas regiões onde não tinha a ferrovia. O caminhão serviu também para transportar o algodão da lavoura até as usinas.

No entanto, quando ocorreu a chamada “praga do bicudo”, o comércio do algodão apresentou declínio e alto índice de desemprego, ocorrendo conseqüentemente o fechamento de várias usinas e um grande número de trabalhadores sousenses acabou se deslocando para os grandes centros urbanos do Brasil, principalmente São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília, Maranhão e Pará.

Para além da parte econômica, Sousa destacava-se nos aspectos culturais pela forte religiosidade, marcada a partir de crenças e costumes cultivados na memória e na tradição, repassada através da oralidade e do simbolismo de alguns pontos turísticos. A cidade tem uma forte representatividade marcada pelo suposto Milagre Eucarístico⁴, que despertou em sua população muita devoção e fé. Diante desse cenário, a cidade chamou a atenção das religiosas da Congregação das Filhas de Santa de Jesus, que se interessaram pela história mística e aceitaram o pedido para implantação de um colégio religioso em Sousa.

⁴ No imaginário cultural e religioso da população de Sousa um suposto Milagre Eucarístico aconteceu despertando muita fé e devoção. Segundo relatos, após a entrega da hóstia a um homem, este saiu correndo e retirou a hóstia da boca (Gadelha, 1986). Os fiéis viram a situação e saíram atrás desse homem, no qual acabou deixando “cair a partícula num matagal ali existente, onde também existia uma grande lagoa, chamada do Carão” (Gadelha, 1986, p. 33). Após o ocorrido, um pastor de ovelhas encontrou a hóstia através das ovelhas que em círculo estavam vendo a mesma. O pastor avisou ao vigário, que por sua vez convocou os moradores ao redor da então Igreja do Rosário e nesse local foi feita uma capelinha para representar o ato milagroso (Estrela, 2019, p. 39).

3.2 A representação da mulher na Revista Letras do Sertão

Um ponto importante da cidade sousense está no entendimento da época sobre o papel da mulher no sertão da Paraíba, no qual a sociedade era marcada pelo patriarcalismo e alicerçada em tradições conservadoras. Isso aparece na Revista Letras do Sertão que abordava essas ideias e narrativas com o intuito de contribuir para formação social e intelectual da cidade, no qual o público que lia a mesma era composto pelos sertanejos, tanto as mulheres como os homens.

Nas publicações da revista encontrava-se elogios ou críticas ao comportamento feminino, fazendo divulgações sobre como a mulher deveria se posicionar perante a sociedade e as matérias eram também redigidas por mulheres que apresentavam características conservadoras:

Em se tratando dessa situação, na revista Letras do Sertão, os editores também publicavam matérias voltadas para o comportamento do público feminino. Na maioria de suas edições, traziam publicações informando como as mulheres estavam se comportando em sociedade e, por conseguinte, mostrando a complexidade dessas relações de gênero, em meados do século XX, no sertão paraibano (Sousa, 2016, p. 13).

Sousa (2016) analisa que a imagem da mulher representada na revista foi construída na relação com os grupos sociais a partir de suas práticas e formas de se fazerem apresentar. Ela defende que a sociedade e a historiografia apresentavam uma discussão e narrativa que atribuía ao homem o espaço social e político enquanto seu local de atuação e as mulheres se destinavam ao espaço privado. Para ela, esse tipo de compreensão colocava o homem como superior e a mulher estava descartada enquanto figura da história:

A mulher não era considerada como sujeito histórico, havia uma mecanização em relação ao seu papel como indivíduo, pois era educada a ser esposa, mãe, senhora do lar (tripé), aprendendo a cumprir “obrigações” domésticas e segui-las como se fosse um ritual. Nesse sentido, a mulher não se colocava diante da sociedade como participante crítico. Diante deste cenário, o homem era protagonista e a mulher figurante (Sousa, 2016, p. 27).

De maneira geral, nas revistas da época o casamento era um tema bastante presente nas discussões. As mulheres eram ensinadas a valorizar essa situação e seguir o seu caminho em busca de um bom matrimônio, constituindo família. No entanto, a década de 1960 tornou-se palco de grandes debates no que diz respeito a temas como liberdade sexual, igualdade entre homens e mulheres e a introdução da pílula anticoncepcional. Mesmo com todos esses discursos, não se observava no cotidiano, no dia a dia, uma atitude prática dessas novas abordagens e concepções, pois o conservadorismo travava uma grande luta na sociedade para se manter atuante.

Diante desse cenário, muitas mulheres realizavam práticas consideradas contestadoras, como por exemplo, as fugas com o namorado, a necessidade de ser feliz sem a realização do casamento, a libertação sexual, entre outras ações. Porém, o peso do discurso moralizador era marcante. Muitas

mulheres na cidade de Sousa foram perseguidas pelos conservadores e vista pela sociedade como “mal faladas” (Sousa, 2016).

A Igreja Católica desempenhava um papel fiscalizador diante desse cenário, pois ditava as regras e as normas com o intuito de educar as mulheres e consequentemente excluía moralmente aquelas que fugiam dos padrões que eram impostos pelos valores da instituição. A família também desempenhava a função de controle e oposição. Na década de 1960, as mulheres adentraram no mercado de trabalho de forma mais efetiva, conseguindo maior emancipação feminina, e esse papel da família foi sendo modificado.

Publicações como da Revista Letras do Sertão traziam narrativas sobre conquistas femininas, como também traziam à tona as críticas que eram feitas sobre as novas maneiras de comportamento das mulheres. Essa Revista apresentava muitas publicações feitas por mulheres, que possibilitaram um entendimento de como as mulheres eram vistas na sociedade sousense: quais eram seus objetivos de vida; as principais discussões que se realizavam no seu cotidiano e como esses diálogos cotidianos estavam presentes na trajetória das depoentes.

Conforme a análise de pesquisas acadêmicas que utilizavam a Revista como fonte, percebemos que as mulheres que escreviam na revista eram professoras do Ensino Primário e estavam permeadas de sonhos e objetivos de seguir uma profissão que possibilitasse ascensão social e econômica, bem como acarretasse status social respeitável. Realidade semelhante com as trajetórias de vida das ex-alunas que também almejavam uma mudança em suas vidas tanto financeira como também pessoal.

As principais temáticas encontradas nesta revista eram o casamento, a nova configuração social das mulheres e sua inserção no mercado de trabalho. Como consta no trabalho de Sousa (2016), uma das autoras da revista destacava a felicidade da mulher no espaço de trabalho. Essa perspectiva se assemelha com os depoimentos realizados nessa pesquisa, onde comprovam a realização que essas mulheres tinham de estarem à frente da sala de aula e obterem um lugar social respeitável.

No entanto, percebemos também que esse lugar de inserção da mulher no mercado de trabalho estando a frente de cargos como professoras, advogadas, bancárias, entre outras funções, estava destinado a mulheres de classe social mais abastada. O Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, uma instituição privada, apresentava o Curso Pedagógico em que apenas as mulheres de boas condições financeiras e/ou aquelas que recebiam as bolsas de estudos, conseguiam adentrar naquele curso.

Com isso, questionamos: onde estavam as mulheres que não tinham condições para arcar com as despesas nos estudos? Será que o discurso de mudanças sociais na vida das mulheres reverberou de forma igualitária? O que encontramos nas fontes permite entender que muitas mulheres continuaram ocupando o espaço do privado, voltada ao matrimônio, ao cuidado com os filhos e a realização de trabalhos domésticos. No entanto, essa realidade não diminui a luta das

mulheres, pelo contrário, foi um pontapé de um avanço social na vida das mulheres sertanejas.

Outro ponto de destaque que nos chama atenção no trabalho de Sousa (2016) é a perspectiva dos autores masculinos ao proferirem narrativas sobre o público feminino. Esses autores tinham uma visão sobre as mulheres em que escreviam fazendo críticas aos seus direitos e liberdades. Destacavam as mudanças que estava acontecendo na vida das mulheres, e que de certa forma, muitas vezes tornou-se algo que escandalizava esses homens, tendo exemplos em atitudes como sair sozinhas, usar roupas curtas, rejeitar o casamento e realizar burlas:

É importante frisar que, no século XX, surgiram inúmeras mudanças sociais. Dentre elas, a introdução de novas tecnologias, principalmente em se tratando do cenário urbano. Essas inovações também chegaram à região Nordeste, em especial, a cidade de Sousa. Com isso, os editores da revista perceberam que era importante escrever sobre esses “novos” tempos que o grupo social e, conseqüentemente, o mundo feminino estava vivenciando (Sousa, 2016, p. 44).

Havia também falas conservadoras por parte das mulheres, pois isso era enraizando devido ao longo histórico de atitudes repressoras sobre elas, que eram permeadas seja pelo discurso familiar, religioso e social, o qual essas mulheres intelectuais ainda reproduziam, mesmo diante dos novos ares e debates do feminismo adentrando na cidade de Sousa. Exemplos disso estão em falas que exaltavam a importância do casamento, bem como o comportamento adequado das mulheres:

Podemos perceber, durante as análises, que autoras/intelectuais defendiam a importância da emancipação da mulher, a efetivação do trabalho da mulher fora de casa, de sua capacidade em ocupar cargos sociais, mas essa modernidade tinha certo limite: a mulher não deveria perder uma pretensa essência afetiva – sua feminilidade. Nesses termos, os textos de [Julieta Pordeus] Gadelha são emblemáticos porque, embora defendam a emancipação feminina, ainda estão pautados por um discurso conservador quanto aos direitos das mulheres (Sousa, 2016, p. 50).

Nesse período, apareciam áreas de atuação profissional que as mulheres estavam desenvolvendo, como a docência, o trabalho no comércio e também a datilografia. A partir dessas evidências vemos que na cidade de Sousa os espaços públicos e comerciais já estavam sendo ocupados por mulheres, e que a busca por um colégio confessional que apresentava o magistério possibilitava conseguir um emprego:

Por vezes, o feminino era uma condição naturalizada da mulher, sugerindo uma espacialização privada de sua atuação: o espaço privado, a atuação doméstica, a ênfase no casamento, no marido e nos filhos. Por outro lado, o feminino era também uma condição de luta pelo espaço público: a mulher que não precisava mais viver em função do casamento, podendo estudar, escrever, publicizar suas ideias, vontades e ações (Sousa, 2016, p. 54).

Havia um confronto de percepções, nos textos produzidos no período, pois as mulheres estavam experimentando os ideais da modernidade, dos novos comportamentos, das atuações em esferas públicas, mas o cenário do conservadorismo e do tradicional ainda era marcante, tanto pelo

discurso proferido pelos homens como também pelas próprias mulheres.

Sousa (2016) chama atenção para entender as novas formas de se pensar sobre a mulher sertaneja, que vivia uma dualidade, no sentido de que lutava pela melhorias em sua vida e encontrava resistências quanto a esse avanço; ao mesmo tempo que ela queria libertação, esta também se conformava com o que acontecia em sua vida. Isso então é importante para compreender esse embate de ideias e de experiências que sobressaíram na trajetória de vida de cada depoente.

Portanto, diante da análise desses trabalhos historiográficos que abordam a cidade de Sousa, conseguimos identificar os principais aspectos em torno dessa urbe, tais como as questões políticas, econômicas e sociais, bem como perceber como a sociedade sousense enxergava a atuação das mulheres em seu meio.

3.3 A Congregação das Filhas de Santa Teresa de Jesus e o seu papel na educação

Diante desse panorama geral de como se encontrava a cidade de Sousa, percebemos como se configurou a inserção do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora na cidade. A vinda dessa instituição para uma cidade do sertão da Paraíba realizou-se pela junção do apoio da população, pelo desempenho de colaboradores políticos e pela atuação de sacerdotes religiosos que intermediaram a instalação e o diálogo com a mantenedora do educandário, no caso a instituição Congregação das Filhas de Santa Teresa de Jesus.

Falar do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora remete a congregação a que pertence. Entre os princípios, trazia a valorização da Ciência, da Fé e da Cidadania, que é o lema tanto do colégio como também da Congregação das Filhas de Santa Teresa de Jesus. A partir do Hino do Colégio, percebemos o seu caráter norteador com valores e a sua filosofia bem definidos.

Exemplificando essa influência da congregação na formação educacional do colégio visualizamos a seguir a transcrição do Hino do CNSA, escrito pela então gestora, a senhora Madre Aurélia Gonçalves. Esse hino era ouvido em diferentes momentos da vivência escolar das alunas e permanece sendo entoado e cantado até os dias atuais dentro da instituição:

Às margens férteis do Rio do Peixe
Em frente à praça do histórico Bento Freire
Altivo e nobre, qual árvore de belo porte
Plantada está no coração da querida Sousa
A Escola que eu amo – COLÉGIO AUXILIADORA

Seu lema é uma verdade
Busca ciência, fé, cidadania
Fazer o Reino de Deus acontecer
Aqui, agora, na história, em harmonia

O Colégio Auxiliadora planta valores
Na alma em flor da infância e juventude
São valores que o tempo não destrói
Ladrões não roubam, o mal não contamina

Dignidade, trabalho, justiça, amor-serviço.
Seus professores são mais que professores
Educadores, sim, são com certeza
Amam o que fazem, transmitem a beleza
Que está na VIDA, na pessoa, na liberdade, em Deus
Seguem a doutrina sábia da Mestra SANTA TERESA

Fonte: Hino do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora. Revista Jubileu de Ouro: Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, 2008.

Ao ler o hino do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, identificamos alguns aspectos que remetem à história da cidade. O primeiro verso cita as margens do Rio do Peixe, cujas águas cortam a cidade e são importantes para a irrigação nas zonas rurais de Sousa. Logo em seguida, cita a Praça Bento Freire, localizada em frente ao Colégio, considerado um ponto de encontro dos estudantes e local de lazer e entretenimento dos sousenses. Nesta praça aconteciam os intervalos das aulas do Curso Pedagógico, no qual as jovens vivenciavam momentos de diversão e práticas de burlas.

A segunda estrofe da canção apresenta as características e a filosofia do ensino do educandário, destacando o lema “Ciência, Fé e Cidadania”, bem como o registro da busca pela religiosidade cristã católica. Vemos também os valores definidos como dignidade, trabalho, justiça e amor-serviço sendo reforçado ao longo da leitura.

A última estrofe da canção enfatiza os professores, destacando que o ensino do educandário apresentava a modalidade Curso Normal que formava jovens para o ofício de professoras e que as mesmas eram seguidoras da doutrina da mestra Santa Teresa, a santa devota da Congregação mantenedora do colégio. Essa formação do Curso Normal Pedagógico será discutida no próximo tópico deste capítulo.

A construção de um hino marcada pela composição e ênfase de vários aspectos históricos e educacional do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora determina o quanto esses valores eram discutidos e abordados no espaço escolar. As estudantes deveriam aprender o hino para desenvolver uma aproximação e familiaridade com a referida instituição, sendo algo que resulta em uma construção de afetividade que culmina em resultados positivos para aprendizagem como também para identificação com o colégio e seus valores.

Em seu *site* oficial a instituição apresenta a seguinte definição de sua filosofia educacional:

A Congregação que aqui exerce sua missão educativa tem procurado administrar o Colégio dentro dos princípios evangélicos, da humanização, da ciência e da cidadania. Se atualizando para manter a sua identidade educativa e para melhor enfrentar as urgências do mundo contemporâneo na formação das novas gerações, incentivando-as à transformação da sociedade à luz dos valores cristãos (CNSA, 2023).

Percebe-se na citação acima a mudança empreendida diante dos novos desafios e cenário da educação atualmente. Porém, os princípios cristãos permanecem sendo marca evidente da educação

do colégio. Similarmente, temos na identidade visual do colégio o reforço a esse lema de destaque no hino.

Imagem 5 – Identidade visual do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora



Fonte: Página de Facebook do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora. Acesso em: 13 de julho de 2023.

A imagem acima é a identidade visual do CNSA, desenvolvido posteriormente para enaltecer as cores tradicionais e o lema da instituição. É importante frisar que nas décadas de 1960 a 1980, o educandário não apresentava essas características atuais, pois não havia necessidade de exposição midiática. Atualmente, o colégio apresenta a divulgação de sua identidade visual com o objetivo de comunicar e expor ao público em geral os seus valores, propósito e a filosofia educacional da instituição.

Estes aspectos oficiais da formação educacional desenvolvida no colégio e de sua filosofia de difundir os aspectos da religiosidade com a ciência permitiu que o educandário apresentasse como um espaço de estilo confessional. Os ideais e preceitos educacionais do colégio estão de acordo com a filosofia da Congregação das Filhas de Santa Teresa, que ao longo da sua fundação até os dias atuais, realizou a abertura de várias instituições educacionais, dentre elas, o Colégio Nossa Senhora Auxiliadora. Segundo Dantas, essas escolas:

[...] caminham a luz dos ensinamentos de Jesus, partindo da premissa de que o mesmo foi um grande mestre na concepção católico-cristã e perpassou seus ensinamentos a todos aqueles que se dispuseram a lhe escutar e, portanto, priorizam uma educação evangélico-libertadora, centrada nos princípios e valores cristãos e no compromisso de ser expressão da presença de Deus junto aos educandos e suas famílias (2014, p. 16).

Para percebermos como essa formação confessional esteve muito marcante na configuração do colégio, identificamos que desde a implantação do colégio na cidade de Sousa, remetendo ao ano de 1957, os religiosos estavam envolvidos para consolidação da implantação dessa instituição. Segundo a versão oficial, o Padre João Cartaxo viu o desejo da população em ter uma escola dirigida por religiosas e foi ao encontro do Bispo da Diocese de Cajazeiras, Dom Zacarias Rolim de Moura

para que houvesse o convite direcionado a Congregação das Filhas de Santa Teresa e consequentemente realizar esse sonho de ter um educandário em Sousa dirigido por religiosas. O prédio onde se encontra atualmente o colégio foi doado pela família Mariz. Antes tinha sido o prédio onde funcionava o Colégio São José (imagem 6). Então, o local passou por uma reforma para que o colégio funcionasse como internato e externato.

Imagem 6 – Sede do antigo Colégio São José



Fonte: FERRAZ, Augusto. Além do Rio (2012). Disponibilizado na biblioteca do Memorial Antônio Mariz. Acesso em: 15 de janeiro de 2023.

Na imagem acima, vemos a arquitetura do Colégio São José antes deste ser doado para a instalação do CNSA. Após a inauguração do colégio, o espaço foi modificado, mantendo resquícios da arquitetura do Colégio São José, mas ocorreu mudanças nas janelas e na parte de cima do telhado, como consta na figura 6. Segundo a Madre Aurélia, o CNSA passou por algumas reformas de ampliação de salas ao longo dos anos à medida que o quadro de estudantes aumentava.

Imagem 7 – Antiga fachada do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora



Fonte: FERRAZ, Augusto. Além do Rio (2012). Disponibilizado na biblioteca do Memorial Antônio Mariz. Acesso em: 15 de janeiro de 2023.

Atualmente, o colégio está com uma configuração mais modernizada, como consta na imagem abaixo, com amplas salas de aulas, refeitório, ginásio próprio, laboratório, memorial, auditório, salas de reunião, parquinhos, entre outras melhorias. Segundo o *site* oficial, apresenta-se “um complexo de quatro prédios com instalações amplas e confortáveis. O Colégio Nossa Senhora Auxiliadora oferece uma infraestrutura completa para o aluno aprender, conviver e desenvolver atividades esportivas, artísticas, científicas e religiosas” (CNSA Sousa, 2023).

Imagem 8 – Colégio Nossa Senhora Auxiliadora atualmente



Fonte: Página oficial do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora. Acesso em: 23 de abril de 2023.

A modernização alcançada pela instituição foi empreendida pelos esforços, sobretudo da Madre Aurélia, que buscava parcerias com o setor público para realizar as reformas, bem como atuava na comunidade escolar e na sociedade sousense arrecadando fundos para ampliação do espaço escolar (Estrela, 2019).

A arquitetura do colégio foi sendo transformada de acordo com as diretrizes educacionais da época, pois os espaços escolares deveriam apresentar planos estéticos e pedagógicos que fossem embasados nos aspectos higiênicos, morais e pedagógicos da instituição. Assim, o Colégio Nossa Senhora Auxiliadora estava localizado em um ponto estratégico, devido sua instalação ser em um espaço no qual apresenta duas igrejas – a Igreja Matriz Nossa Senhora dos Remédios e a Igreja do Rosário, ambas igrejas católicas no qual o pároco a frente das mesmas tinha boa relação com as religiosas da congregação. A localização da Praça da Matriz também é ponto que visa uma

intencionalidade, sendo espaço para socialização dos estudantes.

Percebe-se que a organização arquitetônica apresentava uma intencionalidade, pois almejava-se o entendimento da filosofia confessional religiosa da instituição, bem como a aplicação de um rigoroso movimento de disciplinamento. As autoras Valéria Forner e Marina Matiello (2016) abordam a importância de se compreender as arquiteturas do colégio, pois especificam aspectos históricos e o desenvolvimento da cultura escolar.

Com isso, outro aspecto que chama a atenção sobre o espaço escolar está relacionado a escolha do nome do Colégio, no qual foi feita de forma inusitada, através de um sorteio. Havia uma disputa entre o nome Dona Silvia Mariz – a mulher que doou o prédio onde se localiza o Colégio Auxiliadora à Paróquia Nossa Senhora dos Remédios – e Bento Freire de Sousa, considerado o fundador da cidade. Segundo a diretora Maria Aurélia, “a sorte recaiu sobre o nome “Nossa Senhora Auxiliadora”, devoção trazida para Cajazeiras e, conseqüentemente, para a região, pelos Padres Salesianos” (Revista Jubileu de Ouro, 2008, p. 7).

Na Revista Jubileu de Ouro: 50 anos do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora (2008), os depoimentos da ex-gestora Madre Aurélia relatam vivências no período em que a mesma foi diretora desse espaço, chegando à cidade em 21 de abril de 1965. Depois, ela tornou-se a quarta Superiora Geral da Congregação das Filhas de Santa Teresa de Jesus, mostrando ter um conhecimento do Colégio e também do papel desta Congregação. Nesta Revista citada encontra-se um panorama da implantação do Colégio, afirmando que a influência católica presente no lugar, possibilitou crescer o desejo do “povo” por um educandário religioso.

A inauguração oficial do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora foi no dia 19 de março de 1958, quando ocorreu uma celebração religiosa que contou com a participação do bispo Dom Zacarias, do padre João Cartaxo, das autoridades políticas de Sousa, dos colégios que existiam na época e também de suas alunas já matriculadas. O início das aulas foi dia 23 de março do mesmo ano.

Posteriormente, no ano de 1963, foi fundada a Escola Normal Madre Teresa Machado no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, que tinha como objetivo inicial a formação de turmas do Pedagógico, o conhecido Curso Normal Pedagógico. Essa Escola Normal foi incorporada ao CNSA e se manteve funcionando até o ano de 1999, formando um total de 34 turmas de professores. Essas informações, retiradas da Revista Jubileu de Ouro: 50 anos do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora (2008), foram fundamentais para o entendimento da formação do magistério e nos instigaram a conhecer as trajetórias de vida de egressas do curso.

As congregações religiosas, a princípio, têm o ideal de servir a sociedade e, sobretudo, aqueles mais necessitados. A Congregação das Filhas de Santa Teresa de Jesus, através do bispo Dom Quintino, tinha esse pensamento, mas ao longo do tempo, as instituições educacionais foram sendo destinadas à elite que tinha recursos para colocar suas filhas nos educandários (Estrela, 2019).

O mesmo aconteceu em Sousa, pois o Colégio passou a ser destinado às jovens moças da elite sousense, ganhando o educandário um prestígio sem igual. Nos depoimentos das ex-alunas

identificam-se as dificuldades para o pagamento das mensalidades. Porém, o colégio proporcionava bolsas filantrópicas para jovens que residiam em cidades da região de Sousa e que não podiam pagar a mensalidade, acontecendo com algumas de nossas depoentes. Assim, foi criado o internato, para que essas jovens dessem prosseguimento aos estudos.

As alunas internas no colégio eram aquelas que não podiam se deslocar diariamente para suas residências, pois havia muitas dificuldades com os transportes. Com isso, era necessária a instalação no colégio e as alunas da elite que podiam morar na cidade de Sousa ou se deslocar todos os dias, permaneciam morando com seus familiares.

A Congregação das Filhas de Santa Teresa foi fundada com essa perspectiva de colaborar com a educação da juventude feminina na região do Cariri cearense e criou-se o seu primeiro colégio denominado Colégio Santa Teresa de Jesus. Esta instituição congregacional tinha uma proposta de formação de magistério para a mulher, desenvolvendo ações educativas com a criação de colégios católicos em diferentes localidades da sua sede no Crato-CE:

Este é fato revelador de que a proposta de formação das Filhas de Santa Tereza estava inserida numa proposta de magistério para a mulher. Há de se considerar a noção de que o contexto histórico, político e social da sociedade brasileira onde essas instituições estavam inseridas e que, conseqüentemente, desencadeou mudanças no campo educacional, provocou mudanças no pensamento feminino, bem como no imaginário criado sobre a mulher dentro da sociedade brasileira. Ante as mudanças, então, se procurou por meio da educação, uma identidade nacional. Dessa forma, buscava-se uma identidade feminina em meio ao predomínio e à supremacia masculinos (Ferreira; Magalhães, 2013, p. 287).

Os autores explicam que as escolas organizadas pela perspectiva das congregações religiosas apresentavam uma linha filosófica definida, assumindo uma formação moral que tem como característica o tradicionalismo com relação aos comportamentos exigidos das educandas. Isso era necessário para que fossem consideradas dignas de receber os elogios e a aceitação da sociedade que estava perpassada pelo moralismo católico.

Apresentando uma contextualização histórica das congregações religiosas no nosso país, Paula Leonardi (2009) aponta que a vinda de congregações estrangeiras para o Brasil ocorreu em meados do século XIX, quando houve a busca pela retomada de espaços políticos por parte da Igreja Católica, devido a perda de espaço das congregações docentes em alguns países e a feminização do Catolicismo ocorrida durante o século XIX na Europa:

Para retomar espaços perdidos com a progressiva secularização dos estados, ganhar novos territórios pouco ou inexplorados e centralizar o poder e a obediência ao papa, uma das ações da Santa Sé era estimular a missão [...] destinada a evangelizar/educar os povos. A entrada de novas congregações no Brasil, sobretudo femininas, a partir de meados do século, pode ser explicada, em partes, por este incentivo papal (Leonardi, 2009, p. 182).

Havia um cuidado de se educar as mulheres devido a visão de que elas eram as

disseminadoras da moral dentro dos lares e uma educadora por excelência. As estratégias utilizadas nas congregações para desenvolver a feminização na prática estava mais informal e ampliada, apresentando a evangelização através de imagens do feminino expostas em cerimônias, nas conversas informais e nas ações e posturas das próprias irmãs.

É notório nos depoimentos das ex-alunas da instituição que estamos analisando, o repetido e enfático discurso de que a Madre Aurélia era seu exemplo de postura de mulher a ser seguido, bem como suas ações solidárias e participações em movimentos católicos dentro e fora do colégio eram exemplos a ser seguidos. As alunas viam sua atuação diariamente e a tinha como uma inspiração, tanto que não percebiam que a forma que eram ensinadas estavam relacionadas a uma educação pensada para sua influência na trajetória de vida pessoal e profissional.

As jovens que adentravam espaços desenvolvidos por congregações religiosas permaneciam próximas às irmãs e difundiam a moral Católica em suas famílias e redes de relações. Isso é visto nas falas das depoentes quando as mesmas incentivam seus filhos a estudarem no colégio, difundem a moral Católica em seus ensinamentos diários e afirmam a identificação com os princípios da instituição. Segundo a pesquisadora:

Observar e analisar a educação feminina fornecida por congregações religiosas implica em conhecer melhor as condições de fundação dessas congregações, inseridas ou não no movimento de feminização do catolicismo, conhecer suas posições no interior da Igreja para compreender sua ação no campo educacional no Brasil (Leonardi, 2009, p. 195).

É interessante que a prática da filosofia da congregação desenvolvida pelas mulheres participantes e os seus discursos vêm de encontro ao entendimento de que a vida dessas gestoras – como a Madre Aurélia – seria cruzada com a vida de cada depoente, pois os ensinamentos aprendidos na congregação teriam ligação com o que foi desenvolvido na vida das mulheres estudantes do CNSA. Muitas alunas passaram pelo ensinamento de mulheres que tiveram sua formação pedagógica na própria congregação, como por exemplo a Madre Aurélia, as irmãs Iraíldes e Tavares que desempenharam funções no referido colégio e marcaram a formação educacional das ex-alunas.

Leonardi (2009) explica que no campo da História das Mulheres, as instituições não são vistas apenas como espaços de controle e de disciplinamento das jovens, mas também como espaço de protagonismo de experiências e criatividade, podendo desenvolver e aprimorar sua formação intelectual e atuar em diversas tarefas administrativas.

No caso do nosso objeto de análise, identificamos que o CNSA proporcionava formação pedagógica na vida de muitas mulheres e as tornavam protagonistas de sua própria vida, pois a partir dos depoimentos encontram-se explanações de que tornaram-se independentes, passando a viver de seus próprios esforços, construindo sua carreira profissional, formando suas famílias e incentivando com suas trajetórias, a mudança na realidade de outras mulheres.

Portanto, mesmo com o teor disciplinador que as instituições confessionais apresentam, não

ocorre a ausência de autonomia dessas mulheres, com a realização de praticarem suas vontades, desejos e perspectivas amplas de como viver em sociedade, se comportar e de decidir os caminhos que queriam percorrer.

3.4 A formação docente no educandário sousense

É interessante conhecer e investigar a formação do Curso Normal que foi desenvolvido dentro desta instituição e entender os aspectos da história da profissão docente no Brasil. A criação das Escolas Normais no Brasil do século XIX desempenhou as primeiras iniciativas para formação docente no país, sendo pioneiras no preparo dos professores, tendo a função de serem responsáveis pela instrução dos docentes que atuavam no ensino elementar (Torres; Oliveira, 2019).

As Escolas Normais passaram a oferecer cursos de cinco anos com influências da Escola Nova e seus ideais educacionais, fazendo uma contraposição com o que era considerado ensino tradicional. Torres e Oliveira apresentam a historicidade da Escola Normal:

A história da Escola Normal está associada à necessidade da profissionalização dos docentes num período de institucionalização da instrução pública no mundo moderno, que se constituía sob o signo das famílias mais abastadas economicamente. Dessa forma, as escolas normais como locus especializado em formar professores para o ensino primário, ao longo da sua história, são marcadas por uma conjuntura sociopolítica, ultrapassando questões de cunho meramente pedagógico (2019, p. 5).

Muitas instituições privadas, principalmente as católicas, foram responsáveis pela formação de professoras, o que trouxe como consequência a transmissão e a influência religiosa de forma mais marcante nesses espaços educacionais. Além disso, a feminização do magistério primário com as congregações deixava explícito uma educação de “conduta ética, religiosa, de treinamento para o lar, que [podiam] ser observados, em seu ensino ministrado às alunas, os valores da função natural da mulher: ser mãe-professora (Torres; Oliveira, 2019, p. 6). O Curso Normal desenvolvido no Colégio Senhor do Bonfim, em Icó, no Ceará, por exemplo, no período de 1938 até 1955, que era oferecido pelas escolas católicas, não se descuidou de preparar essas futuras professoras para função voltada para o lar e a para vida espiritual, pois era comum a prática dos retiros espirituais para as estudantes. Segundo Torres e Oliveira:

As fontes documentais registram o cenário do desenvolvimento do Curso Normal e revelam a ênfase na ideia de preparar as moças para o magistério, sem se descuidar de prepará-las para serem esposas e donas de casa, estando presentes no currículo os ensinamentos de disciplinas como Música, Língua Estrangeira, bem como práticas domésticas presentes nas aulas de Bordado, Costura e Culinária (Torres; Oliveira, 2019, p. 8).

As autoras concluem que a formação das professoras icoenses estava inserida em modelo de educação feminina atrelada a uma moral tanto na escola feminina como no ato do exercício do

magistério. Ser professora seria o único caminho que permitia uma oportunidade de ocupação fora do lar:

Desse modo, a educação feminina trazia o arcabouço da educação cristã e as escolas Católicas, ao atuarem na condução da proposta pedagógica, trabalhavam os conteúdos instituídos, ao mesmo tempo em que não se descuidavam da preparação para o casamento. O modelo formativo praticado no Colégio Senhor do Bonfim pelas Filhas de Santa Tereza de Jesus estava imbuído desse espírito de educação feminina, com forte apelo ao modelo mariano, aos rituais católicos, a uma conduta moral de professora e preparação para o lar (Torres; Oliveira, 2019, p. 10).

Ferreira e Magalhães (2013) apontam que a Escola Normal tinha o objetivo de ensinar a professora primária a ensinar, reproduzindo e praticando modelos constituídos da identidade feminina com foco na ideia de mãe-educadora, no qual era a única possibilidade aceita socialmente de inclusão da mulher no mercado de trabalho. Além disso, soma-se os componentes subjetivos que tornava a profissão docente bem-vista para essas mulheres, ao acrescentar prazer, satisfação, amor, sonho, afeto pelos alunos e realização pessoal e profissional que a docência designava.

De acordo com os autores, essa formação docente manteve vínculos fortes com suas origens religiosas, pois estava associada tanto à instrução quanto à moral cultivada pela sociedade. Ferreira e Magalhães (2013) abordam que as Escolas Normais tornaram-se importantes instâncias na divulgação do saber, das normas e técnicas necessárias à formação das professoras, elaborando uma cultura pedagógica para a formação docente feminina:

A proposição da Escola Normal como agência formadora estava inserida no modelo educacional caracterizado por uma moral católica de formação de educadoras, cabendo as Irmãs a tarefa de conduzir as jovens na sua formação (Ferreira; Magalhães, 2013, p. 286).

A Congregação das Filhas de Santa Teresa tinha uma proposta de formação de magistério para a mulher, desenvolvendo ações educativas com a criação de colégios católicos em diferentes localidades da sua sede no Crato-CE. Segundo os autores:

Este é fato revelador de que a proposta de formação das Filhas de Santa Tereza estava inserida numa proposta de magistério para a mulher. Há de se considerar a noção de que o contexto histórico, político e social da sociedade brasileira onde essas instituições estavam inseridas e que, consequentemente, desencadeou mudanças no campo educacional, provocou mudanças no pensamento feminino, bem como no imaginário criado sobre a mulher dentro da sociedade brasileira. Ante as mudanças, então, se procurou por meio da educação, uma identidade nacional. Dessa forma, buscava-se uma identidade feminina em meio ao predomínio e à supremacia masculinos (Ferreira; Magalhães, 2013, p. 287).

A Congregação mantenedora do CNSA tinha o objetivo de ajudar as jovens na área educacional. Com isso, houve abertura de Colégios, Orfanatos, Pensionato, Casas de Caridade, Centro Pastoral, Comunidade e Residência Religiosa, Centro Educacional, Abrigo e Centro de

Treinamento em diferentes localidades, como consta na Revista da Congregação das Filhas de Santa Teresa de Jesus (2003). Esse propósito da Congregação se expandiu para os estados vizinhos ao Ceará e chegou a Sousa pela atuação do Padre João Cartaxo. Segundo depoimento da ex-aluna Lene:

uma das propostas iniciais de educar as jovens é porque os homens das famílias que tinham um pouco de condição, iam estudar em Recife, em Fortaleza, mas as mulheres que viviam no interior, elas não tinham acesso à educação. Então uma das propostas da Congregação era educar no interior do Nordeste. É tanto que nós temos escolas em Piauí, Paraíba [...] e Ceará. E com esse propósito de oportunizar as mulheres a educação, coisa que só era até então, eu acredito que até os anos 70, os anos 60, só para os homens, né? E era uma forma de oportunizar as mulheres (Lene, 2023)

O que percebemos com cada depoimento transcrito e analisado são as lembranças sobre o magistério vivido por cada uma dessas mulheres. Elas afirmam e deixam evidentes que possuíam prestígio social, respeito como educadoras e como pessoas. A profissão detinha um caráter social elevado, com isso, as depoentes consideram a formação do Curso Normal como de um nível muito bom, pois oportunizou melhoria educacional para as moças que adquiriam essa formação.

Segundo o depoimento da ex-aluna Lene (2023), a busca pelo Curso Pedagógico era devido ao status social que a profissão docente, naquela época, causava na vida em sociedade. As mulheres docentes tinham um status marcado por uma respeitabilidade e confiança com os demais na vida social, assim como era uma porta de entrada acessível ao mercado de trabalho que essas mulheres tanto almejavam.

As outras depoentes que contribuíram para nossa pesquisa apresentam visão similar, ao identificar que o status social de serem professoras formadas nesse educandário era bem aceito na sociedade sousense, adquirindo respeito e perspectiva de inclusão no mercado de trabalho. Por isso, o número de jovens estudantes do Curso Normal no CNSA era bastante numeroso nos seus primórdios, pois era a possibilidade real de terem uma profissão para além da função de esposa e mãe.

Mesmo com a formação pedagógica voltada para sala de aula, não houve descuido com relação ao preparo para o lar e para vida espiritual, pois os ensinamentos para essas funções eram diluídos em sala de aula, bem como em atividades religiosas e conversas corriqueiras com as irmãs.

De forma semelhante, os colégios de orientação Católica apresentavam a disciplina, o recolhimento e o recato como elementos fundamentais. Assim, aspectos como pontualidade, silêncio e respeito às regras eram considerados pontos importantes para melhorar a disciplina. Essas características eram predominantes em relatórios oficiais e são presentes, também, nos depoimentos das ex-alunas.

Consideramos que havia aceitação social e pessoal de todos que estavam inseridos naquele espaço educacional. A partir da entrada no colégio, os pais e as estudantes eram conhecedores dos princípios e da filosofia da instituição, no qual essas exigências não eram interpretadas como incorretas, mas sim de uma lógica ideal para concretização do objetivo educacional desenvolvido

pelas instituições. Como discutem as autoras analisando outra instituição católica:

Vale a pena salientar a ideia de que, mesmo diante das exigências de obediência, silêncio, horários rígidos, uso do uniforme, vigilância, penitência, não se registra descontentamento com a escola nem com a formação recebida. Os eventos culturais, as solenidades religiosas, os rituais cotidianos e as formaturas sinalizam a aceitação ao modelo de formação praticado (Ferreira; Magalhães, 2013, p. 290).

De acordo com as trajetórias de vidas expostas nas entrevistas, identificamos que essas professoras pertenciam a classe média, pois partilhavam de acesso aos bens materiais e culturais que a cidade de Sousa possuía, na época analisada:

A Igreja reinava todo poderosa entre a maioria católica e tinha espaço garantido na vida social. Por isso, ir à missa, batizar os filhos, fazer a primeira comunhão eram rituais valorizados e o casamento religioso imbuía-se de um significado simbólico muito maior do que o civil ao incorporar os valores tradicionais da sociedade. [...] Nesse universo a classe média estabeleceu seus laços e seus limites, escolhendo escolas para os filhos que veiculavam a mesma educação, as mesmas expectativas de realização, compondo um quadro social onde as mulheres eram avaliadas pela beleza física, religiosidade, valores morais e prendas domésticas (Almeida, 2006, p. 83).

A formação para o magistério encarregava-se do ensino para as crianças dos anos iniciais. Os depoimentos apresentam uma ênfase nesse período de estudo do Curso Normal desenvolvido no CNSA, além de falas acerca de suas vidas familiares, casamento, maternidade, e a vida social e profissional.

As mulheres que iam estudar no CNSA apresentavam o sonho de concluir seus estudos e adquirir o diploma. As Escolas Normais possibilitavam certa independência e liberdade, pois o sonho de obter um trabalho digno e com boa remuneração era a sua grande realização:

Assim, aspiravam por uma profissão que não exigisse romper barreiras sociais comprometendo o casamento e a maternidade ou causando conflitos familiares. Bastava que o trabalho fosse honesto, digno e que lhes permitisse cuidar do lar e do marido e filhos, e ainda proporcionar um certo conforto pelo salário recebido. Essas mulheres procuravam uma identidade no contexto do simbólico e da cidade, buscavam o prestígio social e principalmente cumpriam um dever sagrado, ao mesmo tempo que alardeavam uma vocação que, por sua vez, justificava o desejo de seguir uma carreira que era comparada a um sacerdócio (Almeida, 2006, p. 84).

Almeida (2006) aponta que a educação religiosa e o culto ao arquétipo da Virgem da religião Católica encarregavam-se de reforçar normas sociais e preconceitos morais. Os dogmas da Igreja encontravam reforço numa sociedade que era marcada pelo tradicionalismo. A escola era entendida como a continuação do lar, mantendo a ordem, a submissão, o bom comportamento, o respeito aos mais velhos e à autoridade como preceitos que deveriam ser seguidos rigorosamente.

Para Almeida (2006), os mecanismos de controle ideológico e a distribuição desigual do poder tornavam a mulher submissa ao modelo organizacional escolar e isso as levava a acatar o

papel subalterno dentro de uma instituição que havia se tornado seu espaço profissional. Aceitavam ser vigiadas, observadas e ter sua conduta atrelada às normatizações sociais e escolares:

As professoras que formavam-se pelas escolas normais possuíam uma maneira de enfrentar a vida profissional e seus problemas que derivavam mais de uma maneira de ser e da educação recebida no lar, do que um preparo que pudesse ser conseguido somente com o curso. Nesse período, o sistema escolar ainda engatinhava em busca de padrões de excelência que pudessem colocar a educação escolarizada brasileira no nível dos países mais progressistas, adotando a perspectiva do escolanovismo e do ideal norte-americano. A escola pública que surgiu de um projeto político e ideológico alicerçado nas práticas sociais de então, tinha na Escola Normal a instituição veiculadora dos modernos métodos de ensino e das mais avançadas concepções pedagógicas (Almeida, 2006, p. 92 e 93).

Porém, a autora aponta que mesmo com um poder invisível em sala de aula, essas alunas desenvolviam ações e atitudes autônomas em relação à sua prática e que possuía componentes de prazer e realização pessoal. Isso foi percebido nos depoimentos quando as mulheres citaram que o cumprimento das ordens expressava um caráter honesto e de futuro como cidadãs.

As mulheres depoentes apresentaram uma grande vontade de estudar e de conseguir o diploma, pois isso significava mercado de trabalho e independência através da escolaridade. E isso ficou ainda mais evidente por elas continuarem seus estudos, adentrando ao Ensino Superior e estando a frente da educação por um período considerável exercendo a docência, como discutiremos no próximo capítulo.

Para essas mulheres, o magistério significou a concretização de um desejo ousado que elas tiveram a coragem e persistência de alcançar. Em suas falas encontramos discursos afetivos e de gratidão em relação à profissão que exerceram. As palavras proferidas de sonho, amor, dedicação, respeito e gratidão mostraram um sentimento de orgulho e prazer pelo que elas conseguiram realizar. Almeida (2006) aponta que esse tipo de representações simbólicas elaborado sobre o passado profissional mostra a consciência de que realizaram algo e que desempenharam um papel social no espaço público que consideram muito relevante.

A formação educacional e religiosa recebida no Colégio é tida pela ex-aluna Antônioa como se fosse uma irmandade religiosa que lutava pela sociedade, pois relembra os valores que o colégio transmitia em sua educação. Ela aponta que aspectos voltados ao caráter do ser humano como honestidade, valores cristãos e a vontade de se unir em fraternidade com as pessoas eram sentimentos bem difundidos e trabalhados pela gestão escolar.

O Curso Pedagógico abriu portas para dezenas de mulheres que almejavam uma profissão que fosse considerada boa, acessível e que permitisse um bom status social. A formação educacional no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora ampliou o horizonte de perspectivas dessas mulheres. Muitas delas tiveram uma realidade difícil, com inúmeras barreiras, mas ao trilhar esse caminho, conseguiram vencer cada etapa e colheram bons frutos.

Portanto, no próximo capítulo iremos conhecer de forma mais aprofundada as trajetórias de

vida das alunas colaboradoras. Organizamos suas falas em categorias que dialogam com o que foi discutido até aqui. Assim, apresentaremos as perspectivas educacionais, os momentos vivenciados por essas mulheres em seus anos de estudos e análise das categorias de poder disciplinar, formação educacional e religiosa, construção do ser mulher e práticas de burlas.

CAPÍTULO 4: Memórias e trajetórias de vida: a construção do ser mulher nas educandas

Neste capítulo, trataremos de forma mais específica sobre as histórias de vidas de senhoras que foram ex-alunas do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, partindo de uma construção dialogada em que nos deparamos com mulheres instruídas e que apresentam um domínio de conhecimento sobre o nosso objeto de estudo. Para isso, as suas falas foram analisadas com um olhar crítico, observando os ditos e os não ditos, bem como fazendo comparações e diferenciações com as principais categorias até aqui abordadas.

O uso das memórias afetivas das depoentes foram investigados devido a importância que creditamos a esses relatos, pois cada recordação dessas mulheres contribuíram para discussão analítica da formação educacional no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora. Marieta de Moraes Ferreira (2002) explica que os historiadores apresentaram um maior interesse pelo estudo e análise da memória inspirado pela historiografia francesa, tendo como base a história das mentalidades coletivas, que emergiu na década de 1960.

Segundo a historiadora, os estudos eram marcados pelas seguintes temáticas históricas: cultura popular, a vida familiar, os hábitos locais, a religiosidade, entre outras.

A valorização de uma história das representações, do imaginário social e da compreensão dos usos políticos do passado pelo presente promoveu uma reavaliação das relações entre história e memória e permitiu aos historiadores repensar as relações entre passado e presente e definir para a história do tempo presente o estudo dos usos do passado (Ferreira, 2002, p. 321).

A autora analisa que as relações entre memória e história possibilitou uma abertura para a aceitação do valor dos testemunhos diretos, pois reconhece a análise da subjetividade de uma nova maneira, em que anteriormente tinha-se uma visão sobre a subjetividade como sendo desqualificada. Assim, as memórias tornaram-se uma fonte adicional para a pesquisa histórica.

A história do tempo presente foi importante para que os testemunhos vivos fossem analisados como aspecto complementar ao trabalho do historiador. A linha historiográfica que explora as relações entre memória e história rompeu com a visão determinista que era notada na historiografia do século XX. Colocou-se então em evidência a construção dos atores de sua própria identidade e reconheceu que as relações entre passado e presente são notórias (Ferreira, 2002).

Então, as entrevistas orais tornaram-se possibilidades de espelhar determinadas representações a partir das memórias. As causas para essa valorização das memórias tem sido pela aceleração do tempo e pela preocupação com a perda de sentido do passado e com o aumento da capacidade de esquecimento. Segundo Ferreira (2002), esses fatores têm levado as sociedades contemporâneas a demonstrar interesse em recuperar a memória e a história.

Porém, a autora chama a atenção para o cuidado com essas memórias e o fazer operacional historiográfico, pois o historiador deve analisar essas memórias com um rigor crítico e reflexivo das

subjetividades e mentalidades que estão ali expressas. As memórias que são coletadas pela metodologia da história oral devem ser compreendidas no seu primeiro momento com a metodologia aplicada pelo pesquisador, para que em seguida ocorra a análise minuciosa, com um olhar investigativo do historiador.

As memórias relatadas pelas depoentes não são tidas como algo que foi resgatado pelo pesquisador, mas como pontos de vistas baseados em interpretações pessoais e através das experiências de vida dessas mulheres. Assim, alguns elementos são percebidos como um consenso para elas e outros aspectos divergem, não tendo o intuito de classificar como certo, equivocado ou inexistente daquela realidade, mas como possibilidades e aplicações de que essas experiências marcaram a vida de cada uma delas.

Ainda que objeto de poucos estudos metodológicos mais consistentes, a história oral, não como uma disciplina, mas como um método de pesquisa que produz uma fonte especial, tem-se revelado um instrumento importante no sentido de possibilitar uma melhor compreensão da construção das estratégias de ação e das representações de grupos ou indivíduos nas diferentes sociedades (Ferreira, 2002, p. 330).

Alessandro Portelli (2001) complementa essa discussão ao apresentar que a entrevista tem uma importância por realçar a autoridade e a autoconsciência do narrador e pode levantar questões sobre aspectos da experiência do relator a respeito do que ele não falou ou pensou de forma séria. Segundo o autor, a história oral se inicia na oralidade do narrador, mas é encaminhada e concluída em direção ao texto escrito do historiador.

Os narradores orais estão cientes dessa destinação escrita e têm isso em mente na medida em que dão forma às suas performances; por outro lado, a tarefa do historiador “oral” é escrever de tal modo que os leitores constantemente relembrem as origens orais do texto que estão lendo (Portelli, 2001, p. 13).

Ele define que a história oral se classifica como gênero de discurso no qual a palavra oral e a escrita se desenvolvem conjuntamente, de forma a cada uma falar para a outra sobre o passado. Esse gênero de discurso que o autor expõe é compreendido como contar História.

Outra característica da história oral é que ela concerne as pessoas como protagonistas da esfera pública, no qual os narradores tornam-se sujeitos históricos atuantes ao expor suas histórias e os historiadores à medida que publica essas falas proporcionam um protagonismo a eles que antes não acontecia. É esse protagonismo que iremos evidenciar a partir dos depoimentos coletados com a colaboração de cinco mulheres, que apesar de a princípio não entenderem a importância de suas falas, foram determinantes para construção de um novo capítulo e compreensão da história da educação sousense.

Este capítulo aborda os depoimentos fazendo uma análise minuciosa de cada entrevista que nos foi concedida. Aproveitamos ainda a entrevista realizada com a ex-diretora Madre Aurélia,

realizada durante a elaboração de nosso Trabalho de Conclusão de Curso na graduação (Estrela, 2019). O cruzamento dessas entrevistas foi importante, pois encontramos vários aspectos que eram coincidentes e alguns pontos divergentes sobre os momentos vividos e as evidências dos aspectos culturais, educacionais e sociais abordados por cada uma.

Conforme apresentado na introdução e ao longo dos capítulos, para protegermos nossas depoentes, mencionamos os codinomes fictícios que foram pensados a partir das características dessas mulheres para que estejam seguras da nossa confidencialidade. Os nomes pensados foram os seguintes: Deci, Neusinha, Antônia, Lene e Karla. Esses nomes foram adotados para nossas depoentes colaboradoras para destacar aspectos pessoais e característicos dessas senhoras que contribuíram para nossa pesquisa.

Iremos apresentar a trajetória de vida de cada depoente a partir de uma ordem cronológica baseada nos períodos de estudos das depoentes. Nesse momento, as falas protagonizam as histórias de vida delas, permitindo a compreensão do percurso vivido e a explicação da construção dos laços entre o colégio e as depoentes.

4.1. A trajetória de vida das alunas: perspectivas, realizações, construções e desconstruções

A história dessas mulheres tem seus aspectos particulares e que se aproximam diante de um cenário onde a educação para mulheres era bastante importante para o seguimento de suas vidas. As marcas de dificuldades que as alunas expõem mostram o caráter de resistência e força de cada uma para alcançar seus objetivos.

Cada depoimento apresentado realizou-se através de roteiro previamente definido pela pesquisadora, no qual especifica os seguintes aspectos da história de vida dessas mulheres: a localização de cada uma, sua condição social e econômica, a trajetória para o colégio e a carreira profissional. A cada exposição de suas realidades percebemos aspectos próximos, como por exemplo, os depoimentos conjuntos entre as ex-alunas Neusinha e Deci que eram vizinhas e amigas, e posteriormente a entrevista com a filha da depoente Neusinha, chamada Karla. Outros pontos importantes são as falas da ex-diretora Madre Aurélia que demonstram o caráter de autoridade de alguém que dirigia o educandário e as diferenças entre as alunas que estudaram nos anos de 1980, como por exemplo as alunas Lene e Karla, para aquelas que vivenciaram a realidade nos períodos da década de 1970, como as alunas Neusinha, Deci e Antônia.

Nosso intuito foi compreender quais foram as influências e as transformações que esta instituição educacional desempenhou nas trajetórias de vida dessas mulheres e como elas se construíram enquanto mulheres e docentes a partir das práticas educativas vivenciadas.

4.1.1 Neusinha (1973 e 1974): vida estável e uma carreira consolidada

A trajetória de vida de Neusinha apresenta-se diante de um cenário de vida estável. Ela inicialmente estudou o período do ginásio no Colégio Comercial, em Sousa e depois foi morar em Aparecida, cidade vizinha. Era filha de agricultor, porém seu pai era proprietário de uma pequena propriedade e pagava as mensalidades do colégio que estudava. Ela explica que era considerada uma pessoa rica por seu pai ser agricultor e comerciante e desde nova se dedicou ao ensino docente.

Quando chegou ao “Colégio das Freiras”, já era professora na cidade de Sousa, ensinando na Escola Normal São José e trabalhava como costureira. A depoente explica que fez o Curso Pedagógico no CNSA conciliando com o trabalho em dois empregos, com os quais pagava a mensalidade do colégio, mas morava em Aparecida e precisava se deslocar diariamente para Sousa.

A entrevistada entrou no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora em 1973, quando apresentava uma situação financeira mais confortável. Ela nos conta que a ex-diretora Madre Aurélia foi sua professora de Psicologia Infantil e recorda com bastante carinho da sua professora de Português, a Irmã Iraídes, sendo vista como um exemplo de mulher e de professora, marcando sua vida com seus ensinamentos e metodologias.

Ela estudou no Colégio em um momento onde aconteceu a reforma do prédio do CNSA, recordando que ficou por um período sem sala de aula e as alunas do Pedagógico tiveram aulas de Português debaixo de uma goiabeira. Sua turma apresentava um número alto de estudantes, sendo um total de sessenta mulheres, no qual muitas delas eram residentes das redondezas de Sousa.

O transporte para chegar em Sousa era a maior dificuldade nesse período, pois com a ex-aluna relata que ela e mais cinco alunas estudavam na instituição e para chegar até esse destino, elas pediam carona. Mesmo com essas dificuldades de locomoção, foi perceptível no depoimento a força de vontade de querer estar presente nesse curso e nas aulas, apresentando pela depoente muito interesse e dedicação nos estudos. Com isso, ela explica que nesse tempo de estudo a tornou uma pessoa melhor e uma profissional dedicada, diante de tudo que lhe era repassado através de suas professoras no colégio analisado.

4.1.2 Deci (1978 e 1979): trajetória de vida marcada por dificuldades e resistência

A depoente Deci conta que sua família era residente de um sítio conhecido como São José, localizado na cidade de São José da Lagoa Tapada, próximo à sede da cidade de Sousa. Sua história de vida foi marcada por dificuldades financeiras, já que seu pai era agricultor e analfabeto, e não entendia a importância que a educação causaria na vida de sua filha. Porém, Deci compreendia que sua vida mudaria completamente ao agir em busca de estudar na cidade de Sousa.

A ex-aluna aponta que devido suas condições financeiras serem difíceis, o caminho para ser professora era entendido como interessante, enxergando o Ensino Pedagógico como um caminho ideal para conseguir um trabalho, podendo também fazer concurso para o cargo de professora. A mesma relata que a entrada no CNSA foi intermediada pela ação e incentivo da ex-diretora Madre

Aurélia que a chamou para fazer o segundo ano do Pedagógico no colégio, no ano de 1978 e concluiu o terceiro ano Pedagógico em 1979. Deci e a Madre Aurélia se conheceram no Colégio Estadual, pois a Madre era professora do Colégio Estadual onde ela estudava e a Madre diretora do Colégio Auxiliadora, conseguiu convencer Deci para realizar seus estudos do Pedagógico na instituição CNSA.

Após concluir o Pedagógico, a depoente conseguiu passar no vestibular e fez o curso de História na Universidade Federal de Campina Grande, campus Cajazeiras-PB. Diante dessa trajetória, a depoente expressa o quanto foi gratificante para ela conseguir viver esse sonho que tinha, mostrando gratidão por tudo que alcançou através de muita luta e resistência.

Fiz História em Cajazeiras e eu lá ficava agradecendo a Deus naquela noite de lua clara, ficava lá agradecendo. A pessoa vem pra Sousa, sonhando... em desfilas no dia 7 de setembro e eu hoje passava pelo primeiro vestibular e tá aqui no segundo andar de uma universidade, coisa que nunca passou pela minha cabeça (Deci, 2023).

A depoente Deci expõe que quando foi estudar no CNSA trabalhava em uma loja como balconista e ganhava bem, no qual realizava seus estudos no período da noite no Curso Pedagógico e que sua turma era lotada de mulheres, sendo mais de cinquenta alunas em sua turma.

No entanto, antes de adentrar ao educandário religioso, Deci vivenciou situações delicadas enquanto estudante de um outro colégio. A depoente abordou sobre os seus estudos no Colégio Comercial da cidade de Sousa, colégio este que era particular e que foi onde realizou seus estudos no Ensino Ginásial. Depois estudou no Colégio Estadual, ambos de Sousa.

A depoente recorda que trabalhava na loja como balconista nos sábados e na segunda-feira. Ao final do mês, o proprietário lhe pagava uma certa quantia que ajudava no pagamento da mensalidade do Colégio Comercial e posteriormente ajudaria nos custos estudando no CNSA.

Ela explica que o diretor desse Colégio Comercial realizava fiscalizações em dia de prova, tendo ações mais rígidas com aquelas alunas que estavam com a mensalidade atrasada, colocando para fora de sala de aula as que não efetuaram o pagamento e deixando até sem realizar a prova, optando por concluir em outro momento a avaliação. A depoente entendia que isso era normal e que aconteceu com ela várias vezes, pois o diretor “vivia” dessas mensalidades.

A situação relatada por Deci sobre as mensalidades atrasadas foi vivenciada também por Neusinha, porém como o diretor era próximo ao pai de Neusinha, nos dias que não tinha o pagamento da mensalidade na data certa, o gestor a chamava para fora e dava o dinheiro para que ela pagasse e em outro momento, o seu pai quitaria o pagamento da mensalidade. Esse tipo de situação comparando com as experiências das alunas Deci e Neusinha mostra que esse diretor realizava diferenciação entre as discentes, pois não utilizou de critérios justos na cobrança das mensalidades. Com isso, percebe-se que a época era marcada por desigualdades sociais e econômicas entre as estudantes.

4.1.3 Antônia (1978 e 1979): marcas de dores, dificuldades e resiliência

A trajetória de vida da depoente Antônia foi marcada por dificuldades de locomoção e condições financeiras. Ela terminou o Ensino Primário na sua cidade natal chamada de Nazarezinho, vizinha a Sousa. No período, não havia o Ginásio em sua cidade e foi necessário se deslocar para Sousa. No período em que estudava, havia o Curso Pedagógico no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora e na Escola Normal da cidade sousense e ambos eram de caráter particular.

Em seguida, Antônia nos conta da apreensão que seus pais tinham sobre os seus estudos, pois não sabiam se teriam condições de arcar com a despesa do pagamento do colégio, considerado caro, bem como os materiais que eram necessários e a questão do transporte que era bastante difícil de conseguir.

Ela relata que para se deslocar de Nazarezinho até Sousa era necessário ter condições financeiras para fretar uma caminhonete ou poderia ficar na casa de algum parente morando lá para chegar até o Colégio. Ela conta as dificuldades de forma bem detalhada, em que o ônibus disponibilizado pelo prefeito de Nazarezinho estava condicionado para questões políticas diante da população da cidade e foi considerado uma grande conquista para os moradores devido vivenciarem uma realidade onde pouquíssimas pessoas tinham posse de um veículo para transporte, somente aqueles mais abastados.

É perceptível pelo depoimento e o contexto as dificuldades do período quando os transportes eram possuídos por aqueles que tinham condições financeiras e que as tramas e articulações políticas eram realizadas nesses pequenos atos de “bondades e ajudas” para conseguir votos nas eleições municipais de Sousa e região.

Antônia recorda que apenas ela e mais uma colega vinham de Nazarezinho estudar no Curso Pedagógico do Colégio Auxiliadora, demonstrando que essas dificuldades de locomoção apontadas podem ser justificadas pelo número tão pequeno de jovens da cidade de Nazarezinho estudando na cidade sousense.

Porém, a depoente nos detalha que houve uma paralisação do transporte devido a causas políticas e para continuar estudando teve a ajuda de um casal que abriu as portas para recebê-la em sua moradia, morando com eles por um período até concluir seus estudos no Curso Pedagógico. Ela e uma amiga ficaram nessa residência, mas esta amiga desistiu por não conseguir se adaptar a viver em uma casa de pessoas que não eram seus familiares e conseqüentemente, desistiu do curso e voltou a cidade de Nazarezinho.

Logo em seguida, Antônia explica que estudou o Pedagógico morando com esse casal em Sousa. Ela realizava algumas tarefas de cuidar da filha deles, já que a menina era muito apegada e ia para o colégio em um ônibus que circulava no centro da cidade de Sousa. Ela não abordou se praticava algum serviço doméstico nessa residência, mas foi perceptível a gratidão a esses senhores

por terem permitido que ela ficasse em sua casa e concluísse seus estudos no período da manhã no referido educandário.

Essa questão do transporte e suas dificuldades eram constantes devido a rigidez no cumprimento com os horários. Por isso, a aluna apresenta os detalhes para chegar no colégio:

porque o Auxiliadora sempre foi muito rígido. Não admitia que você chegasse na escola fora do horário. Com a gente ainda abriam uma exceção ainda de dez minutos, porque sabiam que a gente ‘tava’ vindo de outra cidade, mas se morasse em Sousa, ensinavam: “olhe, fulano, fulano, fulano, de Nazarezinho por exemplo, eles vão ter uma espera, vai até 10 minutos, mas quem mora em Sousa, tem que chegar rigorosamente em ordem”, era assim. (Antônia, 2023).

É unânime nos depoimentos a ênfase nessa questão do horário como sendo bastante requerido no educandário. Todas as depoentes citam esse aspecto e compreendem como algo positivo, pois a partir do entendimento do cumprimento de um horário demonstra-se compromisso e responsabilidade, sendo uma visão defendida e aplicada pela instituição escolar. Então, era necessário desde cedo inculcar nas estudantes esse senso de rigidez para colocarem em prática ao longo de sua vida, sendo algo característico do disciplinamento feminino na instituição.

A conquista de estudar no colégio era muito significativa para Antônia, por ser uma realização diante de todas as dificuldades que ela relatou, pois ela mesma acreditava que seria impossível conseguir o que tanto sonhava:

pra mim, era uma realização tão grande, que, não tem aquela coisa que você acha impossível que você tá conseguindo? Pronto, era esse o sentimento. Eu digo: “Meu Jesus, será que é verdade?” Tem hora que eu digo: “Eu não acredito que tô fazendo o Pedagógico não”. Era aquela alegria tão grande, tão grande, que era uma coisa, que você tem muito sonho (Antônia, 2023).

Para entrada no CNSA, a entrevistada explica que realizou um Teste de Aptidão que consistia numa análise para saber se realmente tinha algum traço de vocação para ser professora:

você fazia uma avaliação, como se fosse, por exemplo, um teste, chamava-se teste de aptidão, pra saber se você realmente tinha vocação para ser professora. Aí nesse teste perguntava, primeiro, a origem de quem é você, pra ver qual é sua condição, eu acho. Então [pergunta] se sua mãe não é professora, na sua família não tem professor. Quando alguém já diz: “minha mãe é professora”, já dizia: “Ah, então é hereditário”. Meu caso não, é porque é de mim, a profissão que eu escolhi pra minha vida, eu acho bonito e eu sempre quis ser professora (Antônia, 2023).

Nesse teste realizava-se questionamentos acerca da origem da aluna, sondagens sobre suas condições, o histórico familiar, se havia alguém da família que era docente, entre outros questionamentos dessa natureza. No caso específico da depoente Antônia, houve uma escolha pessoal da aluna, que considerava uma profissão bonita, que desde cedo ensinava reforço aos seus colegas que tinham dificuldades e que ela apresentava facilidade no domínio de algumas disciplinas escolares, tais como Língua Portuguesa, Redação e Gramática: “Graças a Deus, modéstia parte, eu

sempre tive facilidade em Português, em Redação, entendimento dos textos, interpretação, sempre tive facilidade” (Antônia, 2023).

Antônia recorda que no educandário realizava-se o estágio, pois havia uma Escola Experimental destinada à prática das alunas que estavam se preparando no Pedagógico e nesse espaço se encontravam as crianças bolsistas para estudarem no CNSA.

Para ela, os valores e ensinamentos da filosofia do colégio eram identificados em várias ações realizadas pelas religiosas e que atualmente essas características foram perdidas com as mudanças que foram sendo implantadas:

Hoje o Auxiliadora virou uma empresa, mas na época, você sentia aquela vontade. É como se fosse assim uma irmandade, lutando pela sociedade. Você sentia assim, aqueles valores todos, de ser bom, de ser honesto, de ser católico, de se irmanar, você sentia... todo mundo tratava muito bem (Antônia, 2023).

O Colégio proporcionava um status diferenciado para aqueles que ali estavam inseridas. No imaginário sousense apresentava-se a ideia de que as estudantes tinham uma “visão de futuro”, demonstrando que eram pessoas estudiosas, dedicadas e que por isso, recebiam todo o cuidado e atenção das religiosas que comandavam o CNSA.

Antônia aborda que as alunas que praticavam alguma atitude errada eram disciplinadas, onde os seus pais ou responsáveis eram chamados para conversar e explicar o que estava acontecendo e resolver a situação. Ela afirma que existia um cuidado com as alunas em busca de que elas crescessem tanto como pessoas e como profissionais. Nesse sentido, a percepção da depoente sobre esse cuidado era interpretada como positiva e como algo necessário para correção e amadurecimento.

Os anos de estudos de Antônia foram entre 1978 e 1979, período marcado por situações familiares que deixaram profundas marcas em sua vida. A ex-aluna nos conta do seu relacionamento com seu marido, desde o momento que eles se conheceram até a causa de sua morte em um acidente. Nesse período, o seu marido incentivava bastante os seus estudos, pois quando se conheceram, ela estava estudando no Curso Pedagógico e ele em nenhum momento a impediu de concluir seus estudos, devido compreender “que era seu sonho, porque seu pai disse [a ele] quando [foi] pedir em casamento” (Antônia, 2023).

Ela nos conta que sua família se preocupou com esse relacionamento por eles terem uma diferença de idade considerável e pela pressa no casamento. Contudo, o seu marido aceitou a sua realidade e era uma pessoa que incentivou na concretização de seu sonho. Com a morte do seu esposo, ela ficou desorientada, sem perspectiva de vida, mas já tinha um filho e o curso concluído. Porém, não conseguia continuar na atuação docente em sala de aula. Durante o luto, ela teve o apoio e o incentivo da ex-diretora Madre Aurélia que a visitava, conversava, orientava e aconselhava nesses momentos difíceis e apresentou a proposta de atuar no projeto Mobral na cidade de Sousa. Com isso, ela voltou a ensinar e seguiu a sua vida, mesmo sofrendo com a falta do seu esposo. Ela entendia que precisava cuidar de seu filho e colocar em prática a realização de seu sonho.

4.1.4 Lene (1983 e 1984): longevidade e uma vida dedicada a instrução no CNSA

A trajetória de vida de Lene no colégio iniciou nos anos 1980, mais precisamente nos anos de 1983 e 1984. Ela concluiu o Ensino Fundamental e tinha como exemplo em sua família, a atuação de sua mãe que era professora e credita a esse fator a sua tendência a seguir o magistério. Assim, foi matriculada no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora para estudar no Ensino Pedagógico. Ao finalizar o terceiro ano manteve-se como professora do próprio colégio e seguiu sua carreira docente até o ano de 2022 dentro da referida instituição:

E foi isso, eu acho que pela influência da minha mãe, que já era professora, educadora, eu tinha uma admiração muito grande. E aí... consegui uma bolsa de estudo, na verdade. Foi através de uma bolsa de estudo que eu fui matriculada lá. E de onde comecei, como estudante, e segui como professora (Lene, 2023).

Lene conta que sua família é da cidade de Santa Cruz, localizada próxima a sede de Sousa. Ela morava em Campina Grande onde realizou o primeiro ano do Ensino Médio e veio residir na cidade de Sousa justamente para cursar o Pedagógico. Semelhantemente às demais depoentes, Lene não era sousense natural, mas a fama do colégio atraía muitas jovens para realização dos seus estudos no caminho do magistério.

Ela concluiu seus estudos e quando completou a maioridade, tornou-se professora do colégio e logo em seguida, fez o curso de Licenciatura em Geografia, na Universidade Federal da Paraíba, que depois mudou para Universidade Federal de Campina Grande, em Cajazeiras-PB, onde passou a lecionar em paralelo ao Colégio Nossa Senhora Auxiliadora.

Lene tem em sua carreira na docência o período de 40 anos em que se dedicou muito com seu trabalho e esforço para o CNSA, sendo desligada no ano de 2022, de uma forma que não foi compreendida por ela:

Depois de terminar o Terceiro ano Pedagógico, me mantive como professora na própria escola onde eu lecionei até o ano de 2022. Ou seja, agora estou... estaria completando agora... na verdade, 40 anos de magistério, de sala de aula no Colégio Auxiliadora, mas também sou professora da rede pública Municipal aqui de Sousa. [...] Ainda leciono normalmente. Não lá no Colégio Auxiliadora, lá eu... eu... eu saí agora recentemente, mas, é... depois de 40 anos de atividades como professora (Lene, 2023).

A ex-aluna compreendia que a educação de filosofia religiosa no CNSA era tida como ‘perfeita’, pois, sua formação cristã católica vinha de sua família, sobretudo sua mãe, entendendo que era uma continuidade e um enriquecimento na sua aprendizagem como cristã e seguidora do Catolicismo, afirmando ser um complemento que deu muito certo para sua formação.

A função docente era entendida nesse período como relacionada a vocação. Ela por ter a sua mãe como educadora, e por ter em mente a perspectiva de mercado, do trabalho remunerado e rápido, apresentava essa direção para educação. Lene explica que o Curso Pedagógico oportunizava o

trabalho em sala de aula e também em alguma repartição pública, sendo tão visado pelas jovens.

A qualificação que o curso ofertava era vista como possibilidade de propiciar trabalho garantido e por isso atraía as estudantes, mesmo aquelas que não tinham condições financeiras como as que recebiam bolsas de estudos. Lene nos conta que havia uma fundação da senhora Miriam Benevides Gadelha que facilitava bolsas para as alunas. Essa fundação pagava para o colégio as mensalidades das bolsistas e aquelas que tinham condições financeiras recebiam ajuda e auxílio dos seus próprios familiares.

Como o colégio era privado, existia a atuação de madrinhas e padrinhos que ajudavam seus familiares no pagamento da mensalidade. Existia essa parceria da fundação da senhora Miriam Gadelha que ofertava bolsas de estudos, sendo Lene uma bolsista beneficiada, mesmo sem necessitar tanto dos recursos financeiros:

E a fundação já existia pra isso também, recebia, é... doações, e essas doações serviam pra alunos, né? Geralmente de baixa renda. A minha mãe já era professora, já era funcionária pública, não era nem questão de pobreza por si. No meu caso eu acho que foi mais assim um apadrinhamento mesmo, né? Dona Miriam era... era a madrinha da minha mãe e me deu a bolsa (Lene, 2023).

Percebe-se nesse relato o desenvolvimento dos apadrinhamentos no educandário, sobretudo de pessoas ligadas aos políticos da cidade de Sousa e também de familiares abastados que podiam arcar com os custos e despesas, ajudando as jovens que queriam seguir o caminho do magistério no CNSA.

Segundo Lene, sua turma não era extensa e comparando os relatos sobre as turmas do Pedagógico, identificamos que apresentaram um número reduzido de alunas se comparado com os anos de estudo de Neusinha e Deci, sendo justificado pela depoente devido a ampliação das oportunidades de trabalho para as mulheres em diferentes lugares sociais.

4.1.5 Karla (1983 a 1985): período de renovações e uma vida de recomeços

A senhora Karla estudou no CNSA em período posterior às depoentes anteriores. Ela iniciou seus estudos neste colégio desde a alfabetização até a conclusão do Curso Pedagógico. A escolha pelo educandário veio de sua mãe, que é a depoente Neusinha.

Com a escolha de sua mãe de colocá-la no colégio, Karla não relatou experiências vivenciadas fora dessa instituição, já que para ela, esse colégio analisado era tido como a melhor opção dentre as existentes na época. O interessante desse depoimento é que ele foi marcado pelo diálogo entre mãe e filha apresentando recordações que se diferenciavam diante das mudanças que foram sendo colocadas em práticas no colégio ao longo do tempo.

A entrevistada vivenciou um período de estudo do Ginásial com o ensino sendo misto, já permitindo a entrada de meninos na instituição, porém, poucas recordações foram explanadas por

ela. As suas maiores lembranças foram no período enquanto estudou o Pedagógico, com a datação nos anos de 1983 a 1985.

A mãe, que estudou no colégio e conhecia o modelo educacional desenvolvido, bem como a atuação das religiosas, considerava que era ideal para sua filha e depois para os demais filhos estudarem neste espaço:

A gente sempre estudou lá, todo mundo, e eu sempre fiquei até o final, né? [...] Lá quando terminava a oitava série na época, aí todo mundo saía, né, para ir fazer Científico na época. Na época era o Científico, mas aí eu fiquei, pra fazer o Pedagógico (Karla, 2023).

Com todo esse vínculo de mãe e filha no colégio, a geração de netos de Neusinha também estudou no CNSA, demonstrando que para essas mulheres o colégio representava uma formação educacional adequada.

A ex-aluna relembra que sua turma era a mesma desde o Infantil, tendo um forte vínculo diante do longo tempo de convivência e de amizade. Karla entendia que a educação efetivada no colégio não era diferente das outras escolas, pois ela não sentia nenhuma diferença no sistema educacional desenvolvido nas demais escolas da cidade. Mesmo sendo um espaço de formação religiosa, ela explica que não percebia diferenças, pois considerava tudo normalizado já que não estudou em outra escola e não conseguia expor se havia diferença.

Karla analisa que a concepção de escola religiosa no seu período de estudo era entendida apenas devido apresentar mulheres religiosas cuidando e administrando da instituição propriamente dita. Para ela, não havia diferença perceptível em sua mentalidade.

Porém, existia transformações percebidas no colégio ao longo do tempo, em que Neusinha, sua mãe, compreendeu que a didática e a organização do colégio continuava com as características religiosas, mas de uma forma diferente do que existia em seu tempo, pois os relatos de sua filha deixaram claro alguns pontos divergentes com relação aos períodos de estudo de mãe e filha, como por exemplo, fatores citados acerca das fiscalizações que eram mais flexíveis, a mudança para o ensino misto e as reformas na arquitetura do CNSA.

Com relação as permanências encontrava-se no Curso Pedagógico ainda a predominância de mulheres naquela turma, porém percebe-se um número menor com relação ao período de estudo das depoentes Deci e Neusinha que passava de cinquenta alunas. Karla cita que o número era em torno de vinte estudantes.

Ainda estudando no CNSA, Karla nos explica que cursando o segundo ano do Pedagógico acabou engravidando e depois que concluiu o curso, foi ensinar em escolas e ingressou no curso de Letras na Universidade Federal de Campina Grande, campus Cajazeiras. Na sua mentalidade, não existia a vontade de se dedicar em outra área de trabalho naquele período, pois gostava do ensino no Pedagógico e conseguiu passar no vestibular.

Ela explica que diante da conclusão do Curso Pedagógico seguiu na docência por um tempo, porém devido a mudança de cidade teve que se ausentar da sala de aula. Diante dessa mudança de localidade formou-se em Marketing de vendas, trabalhando até hoje no comércio. Quando voltou a Sousa depois de um tempo longe, tentou continuar em sala de aula, mas desistiu por entender que não era mais seu lugar.

4.1.6 Madre Aurélia (1965 a 2015): caminhada de devoção, dedicação e representatividade

A trajetória da ex-diretora Madre Aurélia no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora iniciou em 21 de abril de 1965, quando ela veio assumir a gestão do educandário e permaneceu até o ano de 2015. A sua juventude foi marcada por uma vida simples ao lado dos seus pais, no qual morava em um sítio na cidade de Aurora-CE. Seu pai tinha o desejo de que as filhas estudassem em um colégio de freiras e padres. Ela então foi matriculada no Colégio Santa Teresa, na cidade do Crato-CE.

Devido sua cidade não apresentar escola, ela dirigiu-se ao Colégio Santa Teresa para obter aprofundamento pedagógico, e conseqüentemente tornou-se professora (Estrela, 2019). Este colégio tem como mantenedora a Congregação das Filhas de Santa Teresa de Jesus, a mesma congregação que mantém o colégio analisado, como discutimos no capítulo anterior.

A Madre deixou sua família aos dezessete anos de idade para se dedicar à vida religiosa. Realizou a graduação em Pedagogia na capital Fortaleza e quando estava recém-formada foi indicada pela madre superiora da Congregação, Madre Palmilha, a assumir o cargo de diretora no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora da cidade de Sousa.

Sua formação acadêmica também consta de especialização em Psicologia da Educação⁵, Sociologia e Filosofia, o que indicava que estava apta a preparar a juventude feminina, pois quando iniciou seu trabalho no CNSA só havia a presença de meninas. A docência também era realizada por ela no educandário, no qual era professora titular do Curso Pedagógico e era algo que ela sempre quis e gostava de atuar em sala de aula.

Quando chegou em Sousa, o Colégio tinha uma configuração de poucas salas de aulas e um número de alunas abaixo do esperado. Ela foi responsável pelo movimento para reforma do educandário e pela ampliação do número de alunas nesse espaço educativo. Na percepção da Diretora, os pais escolhiam o colégio justamente por causa da designação religiosa, que aparentava um status de credibilidade e confiança.

⁵ Segundo relatos das nossas depoentes, a Madre Aurélia ministrava disciplinas pedagógicas voltada para compreensão do comportamento das crianças, no qual discutia com as estudantes aspectos voltados para o desenvolvimento cognitivo, a socialização e o afeto. Segundo pesquisadores, a Psicologia Infantil analisa o aspecto individual e o contexto ambiental que influência no comportamento da criança (UNIPAR, 2021).

As outras religiosas que estavam no educandário eram em sua maioria professoras e estavam encarregadas de ministrar as aulas no Curso Pedagógico. Essas irmãs que assumiam as turmas eram as responsáveis pelas salas de aulas e conseqüentemente pela formação educacional das jovens moças da cidade de Sousa e região. Nos relatos das ex-alunas encontramos a citação dos nomes de várias irmãs religiosas que assumiram diferentes disciplinas escolares.

A ex-diretora apresentava um discurso de que o respeito que ela praticava era o que garantia a permanência e a escolha dos pais em colocarem suas filhas nesse espaço. Para ela, essa orientação do respeito vinha da Igreja, no qual entendia que a “Igreja nunca foi do terror”. Segundo a Madre, a compreensão das instituições é muito necessário, pois:

as instituições são raízes onde a gente coloca a vida. [...] Tudo que está na escola está planejado e o plano tem objetivo, tem linhas, tem tudo, muito bem dirigido. E... então eu acho que a escola tem uma influência muito forte junto a juventude e as famílias (Estrela, 2019, p. 93).

A Madre Aurélia esteve a frente da gestão do CNSA por quase cinquenta anos, realizando e participando de várias transformações ocorridas ao longo do tempo no colégio e sendo um símbolo da educação e da imagem do espaço escolar na cidade de Sousa. Devido a isso, o colégio apresenta uma representatividade bastante embasada e difundida a partir da figura e da atuação da ex-gestora, recebendo o conhecido título de “Colégio das Freiras” graças a sua importante vinculação à instituição.

Portanto, a partir da explanação dessas trajetórias de vida compreendemos que o Curso Pedagógico abriu muitas portas para dezenas de mulheres que almejavam uma profissão que fosse considerada boa, acessível e de status social. A formação educacional no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora ampliou o horizonte de perspectivas dessas mulheres, muitas delas tiveram uma realidade difícil, com inúmeras barreiras, mas que ao trilhar esse novo caminho, conseguiram vencer cada etapa. Conforme apontado pelas depoentes, elas consideram que tornaram-se boas profissionais, mães de família dedicadas e mulheres de força e fé.

4.2 O permitido e os interditos: o regime disciplinar e o zelo pela “boa moral”

Diante dos depoimentos, tivemos relatos e memórias de aspectos voltados aos principais elementos de uma educação em configuração religiosa. Com isso, iremos discutir sobre os desdobramentos disciplinares aplicados e desenvolvidos no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, a compreensão da rigidez por suas alunas, as fugas e os namoros relacionados na parte exterior do educandário, o contexto político da Ditadura Militar sendo sentido na área educacional e os pensamentos da sociedade acerca do papel da mulher.

4.2.1 Os aspectos disciplinares

A contextualização dos aspectos disciplinares de instituições educacionais são analisadas na perspectiva do poder disciplinar desenvolvido pelo Michel Foucault (2014) que aborda como essa esfera de poder, que se torna muitas vezes invisível, tem o objetivo de transformar, moldar e modificar comportamentos, pensamentos e atitudes de pessoas inseridas nesses espaços. Para o filósofo, a função da disciplina está na fabricação de corpos submissos e exercitados, sendo chamados de corpos dóceis. Esta disciplina uma vez exercitada nos indivíduos aumenta as forças do corpo, no sentido de utilidade e obediência, fazendo uma relação de sujeição estrita.

Essa disciplina que ocorre em espaços escolares configura-se através de repetições diárias voltadas a aplicações de regras, normas e condutas que são consideradas para serem desenvolvidas no meio social. O que percebemos nos depoimentos são falas que comprovam mudanças e internalização de condutas almejadas pelos discursos da gestão para que essas jovens aprendessem e consequentemente obtivessem bons resultados em suas vidas e carreiras profissionais.

Essas internalizações não eram entendidas por todas as estudantes como benéficas, mas para as depoentes desta pesquisa, elas entendem que contribuíram para sua profissionalização. Assim, entende-se com essa percepção das estudantes que o poder disciplinar opera nas mentes a visão de que ao adquirir e reproduzir a disciplina estamos sendo condicionados a agir de forma sistemática para uma configuração da vida como positiva.

Porém, essa visão é justamente causada por esse disciplinamento que possibilitou os resultados almejados. Os depoimentos das estudantes proporcionaram esse entendimento de que elas internalizaram a filosofia educacional do colégio a ponto de reproduzir em suas vidas e propagar como algo benéfico. Karla explica que muitos apontavam o colégio como sendo a melhor opção na perspectiva da educação e que ela não tinha do que reclamar, pois sua mãe e a sociedade sousense tinham um discurso forte sobre o colégio.

As regras e normas aplicadas no educandário eram seguidas pelas estudantes, sendo entendidas como “as doutrinas do colégio”. As principais doutrinas ou regras apontadas pelas ex-alunas foram relacionadas a questão do horário, com o intuito de obter a pontualidade corriqueiramente, mas com tolerância para as alunas que residiam fora de Sousa. Outra regra era o fardamento que deveria ser cumprido cotidianamente e o respeito pelas atividades e as irmãs religiosas.

Em diálogo entre as recordações de Neusinha e Deci, o nome da irmã que atuava na disciplina do colégio foi identificado como sendo a pessoa que era o ‘motorzinho’ do colégio, chamada de Irmã Tavares, pois ela andava o tempo no espaço escolar e conseguia ter um grande apreço pelas alunas e depois pela nova geração que entrou, sendo apontado esse apreço por alguns filhos da depoente Neusinha:

Tavarinha era aquele amor. O motorzinho do colégio. Ela era [que] atuava na disciplina, né? O motorzinho, que andava o tempo todo. Os meninos eram loucos

por Irmã Tavarinha, meus filhos tudo louco por Tavarinha. Era a baixinha. Tavarinha fiscalizava tanto... (Neusinha, 2023).

A função da Irmã Tavares era fiscalizar e observar o que as alunas estavam fazendo nos espaços do colégio e na parte de fora da sala de aula. Ainda na visão das ex-alunas, a irmã Tavares não era rígida e exigente, mas era vista como uma pessoa boa e que apresentava uma relação afetuosa com os alunos, realizando brincadeiras e acolhimento.

Com relação ao rigor disciplinar, Neusinha aponta que não existia castigos físicos de repreensão para com as estudantes e os demais alunos. Ela explica que “não tinha de jeito nenhum, nunca, [pois] lá no Colégio das Freiras era um exemplo. Os professores tratavam bem os alunos e nós também como alunos tratavam bem, melhor ainda” (Neusinha, 2023).

A rigidez que se entendia existir no educandário era relacionada à disciplina como prioridade. E isso ocorria porque era aplicado o ensino somente para mulheres e pelo contexto da época. Lene cita que havia disciplina, mas que não achava que fosse rigoroso, pois ela e suas colegas saíam nos intervalos para a praça, brincavam e namoravam de forma normal.

Porém, Lene acredita que como seus anos de estudos foram no início dos anos 1980, anteriormente a rigidez era maior, sobretudo para as alunas internas. Sobre o internato, ela apresenta que as alunas internas passavam o dia no colégio, faziam suas refeições e tinham dormitórios dentro da instituição. Esse período de internato foi curto, apresentando que “nessa época era mais rígido, mas na minha época já era mais liberal” (Lene, 2023).

O internato foi desenvolvido para as alunas que residiam fora da cidade e precisavam ficar na cidade para concluir seus estudos. Os familiares confiavam suas jovens aos cuidados e olhares das irmãs religiosas. Nesse processo, as estudantes internas tinham suas experiências sendo mais fiscalizada do que as alunas externas. A ex-diretora Madre Aurélia aponta que as meninas só saíam para a rua acompanhadas de uma religiosa, as rotinas diárias eram de orações frequentes nos momentos livres e elas deveriam dormir nos horários estabelecidos (Estrela, 2019).

Para Lene, o CNSA apresentava uma responsabilidade maior devido ser uma escola religiosa, pois as questões voltadas para normas disciplinares, fardamento e resultados eram destaques apontados como principais para obtenção de uma educação de qualidade:

A escola religiosa, por si só, ela tem uma responsabilidade, eu diria, talvez, maior do que as outras, né? Então, essa questão disciplinar, essa questão de fardamento, essa questão de resultados, né? Nós sempre caminhamos, é... em busca de resultados. Nossos alunos sempre foram muito bem-sucedidos, né? (Lene, 2023).

Essa busca de resultados apontados pela depoente é uma interpretação diante do seu longo período atuando como docente da instituição. Os gestores e educadores do CNSA apresentam uma exigência de foco, com cobranças fortes na obtenção de resultados e que estão presentes desde o início da fundação da instituição e difundidos até os dias atuais. Essas exigências são típicas das instituições disciplinares que almejam cumprir com os objetivos de uma função social estabelecida

e difundir os seus ideais educacionais.

Para alcançar as metas propostas de bons resultados, os pilares do colégio eram abordados em conjunto e aplicados no cotidiano escolar, tais como Ciência, Fé e Cidadania, que segundo Lene eram bastante preservados e colocados em práticas na formação pedagógica e nos demais ensinamentos existentes no colégio.

No entanto, o depoimento de Karla que é do período semelhante ao da aluna Lene, compreende que a educação apresentava um tradicionalismo devido ser baseada no Ensino Religioso, mas que ela não enxergava nada de diferente ou rigidez com relação a outras escolas da cidade:

Tinha a matéria, que era dada por elas, pelas irmãs. A gente sempre aprendia as orações tradicionais católicas: Pai Nosso, Ave Maria, essas orações assim, a gente sempre rezava antes, né, de começar a aula. Mas não tinha nada de dizer, essa escola é diferente... era igual as outras, sempre igual as outras, não tinha nada de diferente não, pelo menos na minha época não tinha não (Karla, 2023).

Lene dialoga com a interpretação de Karla ao explicar que as normas e regras quanto ao horário e ao fardamento eram comuns ao seu período de estudo. As práticas e atitudes de burlas e resistências quanto ao cumprimento dessas regras eram realizadas cotidianamente, sendo exemplificado pelas atitudes das meninas de dobrarem a saia para que ficasse curta. Quando chegava na entrada da escola, as jovens baixavam a saia para que não percebessem, mas depois elas encurtavam: “Que às vezes a menina entrava na escola e crescia, né? E a saia ia diminuindo. Aí eu lembro que a Madre mandava ajeitar a saia que estava muito curta, aquela saia não servia” (Lene, 2023).

Ela frisa que, em seu tempo, o Colégio Nossa Senhora Auxiliadora era mais liberal do que os anos anteriores. Com isso, as formas de castigo que existiam era que a Madre mandava as meninas rezarem e fazer a confissão, sendo isso entendido como uma forma tranquila no contexto de punição: “A gente entendia como um momento de parar, né? De parar e refletir. Quem foi? Quem é que tá errado?” (Lene, 2023).

Lene lembra que havia um altar de devoção para Nossa Senhora Auxiliadora onde as meninas iam fazer suas orações. Anteriormente, no período que existia o internato, havia uma capela que era para as alunas fazerem suas orações, sobretudo aquelas alunas que recebiam punição da Madre.

Essas formas de castigos interpretados pelas alunas como simples e sem rigorosidade são analisados na perspectiva foucaultiana como a realização e a internalização do disciplinamento dos corpos e das mentes através das chamadas micropenalidades. As correções por mais simples que sejam entendidas pelas alunas eram configurações pensadas, articuladas e aplicadas para uma finalidade específica e delimitada pela instituição disciplinadora.

O nome e a credibilidade da instituição eram os principais elementos que preocupavam a gestão escolar, então os erros, as burlas, as fugas e os descumprimento das normas deveriam ser imediatamente corrigidas e solucionadas. Os meios de correções eram aqueles que estavam

condizentes com a filosofia religiosa do colégio, como o exemplo citado da capela para realização das orações e reflexões para mudança e internalização da disciplina.

As fugas, as desobediências, as indisciplinas e outras atitudes eram repassadas aos pais para que estivessem avisados de tudo que acontecia com suas filhas. Antônia que vivenciou os anos de estudos na década de 1970, entendia que essa exigência e controle eram necessários como busca para o desenvolvimento de uma profissional capacitada e bem desenvolvida:

Mandava dizer pra mãe, chamar o pai pra conversar que é pra dizer que perdeu essa aula. Não pode. É aquele cuidado mesmo que, sabe como é, que permanece naquela escola, era aquela coisa assim de cuidar de você e querer que você realmente crescesse como profissional. Era esse medo que a gente sentia assim. Uma amizade, de igualdade, que você aprendesse a ser um grande profissional, o estímulo todo dia era esse (Antônia, 2023).

Percebe-se que a aluna cita de forma intencional o medo que as alunas sentiam. Medo esse que causava em muitas alunas o silenciamento diante das situações que caracterizavam como opressivas para elas. O disciplinamento do corpo feminino provoca essa reação de amedrontamento e as estudantes também sentiam o rigor nas suas próprias famílias. A sociedade da época, a esfera familiar e o desenvolvimento disciplinar na instituição eram articulados de forma compactada para que atingissem os objetivos educativos e sociais do período.

Diante das análises, na perspectiva de Foucault, enfatiza-se que os corpos das pessoas também se tornaram sujeitos a uma tecnologia. Roy Porter (1992) destaca em sua abordagem sobre a história do corpo que uma educação que se concentra exclusivamente em atingir habilidades como a leitura e a escrita, deixará escapar uma das principais funções da escola que é incutir a obediência física ou a educação como um processo para domesticar as crianças. O que conseguimos compreender com os depoimentos é esse processo do colégio enquanto espaço educacional com suas características confessionais e a aplicação entranhadas da docilidade nos corpos das alunas.

Para Karla, as punições existentes no seu período de estudo entre os anos de 1984 e 1985, eram avisar aos pais ou responsáveis e a fiscalização diária quanto ao uso do fardamento completo: “Elas ficavam mais assim, olhando fardamento, olhando se tava completo essas coisas. Elas exigiam o fardamento completo, tinha gente que queria ir de chinelo, aí elas não deixavam não, tinha que ser a fardinha completinha” (Karla, 2023).

O fardamento a incomodava e ela tinha um comportamento de menina “meio danada”, em que realizava o encurtamento da saia, juntamente com suas colegas de turma e ela nos conta que as religiosas “sempre brigavam” por causa desse tipo de atitude.

O fardamento é ponto importante para compreensão da disciplina escolar do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora. A composição era feita de saia vermelha bordô e blusa branca, sendo uma vestimenta tradicional da época. As ex-alunas explicam que era o período do uso das minissaias, e com isso, muitas alunas encurtavam suas saias e sofriam reclamações por parte da gestão e da irmã

que ficava responsável pela disciplina.

No entanto, para as alunas da década de 1970 a interpretação é mais positiva. O fardamento, para ex-aluna Deci era visto como muito “elegante, e tinha o maior prazer de usar minha farda, era linda”. Esse fardamento as deixavam se sentindo muito bem e felizes. Segundo a ex-aluna:

O que a gente aprendeu é que o meu valor é do tamanho que eu der; se eu não me valorizo, não é o povo de fora que vai me valorizar não. O valor da pessoa, do ser humano em si, tanto faz o homem como a mulher, serve para ambos os sexos, o valor tem que ser seu. Se você não se valoriza, você vai ser um eterno debochado, na sala de aula, lá na praia, numa repartição, num evento, onde quer que você esteja. Se você é uma pessoa que não se dá respeito, você não pode quebrar o respeito de ninguém, o seu valor é do tamanho que você der. Ou você se valoriza, ou você é um lixo. E a mulher principalmente (Deci, 2023).

Na compreensão de Deci, o cuidado com as roupas que se usa está relacionado com o valor moral da pessoa individualmente. E que isso tem mudado com a nova geração que não tem apresentado um critério para uso de suas vestimentas.

Devido as problemáticas que o fardamento causava no ambiente interno do colégio, houve a necessidade de modificá-lo. As transformações foram sentidas na configuração da composição da vestimenta para as alunas com o uso de calça, sendo retirada as saias que despertavam muitas atitudes de indisciplina e permaneceu na cor vermelha bordô e com blusa branca. Isso foi modificado nos anos 2000, pois em nossas pesquisas até o final da década de oitenta e anos noventa, a vestimenta era citada como igualitária entre as alunas com a configuração saia e blusa.

4.2.2 As fugas e namoros no CNSA

A sociedade sousense tinha um imaginário construído acerca da atuação das mulheres que estavam sendo formadas no CNSA, onde essas mulheres eram dotadas de características qualificadas, consideradas como exemplo a ser seguido. Lene expõe que a educação vivenciada formava mulheres para que apresentassem virtudes, pois era esperado terem um bom comportamento por estarem inseridas em uma escola religiosa. O comportamento da mulher na sociedade também era analisado e orientado pela ex-gestora.

Diante disso, as intervenções realizadas pela Madre Aurélia tinham o objetivo de ‘moldar’ suas alunas para o comportamento adequado que se exigia diante de um ensino educacional religioso. As alunas “assanhadas” eram punidas com suspensão, com telefonemas para os pais responsáveis, pois os pais entendiam que o colégio apresentava segurança para suas filhas e era dever da direção repassar aos responsáveis o que estava acontecendo. Como recorda uma delas:

Era normal que uma escola religiosa você precisava ter um bom comportamento, né? Mas eu lembro também de colegas que eram mais, vou usar um termo da época, que a gente dizia era mais assanhada. Aí a madre chamava, né? A madre chamava. Eu não, eu lembro assim, eu lembro que eu tinha um comportamento tranquilo,

mais moderado mesmo. Mas eu lembro que tinha aquelas mais... mais, é... que gostavam de fugir mesmo, de não voltar do intervalo pra ficar na praça (Lene, 2023).

Existiam aquelas alunas com o comportamento tido como “assanhado” que necessitavam de uma atenção maior da gestora Madre Aurélia. Os comportamentos inadequados apresentava-se em atitudes realizadas pelas alunas através das fugas, onde havia resistências de não aceitação para volta do intervalo, pois o objetivo era ficarem na praça com seus namorados e a Madre tinha que intervir:

As meninas elas só saíam a rua acompanhada de uma religiosa, as internas, as que vinham de fora elas não tinham onde morar, então os pais pagavam a residência delas e a gente tinha cuidado como se nós fossemos as mães delas. Então havia um certo rigor. [...] Mas nunca aconteceu uma expulsão, é aquela coisa de as vezes querer ir pra rua e não podia, e elas ficavam teimando (Estrela, 2019, p. 87).

O cuidado da ex-gestora e o rigor desenvolvido deveria ser aplicado para que não fosse divulgado a público o conhecimento na sociedade sobre as indisciplinas existentes na instituição, pois a população compreendia que o colégio era exemplar e esse tipo de atitude não cabia em um colégio religioso. Percebe-se então que a direção evitava deixar as internas sozinhas e realizavam as fiscalizações também com as estudantes externas, mas existia um poder disciplinar maior para as alunas internas.

Lene explica que não se lembra de alguém ter saído da escola porque não tinha um bom comportamento. Mas entende que “elas [as irmãs] procuravam assim, moldar, né, aqueles comportamentos”. Porém, havia diferenças identificadas no período que Lene estudou, pois a fiscalização já não era tão rigorosa e o internato havia acabado:

Era uma suspensão normal, chamava os pais. É, chamar o pai é a primeira coisa, né? Essa assanhada que eu digo assim é porque tinham aquelas mais danadas mesmo, né? Como eu te disse, não voltava depois do recreio porque tinha ficado com o namorado, assim, assim. Mas, era normal, a gente já vivia uma época mais liberal, né? Se bem que os pais sempre achavam que estando na escola estaria seguro, né? Por isso que as irmãs e a escola religiosa [apresentava] aquela coisa toda (Lene, 2023).

Imagem 9 – Vista aérea da Praça da Matriz em Sousa-PB, no ano 1950



Fonte: Página do Facebook de Samy Play Fotografia. Acesso em: julho de 2023.

Na imagem acima percebemos o espaço de diversão das estudantes e o lugar onde as jovens ficavam no momento do intervalo. A Praça da Matriz está localizada em frente ao colégio e em frente a Igreja Matriz de Nossa Senhora dos Remédios. No centro da praça, havia esse chafariz que chamava a atenção da população e bancos com árvores ao redor que eram os espaços usados para conversas e namoros entre os estudantes. Percebe-se que nessa praça a pavimentação da época era de terra e que as casas ao redor da praça eram de moradores mais abastados que residiam no centro da cidade.

A ex-aluna Deci recorda que nos anos finais da década de 1970, nos intervalos das aulas noturnas, as alunas podiam passear pela praça e elas tinham seus namorados que se encontravam por lá. Realizavam-se as paqueras, os encontros, as fugidinhas rápidas, mas que no momento de regressar ao colégio, as estudantes voltavam para continuar suas aulas.

As alunas Neusinha e Deci estudaram em um período de tempo semelhante a Deci e relembram seus momentos de juventude com os diálogos francos e abertos sobre suas vidas pessoais. Elas apontam que seus namoros eram marcados por muito respeito e que era caracterizado por beijos simples, alguns abraços, passeios de mãos dadas e isso tudo sendo feito de frente para as pessoas:

Ainda ontem eu postei no face: “Nós vivemos os anos dourados”. Como era bom, era muito bom, na nossa época era muito bom e nós vivemos mesmo. Nós dos anos 70, 80 vivemos a juventude e aproveitamos tudo de bom que uma juventude pode aproveitar” (Deci, 2023).

É importante destacar que muitas alunas do Curso Pedagógico apresentavam uma idade mais avançada, como por exemplo, a aluna Neusinha que já era professora e costureira e tinha uma mentalidade mais aberta sobre os relacionamentos. Segundo essa estudante tinha um amadurecimento diferente de muitas jovens que ali estavam no educandário, pois ela entendia a

importância dos seus estudos, enquanto que outras fugiam para se relacionar, deixando os estudos para outro momento por opção pessoal delas.

Com relação aos namoros, Lene que estudou na década de 1980, explica que dentro do colégio não existia, pois o Curso Pedagógico era realizado apenas pelas mulheres e não tinha como acontecer contato entre as jovens e os rapazes dentro da instituição, mas ela entende que não havia como evitar, pois “nas entrelinhas” os relacionamentos começam nas escolas e ao seu entorno. Como eram jovens moças, os intervalos eram momentos de diversão.

Porque a gente entende que a escola não deve ser, né [lugar de namoro]? Mas não evita, tudo começa lá, no fim de tudo começa lá. Nas entrelinhas começa lá, porque a gente tem de casais hoje, famílias que começaram a namorar na escola é impressionante (Lene, 2023).

Lene entendia que o colégio não era fechado por apresentar esses intervalos, onde aconteciam momentos de lazer. Nesses momentos, as mulheres formavam laços de amizade e uma boa convivência juntas, no qual muitas colegas tornaram-se colegas de trabalho posteriormente. Esse vínculo construído entre as colegas era compreendido e apontado pelas estudantes devido a espiritualidade que o colégio confessional apresenta, além do respeito e do profissionalismo que era bastante apontado e difundido na época desenvolvido pela própria instituição:

Só mulheres, na verdade eram só mulheres e a gente convivia muito bem e formava laços de amizade também muito forte. Inclusive colegas de trabalho, colegas da época. E teve até outra referência que eu posso destacar é que muitas daquelas colegas, depois foram colegas minhas no colégio mais recente, [e outras] foram alunas minha lá no Pedagógico. A professora Vanderlúcia, por exemplo, ela foi minha aluna lá no Pedagógico. E depois foi colega de trabalho. Então, assim, a escola, a gente tinha um vínculo muito forte, né? Muito forte. Um vínculo, tanto pela própria espiritualidade da escola como escola religiosa, confessional, né? Como também pelo respeito. A gente como profissional sempre elas acolhiam, essa capacidade que a gente tinha de sala de aula, da docência, né? De ser professor, de ser educador, né? De ser mestre (Lene, 2023).

Karla, que estudou no mesmo ano de Lene, aborda que na hora do recreio, abriam-se o portão para irem para praça e era nesse momento que ocorria as situações de namoros escondido e de fugas:

Eu comecei a namorar assim, muito nova, muito cedo e.... na hora do recreio eles abriam o portão e a gente sempre se encontrava lá na praça, né, com esse que é meu marido hoje. Comecei a namorar com ele com treze anos (Karla, 2023).

Karla explica que seus pais consideravam “o fim do mundo” o seu relacionamento com uma idade vista como prematura e a sociedade enxergava com maus olhos, apresentando um medo para família de ser “mal falada”. Ela explica que a gestão do colégio no seu período de estudo, em fins da década de 80, não apresentava tanto rigor, pois as religiosas não fiscalizavam as situações fora do espaço escolar.

Portanto, identificamos que as alunas dos períodos da década de 60 a 70 vivenciaram dentro da instituição períodos de intensa fiscalização e rigorosidade. Mas percebemos a partir dos relatos

analisados que no final dos anos 1980, o Colégio Nossa Senhora Auxiliadora já estava vivenciando um período entendido como mais progressista, encaminhando-se para o final do Curso do Pedagógico, quando as religiosas não estavam realizando tanta fiscalização e rigor no cumprimento das normas.

4.2.3 O contexto político na educação

O contexto de estudo das alunas foi inserido no período de efervescência política marcada pela Ditadura Militar no Brasil. A educação brasileira sofreu consequências diante desse cenário de entraves políticos, sociais e econômicos e que esteve presente na educação vivenciada pelas estudantes. Na explicitação dos anos de estudos de nossas depoentes que estão entre 1973 a 1985, percebe-se mudanças que foram sendo colocadas em prática paulatinamente, à medida que ocorriam as transformações no contexto nacional. Assim, devido às experiências dessas mulheres serem vivenciadas em uma fase de incompreensão do que estava acontecendo, as depoentes apontavam que havia pouca repressão e/ou rebeldia.

No entanto, para as estudantes, esse período não era compreendido como sendo de repressão e de silenciamento, mas como um período marcado pelo respeito e pelo cumprimento das regras e normas sociais. As alunas entendiam que era normalizado todos os elementos doutrinários que existiam no espaço escolar, desde a configuração das regras, das ministrações de conteúdos até a forma de comportamento ideal para a vida das mulheres estavam condicionados em suas percepções como normalizado.

Um fator que era evidenciado nesse contexto da Ditadura Militar era a questão da segurança pública, em que as depoentes Deci e Neusinha em sua época de estudo em fins da década de setenta, entendia que era relacionado a influência que o governo Militar direcionava nas esferas públicas e sociais do país. Os baixos índices de criminalidade existentes na cidade de Sousa, nesse período, era entendido como consequência do sistema político vigente. Assim credita-se a esse cenário político o respeito que os estudantes tinham para com os seus professores, pois era algo muito aplicado nas escolas e que foi sendo mudado ao longo dos anos.

Para essas professoras e estudantes do CNSA, a educação sofreu mudanças que modificou a relação entre professor e aluno, sendo atualmente identificada a falta de respeito e de consideração pelos alunos, pois existia nos anos de 1960 a 1980 a marca de forte presença de respeito às autoridades escolares.

O momento político que a jovem Lene iniciou seus estudos era o final da Ditadura Militar, onde o contexto era da vivência no processo de abertura política, em destaque para o governo de João Baptista Figueiredo. Ela recorda que a educação naquele período era de mudança e o meio pelo qual a situação do país iria melhorar, voltando-se para o caminho da normalidade e da democracia:

Eu acho, eu posso até dizer que talvez tenha sido esse o encantamento pela educação. Se acreditava naquela época que a educação seria a grande mudança que o mundo precisava, né? Que deveria acompanhar a sociedade, né? Com a pujança da redemocratização. Então foi muito feliz, né? Acho que deu certo também por isso, né? Era o fim, você fez uma referência aí, é um momento bem especial, porque a gente teve a oportunidade de viver isso, né? Sair da Ditadura (Lene, 2023).

Entendemos a partir dos depoimentos que o colégio já estava aberto aos novos impulsos e ares de uma sociedade em transição para o período democrático. Com o fim se aproximando do Regime Militar no Brasil, a educação brasileira passou por mudanças que foram mais precisamente determinadas com a Constituição Federal de 1988.

Lene explica que quando estudava nos anos 1970, em uma outra escola, era bastante comum a ênfase no patriotismo, com a execução do Hino Nacional diariamente, a identificação da pátria como a ‘mãe’ e que os alunos deveriam seguir as regras do civismo, sendo isso características do que era difundido pelo Governo Federal nos anos de chumbo.

Na área educacional, o contexto desse período histórico foi sentido no colégio através dos conteúdos ministrados na disciplina de Educação Moral e Cívica que eram apresentados e discutidos para aspectos da moralidade e do civismo em sociedade. Com isso, as estudantes apontam que a Madre Aurélia orientava suas alunas quanto a esses elementos.

A própria gestora explica que a disciplina era obrigatória, no qual havia um livro específico para realizar as discussões propostas por essa disciplina curricular. A Madre Aurélia aponta que existia um professor para explicar os conteúdos que estavam voltados a falar sobre os direitos e deveres do cidadão e seguir aquela ‘cartilha’. Porém, podia acontecer momentos de fugas dessas discussões, sendo aplicadas discussões mais amplas, mas sem chamar atenção para que não houvesse comentários:

Você não tem que falar que está tudo bom no Brasil. Você tem que falar o direito e o dever, né? Aí tinha que ir pela cartilha, a não ser que você quisesse dá uma fugidinha. Você ia na frente, mas sem chamar atenção, para evitar que haja comentários. [...] Não vou dizer que nós fomos 100% obediente, mas acho que ainda fomos 80% obedientes.

A religiosa explica que essa obediência estava relacionada ao fato de ser um educandário responsável por menores. Então, havia uma preocupação para que não acontecesse situações atípicas, “mas não houve nenhuma tentativa de prisão” (Estrela, 2019, p. 91).

Segundo Kaé Stoll Colvero Lemos (2011), as crianças deveriam ser, por meio da Educação Moral e Cívica, preparadas para evitar a investida subversiva e para atingir a juventude com a integridade total da sua conduta. A disciplina tida como obrigatoriedade era necessária por entender que o revigoramento da questão política do país conseguiria através dessa disciplina reconduzir a juventude brasileira aos caminhos do civismo e do patriotismo. Além disso, poderia propiciar, às gerações vindouras, um escudo protetor contra as investidas do comunismo internacional.

Imagem 10 – Lembrança escolar⁶ de Karla com aspectos do civismo, em 1985



Fonte: Arquivo pessoal das depoentes Neusinha e Karla. Acesso em: 7 de janeiro, 2023.

Podemos observar na imagem acima que no segundo ano do 1º grau da ex-aluna Karla, identificamos a tradicional foto com a bandeira nacional exposta e sobre a mesa encontra-se livros e o globo terrestre como representações do patriotismo e civismo na educação brasileira. Nos dizeres da lembrança escolar apresenta-se o lema “O Brasil merece o nosso amor” como reforço da pátria enquanto simbolismo de gratidão e reconhecimento e os estudantes sendo vistos como esperança do desenvolvimento do país.

É interessante observar que a professora de Karla foi a nossa depoente Lene, sendo comprovado que logo após a conclusão do Curso Pedagógico, ela conseguiu firmar-se no educandário como sendo profissional docente da instituição. Percebe-se que as irmãs religiosas abriram espaço para suas próprias alunas lecionarem no colégio.

Neusinha, mãe da depoente Karla, formou-se em História e atuava em sala de aula com a aplicação da disciplina de Educação Moral e Cívica. Ela relata que seus alunos recebiam do governo um material que “era uma orientação que formava o aluno para o bom caminho” (Neusinha, 2023).

Nesse sentido, a ênfase nessa disciplina e na escola era no entendimento de que seria o meio capaz de difundir e inculcar os valores necessários à formação do espírito nacional, preservando os laços familiares, a fé cristã, o respeito às leis e à ordem instituída (Lemos, 2011).

Portanto, a disciplina de Educação Moral e Cívica e o contexto da Ditadura Militar estão relacionados a nossa discussão sobre o disciplinamento dos corpos femininos em um colégio

⁶ Segundo Joel Paviotti (2020), a historicidade desse tipo de recordação escolar popularizou-se no governo de Getúlio Vargas no período do Estado Novo (1937 a 1945), cujo objetivo era mostrar o civismo, valorizar o nacionalismo e a ampliação da escola pública. Essas recordações eram destinadas a serem guardadas pelos estudantes como incentivo a formação cidadã e a valorização do sistema escolar.

confessional religioso. Todas as falas evidenciam características disciplinares marcadas na formação educacional desenvolvida dentro dessa instituição analisada.

4.3 O papel da mulher na sociedade: a atuação das religiosas para construção feminina

A educação desenvolvida no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora passou por transformações de acordo com os momentos políticos e sociais existentes no recorte temporal que estamos analisando. Essas mudanças foram percebidas através dos depoimentos, a medida que os anos de estudos dessas mulheres apresentou-se com acréscimos na sua formação educacional nos aspectos normativos e comportamentais que foram se enquadrando e se moldando para que o melhor desenvolvimento educacional fosse sendo colocado em prática na vida das alunas.

O Educandário estava com perspectivas que foram sendo desenvolvidas se observarmos a sua configuração inicial, com mudanças estruturais e físicas, diferenças nas abordagens, aplicações e regras que foram sendo implantadas, mas que também foram percebidas algumas suspensões e exclusões. Essas são marcas de um período em que a educação em escolas confessionais fora abordada por uma configuração nova através do Concílio do Vaticano II, que possibilitou um estilo, uma filosofia e normas mais dialogadas com a realidade e com os movimentos de transformação social que ocorria no contexto.

O Concílio Vaticano II foi convocado pelo Papa João XXIII, na década de 1960, em um contexto de renovação da Igreja em alguns aspectos, como por exemplo a liturgia, a eclesiologia, a relação da Igreja com a sociedade civil e mudanças na visão católica sobre o papel e importância da mulher dentro e fora da Igreja. Essas mudanças afetaram diretamente na atuação e no comportamento das freiras em todo o país, o que veio de encontro com as transformações que o Colégio Nossa Senhora Auxiliadora passava, pois a sua gestão envolveu-se com mudanças difundidas seja nos discursos, nas vestimentas, nos aspectos pedagógicos e regimentais (Brito; Aras, 2017).

As irmãs religiosas nos anos iniciais de funcionamento do educandário, entre 1958 a 1960, atuavam com vestimentas tradicionais de freiras por um determinado período, conforme nos relatou a Madre Aurélia. Porém, quando ocorreu o desenvolvimento e o vigor do Concílio do Vaticano II, realizou-se uma mudança na postura das religiosas, adquirindo uma maior garantia para com suas liberdades individuais e sociais. Os trajes tradicionais chamados de hábitos foram abandonados e as religiosas usavam roupas seculares, mas que estavam dentro da postura e do caráter de mulheres de fé e que deveriam mostrar seu respeito com sua função, sendo assim necessário o uso de saias longas.

Nesse contexto da década de 1960 ocorreram profundas transformações que resultaram da convocação do Concílio Vaticano II, no qual a vida dos sacerdotes e religiosos foi transformada, podendo optar por usar ou não a batina e o hábito, as missas deixaram de ser celebradas em latim, entre outras mudanças. Da mesma forma, as religiosas foram afetadas, passando a usar roupas comuns, obtendo uma vida mais simples e próxima do povo.

Leandro Neri Brito e Lina Maria de Aras (2017) discutem sobre a posição de ser freira antes e depois do Concílio Ecumênico Vaticano II, entendendo que a vida consagrada de mulheres a esse caminho religioso foi marcada por emancipação e libertação para muitas mulheres, não sendo apenas relegado o papel de mulheres submissas e alienadas.

As religiosas deveriam seguir princípios de valores que eram tradicionais para sua atuação, tais como obediência aos seus superiores, humildade, negação do corpo e da sexualidade, esquecimento de si mesmo para servir integralmente à Igreja, castidade, pobreza e submissão. Segundo os pesquisadores,

A vida religiosa tradicional teve longa duração porque a sua legitimidade era sustentada por elementos simbólicos apropriados ao modelo de Igreja da época, uma Igreja conservadora, moralista, antimoderna e antiliberal, que servia às classes dominantes, sobretudo às oligarquias brasileiras, e determinava para as mulheres um lugar de subserviência de acordo com os interesses do patriarcado (Brito; Aras, 2017, p. 4).

Assim, verificou-se a contribuição das mulheres na vida religiosa como marcante, sendo presente em diferentes períodos históricos, mas que foram silenciadas pela História, sobretudo a História da Igreja devido ao seu caráter machista com o forte patriarcalismo.

Brito e Aras (2017) explicitam as características da vida religiosa tradicional, no qual a mulher professava os votos religiosos buscando fugir do mundo, sendo este considerado um lugar de imperfeição, caos, degeneração e pecado. Na visão da Igreja, as mulheres religiosas precisavam de proteção e vigilância para que pudessem progredir na vida de perfeição e na luta contra as tentações:

Os principais valores cultivados na vida religiosa tradicional eram: obediência total aos superiores; a humildade, confundida muitas vezes com humilhação, para se alcançar a perfeição; a negação do corpo e da sexualidade; e o esquecimento de si para melhor servir à Igreja sem nada contestar ou questionar (Brito; Aras, 2017, p. 2).

As transformações políticas e sociais da década de 1960 foram cruciais para a renovação e as mudanças aplicadas nos espaços sociais onde as religiosas estavam inseridas. Nas escolas, asilos e orfanatos que as religiosas da Congregação das Filhas de Santa Teresa Jesus participavam, as mudanças foram praticadas paulatinamente. Com isso, verifica-se uma atuação mais humanizadora na instituição do CNSA, a partir da entrada da Madre Aurélia como gestora, pois é enfatizado nos depoimentos das ex-alunas, o seu papel de destaque a frente do educandário, desempenhando uma função para além do que era permitido antes do Concílio Vaticano II.

Segundo a Madre Aurélia, o respeito à dignidade humana foi um ponto bastante discutido nesse contexto de transformação, com maior liberdade dos religiosos:

O Concílio Vaticano II trouxe uma abertura muito grande para liberdade da Igreja, dos religiosos. A gente ia para todos os encontros em Recife, Belo Horizonte, Rio

de Janeiro, os encontros da Igreja, para gente compreender qual o pensamento da Igreja para atividades. Participava de tudo e a gente ia ficando com aquela visão de respeito a pessoa (Estrela, 2019, p. 93).

Brito e Aras (2017) destacam que as congregações e as ordens femininas redirecionaram suas estruturas, sua organização interna, suas ações e suas opções pastorais diante da renovação proposta pelo Concílio citado, no qual se explica que as congregações femininas foram as pioneiras a reestruturar-se. As mudanças vistas foram relacionadas aos votos religiosos, o hábito religioso, a fundação de novos institutos e um novo olhar de dedicação para essas mulheres.

Houve descentralização do poder, em que numa congregação ou ordem religiosa estava subordinado aos superiores, sendo mudado por uma atuação com a participação de todos os membros na tomada de decisão; houve preocupação com a realização pessoal de cada freira e a Psicologia adentrou o ambiente da vida religiosa, contribuindo para o estabelecimento de relações comunitárias (Brito; Aras, 2019). Isto foi percebido na atuação da Madre Aurélia que desenvolveu projetos comunitários nos bairros carentes da cidade de Sousa, sendo destacados na Revista Jubileu de Ouro do CNSA (2008).

As freiras passaram a exercer trabalhos remunerados, conseguindo adquirir dinheiro ocasionando a conquista da liberdade, autonomia e responsabilidade. As transformações ocorridas pelo Concílio modificaram ações e modos da educação no CNSA, como por exemplo, o ensino de disciplinas voltadas a área da Psicologia, as freiras tornando-se professoras e a permissão da entrada de meninos no colégio.

As mudanças que foram realizadas na vida das mulheres religiosas tiveram impactos importantes que foram percebidos na trajetória da senhora Madre Aurélia e no papel educacional que foi realizado no educandário.

Diante disso, entendemos que a atuação da Madre Aurélia foi marcada por essas características de negação aos seus desejos e vontades, em nome de uma vida movida por dedicação ao colégio e a sua vida religiosa. Enquanto exerceu a função de diretora do educandário por muitos anos, em torno de quase 50 anos, e também foi professora da instituição, as alunas explicam que tiveram uma grande convivência com ela, sendo muito acolhedora e receptiva com as estudantes.

A figura representativa da Madre Aurélia foi muito citada nos depoimentos por sua função como gestora e educadora. Todas as depoentes expõem que sua ação chamava atenção pelo domínio intelectual nas áreas da Psicologia e Filosofia e pelo lado humanístico:

Ela sempre foi uma pessoa de um coração grandioso. Eu posso até te dizer, sem medo de errar, que foi a pessoa que eu já conheci mais justa. Mais justa, porque hoje a gente busca muito [...] justiça. Então era muito justa, ela reclamava quando tinha que reclamar, quando estava errada, né? E quando a gente estava errada como profissional chamava, conversava, né? (Lene, 2023).

O seu lado justo também era destacado na sua atuação enquanto gestora, buscando nas relações de trabalho pagar o salário dos professores de forma mais justa possível, onde Lene explica

que “tinha um salário melhor do que se pagava fora da escola”. A Madre tinha trabalhos sociais com centros de evangelização da congregação em bairros carentes e humildes da cidade de Sousa, que ainda ocorrem atualmente.

As alunas apresentavam uma relação de confiança com a religiosa, desenvolvendo uma relação tendo a religiosa como conselheira em diversas áreas da vida pessoal das estudantes. Lene nos conta que pedia orientação em sua vida amorosa, pois sabia que ela tinha ensinamentos preciosos e uma humanidade rara para ensinar o que melhor fosse realizar.

Antônia relembra sobre a fatalidade da morte do seu esposo e que a Madre Aurélia ia visitá-la e ajudou para que ela conseguisse retornar aos ofícios da docência. Ela nos conta que ficou muito transtornada com a morte de seu marido, vivenciando um período de muita dor e que deixou seu sonho, por um tempo, de lado. Então, a Madre esteve ao seu lado, ajudando, incentivando para que voltasse a ensinar e foi assim que ela começou a ensinar no Projeto Mobral do Governo Federal, sendo esse incentivo da religiosa de muita importância para retornar a trabalhar e cuidar do seu filho.

Portanto, percebe-se que a partir das transformações ocorridas pelo Concílio do Vaticano II na atuação dos religiosos em sociedade, as irmãs do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora obtiveram mais liberdade para atuar no cenário educacional e social da instituição. Com os depoimentos, identificamos que a Madre tinha uma influência na construção da educação feminina e no papel da mulher em sociedade, pois as jovens estudantes a tinham como espelho e existia uma relação de troca afetiva e pessoal. Porém, destacamos que essa relação foi percebida nos depoimentos das alunas entrevistadas, não sendo entendido como algo generalizado.

4.3.1 A formação religiosa no ‘Colégio das Freiras’

A Educação Religiosa que acontecia no CNSA era marcada por momentos de orações, pelos preceitos da Igreja que se intensificavam nas datas comemorativas como Natal, Semana Santa, Páscoa e aniversário da escola. Este último era celebrado com muita espiritualidade, pois enfatizava as figuras de Santa Teresa, de Nossa Senhora Auxiliadora e de outros religiosos homenageados que tem influência da Congregação, sendo estas personalidades religiosas importantes para educação religiosa da instituição mantenedora e pela abertura e o desenvolvimento do colégio na cidade de Sousa.

Como os preceitos da Igreja normalmente, aí intensificava esses momentos. É Natal, Semana Santa, Páscoa, o aniversário da escola, né? O aniversário era celebrado com muito espiritualidade. Todos os momentos, até o São João mesmo, essas datas mais festivas, a gente sempre via os dois lados, né? O lado religioso: “Ah, São João. Quem foi São João?”. Tá? E não era só aquela coisa, porque a escola religiosa tem esse diferencial da escola, é... regular, né? Ela... ela celebra os momentos festivos mais dentro de uma proposta de espiritualidade. Então, nunca vi problema nenhum pelo fato de ser escola religiosa (Lene, 2023).

No entanto, Lene aponta que existia alunas e professores de denominações religiosas

diferentes no colégio e que o colégio mantinha um respeito adequado, apresentando boa convivência de harmonia com os seguidores do Protestantismo. Essas alunas evangélicas eram uma minoria e realizavam atividades a parte nos dias festivos da denominação Católica, mas que não era entendido como algo ruim. A ex-aluna Lene entende que poucas alunas não gostavam do teor religioso que existia no educandário:

Tem, sempre teve. Inclusive nos tínhamos colegas, tanto colegas como alunas, como professores, que eram de igrejas evangélicas. A escola sempre teve um respeito muito grande pelas colegas e professores que eram [evangélicos]. Eu acho que uma só que me escapa agora o nome que era evangélica, mas não participava assim diretamente, não, né? Mas a gente sempre ficava, também de forma muito respeitosa nas celebrações que a gente fazia (Lene, 2023).

Atuando como professora do colégio, Lene explica que a escola realizava a formação da Primeira Eucaristia, considerado um dos preceitos da Igreja Católica. Isso ocorria, pois, uma das finalidades do colégio religioso era a evangelização e era necessário às atividades de cunho religioso.

Imagem 11 – Primeira Eucaristia de Karla com a religiosa Madre Aurélia



Fonte: Arquivo pessoal da senhora Neusinha e sua filha Karla. Acesso em: 7 de janeiro, 2023.

A realização da Primeira Eucaristia era simbólica para as alunas, pois elas eram preparadas para esse momento religioso com estudos e ensaios para o dia comemorativo. A aluna Karla aparece na imagem vestida com o fardamento do educandário, e ao seu lado encontra-se a diretora Madre Aurélia que está trajada com vestimentas mais usuais. Percebe-se que houve uma comemoração tematizada com bolos, velas, características desse sacramento religioso católico e que era bem visto pela família da estudante e pela própria aluna. Outro ponto interessante é o quanto essas celebrações

marcam as depoentes, pois as imagens foram guardadas com muito cuidado pela mãe de Karla, dona Neusinha, representando o simbolismo religioso marcante nas trajetórias das depoentes.

O Colégio era visto como muito humanizado devido a esta ênfase na educação religiosa, no evangelismo dos preceitos católicos e por todos os valores que foram sendo transmitidos às alunas. Havia no colégio o estudo da disciplina de Ensino Religioso que era realizado pela própria gestora e religiosa, a Madre Aurélia. Esse ensino, segundo Neusinha, era baseado no ensino bíblico e considerado pelas estudantes como muito adequado. A depoente Antônia concorda com esses aspectos humanizados do educandário ao afirmar que:

É uma escola muito boa, muito humanizada, na questão assim... ainda hoje é, da questão religiosa, dos valores, sempre trabalhava muito, mas sempre tudo dentro da ordem, né? Respeito, hora, até eles achavam assim, que o horário faz parte da sua conduta humana (Antônia, 2023).

Essas características humanizadas vistas pelas alunas de forma saudosistas foram desenvolvidas a partir das práticas culturais que o colégio desempenhava. Dominique Julia (2001) entende que um colégio não é apenas local de aprendizagem de saberes, mas também um lugar de incorporação de comportamentos e hábitos exigidos por uma ciência de governo que transcendia e dirigia a formação cristã e as aprendizagens disciplinares.

Com essa percepção, identificamos que a formação religiosa era um mecanismo da cultura escolar e sua integração com as práticas e finalidades da época, almejando produzir estudantes com uma mentalidade religiosa por meio dos agentes profissionais da instituição que utilizavam de dispositivos pedagógicos com o objetivo de facilitar sua aplicação e sua filosofia educacional naquele espaço (Julia, 2001).

No entanto, para além dessa influência religiosa, o “Colégio das Freiras” por seu caráter particular e confessional era visto pela sociedade como um espaço educacional voltado para os ricos da cidade de Sousa e da região. As depoentes apresentam essa afirmação, pois as dificuldades de manterem seus estudos durante o ano escolar era bastante complicado, diante da busca em ter o valor mensalmente para fazer o pagamento. Havia ainda a concepção e entendimento que algumas alunas eram consideradas mais “pobres” em sua condição comparando com as alunas filhas de pessoas com mais condições financeiras.

O povo dizia que era colégio de rico, mas eu sempre, como pobre, graças a Deus eu sempre me sentir muito bem lá, fui muito bem acolhida. Até porque eu nunca fui de me lamentar. Eu sempre fui de ir a luta, certo? [...] Sempre fui muito bem dotada lá. Muito bom, o colégio nunca teve nenhuma distinção comigo e nem discriminação (Deci, 2023).

Mesmo com as diferenças perceptíveis entre as alunas bolsistas e não bolsistas e os discursos da sociedade, as depoentes apontam que não enxergavam diferenciação por parte da gestão escolar e que não encontrava diante das religiosas exclusão com as mais humildes alunas bolsistas. Segundo

elas, havia igualdade no tratamento com as alunas, mas no exterior do colégio, a sociedade era quem tratava com diferenciação, bem como as famílias das alunas que tinham consciência de suas respectivas realidades:

Não sou considerada uma pessoa pobre, né? Mas só que a minha maneira humilde, eu era mais pobre que estudava no colégio. Nós estamos falando do Colégio das Freiras, né? Mas quando eu cheguei no Colégio das Freiras, eu já tinha dois empregos (Neusinha, 2023).

Em sua fala, Deci expõe como a sociedade sousense no final dos anos de 1970 analisava as pessoas que estudavam no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, devido a seu caráter particular, apontava que apenas os que tinham condição financeira conseguiam estudar lá. Com isso, a fama de colégio de rico era muito difundida:

O Auxiliadora era respeitado, o povo dizia que eu me lembro até hoje, tinha uma colega que dizia: “Olhe, pra ser rico em Sousa, precisam de 3 características: ser sócio do Campestre, ter carnê do Supermercado Moreira lá de Isaque Moreira e estudar no Colégio Auxiliadora” (Deci, 2023).

Esses três requisitos eram considerados os elementos que classificavam uma pessoa como rica na cidade de Sousa. Porém, as depoentes Neusinha e Deci apontam que ambas tinham esses requisitos, mas não achavam algo que fosse superior aos demais e sim entendia como normal em suas vidas. Percebe-se que essas mulheres não internalizavam em suas respectivas vidas diferenciações sociais e econômicas, pois suas vidas foram marcadas por lutas e dificuldades que foram sendo resolvidas com muito esforço e perseverança. Isso foi notado por seus relatos e trajetórias de vida discutidos no tópico inicial desse capítulo, em que Deci trabalhava como balconista e Neusinha apresentava dificuldades de locomoção para o educandário.

Porém, Deci apresenta em seu relato partes interessantes do contexto de outras escolas particulares da cidade de Sousa. Em uma recordação, ela lembra que quando estudava no Colégio Comercial não tinha condições de pagar a mensalidade em alguns meses e que por isso, foi expulsa da sala de aula pelo diretor. Ela expõe que considerava ‘normal’ aquela situação por ser o meio de sustento do diretor para arcar com os custos do colégio e que na época era assim que se fazia. Ela aponta que no CNSA não sofreu com discriminação dessa natureza, mas em outro colégio houve esse tipo de atitudes discriminatórias.

Neusinha também apresenta uma recordação semelhante ao que Deci explicou acima relacionado ao momento em que estudava no Colégio Comercial. A situação acontecendo onde ela foi chamada pelo diretor para saber sobre o pagamento. Mas houve a diferença com relação ao que Deci vivenciou, pois o seu pai tinha amizade com o diretor e este lhe dava o dinheiro para pagar a mensalidade até o seu pai quitar tudo:

Agora no Comercial, eu passei esse negócio de Deci, só com a diferença. Toinho,

que já era familiarizado com meu pai e tudo, quando ele ia botar o povo pra fora, ele me dava um dinheiro nos corredores, me chamava e eu ia pagar, aí meu pai vinha, porque meu pai só pagava de dois em dois meses o colégio, quando vendia um garrote, e ele sabia da situação, entendeu? Porque Zé Honório era um vereador que a gente acompanhava ele, que ele era cunhado de Zé Honório, e sabia que meu pai tinha condição, mas não todo mês, porque ele não tinha... Foi um sofrimento, foram cinco anos no Comercial, aí depois fui pro Dez de Julho. Lá era caro, escola de rico (Neusinha, 2023).

Eram comuns os laços de amizade e conhecimento com os gestores para que não acontecessem situações de expulsão da sala de aula. Aquelas que tinham esse privilégio escapavam da humilhante saída da sala, mas as alunas que eram realmente humildes passavam por esse tipo de exclusão social e educacional.

Ainda nessa discussão, Lene complementa que não existia uma percepção de desigualdade de tratamento entre as alunas mais abastadas e aquelas alunas bolsistas, no período de 1983 a 1985. Ela entende que por ter sido bolsista tornou-se privilegiada, pois teve a oportunidade de substituir professoras dentro do próprio colégio e posteriormente, ela permaneceu na instituição como docente. A aluna como bolsista da instituição não sentia um peso de diferenciação, pois obteve oportunidades dentro do colégio, porém como foi dito que ela recebeu a bolsa de estudo por uma pessoa influente da sociedade sousense, essa inexistente diferenciação tenha como explicação a ligação com sua ‘madrinha’.

Concluimos segundo o depoimento das estudantes Neusinha e Deci que em suas experiências individuais e isoladas não houve diferenciação no tratamento das estudantes do CNSA. Contudo, na realidade da aluna Lene, sua situação torna-se contrária, pois era uma bolsista com um apadrinhamento que concedia um tratamento particularizado e que teve oportunidades maiores que suas colegas de turma.

Portanto, mesmo com os apontamentos e ênfases das alunas de não entenderem como diferenciação social, é notório que o colégio apresentava uma desigualdade social e econômica dentro do espaço educacional. Com as situações acima relatadas, enxergamos que as diferenciações são desenvolvidas em atos como de ajuda, apadrinhamento e influências políticas e religiosas.

4.3.2 O impacto da formação educacional na vida das estudantes: depoimentos e memórias

Para entendermos a importância do Curso Pedagógico precisamos compreender como se realizava o chamado teste vocacional que era desenvolvido. Nas atividades educativas realizadas sobretudo por Madre Aurélia, Neusinha e Deci lembram que era comum a realização de teste de vocação para as alunas do Pedagógico, para que fossem identificadas aquelas alunas tidas como aptas ao ofício da docência e a orientação de saída para as alunas que não se identificavam com a profissão docente.

A realização dessa entrevista tinha a finalidade de conhecer o perfil das estudantes,

compreender seus objetivos e orientá-las para possíveis caminhos adequados a suas trajetórias individuais:

Ela fazia de vez por outra uma entrevista, né, com a gente. Digamos, no Segundo Pedagógico, ela já tinha a entrevista com todos os alunos pra saber quem tinha vocação para professor e quem não tinha. Quem tivesse continuava, se não tivesse, já era despachado, quem não tinha vocação (Deci, 2023).

Diante dos resultados dos testes vocacionais, Deci aponta que algumas alunas eram aconselhadas a desistirem do curso e a buscarem compreender qual era a profissão com que se identificavam. Com isso, em todas as séries do Curso Pedagógico, Madre Aurélia, que era psicóloga, realizava essa avaliação com as estudantes e fazia o aconselhamento para as “alunas que ainda não tinham decidido o seu objetivo” (Deci, 2023).

O teste ocorria mediante perguntas sobre assuntos relacionados à sala de aula e aos objetivos das estudantes. Para Deci e Neusinha, Madre Aurélia apresentava sabedoria e identificava com seu olhar aguçado de psicóloga as alunas que tinham o perfil de professora e identificava as indecisas quanto ao futuro. Segundo Deci, “o psicólogo ensina você a procurar o aluno em todos os sentidos. Porque o primeiro sinal do aluno que quer alguma coisa é eles estar no colégio todo dia” (Deci, 2023).

Semelhante às depoentes acima, Antônio que estudou com Deci, entre 1978 e 1979, relata que realizou o teste de aptidão. As perguntas eram proferidas no sentido da busca pelo intuito de seguir a profissão docente, se era devido a ligação familiar, com a existência de algum parente próximo que seguia o magistério ou se era um desejo pessoal. No caso de Antônio, a vontade veio de si própria, pois ela considerava bonita essa função e entendia que foi a profissão que ela escolheu para sua vida.

Antônia desde cedo passou a ensinar reforço aos colegas que tinham dificuldades nos conteúdos e por apresentar facilidade na compreensão dos assuntos, em áreas de Português e Redação, no entendimento dos gêneros textuais e na interpretação dos textos, compreendia que esses aspectos ajudou a perceber como fator para decidir seguir a docência.

As aulas no Ensino Pedagógico foram recordadas com saudosismo e apontamentos de serem boas. O fato de serem apenas mulheres proporcionava a construção de laços de amizades muito fortes. Segundo Lene, as jovens tinham o objetivo de serem boas estudantes para conseguirem se manter como professoras dentro da própria instituição. Como o CNSA oferecia a Educação Primária, as jovens que eram formadas e preparadas no Curso Pedagógico poderiam ter a oportunidade de conseguir emprego em sua área de formação.

Lene explica que era algo almejado porque era um ‘emprego garantido’ e com os estágios que eram realizados dentro do colégio podiam ser chamadas pelas gestoras do educandário aquelas que fossem desenvolvendo uma melhor atuação. Ela aponta que conseguiu esse feito de se tornar professora do colégio, mas não acontecia com todas:

Das memórias que a gente tem do Curso Pedagógico era exatamente que a gente fazia tudo pra ser bom, né? Pra ser bom, pra desempenhar bem. Até porque durante o Segundo e Terceiro ano Pedagógico a gente tinha os estágios. Aí nos estágios eu já assumia substituições, é... eu já assumia as substituições dos professores, antes mesmo de ser professora da escola, né? Era de menor ainda, 16, 17 anos (Lene, 2023).

Nas aulas de estágios, Lene lembra que era permitida a substituição de algumas professoras nas turmas da Educação Primária e que ela já substituiu a própria Madre Aurélia. A substituição ocorreu quando a religiosa tornou-se 4ª Superiora Geral da Congregação das Filhas de Santa Teresa de Jesus⁷, entre os anos de 1986 a 1997, tendo sua rotina mudada, precisando deslocar-se para reuniões na cidade do Crato, local onde se encontra a congregação e outros colégios dessa instituição mantenedora. Com isso, a Madre confiou a Lene que a substituísse, como forma de estágio.

Karla recorda que o seu estágio em 1985 também foi dentro do colégio, pois existia a Escolinha Experimental que permitia às jovens formandas do Pedagógico praticarem a docência com os alunos que estudavam no Ensino Primário:

Aí lá tinha uma Escolinha Experimental, que era... que não era pago. Tinha as turmas, alfabetização, primeira, segunda, terceira e a quarta série, e as alunas estagiavam lá, entendeu? Era a gente que dava aula, ficava, era tipo... não sei se eram seis meses, tinha um período que a gente ficava com aquela turma, pra... era o estágio (Karla, 2023).

Karla conta que o desejo da profissão docente foi entendido como natural para ela, pois ela decidiu continuar estudando no CNSA, mesmo quando muitas das suas colegas saíram do colégio. Após a conclusão do Curso Pedagógico, ela exerceu a docência por pouco tempo, pois mudou-se de cidade. Em seus anos de estudos já havia menos alunas estudando no Pedagógico.

Ela conta que havia os momentos de orações, pois as mudanças que tinham sido ocorridas não transformaram o hábito das orações e das aulas de Religião. Suas melhores recordações são relacionadas às amizades construídas, pois estudava com muitas colegas desde a alfabetização e isso proporcionou um vínculo forte entre elas. Ela aponta que gostava muito de ensinar na época que realizava seus estudos no CNSA.

A depoente Lene foi professora de Karla e explica que diante das mudanças educacionais, em destaque para o período do final da década de 1980, o colégio passou por cada uma das etapas de construção de abordagens pedagógicas em diferentes décadas. O colégio se adequava, seguia, aprendia e ensinava dentro das propostas educacionais de cada época:

Os pilares da escola é Ciência, Fé e Cidadania. Então, a gente sempre preservava muito por isso. Então, caminhando nessa linha da fé ‘tá’ sendo pautada, a cidadania

⁷ Segundo a Revista Congregação das Filhas de Santa Teresa de Jesus, a Madre Aurélia esteve à frente da Congregação desempenhando a função de Superiora Geral e “procurou dar muito apoio ao processo de inserção, apesar das muitas dificuldades” (2003, p. 9).

está sendo trabalhada, né? A ciência, os conteúdos estão sendo aplicados. Então, são essas coisas que eu diria, assim, que a escola seguia tudo isso e dentro das mudanças. Eu lembro que nós passamos, meu Deus, pela proposta construtivista de Paulo Freire, né? Pela... pelas inteligências múltiplas de Gardner, pela sociedade líquida de Zygmunt Bauman. Eu tô colocando aí três décadas, tá? De mudanças, você sabe que a educação, como qualquer setor de vida [passa por mudanças], né? Muitas vezes aspectos da sociedade como um todo, e a educação não foi diferente. Eu diria que a gente passou por tudo isso se adequando, se adaptando e aprendendo e ensinando dentro das propostas educacionais de cada época (Lene, 2023).

As análises de Lene apontam esse conhecimento por seus longos anos atuando na docência do colégio, proporcionando ter ampla compreensão dos avanços e mudanças das propostas educacionais que foram sendo desenvolvidas na sociedade da época. Com isso, visualizamos que a educadora vivenciou essas transformações educacionais e conhece como a realidade do colégio foi se adequando à medida que o governo e as propostas educativas da época eram gestados e ampliados na referida instituição.

A conclusão do Curso Pedagógico era a concretização do sonho das estudantes e a oportunidade de conseguir empregos, pois como foi citado nas discussões anteriores, o magistério proporcionava um status social diferenciado, sobretudo nas décadas de 1960 a 1980. Por isso, as jovens desempenhavam muito compromisso e dedicação por saberem que iriam usufruir de possibilidade profissional.

Imagem 12 – Colação de grau da turma da depoente Lene, em 1984



Fonte: Arquivo pessoal da depoente Lene. Acesso em: 13 de janeiro, 2023.

Nessa recordação pessoal da ex-aluna Lene, que está ao lado da criança de blusa verde olhando para câmera e segurando uma folha de papel, identificamos o momento de sua conclusão

do Curso Pedagógico. É notório o tamanho da turma apresentando somente mulheres concluintes, vestidas com o fardamento tradicional do colégio. Na composição da fotografia, encontramos a diretora Madre Aurélia, a madrinha da turma a senhora Alenice Gadelha do lado esquerdo da Madre e no lado direito de Aurélia, temos a professora da turma concluinte. Encontramos também algumas crianças que são familiares das estudantes.

A cerimônia de conclusão do Curso Pedagógico era o momento de festividade para estudantes, em que elas recordam com alegria o que vivenciaram e guardam suas fotos da conclusão com cuidado e zelo. Para Antônio, houve identificação com o curso, pois era a realização de seu sonho:

Para mim, era uma realização tão grande, que, não tem aquela coisa que você acha impossível que você tá conseguindo? Pronto, era esse o sentimento. Eu digo: “Meu Jesus, será que é verdade?” Tem hora que eu digo: “Eu não acredito que tô fazendo o Pedagógico não”. Era aquela alegria tão grande, tão grande, que era uma coisa, que você tem muito sonho (Antônia, 2023).

Como explicado na trajetória de Antônio no início do capítulo, ela veio morar na casa de parentes em Sousa para conseguir concluir o Primeiro ano do Científico na Escola Agrotécnica, sendo considerada por ela um ano básico e que depois teve condição de ir para o Segundo e Terceiro ano do Curso Pedagógico no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, nos anos de 1978 e 1979. A ajuda dos parentes foi entendida “como a mão de Deus”, pois ela recebeu auxílio para realizar seu sonho de fazer o Curso Pedagógico no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora.

Imagem 13 – Colação de grau de Antônio recebendo o diploma de seu esposo, em 1979



Fonte: Arquivo pessoal da depoente Antônio. Acesso em: 11 de janeiro, 2023.

Na imagem acima, identificamos que a colação de grau de Antônio foi diferente de Lene

quanto a vestimenta e cerimônia. As alunas concluintes estavam vestidas de vestido longo branco, apresentando um caráter mais formal. Apresenta-se na cerimônia a designação de pessoas influentes para formandas como paraninfos, no qual a senhora Antônia teve o seu esposo como alguém que deu apoio, suporte e força na concretização do seu sonho e que lhe entregou o canudo conferindo o grau de conclusão. Encontra-se também na imagem, os familiares observando a cerimônia de formatura.

Ela nos conta as dificuldades que passou para vim até Sousa fazer os seus estudos, pois a falta de transporte e o envolvimento com a política local eram empecilhos que deveriam ser administrados para conseguir chegar a cidade. Existia uma frota de ônibus ligada aos políticos de Nazarezinho que ofertava o transporte em busca de adquirir votos nas eleições municipais, sendo uma prática comum nas cidades menores do sertão nordestino.

Como a linha do transporte que vinha de Nazarezinho a Sousa parava em um local distante do CNSA, Antônia teve que fazer o Curso Científico na Escola Agrotécnica, pois a distância impossibilitava a ida para o centro de Sousa. Nesta Escola Agrotécnica eram oferecidos os cursos de Contabilidade, Corte e Costura e o Científico. Assim, ela realizou por um período seus estudos nesse espaço educacional.

Antônia explica que o contexto de seu período de estudo no ano de 1977 apresentava a oferta do ensino Científico, Pedagógico e o Técnico em Contabilidade na cidade de Sousa, sendo esses cursos oferecidos para população que concluía os estudos primários. O Curso Pedagógico só existia no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora. Na Escola Normal foi extinta essa modalidade de ensino do Pedagógico devido a falta de alunos para se matricular e só existia na forma particular.

Neusinha também cita que sua maior dificuldade era relacionada ao transporte, pois precisava se deslocar de Aparecida para Sousa diariamente. Recorda que era uma aluna boa e interessada nos estudos, onde tirava boas notas e passava por média. Ela não realizou o seu estudo no Curso Pedagógico no horário da noite, pois ensinava na cidade de Aparecida pela tarde e pela noite e com isso, teve que fazer seus estudos pela manhã, para voltar diariamente para sua cidade natal.

Neusinha relembra de um dia que teve aula de Português debaixo de uma goiabeira, no qual nesse período não tinha sala de aula, pois o colégio passava por reforma e a professora realizou a interpretação de texto com sua turma de sessenta alunas. A aula tinha como objetivo analisar um soneto com a temática sobre a morte de um menino:

Mulher, quando ela recitou esse soneto pra gente, que deixou assim um suspense, parecia que a gente tava vendo o menino no enterro, tudo. Foi uma coisa como que ela assim... anestesiou tudinho. Como é que chama assim que, todo mundo ficou... Quando terminou, a gente ficou impressionado. A maneira dela ler, de como ela recitou, com aquela calma, né? Essa aí foi que me marcou no Colégio (Neusinha, 2023).

Essas situações de sala de aula foram mencionadas pelas estudantes como explicação do

cotidiano e das atividades educacionais desenvolvidas pelas professoras do Curso Pedagógico. As educadoras foram recordadas com saudosismo e gratidão. Nomes como de Madre Aurélia, irmã Iraídes, irmã Apolônia, irmã Tavares e outras foram citadas por praticamente todas as mulheres.

As profissionais ministravam aulas de Psicologia, Português, Ciências, Matemática, Estudos Sociais, Filosofia, Educação Moral e Cívica e Educação Religiosa. As disciplinas eram voltadas para práticas metodológicas de aplicação dos conteúdos em sala de aula para alunos da Educação Primária. Observa-se nas falas que as aulas eram compostas de muita prática da docência, com as alunas sendo colocadas para realizarem estágios e ministração de aulas regularmente.

De modo semelhante, em suas recordações acerca das aulas na sua formação pedagógica, Lene aponta que suas melhores memórias vêm da sua professora de Linguagem, a Irmã Iraídes, que apresentava uma habilidade muito grande de ensinar Redação. Ela compreende que as atividades para exercício da escrita colaboraram muito para que as alunas desenvolvessem o domínio de leitura, interpretação e escrita:

Ela nos proporcionou tamanho conhecimento nessa área da Linguagem que nos ajudava a ler, né? Ler, interpretar, escrever, né? Porque essa forma quando ela pedia pra ler um livro, fazer um resumo, fazer uma síntese e dizia que queria um telegrama com uma mensagem central daquele roteiro. Eu tenho isso como uma grande aprendizagem na área da Linguagem, né? O que hoje é um grande desafio, né? Pros jovens hoje, ler, escrever e discernir, interpretar (Lene, 2023).

No entanto, havia estudantes que apresentavam dificuldades para acompanhar as aulas no cotidiano escolar do colégio. Segundo Deci, as atividades para além da sala de aula eram com pesquisas na biblioteca da prefeitura de Sousa, sobretudo para as alunas que não tinham condições de comprar livros devido o alto valor de custo dos livros e ela mal tinha condições de arcar com as mensalidades: “Eu nunca tive condições de comprar um livro. [...] Todo meu tempo, eu só comprava o livro de Português, porque era indispensável, nunca estudei com [vários] livros” (Deci, 2023). Para acompanhar as aulas, ela explica que anotava e copiava tudo que era dado em sala de aula no seu caderno.

Diferentemente, acontecia com Neusinha que tem uma história de vida marcada pela atuação em sala de aula e pela realização dos estudos no Curso Pedagógico. Sua condição de vida era diferente das demais depoentes, pois cursou com uma idade mais avançada e já estava estabilizada financeiramente. Mas Neusinha também aponta que sentia dificuldades para comprar os livros e só realizou a compra dos livros das disciplinas de Psicologia e Filosofia.

O que interpretamos com essas falas é que acontecia dificuldades de acompanhamento das aulas com a obtenção do material didático. As alunas bolsistas vivenciavam desafios diários para conseguir os livros e anotavam em seus cadernos todas as lições e conteúdos explicitados nas aulas. Mesmo aquelas com condição financeira como Neusinha, optava por não arcar com a compra de todo o material didático. Assim, enxergamos que as alunas com menos condições financeiras

estavam prejudicadas em comparação com aquelas estudantes abastadas que tinham todo material didático organizado e acessível.

A sala de aula das jovens era configurada com uma organização em formato de filas, apresentando carteiras compostas para duas alunas se sentarem juntas e as cadeiras que usavam era conhecida como cadeira colonial. Segundo Neusinha, no fim da década de 1980, houve a mudança para as cadeiras individuais. O quadro da sala era a tradicional lousa com giz, que as professoras apontam que causava bastante alergia e problemas respiratórios como a faringite, sendo essa doença sentida pela professora e ex-aluna Neusinha.

O Colégio Nossa Senhora Auxiliadora era até então, na década de 1960, o único colégio que apresentava o Curso Pedagógico na região. Com isso, era perceptível o alto índice de estudantes para esse educandário, bem como a vinda de estudantes de localidades exteriores à sede de Sousa.

No entanto, no final da década de 1980, houve a abertura da Escola Normal em Sousa, de caráter público e gratuito com a formação para o magistério. Diante dessa concorrência, o CNSA teve uma queda significativa no número de estudantes e consequentemente o Curso Pedagógico foi encerrado suas atividades no ano de 1999 (Revista Comemorativa, 2008).

Portanto, percebe-se ao longo dessas memórias a presença de recordações permeadas por gratidão aos anos de estudos e de formação no Curso Pedagógico. Essas mulheres compreendem que a formação recebida permitiu a realização de sua profissionalização e consequentemente a mudança nas suas trajetórias de vida. A profissionalização dessas mulheres foi entendida para elas como forma de realização dos seus sonhos, de quebra da realidade social das mulheres, no qual a sociedade da época visava a destinação para apenas as esferas da vida familiar e do matrimônio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluímos essa pesquisa compreendendo as trajetórias das ex-alunas do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, no qual analisamos suas memórias e identificamos a construção das identidades de gênero vivenciadas e construídas em um espaço educacional religioso.

A constituição das identidades acontece pela construção dos significados que as práticas das instituições oferecem quando estamos vinculadas às mesmas. Com isso, questionamos a singularidade da educação no colégio sousense e sua influência para constituição das identidades femininas. A pesquisa seguiu uma proposta desenvolvida com algumas questões-problemas para entender e discutir a produção de discursos acerca da educação feminina no cotidiano das discentes no CNSA, no qual foi compreendido através da atuação das religiosas que desempenharam uma formação pedagógica e religiosa calcada no disciplinamento dos corpos femininos e na obediência aos preceitos religiosos e as atividades pedagógicas.

As vivências e as recordações que essas jovens tiveram desse período escolar foram expostos com falas construídas e consolidadas pela hegemonia das ações educativas da instituição na vida de cada uma delas, pois foi notório o quanto elas absorveram a filosofia educacional da instituição e posteriormente, reproduziram em suas trajetórias profissionais.

As formas de resistências e conformidades desenvolvidas diante de um ensino confessional e disciplinador foram expressadas com as práticas de burlas, transgressões e indisciplinas em aspectos como o não cumprimento do uso correto do fardamento, das fugas para encontros amorosos, do não aceitação sobre a destinação social da mulher e da percepção de práticas rígidas para obtenção da disciplina. No entanto, as depoentes persistem em compreender como benéficas tais atitudes e orientações, ao acreditar que suas conquistas profissionais vieram devido a esses fatores.

Analisamos as resistências que as discentes praticaram diante de um ensino e de uma sociedade que provocava um silenciamento para as mesmas. Com esses depoimentos, verificamos que as práticas do disciplinamento escolar não era garantia de seguimento e que havia os mecanismos de resistências.

O conceito de poder disciplinar desenvolvido por Foucault permitiu analisarmos como as normas e regras exigidas dentro da instituição transformavam, modelavam e formavam as meninas para uma educação adequada à sua função social. Assim, os aspectos disciplinares tais como rigidez nos horários, cumprimento do fardamento, vigilância e formação religiosa desempenharam a produção dos corpos femininos dóceis e obedientes.

As principais discussões de gênero foram feitas a partir de suas memórias e de suas trajetórias de vida e também pelo processo de ensino-aprendizagem no educandário. O uso da memória foi por um longo período um instrumento de poder, que serviu para construção social e delimitou os comportamentos esperados pelos atores envolvidos (Lunz, 2017). Nesse sentido, esse uso da memória fez com que a mulher fosse destinada ao espaço privado, com o cuidado do lar e com a

educação dos filhos, diferentemente dos homens que estavam condicionados ao espaço público destinado aos negócios, à intelectualidade e ao papel da visibilidade.

No entanto, diversas ações e conquistas foram desenvolvidas e que tornaram a mulher como protagonista de sua própria história. A importância da mulher enquanto sujeito histórico ativo e determinante para o curso da história desenvolveu uma nova configuração, pois ao serem analisadas pelos historiadores, as suas memórias apresentam o intuito de libertação e de democratização.

Por isso, as vozes femininas não estão mais silenciadas, sendo evidentes em diferentes lugares sociais, ocupando espaços diversos e com sua voz ecoando para que o uso da memória se torne ainda mais marcante. É importante elucidar que nas falas das mulheres depoentes, elas não compreendiam que suas vozes têm importância, mas foi necessário despertar em cada uma o entendimento que suas falas e trajetórias trazem à tona o uso da memória e o papel que as mulheres têm na sociedade.

Contextualizando a década de 1960 e 1970, percebemos que o discurso da sociedade era mais conservadora, no qual refletia na condição social das mulheres como sendo mais do lar, da construção familiar e do matrimônio. Mas isso foi vivenciado de maneira diferente para muitas mulheres, sobretudo as nossas cinco depoentes que dedicaram sua vida na esfera da educação e que tiveram suas vidas transformadas através da educação.

Utilizando do conceito de lugares de memória proposto por Nora (1993), entendemos que o educandário é um lugar de produção de memórias coletivas, de vivências, no qual “os lugares de memórias só vivem de sua aptidão para a metamorfose, no incessante ressaltar de seus significados e no silvado imprevisível de suas ramificações” (1993, p.22).

Segundo Barros (2005), um sistema educativo se inscreve em uma prática cultural e inculca nos que se a ele se submetem representações destinadas a moldar padrões de caráter. Os modos de vida, as atitudes ou as normas de convivência são práticas culturais que geram produtos culturais e também padrões de vida cotidiana.

Assim, o conceito de cultura escolar foi importante para compreensão da vivência nesse espaço educacional. Diante dos depoimentos, tivemos relatos e lembranças de aspectos voltados aos principais elementos de uma educação em configuração religiosa e das ações cotidianas vivenciadas e experienciadas pelas estudantes.

Portanto, nossa pesquisa evidenciou as trajetórias de vida de nossas depoentes, especificando cada dificuldade, conquista, recordações e momentos marcados. A educação recebida no colégio transformou suas vidas, desconstruindo preconceitos familiares e sociais, revolucionou suas histórias de vida e identidades pessoais. Uma educação marcada pelo conservadorismo da filosofia confessional, bem como a influência tradicionalista da sociedade não impediu que elas almejassem novos voos e objetivos ousados para suas vidas.

Esperamos que essa pesquisa contribua para as discussões em torno da História da Educação de mulheres em instituições educacionais. Para isso, propomos continuar com nossas pesquisas com

o objetivo de analisar e discutir as consequências e motivações para o fim do Curso Pedagógico. Temos a finalidade de realizar pesquisas mais aprofundadas através de depoimentos orais e das fontes documentais disponibilizadas na instituição referente para debater e compreender a educação do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora após a abertura para o ensino misto e a entender os fatores que desencadearam o fechamento do Curso Pedagógico.

Portanto, as próximas etapas permitirão realizar investigações mais detalhadas sobre a instituição pesquisada, comparando os ensinos mistos em diferentes colégios da região e também ampliando os debates sobre a formação feminina em espaços religiosos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. Editora FGV, 2018.

ALVES, Manoel. **A histórica contribuição do ensino privado no Brasil**. Educação, v. 32, n. 1, 2009. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/faced/article/view/5139>>. Acesso em: 18 nov. 2021.

BARROS, José D. Assunção. **História Cultural e a contribuição de Roger Chartier**. Diálogos, v. 9, n. 1, p. 125-141, 2005.

BASTOS, Maria Helena Camara. **O que é a história da educação no Brasil hoje?** Tempos de reflexão. Espacio, Tiempo y Educación, p. 43-59, 2016.

BELTRÃO, Kaizô Iwakami; ALVES, José Eustáquio Diniz. **A reversão do hiato de gênero na educação brasileira no século XX**. Cadernos de Pesquisa, v. 39, n. 136, p. 125–156, 2009.

BORN, Claudia. **Gênero, trajetória de vida e biografia: desafios metodológicos e resultados empíricos**. Sociologias, n. 5, p. 240-265, 2001.

BRIGHENTE, Miriam Furlan; MESQUIDA, Peri. **Michel Foucault: corpos dóceis e disciplinados nas instituições escolares**. I Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação. Curitiba, PUC-PR, 2011.

BURKE, Peter. **A Escrita a história: novas perspectivas**. Tradução de Magda Lopes. - São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

BUTLER, Judith. **Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”**. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2019, p. 191-219.

CONDÉ, Patrícia Peluso. De escola normal a escola mista: a evolução de uma instituição tradicionalmente feminina do início do século XX para uma escola mista. **Revista Científica UNIFAGOC-Multidisciplinar**, v. 1, n. 1, 2016.

CORRÊA, Rosa Lydia Lydia Teixeira. **Mulheres professoras: campo, poder e resistência (1957-1970)**. Revista Teias, v. 23, n. 70, p. 71-85, 2022.

DANTAS, Harlanne Krislen Belarmino. **Traços do ensino de história no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora na cidade de Sousa-PB**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em História) Centro de Formação de Professores, Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, Paraíba, Brasil, 2014.

DANTAS, Maria José. **Singularidade feminina no catolicismo: práticas formativas em um caminho permeado de “espinhos e rosas”**. Revista Diálogo Educacional, v. 19, n. 63, p. 1446-1464, 2019.

DÁRIO, Rafaela Pereira. **Nos caminhos do progresso, nas veredas da modernização: representações da cidade de Sousa-PB**. Universidade Federal da Paraíba. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br>>. Acesso em: 18 nov. 2021.

DE ALMEIDA, Jane Soares. **Educação, gênero, poder e desenvolvimento: Uma visão histórica**. Espacios en Blanco. Revista de Educación, vol. 18, junio, 2008, pp. 217-243.

DE ALMEIDA, Jane Soares. **Mulheres, educação e religião:** as interfaces do poder numa perspectiva histórica. Mandrágora, v. 13, n. 13, p. 52-63, 2007.

DE ALMEIDA, Jane Soares. **Mulher e educação:** a paixão pelo possível. Editora Unesp Fundação, 1998.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História oral e narrativa:** tempo, memória e identidades. História Oral, v. 6, 2003. Disponível em: <<https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/62>>. Acesso em: 18 nov. 2021.

DEL PRIORE, Mary; BASSANEZI, Carla Beozzo (Ed.). **História das mulheres no Brasil.** Unesp, 2004.

DE SCHUELER, Alessandra Frota Martinez. **Internatos, asilos e instituições disciplinares na História da educação brasileira.** Revista Contemporânea de Educação, v. 4, n. 7, p. 1-7, 2012.

ESTRELA, Ana Paula. **História e Memória da educação feminina no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, em Sousa-PB (1958-1980).** Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História), Centro de Formação de Professores, Universidade Federal de Campina Grande, p. 125, 2019.

FERREIRA, Marieta de Moraes. **História, tempo presente e história oral.** Topoi (Rio de Janeiro), v. 3, p. 314-332, 2002.

FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos & abusos da história oral.** In: Usos & abusos da história oral. 1996. p. 277-277.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir:** O nascimento das prisões. 42. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I:** a vontade de saber. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

GONÇALVES, Irlen Antônio et al. **A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação brasileira.** Educação e Pesquisa, v. 30, n. 1, p. 139-159, 2004.

HAHNER, June E. **Escolas mistas, escolas normais:** a coeducação e a feminização do magistério no século XIX. Revista Estudos Feministas, v. 19, n. 2, p. 467-474, 2011.

HERNECK, Heloisa Raimunda; DE CASTRO, Gabriela Rodrigues. **A decência das garotas:** o disciplinamento dos corpos e as linhas de fuga produzidas no cotidiano escolar. Momento-Diálogos em Educação, v. 25, n. 1, p. 137-154, 2016.

IVASHITA, Simone. **Fontes para a história da educação:** a importância dos arquivos. Revista HISTEDBR On-line, v. 14, n. 58, p. 68-77, 2014.

JULIA, Dominique. **A cultura escolar como objeto histórico.** Revista Brasileira de História da Educação, v. 1, n. 1, p. 9-43, 2001.

JUNQUEIRA, Sergio Rogério Azevedo; KLUCK, Claudia Regina. **Ensino Confessional:** um modelo no cenário brasileiro. Revista de Teologia e Ciências da Religião da UNICAP, v. 7, n. 2, p. 251, 2018.

KYRILLOS, Gabriela M. **Uma Análise Crítica sobre os Antecedentes da Interseccionalidade**. Revista Estudos Feministas, v. 28, n. 1, 2020.

LE MOS, Kaé Stoll Colvero. **A normatização da educação moral e cívica (1961-1993)**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, p. 194, 2011.

LEONARDI, Paula. **Igreja católica e educação feminina: uma outra perspectiva**. Revista HISTEDBR On-line, v. 9, n. 34, p. 180–198, 2009.

LIMA, Antonio Jose Araujo et al.. **Panorama da educação brasileira na década de 1960**. Anais III CONEDU. Campina Grande: Realize Editora, 2016.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós- estruturalista**. Petrópolis, RJ, Vozes, p. 14-36, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Autêntica, 2018.

MACIEL, Maria Goreth de Figueiredo. **Relatório do Pré-estágio supervisionado de supervisão escolar. Relatório (Licenciatura em Pedagogia)** - Centro de Formação de Professores, Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, Paraíba, Brasil, 1985.

MACHADO, Roberto. **Por uma genealogia do poder**. FOUCAULT, M. Microfísica do poder, v. 25, p. 7-23, 1979.

MAGALHÃES, Sara; ALVAREZ, Teresa. **Romper as fronteiras: a interseccionalidade nas questões de gênero e feministas**. p. 1–62, 2013.

MANOEL, Ivan Aparecido. **Igreja e educação feminina, 1859-1919: uma face do conservadorismo**. [s.l.]: UNESP, 1996.

MENDES, Cláudio Lúcio. **O corpo em Foucault: superfície de disciplinamento e governo**. Revista de Ciências Humanas, n. 39, p. 167–181, 2006.

MONTENEGRO, Antônio Torres. **História oral, caminhos e descaminhos**. Revista Brasileira de história, v. 25, p. 26-57, 1992.

NORA, Pierre et al. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, São Paulo, v. 10, dez, 1993.

OLIVEIRA, Danilo Araújo De; FERRARI, Anderson. **Interseccionalidade, gênero, sexualidade e raça: os desafios e as potencialidades na invenção de outros currículos**. Diversidade e Educação, v. 6, n. 1, p. 21–29, 2018.

OLIVEIRA, Francisca Maria de. **A economia algodoeira de Sousa - PB na segunda metade do século XX**. 2014. Disponível em: <<http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/6069>>. Acesso em: 18 nov. 2021.

OLIVEIRA, Valeska Fortes de. **Educação, memória e histórias de vida: usos da história oral**. História Oral, v. 8, n. 1, 2005. Disponível em: <<https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/118>>. Acesso em: 18 nov. 2021.

PAVIOTTI, Joel. A curiosa história da foto escolar com a mesa arrumadinha. Disponível em: Iconografia da História <https://iconografiadahistoria.com.br/2020/11/25/a-curiosa-historia-da-foto-escolar-com-a-mesa-arrumadinha/#google_vignette>. Acesso em 26 de fevereiro, 2020.

POCAHY, Fernando Altair. **Interseccionalidade e educação**: cartografias de uma prática-conceito feminista. TEXTURA-Revista de Educação e Letras, v. 13, n. 23, 2011.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Revista estudos históricos, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

PORTELLI, Alessandro et al. **O que faz a história oral diferente**. Projeto História: Revista do Programa de estudos pós-graduados de História, v. 14, 1997.

PORTELLI, Alessandro et al. **História oral como gênero**. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, v. 22, 2001.

PORTER, Roy. História do corpo. **A escrita da história: novas perspectivas**, v. 1, p. 291-326, 1992.

ROCHA, Mariani Viegas da. **Corpos disciplinados e decentes: a vestimenta escolar a serviço do controle e da vigilância dos corpos femininos**. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Educação, p. 108, 2020.

SANFELICE, José Luís. **História e historiografia de instituições escolares**. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n.35, p.192-200, set.2009–ISSN:1676-2584.

SILVA, Jailson Costa da; QUEIROZ FREITAS, Marinaide Lima de; SILVA, Miscelânia da. **A escolarização no compasso da vida**: rememorações das sertanejas-idosas do Proeja. Revista Teias, v. 23, n. 70, p. 240-255, 2022.

SCOTT, Joan. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica. Educação & realidade, v. 20, n. 2, 1995.

SANTOS, Beatriz Boclin Marques dos Santos. **O currículo das escolas brasileiras na década de 1970**: novas perspectivas historiográficas. Ensaio: aval. Pol. Públ. Educ., Rio de Janeiro, v.22, n. 82, p. 149-170, jan./mar. 2014.

SCHWARZSTEIN, Dora. **História Oral, memória e histórias traumáticas**. História Oral, v. 4, 2001. Disponível em: <<https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/36>>. Acesso em: 18 nov. 2021.

SILVA, Michelle Pereira; FILHO, Geraldo INÁCIO. **Mulher e educação católica no Brasil (1889-1930)**: do lar para a escola ou a escola do lar? Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/revis/revis15/art14_15.pdf>, 2007.

SILVA, Samara Mendes Araújo. **Ritos, rituais e rotina**: educação feminina nos colégios confessionais católicos no século XX. Educar em Revista, v. 34, n. 70, p. 117-136, jul/ago,2018.

SILVA, Robson de Oliveira et al. **Cultura escolar no Colégio Nossa Senhora do Rosário em Alagoa Grande–PB (1955-1965)**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2016.

SILVEIRA, Eder da Silva. **História Oral e Memória**: a construção de um perfil de Historiador-Etnográfico. Ciência e conhecimento, v. 1, p. 1–7, 2007.

Site oficial do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora. Disponível em:<<http://cnsasousa.com.br/>>, acesso em: 06 de julho, 2023.

SOUSA, Danuzia Supriano. **Letras do sertão**: representações do feminino na imprensa sertaneja

(Sousa, 1951-1969). 2016. Disponível em: <<http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/6719>>. Acesso em: 18 nov. 2021.

SOUSA, Débia Suênia da Silva. **Colégio Nossa Senhora de Lourdes: culturas escolares em Cajazeiras-PB (1949-1983).** 2018. Disponível em: <<https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/25070>>. Acesso em: 18 nov. 2021.

SOUSA, Francisca Genifer Andrade de; FERNANDES, Francisca Risolene. **Análise de conteúdo de “As três Marias” e a instrução feminina cearense: práticas educativas, vigilância e transgressão.** Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev. Pemo, v. 1, n. 1, p. 1–17, 2019.

VASCONCELOS, Maria Celi Chaves; DA SILVA, Márcia Cabral; VIEIRA, Cristina Maria Coimbra. **História de mulheres e educação: transgressões, resistências e empoderamentos.** Revista Teias, v. 23, n. 70, p. 2-11, 2022.

VEIGA, Ana Maria. **Uma virada epistêmica feminista (negra): conceitos e debates.** Tempo e Argumento. Florianópolis, UDESC, v.12 n.29, p. 1-32, jan./abr. 2020.

XAVIER, Antônio Roberto et al. **História oral: abordagem teórico-metodológica, conceitual e contextual.** Práticas Educativas, Memórias e Oralidades-Rev. Pemo, v. 2, n. 1, 2020.

APÊNDICE I

INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

ROTEIRO DE QUESTÕES PARA AS ENTREVISTAS

Trajetória de vida e escolar

- ✓ Iniciar as entrevistas fazendo questionamentos acerca da sua trajetória escolar e de vida e do que pesou para escolha de estudar no CNSA.
- ✓ Quais as memórias e histórias as alunas tem quando se fala do CNSA. O que marcou a vida delas durante o período escolar estudado no mesmo.
- ✓ Quais influências as fizeram estudarem no CNSA. Quais os motivos; por que os pais escolheram esse colégio e o que elas entendiam disso.
- ✓ Abordar quais as profissões que elas tinham em mente e se algumas delas receberam influência da educação no colégio ou/da família para se tornarem professoras.
- ✓ Questionar as ex-alunas quais os interesses que elas tinham diante dos estudos em sala de aula e se esses interesses eram correspondidos pelos professores. Havia alguma forma de satisfação em estar naquele espaço escolar? O que elas queriam ia de acordo com o que era realizado no educandário? Como elas entendem esse contexto?
- ✓ Como eram as formas de disposição da sala de aula.
- ✓ Quais os horários das aulas e as atividades para alunas.
- ✓ Que tipo de ensino era desenvolvido; as alunas podiam participar e expor suas ideias. Como era o processo de ensino e aprendizagem.
- ✓ Elas sabiam de suas atribuições e dos seus direitos? Quais eram essas atribuições no período de estudo das mesmas?
- ✓ Havia a liberdade de pensamento crítico?

Educação religiosa

- ✓ Questionar as alunas como ocorria as atividades religiosas, em que momentos, como elas se sentiam e o que interpretavam disso tudo.
- ✓ Havia orientação religiosa? Se sim, como ocorria e o que elas entendiam sobre o mesmo.
- ✓ Como ocorria a influência da Madre e da virgem Maria diante de questões sobre comportamento, sexualidade e corpo.
- ✓ Quais os atos religiosos que eram feitos na sala de aula com as alunas.
- ✓ Como era organizados os momentos de orações, como eram as atividades religiosas, quais as influências católicas foram perpassadas na vida delas.

- ✓ Como era a relação dessas alunas com as mães religiosas e com os professores do colégio.
- ✓ Abordar com as ex-alunas se a ida para as missas era o que as mesmas desejavam ou uma obrigação que o colégio exigia?
- ✓ Com relação a esse respeito pelas mães, isso era visto como algo de admiração ou temor por elas?

Normas, indisciplina e família

- ✓ Discutir com as ex-alunas sobre a influência dos pais na escola; se estes estavam de acordo com as regras e como se comportavam com suas filhas diante do papel social dada as mesmas.
- ✓ Que tipos de normas e regras existiam com relação ao corpo delas e aos modos de se comportar e se vestir no colégio.
- ✓ Havia algum tipo de castigo e como elas compreendiam tais formas de punições. Assim como, saber quais as formas de resistências elas realizavam no espaço escolar.
- ✓ Questionar as alunas se elas sabiam sobre o feminismo e que opiniões têm sobre o mesmo.
- ✓ Sondar se havia castigos físicos ou psicológicos no espaço escolar.
- ✓ Debater com as alunas se elas entendiam o momento político da época, se percebiam as formas de censura do governo Militar e como elas vivenciaram esse período.
- ✓ Questionar com relação às normas, ao que era imposto, se elas concordavam, como elas lidavam com a disciplina e a indisciplina.
- ✓ Perguntar se recebeu algum tipo de punição; se havia punições realizadas no educandário; o que elas interpretam pela punição e os processos de sanção ou correção das atitudes e comportamentos.
- ✓ Que tipo de falha, desvios, o que afastava da regra era realizado por elas ou por suas colegas.
- ✓ De que forma as alunas eram orientadas acerca do sistema político vigente e dos valores que fundamenta a sociedade?
- ✓ Que tipo de valores e atitudes eram abordadas no colégio? Questionar a ex-professora.
- ✓ Quais os princípios que o colégio seguia.
- ✓ Discutir quais os valores da classe dominante nos períodos escolares das ex-alunas.

APÊNDICE II

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO – TCLE
(Elaborado de acordo com a Resolução 466/2012 – CNS
CONEP)



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE
BASEADO NAS DIRETRIZES CONTIDAS NA RESOLUÇÃO CNS Nº466/2012, MS.

Prezado (a) Senhor (a)

A pesquisadora Ana Paula Estrela convida você a participar da pesquisa intitulada “Trajetórias de vida de ex-alunas do “Colégio das freiras”: o Colégio Nossa Senhora Auxiliadora (Sousa-PB, 1958-1985)”. Para isso, precisamos que você possa assinar o TCLE que visa assegurar a proteção, a autonomia e o respeito aos participantes de pesquisa em todas as suas dimensões: física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural e/ou espiritual – e que a estruturação, o conteúdo e forma de obtenção dele observam as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos preconizadas pela Resolução 466/2012 e/ou Resolução 510/2016, do Conselho Nacional de Saúde e Ministério da Saúde.

Sua decisão de participar neste estudo deve ser voluntária e que ela não resultará em nenhum custo ou ônus financeiro para você e que você não sofrerá nenhum tipo de prejuízo ou punição caso decida não participar desta pesquisa. Todos os dados e informações fornecidos por você serão tratados de forma anônima/sigilosa, não permitindo a sua identificação.

Esta pesquisa busca discutir acerca das trajetórias de vida e da educação católica feminina desenvolvida em um colégio religioso e está sendo realizada por Ana Paula Estrela, do curso de Mestrado em História da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação da Professora Surya Aaronovich Pombo de Barros.

Os objetivos do estudo são analisar acerca da formação das mulheres no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, em Sousa-PB, no período de 1960 a 1980. A finalidade deste trabalho é investigar a influência que o modelo educacional desempenhou na trajetória de vida de suas ex-alunas e a importância dessa educação naquele contexto, no qual o ensino era voltado para formação das meninas.

Solicitamos a sua colaboração para responder o questionário apresentado, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de História e História das Mulheres e publicar em revista científica nacional e/ou internacional. Por ocasião da publicação dos resultados, seus dados pessoais não serão divulgados. Informamos que essa pesquisa não promoverá nenhum dano pessoal, material ou financeiro aos participantes, pois trata-se de preenchimento de questionário simples, sem solicitação de qualquer dado pessoal ou valor financeiro.

A pesquisa se desenvolverá com base em entrevistas com trinta questões a serem direcionadas a depoente, no qual iremos gravar através do gravador de voz do celular pessoal da pesquisadora. A entrevista durará em torno de uma hora, podendo ser estendida ou diminuída conforme a dinâmica e interação entre a depoente e a entrevistadora. A partir da gravação será

realizada a transcrição digitalizada da entrevista para posterior análise e validação da participante. Mediante autorização, iremos fazer a anexação dos depoimentos nos apêndices da dissertação.

A avaliação dos benefícios da pesquisa, ao longo do processo investigativo, trouxe para o projeto proposto como resultados: a compreensão da educação feminina no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora; identificar a influência que essa educação reverberou na trajetória de vida de cada depoente; analisar o contexto social, econômico e cultural da cidade de Sousa através deste educandário e perceber as transformações e permanências da educação católica feminina no educandário.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, a senhora não é obrigada a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pela pesquisadora. Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano. Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Assinatura do(a) pesquisador(a) responsável

Considerando, que fui informada dos objetivos e da relevância do estudo proposto, de como será minha participação, dos procedimentos e riscos decorrentes deste estudo, declaro o meu consentimento em participar da pesquisa, como também concordo que os dados obtidos na investigação sejam utilizados para fins científicos (divulgação em eventos e publicações). Estou ciente que receberei uma via desse documento.

João Pessoa, ____ de _____ de _____



Impressão dactiloscópica

Assinatura do participante ou responsável legal

Contato com o Pesquisador (a) Responsável:

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para o (a) pesquisador (a) Ana Paula Estrela e sua orientadora Profa. Surya Aaronovich Pombo de Barros, pelo telefone (83) 94868-5061 ou para o Comitê de Ética do Centro de Ciências Médicas, 3º andar, sala 14 - Cidade Universitária - Campus I, Universidade Federal da Paraíba, CEP: 58051-900 - Bairro Castelo Branco - João Pessoa - PB.

Telefone: (83) 3216.7619

E-mail: comitedeetica@ccm.ufpb.br

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM AS EX-ALUNAS NEUSINHA E DECI

Ana Paula: Inicialmente, eu gostaria de saber como foi que a senhora chegou no Colégio? Como foi essa decisão da senhora estudar lá? Se foi sua família que quis...

Deci: Essa decisão...

Ana Paula: Sim, se foi sua família que escolheu...

Deci: Não. Primeiramente, meus pais, meu pai até hoje é agricultor, mora no sítio com 96 anos, o negócio dele é trabalhar na roça. Ele não sabe qual foi o colégio que eu estudei em Sousa. Ele não sabe que curso eu tenho. Ele nunca soube nada da minha vida. Eu me fiz sozinha na vida, graças a Deus e até hoje não me arrependo. É tanto que na sala de aula quando eu começava a contar a minha história, os alunos ficavam assim... se admirando, dizendo que não era verdade o que eu falava.

Ana Paula: Então, a senhora morava longe dele?

Deci: Eu morava no sítio, eu sou do sítio de São José. Meu pai até hoje mora no sítio. Eu vim para aqui, meu sonho de estudar em Sousa, de estudar na rua, como diziam primeiro, era desfilar no dia 7 de setembro. Era o meu sonho. E graças a Deus eu realizei! E eu comecei estudando no Colégio Comercial, sem ter condições. Porque na época... a gente só tinha o Estadual em Sousa, que hoje é o André Gadelha, pra atender a região todinha. Ninguém... era difícil conseguir uma vaga. Aí eu ensinei por a prefeitura de São José de Lagoa Tapada dois anos, economizei pouquinho... toda vida eu fui econômica, todo mundo se admira... (risos)

Neusinha: Faz milagre (risos)

Deci: Era isso que meus colegas diziam no colégio, que eu fazia milagre, porque sempre mantive meus filhos no Colégio Auxiliadora, pagando, sempre comprava o livro de todo os dois, tá aí Neusinha que não me deixa mentir, livros novos. Aí, eu vim estudar aqui, eu só com a cara e a coragem e fui pra o Comercial, pagando. Porque eu não conseguir uma vaga no Estadual. Não tinha nada, com promessa de uma bolsa, que os deputados de primeiro... e nem isso eu nunca conseguir, graças a Deus! Aí, fui pra o Comercial. Estudei lá a 5ª série, naquele tempo era o primeiro ginásio... o primeiro ginásio no Comercial. Lá eu estudei o primeiro... aí quando terminou o primeiro ano eu tirei minha transferência para o Estadual.

Neusinha: Conseguiu?

Deci: Aí... não consegui vaga, quando cheguei lá não tinha vaga, voltei com a mesma transferência, como Joaquim Oliveira era meu professor de História, muito bom, que Deus o tenha!

Neusinha: Era ótimo!

Deci: Que eu fiz História justamente por conta dele em Cajazeiras. Joaquim me disse: - Tem nada não! Você fica aqui no Comercial, daqui pra o meio do ano, eu consigo uma vaga pra você no Estadual. Ele era diretor do Colégio Estadual. Aí... de lá eu fui pra o Estadual. Fiz, terminei o 6º ano, que nesse ano o Batista Leite, que nessa época o Batista Leite era extensão do Estadual. Era tanto aluno que o Estadual não comportava. Aí, o pessoal da noite... era no Batista Leite extensão do Estadual e eu fiz o 6º... a 7ª série, que hoje é o 8º ano... eu voltei pro Estadual, estudar de manhã. Aí quando foi na 8ª série em 76, abriu o Polivalente 1 Celso Mariz. Aí, quem morasse no Canal do Estreito pra cá, ficava no Estadual. Quem morasse no Canal do Estreito pra lá, ficava no Estadual, quem morava no Canal do Estreito pra cá ficava no Polivalente 1 Celso Mariz. Aí sim, eu fui fiz a 8ª no Celso Mariz. Terminei a 8ª série, que hoje é o 9º ano. Voltei pro Estadual fiz o 1º Científico, mas como eu era pobre, pra ser professora naquele época era muito bom, aí eu vi no Pedagógico... que o Pedagógico você podia ser professor quando terminasse o Pedagógico. Você podia fazer concurso pra professor. E eu sempre quis fazer concurso. Aí, fui fazer o 2º Pedagógico. Madre

Aurélia era professora do Estadual e depois ela disse: - Não Deci, você faz readaptação no 2º Pedagógico. Você fez o 1º Científico, aí as cadeiras que você não pagou... no Científico, você paga readaptação lá. Aí, o que era que não tinha lá, não tinha...

Neusinha: Biologia...

Deci: Não, lá tinha Biologia tinha. Não tinha História, Geografia no 1º Pedagógico não tinha... era? Tinha... Aí, eu paguei até com Bernadete Galdino, minha professora de História e Geografia. Fiz umas provas, aí eu fiz o 2º Pedagógico...

Ana Paula: No Auxiliadora?

Deci: No Auxiliadora, sim. Foi em 78, viu. Eu já tinha feito em 77 o 1º Científico, aí fui pro 2º Pedagógico em 77. Aí, lá fiz o 2º Pedagógico em 77, não, 78 e 79. Em 79 eu terminei! Aí, quando eu terminei passei no 1º Vestibular e fui fazer faculdade em Cajazeiras. Aí, eu me formei lá no segundo andar da Universidade de Cajazeiras e agradecendo a Deus!

Ana Paula: E a senhora fez História?

Deci: Fiz História. Fiz História em Cajazeiras e eu lá ficava agradecendo a Deus naquela noite de lua clara, ficava lá agradecendo. A pessoa vem pra Sousa, sonhando... em desfilar dia 7 de setembro e eu hoje passava pelo primeiro vestibular e tá aqui no segundo andar de uma universidade, coisa que nunca passou pela minha cabeça.

Neusinha: Era uma glória, né? Sair lá do sítio de São José da Lagoa Tapada...

Deci: Do sítio, meu pai sem saber nem onde eu tinha estudado. A pessoa que me deu a mão em Sousa foi Zé Brito, você não chegou a conhecer. Zé Brito com a lojinha ali na esquina do mercado... era na esquina, que hoje é a esquina com o anexo do mercado grande. Quando eu vim estudar aqui em Sousa, aí Zé Brito veio deu uma carona a minha prima do Estadual pra cá, Alcelina de Inácio. Aí, Zé Brito chegou lá em casa, veio deixar... aí, Zé Brito deu a carona e veio deixar Alcelina lá em casa. Aí, quando ele chegou, aí eu contei a minha situação, né, que eu estudava no Comercial, não tinha condições pra pagar, que... tava atrás de um emprego. Aí, ele disse: “Olha, emprego eu lhe garanto não. Vamos fazer o seguinte: como você tem condições de estudar... vamos fazer o seguinte, você vai, como você estuda de tarde, num sábado você vai pra minha loja, você fica só arrumando aquelas peças no balcão, dobrando e botando nas prateleiras”. O balconista ia coisando e eu ia por trás arrumando, né? Aí, eu sei que eu... trabalhava no sábado o dia todinho e na segunda até meio dia, porque eu estudava de tarde. Era no sábado e na segunda. Aí, quando chegava no final do mês ele me dava um dinheirinho pra eu pagar o Comercial. Era, porque antes de eu trabalhar chegava o dia da prova, aí o diretor encostava com um monte de papel, falando: “Fulano de tal, não pagou, sai! Fulano de tal...” E eu mesmo sai muitas vezes, né?

Ana Paula: Da sala de aula?

Deci: Da sala de aula, era. Chamava no dia prova e você aquela prova fazia depois. Era. A gente não tinha condições e o colégio tava atrasado e eu não tirava razão... ele vivia daquilo, não é? Não pagava...

Karla: Hoje não pode mais fazer isso...

Deci: Pode não, hoje não pode, tem que conversar. Mas Seu Toinho era muito bom também, Seu Toinho...

Neusinha: Ele era muito bom, ele fazia porque o diretor não era ele. Ele não era o dono da escola.

Deci: Ele era o dono da escola, Seu Toinho. Mas era na época, era assim...

Neusinha: Mas ele não era diretor porque não era formado?

Deci: Era, mas nesse tempo podia tudo. Eu gostava muito dele.

Ana Paula: E quando a senhora estudava no Auxiliadora pagava?

Deci: Pagava. Todo mês. Aí, quando eu fui pro Auxiliadora, eu já trabalhava na loja, já ganhava muito dinheiro, graças a Deus, sempre ganhei bem de balconista. Com pouco tempo lá em Zé Brito, eu passei a ser balconista, né? Aí fui estudar de noite o Científico, o Científico eu já estudei de noite e o Pedagógico também foi de noite. Estudava de noite e a classe era lotada, né? Só mulher, muita gente. Minhas colegas era Antoniêta Formiga foram minhas colegas do colégio. Noelia, que é a mulher de Nunes, Doralice de Zé Nunes, Vânia de São Gonçalo, Ildenilda que era esposa de Brasil que é do Banco do Brasil. Era umas cinquenta e tantas mulheres.

Ana Paula: Nossa...

Deci: Ainda hoje talvez tenha a foto, mulher. Acho que tem o convite, não sei se ainda tem lá em casa o convite da nossa formatura, viu? Ah, lá eu já participei como... eu já trabalhava, ganhava muito dinheiro que na loja eu ganhava muito dinheiro como balconista. A gente ganhava a porcentagem, era 4%, mas a gente ganhava muito mais que o salário mínimo... (interrupção por saída da filha de Neusinha da casa). Sim, o que é mais que você quer saber?

Ana Paula: Como era a educação lá no Pedagógico, no Auxiliadora? Como era as aulas? O que a senhora sentia?

Deci: Ah, eu me sentia, eu sempre me sentia bem a vontade lá. É, o povo dizia que era colégio de rico, mas eu sempre, como pobre, graças a Deus eu sempre me sentir muito bem lá, fui muito bem acolhida. Até porque eu nunca fui de me lamentar. Eu sempre fui de ir a luta, certo? Tive bons professores, viu... meus professores foi Irmã Iraídes, foi Madre Aurélia, que era muito boa...

Ana Paula: Ela era professora de que?

Deci: Madre Aurélia era professora de Psicologia, muito boa, Psicologia... Irmã Iraídes professora de Português, muito boa, nota mil! Era Apolônia, Irmã Apolônia que hoje é só Apolônia, né? Que nesse tempo ela era freira. Foi Irmã Irene... foi... Bernadete Galdino... foi Zélia, irmã de Jairo Torres, Zélia Ribeiro, Dona Alzira Matos, foram meus professores. Foi... foram esses. As metodologias que tinha, né? Que tinha primeiro metodologia da Ciência, que era Zélia Ribeiro, metodologia de Estudos Sociais, porque era mais isso, metodologia. Madre Aurélia era muito boa, até quando ela chegava assim no final...

Neusinh: Filosofia, né? Madre Aurélia...

Deci: Filosofia era Madre Aurélia também, né? Madre Aurélia era...

Neusinha: Era Filosofia da Criança...

Deci: Filosofia e Psicologia, era... e... meu melhor professor que eu tive lá, que ele não era nem professor, tava só estagiando foi Chiquinho Cartaxo. Foi o único professor com que eu tirei um dez em Matemática. Chiquinho foi pra lá simplesmente estagiar. Ele tava terminando parece que o curso de Engenharia e foi estagiar no Auxiliadora. Sim! Doutor Francisco dentista foi meu professor lá de Biologia, que até hoje é meu amigo Doutor Francisco. Quem mais... pronto, foram esses meus professores e muito bons. Sempre fui muito bem dotada lá. Muito bom, o colégio nunca teve nenhuma distinção comigo e nem discriminação.

Ana Paula: Nem com suas colegas?

Deci: Não, não. Sempre foi muito boa, o atendimento sempre foi nota mil, né? Zelma, na época Zelma professora de Educação Física...

Neusinha: Era engraçada...

Deci: Era, muito boa, adorava as aulas de Zelma, muito boa. Foi minha colega, foi minha professora e depois foi minha colega como professora, agora lá no Celso Mariz.

Ana Paula: Então, a senhora veio do sítio morar aqui em Sousa. A senhora veio com sua mãe?

Deci: Não.

Ana Paula: A senhora veio sozinha?

Deci: Eu não tinha mais mãe. Eu não tinha mais mãe. Eu não conhecia nem Sousa. Quem me levou pra fazer a matrícula, eu não sabia nem andar em Sousa, nunca nem tinha vindo em Sousa. Quem foi comigo foi uma prima minha lá de São José que estudava aqui, Francisca foi quem foi comigo pra o Comercial pra fazer minha matrícula, porque eu não sabia, né? E era só uma reta, porque eu sempre morei aqui...

Neusinha: Aí era uma heroína, viu? Ela chegou aqui no início desse conjunto, num foi?

Deci: Não, nada! Quando eu cheguei aqui não tinha nem esse conjunto, isso aqui era manga, era manga. Essa rua era Rua do Arame, essa rua principal aí.

Neusinha: Era, eu lembro, porque eu morava lá no...

Deci: Aqui, esse bairro aqui era a Rua da Palha, a Rua da Palha... era a Rua da Palha.

Neusinha: Era...

Deci: Porque aqui era tudo de palha. Era a Rua do Arame no tempo de Chico Prexé, era a Rua do Arame, né? Isso aqui era tudo, era favela e velame. Isso aqui não existia não, certo? E... eu vim morar na Rua da Palha e aí era bairro pobre mesmo, sabe? Só aquelas casinhas de taipa. Era casinha de taipa que eu ficava.

Ana Paula: A senhora ficava sozinha?

Deci: Não. Eu vim pra aqui, meu irmão estudava aqui, meu tio e tinha mais dois rapazes de São José. Aí de manhã eu cozinhava, fazia o almoço deles e de tarde eu ia pra escola que eu ainda era novinha, nera? Nesse tempo... mas eu já vim pra fazer isso, fazer a comida deles. Aí de noite, eles dormiam lá na casa dos estudantes que tinha lá na esquina do INSS e eu ia dormir ali na Carmelita, na Augusto dos Anjos e era casinha de taipa, não tinha nem segurança, não tinha nada. Fogãozinho a lenha, fogãozinho a carvão, não existia fogão a gás, não tinha televisão, não tinha rádio, não tinha nada.

Neusinha: O bairro da Palha é conhecido, né? Era conhecido mais como uma zona de prostituição.

Deci: Era, era...

Ana Paula: Aqui em Sousa?

Neusinha: Era, essa casa aqui...

Deci: Era, tinha isso mesmo. Ali onde hoje é a Farmácia de Oriel era o cabaré de Marieta, o cabaré de Marieta...

Neusinha: Era... hoje é a Padaria Sorriso ali e Dona Marieta era gente excelente, boa demais. Mas era, era o cabaré mesmo e aqui era a zona todinha...

Deci: E tinha o de Raimunda Branca, aí no beijo da linha. Eu lembro, eu morava entre os dois. Mas eu nem me prostitui, nem me prostitui, nunca bebi graças a Deus, nunca trabalhei nas casas, porque naquele tempo se trabalhasse nas cozinhas o patrão embuchava, né?

Neusinha: Ave Maria! Era um perigo! Era, ainda hoje faz.

Deci: É, embutido, mas faz. Mais hoje é mais difícil.

Neusinha: Mas hoje as mulheres que são mais independentes e sabidas.

Deci: É, é, as mulheres são mais...

Neusinha: É uma batalhadora essa mulher.

Deci: Eu fui, graças a Deus.

Ana Paula: E a senhora? Como é que a senhora chegou no colégio?

Neusinha: É o seguinte, eu estudei no Comercial, como ela falou aí, lá tinha uma admissão, em 1960 estudei no Comercial até 1964. Aí eu terminei o Ginásio e fui pra Aparecida. Era filha de agricultor, mas o meu pai... naquela época a gente tinha propriedade, mas era de pequena propriedade, né? E, quando eu fui pra lá ensinar, aí ensinei, preparei meus irmãos todinho pra botar no colégio. Aí vim fazer... sempre estudei em colégio particular. Aí meu pai era pobre, mas pagava os colégios e eles de dois em dois meses, ele vendia um garrote e pagava o colégio e as contas, porque ele sabe a dificuldade de agricultor. E meu pai era comerciante também. Era até considerado uma das pessoas ricas da cidade, que Deci sabe, né?

Deci: É verdade.

Neusinha: Não sou considerada uma pessoa pobre, né? Mas só que a minha maneira humilde, eu era mais pobre que estudava no colégio. Nós estamos falando do Colégio das Freiras, né? Mas quando eu cheguei no Colégio das Freiras, eu já tinha dois empregos. Uma de professor, porque eu estudei no Dez de Julho, a Escola Normal Dez de Julho e foi pago. Mas eu tinha uma bolsa de Antônio Mariz. Aí fiz e fui logo contratada, em 68 eu já era professora. E também eu tinha um curso de Corte e Costura e costurei muito. Como costureira Deci sabe que eu já fui costureira aqui, né? Trabalhei aqui...

Deci: É verdade.

Neusinha: Aí eu costurava muito bem que é verdade, né Deci? Você como vizinha sabe, né... ainda hoje eu tenho minha máquina, né? Apesar dos meus 78 anos, eu ainda me sento na máquina... Aí eu fui ser professora de Corte e Costura em Aparecida. Quando eu fui pro Colégio das Freiras, eu tinha dois empregos. Um do Estado e outro da Prefeitura de Sousa. Eu ganhava mais da Prefeitura de Sousa como formada do que do Estado. Aí o curso do Dez de Julho que era Escola Normal nessa época São José, aí ficou desvalorizado. Era como só se eu tivesse o 1º Pedagógico. Aí eu fui no Rio de Janeiro lá visitar uns irmãos lá que tinha passado lá no concurso, lá da Petrobrás e arranjei um emprego pra um dos meus irmãos que eu já tinha preparado. Ele já tinha feito o Ginásio no... Estadual de Sousa. E eu já tinha colocado o outro já tava em Catolé do Rocha estudando lá na Escola Agrotécnica de Catolé do Rocha. Aí eles disseram: “Neusinha, tu faz História?” Ah, não! Já tô confundindo... Aí eu fiz o Pedagógico... já tô lá na frente. Aí fiz o Pedagógico com dois empregos,

né? Quer dizer, vivia bem, pagava o colégio, mas só que eu morava em Aparecida. Eu sou de Aparecida, aí eu lá, eu já bancava uma casa, já bancava meu pai, já bancava tudo, tinha dois empregos, bom, dois empregos bons. Aí fiz o Pedagógico, quando eu fiz o Pedagógico aí fui pra... aí eu ia embora pro Rio de Janeiro, porque eu sonhava mais alto, mas... aí eu conheci um rapaz, através do casamento eu fui fazer em Sousa, aí já tava estudando em Cajazeiras, aí fiquei, fiz vestibular, aí eu resolvi estudar em Cajazeiras. Agora no Comercial, eu passei esse negócio de Deci, só com a diferença. Toinho, que já era familiarizado com meu pai e tudo, quando ele ia botar o povo pra fora, ele me dava um dinheiro nos corredores, me chamava e eu ia pagar, aí meu pai vinha, porque meu pai só pagava de dois em dois meses o colégio, quando vendia um garrote, e ele sabia da situação, entendeu? Porque Zé Honório era um vereador que a gente acompanhava ele, que ele era cunhado de Zé Honório, e sabia que meu pai tinha condição, mas não todo mês, porque ele não tinha... Foi um sofrimento, foram cinco anos no Comercial, aí depois fui pro Dez de Julho. Lá era caro, escola de rico, eu lembro até hoje no desfile, eu tinha um retrato, mas esqueci.

Deci: Até era farda de gala, né?

Neusinha: A farda de gala e eu não pude comprar. Aí eu no dia de 7 de Setembro, que a gente desfilava, eu fiz. Eu lembro que eu desfilei, com a calça preta, representando a bandeira da Paraíba e uma bandeira vermelha, manga de $\frac{3}{4}$, um pelotão, uma coisa mais linda, representando a bandeira da Paraíba, que era as pobres como eu, que era das mais pobres, a flagelada, não tinha emprego não tinha nada, né? Só ensinava particular, sábado e domingo era particular, preparando menino pra fazer, pra entrar no Estadual que era como um vestibular, né?

Deci: Era admissão, nera? Prova de admissão, eu fiz no Comercial pra chegar lá, a prova de admissão.

Neusinha: Era como um vestibular. Mas os alunos de Aparecida só tiravam dez, em primeiro lugar, nera não? Não era craque? Minhas irmãs estudaram lá.

Deci: Os alunos de Aparecida são muito inteligentes.

Neusinha: E estudiosos, mas era desde o meu tempo, eu ensinei lá, quase dez anos.

Deci: É, povo inteligente e trabalhador.

Neusinha: E esperto, e queria mesmo. Você pensa que a gente dizia “ei menino”, sabe quantas... quando eu era professora lá mesmo, era, era dez operações, todos os dias. E eles copiavam pelo quadro, que não tinha esse mimeógrafo em Aparecida. Eu copiava no quadro uma leitura silenciosa. Dessa leitura, eles tiravam os sinônimos e antônimos que a gente fazia interpretação, fazia tudo sobre texto né, Deci? Deci é testemunha que ela ensinou também em escola pobre, que ela ensinou e eu ensinei lá em Aparecida, no grupo escolar José Gadelha, que hoje é a escola do Estado. Depois também, já passou de município pra Estado, no meu tempo já era Estadual, né? Então, era uma dificuldade muito grande, financeira pra estudar, mas quando eu fiz o Pedagógico, a minha situação financeira já estava bem melhor.

Ana Paula: Em que ano a senhora fez o Pedagógico lá no Auxiliadora?

Neusinha: Fiz... só fiz o Segundo e o Terceiro ano, foi 63 e 64.

Ana Paula: Aí a senhora estudou também com a Madre?

Neusinha: Estudei com a Madre Aurélia, Irmã Iraídes, Português. É uma professora excelente, um exemplo. A mulher, não sei não, era um... um negócio mesmo, professora, tinha outras boas também lá, mas uma professora como a Irmã Iraídes, pra mim, ela era grande em tudo. Vou contar um exemplo de irmã Iraídes. Ela dava uma aula de Português, debaixo de uma goiabeira, você ainda estudou debaixo de uma goiabeira?

Deci: Não.

Neusinha: Era assim. Era interpretação de texto quando ela ia ensinar. Ela ensinou, a última aula do Colégio era lá, a gente ia, porque não tinha sala de aula, era no tempo que começou a reforma do Colégio, também estudei em Colégio Antigo.

Deci: Foi, eu também estudei ali debaixo.

Ana Paula: Antes da reforma?

Neusinha: Antes da reforma. Aí a gente estudava lá, porque a gente era maior, grande né? E a aula da gente, a sala já ficava ocupada, era só a Irmã Iraídes, que dava nessa hora a aula, porque tinha que ser ocupado essa sala. Ela uma vez, eu lembro de uma vez de uma aula, e tem uma coisa, éramos sessenta.

Ana Paula: Sessenta alunas?

Neusinha: De todos os lugares da redondeza de Sousa. Num era? De todas, era sessenta intopadinhas assim, menina, éramos cinco de Aparecida e a dificuldade que eu tive de Aparecida praqui, era só de transporte, porque...

Ana Paula: A senhora vinha todos os dias?

Neusinha: Todos os dias, estudar aqui. A gente vinha cedo. E eu vinha com a turma, porque elas pegavam carona e eu entrava no embalo, mas todo mundo tinha seu dinheiro, no dia que não pegasse carona vinha, né? Mas, eu nunca tive coragem de pedir carona, porque eu tinha dinheiro no bolso. Aí, eu já trabalhava, já ensinava, já costurava. Eu passava uma noite todinha costurando. Aí minha filha, essa aula de Irmã Iraídes, não sei não, marcou, me marcou até hoje. Ela falava, foi ela dando soneto, você sabe, né, o que é um soneto?

Ana Paula: Sim.

Neusinha: Aí nesse soneto, ela, tinha sido um menino assim que faleceu. Mulher, quando ela recitou esse soneto pra gente, que deixou assim um suspense, parecia que a gente tava vendo o menino no enterro, tudo. Foi uma coisa como que ela assim... anestesiou tudinho. Como é que chama assim que, todo mundo ficou... Quando terminou, a gente ficou impressionado. A maneira dela ler, de como ela recitou, com aquela calma, né? Essa aí foi que me marcou no Colégio. Eu passava por média, era uma boa aluna, e interessada, né? Que a gente sabe as dificuldades que passava. Eu sempre estudei, e eu fui muito boa de decorar. Aí eu vou te dizer, eu decorava mais do que entendia, eu decorava assim brincando. Hoje eu não decoro nem o nome mais do povo, tenho 78 anos hoje.

Ana Paula: Na época a senhora tinha quantos anos?

Neusinha: Eu tinha, em 73? Eu nasci em 44, 73, 74.

Deci: 73? Tinha 19 anos, tinha 20 anos.

Neusinha: Tinha mais, tinha mais.

Deci: Foi 63 ou 73?

Neusinha: Eu estudei em 73.

Deci: Então tinha 30 anos, 29, 30.

Neusinha: Foi, tinha 30 anos, era. Eu já era professora a muito tempo, eu já fui contratado com o Pedagógico que eu tinha, eu fui nomeada em 68. Com 24 anos, eu comecei a trabalhar, ensinar mesmo, com dois empregos. Aí outra coisa que me marcou de Irmã Iraídes, não é uma coisa que marca, né?

Ana Paula: É.

Neusinha: Eu era professora de Ensino Religioso no Estadual, mas eu lá ensinava outras coisas também. Ensinava História, Educação Moral e Cívica. Aí houve um encontro de professores de várias cidades, né, ao redor de Cajazeiras, que pertencia a diocese de Cajazeiras. Como Sousa ainda hoje pertence, né? Aí, nós fomos convidados. Só que eu tinha uma crise de faringite. Fui mesmo sem fala, com febre, porque a diretora lá disse: “tem que ir”, eu e outra. “Você tem que ir, porque tá exigindo no colégio, tem que ir, tem que ir”. Uma das professoras representando e não sei, quem não vai e nem sei nem porque, não sei... só sei que eu fui doente. Ai lá irmã Iraídes disse que tinha guardado um texto pra mim, mas eu não pude ler. Minha filha, ela leu um texto, mas não foi o meu, o meu deram pra outra professora, mas ela leu um texto bíblico, que eu já sou acostumada a ler, mas eu não me lembro mais, foi em 70. Eu era professora do Estadual já, não era mais aluna de lá, eu não me lembro bem não, sabe? Mas eu sei que Irmã Iraídes leu esse texto, que paralisou a sala, com o professor de toda redondeza! Foi impressionante! Eu nunca vi uma pessoa ler daquele jeito. Eu já tinha ficado impressionada com o soneto, que eu lhe falei que era de uma criança. Menina, olhe, ela leu que todo mundo ficou... Olhe, quando a gente saiu não tinha outro assunto, tinha sido esse texto.

Ana Paula: Deixou todos encantados.

Neusinha: Olhe, um texto que você já ouviu mil vezes, que você não dava nem um significado, por ele assim, tão importante como todos deram. Até um senhor que na época ele tinha sido diretor, da faculdade onde eu estudei, da universidade, né? Ele ficou encantado assim, sabe? Foi uma salva de palmas que quase não termina mais! Foi o que mais me encantou dos professores. Eu tive muitos professores bons, excelentes, que eu tenho saudade, entendeu? Mas como Irmã Iraídes, impressionou. Porque Madre Aurélia, é uma grande professora de Psicologia Infantil, desde 0 a 3 anos, de 3 anos a 7, de 7 a 10, adolescente. Menina, eu não sei não... parecia que ela vivia na casa da gente com as crianças.

Ana Paula: Ela era diretora da escola e professora?

Neusinha: Irmã Iraídes não, Madre Aurélia.

Ana Paula: Era diretora e professora?

Neusinha: Era. Agora eu tive os professores lá, eu quase tive os mesmos que Deci teve, que foi.. eu tive... Eu estudei antes de Deci, eu chamo Deci, mas é Deci. Antes de Deci estudar, eu estudei em 73 e 74, e ela estudou em...

Deci: 78, 79.

Neusinha: Foi.

Ana Paula: Existe uma roupa tradicional?

Deci: Era a farda. Era uma saíinha vermelha, eu tinha até um tempo desse.

Neusinha: Era essa mesma de Karla.

Ana Paula: A saia vermelha e a blusa branca.

Neusinha: E a blusa branca, era. Até as primeiras eucaristias era assim com essa farda. Essa foi a última turma que fez assim. Depois já foi no ginásio 10 de Julho, porque já tava derrubando o colégio. E meus filhos estudaram tudo lá. Agora eu só não tenho os retratos agora, porque eu me mudei só faz um mês que eu tô aqui, né Deci? Deci sabe. Aí eu cheguei aqui no dia 30 de novembro, eu ainda não fui lá nos baús, não sei nem se meus álbuns tão aqui, ou se tá na casa do meu pai, que eu vim embora.

Ana Paula: Depois que vocês se formaram professoras, vocês continuaram atuando em sala de aula?

Neusinha: Foi, eu ensinei e me aposentei em... eu me aposentei em 93. Porque eu tive um infarto, aí eu... foi já quando tava começando umas droguinhas, né? Estudava a noite, aí... Mas eu ensinei no Estadual, nunca tive problema com ninguém, ensinava o Ensino Religioso e não ficava um aluno de fora de sala de aula, que eu dava as aulas. Assistia todas, eu planejava no Colégio das Freiras.

Ana Paula: Quer dizer que quando a senhora estudava, a senhora estudava e dava aula?

Neusinha: Ensinava, mas quando eu estudava, eu ensinava em Aparecida e estudava aqui, depois morava em Aparecida e estudava em Cajazeiras. Aí depois quando eu casei é que eu vim morar aqui em Sousa.

Ana Paula: Então assim, havia o Ensino Religioso presente nas aulas?

Neusinha: Tinha. Em Aparecida também existia, mas lá a gente não planejava.

Deci: No Ensino Religioso, era a Madre que dava também.

Ana Paula: E como era esse Ensino Religioso?

Deci: Era bem boa as aulas dela, muito boa.

Neusinha: Era. Agora como professora ela dava também, era muito boa. Era tudo bíblico.

Ana Paula: Certo

Deci: Era.

Neusinha: Agora como professora no Estadual eu planejava com, era aquela Irmã era...

Deci: Eudarice? Não, Eudarice foi depois.

Neusinha: Não, não era Irmã...

Deci: Irene? Parece que foi Irmã...

Neusinha: Irmã Irene, ela não foi minha professora. Irmã Irene estudou comigo.

Deci: Irmã Luzia, tinha irmã Luzia também que era professora.

Neusinha: É, mas eu já não alcancei, eu já tinha, era depois. E Irmã, essa que você falou agora.

Deci: Irmã Francisca.

Neusinha: Irmã Francisca não gostava de ser professora não, ela era vice-diretora, porque Madre Aurélia não atuava assim na direção.

Deci: Mas Irmã Francisca era professora.

Neusinha: Era professora, mas Irmã Francisca não foi

Deci: Era, Irmã Irene, Irmã Francisca, Irmã Apolônia, no tempo que irmã Apolônia casou-se, deixou de ser Freira, Madre Aurélia e Irmã Iraídes, foram minhas professoras.

Neusinha: Eu tinha outra lá, mas eu não tô lembrando. No tempo que a gente fazia Religião, e Madre Aurélia...

Deci: Tavarinha quem era..

Neusinha: Tavarinha era aquele amor.

Deci: O motorzinho do colégio.

Ana Paula: Tavarinha era o que do colégio?

Deci: Ela era, atuava na disciplina, né? O motorzinho, que andava o tempo todo.

Neusinha: Os meus filhos eram loucos por ela.

Deci: Morreu, né?

Neusinha: Não sei, nunca mais ouvi falar em Irmã Tavarinha.

Deci: Eu ouvi falar que ela morreu.

Neusinha: Os meninos eram loucos por Irmã Tavarinha, meus filhos tudo louco por Tavarinha.

Deci: Era, a baixinha.

Neusinha: Tavarinha fiscalizava tanto que uma vez Karla foi pra lá fazer um trabalho lá, quando estudava, que Karla estudou lá, fez o Pedagógico lá também.

Deci: Meus meninos estudaram lá também do, do... da alfabetização até a oitava série.

Neusinha: É aí Karla, ela ia até trazer os retratos. Ela terminou o Pedagógico lá já grávida de... porque ela casou muito nova também. Já eu me casei com 31 anos.

Deci: Eu também casei com 31 anos.

Neusinha: E ainda tive 4 filhos. Foi tão bom e hoje eu sou viúva. Bom demais, a vida é isso, né?

Deci: Eu me casei com 31 anos e me casei bem, Graças a Deus.

Neusinha: Me casei com 31 anos também.

Deci: Foi, me casei com 31.

Neusinha: Eu vivi 10 anos com meu marido bom, aí ele começou a beber e ficou na rua assim... Mais, mais ainda eu tenho a pensão do meu marido e vivo bem graças a Deus e tenho meus filhos. É tudo os filhos da gente, né Deci? E meus filhos estudaram tudinho lá.

Ana Paula: Essa irmã Tavarinha ficava fiscalizando, observando?

Neusinha: Era, da disciplina. Aí um dia ela viu Karla lá que era pra fazer um trabalho, com as estudantes do Pedagógico que iam fazer um trabalho, pra... com eles, com os alunos. Aí foi eu cheguei lá, aí ela disse, a mulher, a mulher de Zé Ildo disse assim: “Essas meninas sem mãe ir solta pro colégio das Freiras”. E o menino dela estudava na classe de...

Deci: De Zé Ildo?

Neusinha: De Zé Ildo de Cristina. Aí eu digo: “Foi mesmo?” Foi, aí eu digo: “Ahhh meu Deus, Karla pede tanto pra sair dessa classe, dessa turma, aí eu fiquei calada, né?” Aí ela disse: “Pronto, leve sua filha”. “Olhe Neusinha”, porque eu já tinha estudado lá, né? Era familiarizada com ela, era boazinha demais, né? “Leve sua filha, acabe com esse negócio, não deixe mais não, essas meninas do Pedagógico não vêm, essas crianças ficam tudo correndo”. Elas tudo pequena, elas tudo correndo dentro do colégio, não sei se o menino caiu lá também, não sei, eu nem me lembro mais, quis nem saber, tirei Karlinha. Quando foi no outro ano, eu tirei logo Karla da turma, dessa turma, já botei em outra. Aí Irmã Iraídes, Madre Aurélia: “Neusinha, porque você fez tanta questão de...”. “Porque Karla mulher, se apegou a essa professora aí, agarrou-se com ela, e disse que só estuda aqui no colégio se for com essa professora.” Era Irmã Francisca, filha daquele Zé Cristão, que foi...

Deci: De seu Espedito.

Neusinha: De seu Espedito.

Deci: É seu Espedito....

Neusinha: Tinha Francisca, ainda hoje é o amor de Karla.

Deci: Francisca Lourenço.

Neusinha: Francisca Lourenço.

Deci: Foi professora dos meus meninos também.

Neusinha: Foi também? Excelente. Ohh menina boa, né?

Deci: É.

Neusinha: Aí Madre Aurélia disse: “Não tem o que fazer, ou a menina estuda mudando de sala, ou sai do colégio, é preferível Neuzinha, mudar de professora”. Eu não sei nem quem era a professora, eu digo: “Madre Aurélia, eu não sei nem quem é essa professora, da 4ª série, que vai ser. Eu sei que ela não quer mais acompanhar essa turma, não era professora, o problema era a turma que não queria mais se enturmar, né? Aí Madre Aurélia disse: “Irmã Tavares mesmo me disse que... Aí ela: “Ahhh

ela disse?” Aí eu disse: “Disse”. Tinha uns trabalhos que ela vinha aqui fazer, e não dava certo, aí ela, pois é. Ave Maria, Karla ainda hoje é louca por Irmã Francisca.

Ana Paula: A irmã Tavares era assim exigente, rígida?

Neusinha: Não

Deci: Não, ela era um amor de pessoa.

Neusinha: Ela saía é brincando com os meninos.

Deci: Era, era.

Neusinha: Tu lembra? Brincando com os meninos.

Deci: Eu lembro ela pequeninha, era baixinha.

Neusinha: Tinha até uma brincadeira.

Deci: Era tipo um motorzinho no colégio.

Neusinha: Era, com aquela sainha, né?

Deci: Era.

Ana Paula: Ela sempre vestiu essas roupas tradicionais de freiras?

Deci: Era, tradicional.

Neusinha: Era, roupa tradicional, sainha bem compridinha assim.

Ana Paula: Vocês gostavam dessa vestimenta, dessa saia longa?

Deci: Ahh era elegante, era muito bom.

Ana Paula: Gostavam, né?

Deci: Ave Maria, eu tinha o maior prazer de usar minha farda, era linda.

Ana Paula: Todas as colegas de vocês gostavam, ou tinha algumas que não gostavam?

Deci: Não, era todo mundo, todo mundo se sentia muito bem.

Neusinha: Era essa mesma farda aqui.

Deci: O Auxiliadora era respeitado, o povo dizia que eu me lembro até hoje, tinha uma colega que dizia: “Olhe, pra ser rico em Sousa, precisam de 3 características: ser sócio do Campestre, ter carnê do Supermercado Moreira lá de Isaque Moreira e estudar no Colégio Auxiliadora”.

Neusinha: E é?

Deci: Era, os ricos de Sousa era tabelado (pof), esses três requisitos. Estudava no Colégio das Freiras, ter título do Campestre e o carnê do Supermercado Moreira pra ser rico.

Neusinha: Pois é, eu tinha tudo isso e nem achava essas coisas.

Deci: Eu também, e nunca me achei

Neusinha: Hahahaha.

Deci: Estudei no Comercial, tinha título do Campestre, comprei muito no Moreira e nunca.

Neusinha: Era, eu era assim.

Deci: E me achei.

Neusinha: Não. Mas quando eu vim morar aqui eu deixei de comprar no Moreira, é longe demais meu Deus.

Deci: Eu deixei de comprar porque abriu o Félix aqui com tudo. Até uma vez, dona Ilda, a mulher de Isaque me questionou no no... na caminhada. Eu vinha na caminhada e ela me encontrou. Mas nunca mais, porque abriu um supermercado bem pertinho lá de casa, na esquina lá de casa.

Neusinha: Eu também tô indo aí, ainda hoje eu fui de manhã.

Deci: Eu compro aqui no Félix.

Ana Paula: Como era a sala, a sala de aula era em fila, ou era diferente?

Deci: Aquelas cadeirinhas, era duas amigas, aqui numa cadeira.

Ana Paula: Vocês sentavam de duas em duas.

Deci: Era, duas em duas, era. Um gavetão aqui, ainda hoje passou um, um, no face.

Neusinha: Era colonial o nome daquelas cadeiras.

Deci: A minha colega, a minha colega de classe, da mesma cadeira era Maria Abrantes, que mora aqui por trás.

Neusinha: E era? Pois era, ali era as cadeiras colonial, a de Aparecida era aquelas.

Deci: Eu e Maria Abrantes era unha e carne nós duas.

Neusinha: E é?

Deci: Era.

Neusinha: Mas no meu tempo as cadeiras eram assim, individual mesmo, aquelas cadeiras que hoje eu acho, não sei nem como é hoje.

Deci: Era duas cadeiras, os dois anos de colégio lá, era eu e Maria Abrantes.

Neusinha: Mas eu acho que era as cadeiras velhas que usava no Pedagógico. Eu acho que as novas eles botavam pros alunos mais novo, né? Hahaha. Que eu estudei antes, né?

Deci: Eu sei que a turma que inaugurou aquele ginásio que tem lá por trás foi a nossa né? A nossa aula, a entrega de... foi dado. E a aula da saudade foi construído no primeiro andar, aí nossa aula da saudade foi lá em cima. Mas a gente não estudou, a gente estudou todo tempo lá embaixo, naquela sala de entrada, do jeito que entra no portão. Eu estudei naquela sala, dali a gente estudou na outra

que tem na frente, da esquina que tem que dobrava pra frente do colégio, foi minha sala de aula.

Neusinha: Eu nem vim pra essa aula da saudade, eu pensei que Aparecida...

Deci: Eu sei que minha aula foi a da entrada, por causa das janelas, das janelas eu já via, minha cadeira era na frente, eu e Maria Abrantes.

Ana Paula: E o horário da senhora estudar, também era de noite?

Neusinha: Era de manhã o meu.

Ana Paula: Era de manhã o seu e o seu?

Deci: O meu era de noite. Muito bom.

Neusinha: Mas a noite tinha sido bom. Eu estudava de manhã lá no colégio, ensinava a tarde e a noite ensinava ... lá na igreja de Aparecida.

Ana Paula: Havia atividades fora da sala de aula, dentro do colégio?

Deci: Tinha, tinha sim.

Ana Paula: Quais eram essas atividades?

Deci: Atividade de pesquisa. A pesquisa a gente fazia na biblioteca da prefeitura, de primeiro tinha, né? A biblioteca pra gente que não tinha condições. Eu nunca tive condições de comprar um livro, eu só lá no Pedagógico, eu só comprava o livro. Todo meu tempo, eu só comprava o livro de Português, porque era indispensável, nunca estudei com livro.

Neusinha: Nem de Psicologia?

Deci: Não.

Ana Paula: E como a senhora acompanhava?

Neusinha: Sofrendo

Ana Paula: Anotando.

Deci: Copiando, tudo copiado. No nosso tempo era tudo copiado no caderninho, minha filha.

Neusinha: Ela não tinha condição de livro não, aí comprou só o de Psicologia e de Filosofia.

Deci: É, tinha mesmo não. Aí eu digo, foi Deus que me fez com que eu aprendesse né? Porque hoje em dia a gente tem todos os livros na sala de aula, e o aluno não quer nada.

Ana Paula: Tem celular, tem computador, tem tanta facilidade e os alunos não querem.

Deci: Tem de tudo. Pois é, e a gente não tinha condições.

Ana Paula: E havia o interesse muito grande.

Deci: Eu só comprava o livro de Português, e dizia mesmo, eu não tenho condições.

Neusinha: Eu ensinei em Aparecida, eles copiando no quadro, aquele quadro bem grande e ensinei aqui no...

Ana Paula: De giz?

Deci: De giz!

Neusinha: De giz, e eles copiando.

Deci: Esse lápis, ter esse quadro branco foi agora. Agora já no finalzinho.

Neusinha: A gente era aquele giz entrando no nariz.

Deci: Perto de me aposentar como professora.

Neusinha: Eu tenho uma, uma faringite, e não posso falar muito.

Ana Paula: É, causava muitos problemas nos professores.

Deci: Pois é.

Ana Paula: Aquele pó do giz né? Dava muita alergia.

Deci: É verdade. E tem uma coisa, a sorte é que meus alunos eram muito bons e eles adoravam apagar o quadro.

Neusinha: E tinha uma época na quinta aula, já tava tão cansada, eles é que copiavam.

Deci: Era, eu também tinha muito aluno que copiava. Toda aula, assim que eu entrava na sala aula, já tinha a eleição de presidente de classe. E o presidente atuava, se eu precisasse sair da sala de aula, eles tomavam conta e faziam a mesma coisa que eu fizesse.

Ana Paula: Havia normas, regras que vocês tinham que seguir de comportamento?

Deci: Na minha sala de aula, eu sempre fui autônoma.

Ana Paula: Lá no colégio?

Deci: Não, no colégio a gente seguia todas as doutrinas do colégio.

Ana Paula: A senhora lembra quais são essas doutrinas?

Neusinha: Era ter que chegar na hora certa, né?

Deci: Era, ter que chegar na hora certa, graças a Deus eu nunca...

Neusinha: 5 minutos atrasados já, lá no meu colégio no Estadual já tava...

Ana Paula: Mas lá no Auxiliadora?

Neusinha: Não, no Auxiliadora, porque eu morava em Aparecida na hora que quisesse, sabe por quê? Todo mundo era independente... assim, tudo mais de 20 anos, por quê? Professor, você já era professor, então, por exemplo, eu nunca vi nada sobre isso, éramos 5 de Aparecida, aí se a gente chegasse uma atrasada, as outras chegavam, porque a gente não tinha transporte. Sabe onde era que

eu ia pegar carona quando a gente ficava lá no centro da cidade, onde hoje é o Terceiro Milênio, que a gente ainda hoje pra ir pra Aparecida pega transporte lá, quando não arranjava sabe pra onde a gente ia? Vinha lá pro Dino Motel.

Deci: Lá na BR.

Neusinha: Vinha na BR, vinha a pé até lá, aí aqui acolá a gente pegava uma carona. E se não pegasse, a gente ficava lá no Dino Motel esperando carona. Como a gente era de farda, todo mundo parava. Uma vez eu peguei uma carona. Não, eu não peguei uma carona, nós pegamos uma carona, eu vou contar da história do do... nós pegamos uma carona, éramos 5, tudo professor, aí a gente pegou uma carona, no carro carregado de resíduo, sabe o que é resíduo? Uma comida para o gado! Minha filha, a gente chegou lá que até os olhos tinha resíduo, que a gente chamava resíduo. Aí eu desci correndo, fui tomar um banho e nem almocei e a diretora já tava pastorando 3 salas de aula, tinha 3 professores nessa jornada, acredita? Também ninguém dizia nada, os alunos eram na maior educação, a professora veio no colégio, vamos esperar, era as crianças era um amor. Você dava uma aula de Religião eles amavam, você dava uma aula de História, eles ficavam impressionados, a gente dava, eu dava cada aula de História do Brasil que eles ficavam tudo pensando, até no Colégio Estadual: “Dona Neusinha, a senhora é desse tempo? Não minha filha, isso foi no tempo de Dom Pedro Primeiro, hahaha”.

Ana Paula: Nesses períodos que as senhoras estudaram, estava no contexto do Regime Militar né, no Brasil?

Neusinha: Foi de 64...

Ana Paula: A 85. E aí existia...

Neusinha: Não, foi 88.

Ana Paula: 88 foi quando teve a constituição né, já tinha terminado.

Neusinha: É, mas a gente ainda era no mesmo regime, só depois da constituição que mudou, mas foi pouco.

Ana Paula: Aí existia essa repressão que falam tanto...

Neusinha: Não existia nada, o maior respeito que eu já vi na minha vida. Dona Neusinha. Eu era solteira.

Deci: Olha, eu estudava no Estadual à noite, eu vinha lá do Estadual 11 horas da noite sozinha aqui pra Rua da Palha.

Neusinha: É pra Rua da Palha....

Deci: Ninguém, nunca, nunca, ninguém tirou assim uma pequena liberdade comigo, nunca, nunca encontrei. Eu vinha só de lá do Estadual, do André Gadelha sozinha, eu me lembro como hoje, uma chuva grande no primeiro Científico em 77. Começou a chover e eu com meus livrinhos aqui escondido, aqui na faculdade onde hoje é a faculdade era um terreno baldio, tinha só um prédio de lá pra cá com uma pestanazinha assim, e eu não aguentei mais a chuva e entrei debaixo daquela pestanazinha, fiquei ali com meus livros aqui...

Neusinha: E a gente era sozinha.

Deci: E a chuva, tome chuva, tome chuva, tome chuva, nesse tempo não tinha o Canal do Estreito tinha que atravessar o canal. Vala meu Deus, e eu via só as baratonas e eu “Oh, meu Deus, meus companheiros são só esses sapinhos e as baratas subindo e a água subindo”. Só fui e arregacei a calça, que era uma calça comprida preta isso em 78, 77.

Neusinha: Eu também passei ali, passei na água.

Deci: Botei meus livrinhos aqui, por debaixo da blusa, e vim 11 horas da noite, eu já tinha passado um tempão lá, né? Esperando a chuva passar e só aumentava, passei o canal, onde hoje é o canal com água quase pra cima do joelho, a calça arregaçada, cheguei em casa parecendo um pintinho bem molhado sozinha. Aí tinha a minha vó foi fazer uma garapa morna de açúcar pra esquentar, que eu chega tava gelada de tanto levar chuva, meus livros tudo molhado.

Neusinha: Não tinha aquele canal não, eu também trabalhei. Se tivesse chovendo antes da aula, a gente não ia, nera Deci?

Deci: Era

Neusinha: E se pegasse lá, não tinha jeito, você vinha nadando na água.

Deci: Só sei que eu passei, vala meu Deus...

Neusinha: Na água não, nos esgotos.

Deci:... o canal vai encher e tome chuva, tome chuva, tome chuva, aí passei no canal com a água acima do joelho e vim praqui, a casa da minha vó é aqui, perto da Capelinha São José.

Neusinha: Era perto daqui, eu também morei aqui, mas já tinha o canal, né?

Deci: Pois é, no meu tempo não tinha canal não.

Neusinha: Não, mas eu fui do sem canal.

Deci: Quando o canal tava cheio, eu me lembro como hoje, a gente de manhãzinha, a gentinha ia lá pra Ponte do Trem, dava pra ver o aqueiro de água em Sousa, Sousa tudo inundado, coberta d'água de ponta a ponta. Menino, era água viu. Aí Muriti fez esse canal, foi o maior presente que Sousa ganhou.

Neusinha: Foi o maior presente que deu a Sousa, e ainda hoje não cobriram. Já veio verba demais e eles não cobrem.

Deci: Mas se cobrir é pior que apodrece.

Neusinha: É mesmo, né?

Deci: É, apodrece, o povo joga as coisas dentro e apodrece.

Neusinha: E hoje o povo passa, tem uma ponte em todo canto.

Deci: É, tem ponte por todo canto, a gente passava por cima de umas pedrinhas, mas era água, Sousa ficava inundada.

Ana Paula: Durante as aulas no colégio, tinha momentos de oração com a Madre?

Deci: Ela fazia de vez por outra uma entrevista, nera? Com a gente. Digamos, no Segundo Pedagógico, ela já tinha a entrevista com todos os alunos pra saber quem tinha vocação pra professor e quem não tinha, quem tivesse continuava, se não tivesse, já era despachado. Que não tinha vocação.

Ana Paula: Aí saia algumas alunas?

Deci: Saia, porque não tinha vocação.

Neusinha: Elas não queriam.

Deci: Ela aconselhava que desistisse, que caçasse outro curso, era no Segundo Pedagógico. Era no primeiro? Eu sei que eu fiz no segundo.

Ana Paula: A senhora também fez isso?

Deci: Fiz.

Neusinha: Ela fazia em todas as séries, porque entrava em todas as séries, né?

Deci: Porque ela era Psicóloga, né?

Neusinha: Comigo não aconteceu, porque eu já era professora.

Deci: É, já tinha vocação.

Ana Paula: Mas na turma da senhora saia algumas meninas?

Deci: Ela só aconselhava.

Neusinha: Não, eu só vi saindo 5 professores meu.

Deci: Ela só aconselhava, você não tem vocação pra professor.

Neusinha: Mas ela só fazia com os alunos que ainda não tinha decidido o seu objetivo.

Deci: Ela fazia a entrevista.

Ana Paula: E como era essa entrevista, perguntando?

Deci: Ela ficava perguntando, psicólogo era só olhar você assim no olho, ela descobre o que é.

Ana Paula: É, ela é muito sábia.

Deci: Aí ela conversava, conversava, conversava, ia fazendo aquelas perguntas. Até hoje a gente tem professor, ele sabe quem é o aluno que tem...

Neusinha: Que quer estudar.

Deci: Que quer estudar, né, que tem condições de ir longe, e sabe aquele que vai ficar pelo meio do caminho, né? Até eu digo hoje, no final quando eu tava perto de me aposentar, aliás eu parei de reprovar aluno quando criaram o ALUMBRAR, que a gente passava o ano todinho ensinando o aluno.

Neusinha: E ele não sabia de nada.

Deci: O Pedagógico, o psicólogo ensina você a procurar o aluno em todos os sentidos. Porque o primeiro sinal do aluno que quer alguma coisa é eles estar no colégio todo dia. Aí cabe ao professor descobrir o que é que aquele aluno está buscando na escola, é o primeiro sinal, o aluno tá todo dia ali. “Ah, mas os alunos de hoje não querem nada”, mas se o aluno tá ali todo dia...

Neusinha: Quer alguma coisa.

Deci: Ele tá atrás de alguma coisa, cabe ao professor descobrir, e isso a Psicologia, todo professor tem que estudar Psicologia por isso.

Ana Paula: Psicologia da Educação.

Deci: É, digamos, eu na direção já agora quando eu voltei em 2017 lá pra Lagoa, Tyrone mandou me buscar, né pra eu ir.

Neusinha: Foi mesmo?

Deci: Foi, fiquei só um mês.

Neusinha: Não aguentou.

Deci: Não aguntei. Porque eu levantei a moral da escola da Lagoa.

Ana Paula: Maria Estrela?

Deci: Maria Estrela, eu levantei a moral daquela escola, eu levantei. Os anos que eu passei lá, eu trabalhei uns 15 anos lá, quando eu cheguei na Lagoa, a Lagoa era assim. Eu trabalhei como professora, aí eu na direção, eu zerei falta e repetência, zerei.

Neusinha: Foi mesmo?

Deci: Foi, aí eu me aposentei, aí quando ele voltou em 2017, Radamés ligou diretamente lá pra casa, pra eu ir assumir a direção da Lagoa, se eu aceitava um desafio. “Pois não Radamés, se eu puder servir. Deci, eu queria que a senhora assumisse, a direção da escola, a senhora fez um trabalho muito bonito lá e a comunidade só foi o que me pediram, em toda casa que eu chegava, a comunidade lhe pedia”. Até foi que quando eu cheguei Neusinha, a comunidade fez uma passarela, os pais.

Neusinha: Foi mesmo? Que lindo.

Deci: Foi, ficaram de um lado e outro pra me receber. Mas eu cheguei lá e os professores não eram os mesmos, os alunos até quem faz o aluno é o professor. Quem faz o aluno é o professor, e eu dizia sempre a eles, esses alunos da Lagoa são o que nós fizemos deles, e é mesmo. Eu passei só um mês lá, todo professor, agora eu saí porque eu me aposentei do Estado, perdendo mil reais, perdendo mil.

Neusinha: Eu também perdi.

Deci: Eu me aposentei em julho, foi dia 13 de julho a minha aposentadoria. Aí me levaram pra Lagoa no primeiro de setembro, pra eu ir ganhar um salário mínimo. “Como é a história? Tô passando fome não, como é que eu me aposente perdendo mil, venho aqui pra direção, essa bomba chiando na minha mão”. Na época o salário era 900. “Não, mas tem uma gratificação de 30 reais, 3 x 3, era 30%, 3 x 9, 27”. Eu ia ganhar 1.070 reais, eu ia ganhar. “Olhe, eu tenho casa, eu tenho marido, eu tenho família”.

Neusinha: Tem que cuidar também dos filhos, a pessoa não pode só.

Deci: E eu já trabalhei a minha vida todinha, me aposentei ainda perdendo mil, vou assumir uma direção. Eu disse a bichinha, lá mesmo, todo mundo me perguntando porque eu não vou, não vou de jeito nenhum.

Neusinha: Trabalha demais numa direção. Ou você é diretora ou não é.

Deci: Trabalha. E lá quando eu voltei, os professores não eram os mesmos. E os alunos tudo viciado naquela quadra, mas eu fiz, o mês que eu passei lá, fiz a diferença, todo mundo ficou besta, os alunos dizia: “Ave Maria, Deci, disseram a Afonsinho, tua mãe fez uma lavagem cerebral na cabeça do aluno”. E é mesmo.

Neusinha: É desse jeito.

Deci: Eu só pedi o nome, olhe você só me dê a relação dos alunos problema.

Neusinha: Pra ir analisar cada um.

Deci: Aí, reunia eles tudinho, chama eles tudinho, chama um por um. Professor ia pra sala de aula, manda aqui pra conversar comigo, fulano, fulano, fulano, de todas as salas, chamavam tudinho e sentavam na sala dos professores com eles, só eu e eles. Aí eles ficavam tudo assim ó!

Neusinha: Aí mostrava a realidade.

Deci: Pra mostrar a realidade, o que é que tava faltando, o que era que eles tinham, o que é que eles estavam fazendo ali. Aí sei que na outra semana, na segunda semana a supervisora ligou pra mim: “Dona Deci, eu liguei tanto pra senhora aqui ontem, a senhora não sabe: fulano, aquela aluna que não para, não sei o que? A senhora precisava ver a educação dela. Ela chegou aqui no meio dos professores, ‘com licença’ vala, ficou todo mundo assim, parou”, vala meu Deus, as pregações de Deci já tá fazendo efeito”. Eu sei que com um mês já tava todo mundo assim olhe.

Neusinha: Já melhorou em?

Deci: Pois é.

Ana Paula: Aí quando as senhoras estudaram lá, tinha algum cuidado em questão ao comportamento da mulher, como é que a mulher deveria se portar na sociedade? Existia alguma orientação sobre isso?

Neusinha: Existia, Madre Aurélia era quem orientava, até porque eu lembro, né, que eu como professora de Educação Moral e Cívica, né? Aí eu dava aula também que aprendi lá, a família, né? Que Educação Moral e Cívica, educação, moral, cívica e o serviço. E educação moral, você arranja educação na família. E moral, assim, estilo de viver, estilo de se comportar, essas coisas é educação e é moral também, então na moral ensina em como você deve se comportar. Aí eu ensinava os alunos já maiores, né? Que os do Estadual já eram maiores, namoro, primeiro era a família, não ia ensinar a criança, porque eles já eram adolescentes, rapazinho já, né? Era a família, o namoro, o casamento, o amor fraternal, o amor carnal e o amor dos velhos que é espiritual. Então, essas aulas os alunos amava, e a gente estudava lá também, quem dava era Madre Aurélia, uma psicóloga.

Ana Paula: E como era essa orientação?

Neusinha: Era através de uns livros que o Estado dava, o Estado, você falou no Regime, né? Ele mandava os livros pedagógicos do professor, não mandava Deci pra sua escola? Não mandava não, quando tu...Ahh, é porque ela ensinava no Estadual, aliás municipal, né? Tua escola?

Deci: Eu quando passei a ensinar, já era outro regime.

Neusinha: Era não Deci.

Deci: Eu comecei a ensinar em 88.

Neusinha: Ahh, já foi no final. Então o seu foi outra época mesmo.

Deci: Foi, foi.

Neusinha: Mas o meu olha, o meu eu ensinava História, vinha o livro didático de História, o livro do professor, as perguntas e as respostas, não sei se você já viu esses livros. Educação moral e Cívica também. É, religião, não, religião não, Educação Religiosa. A gente planejava no colégio e eu recebia todo material que também distribuía pros meninos, né? Mimeografado, eu tô falando do Estadual, não tô falando do Primário, que eu ensinava em Aparecida era o Primário. E lá também recebia, lá a gente comprava, e aqueles livros de História também, de Educação Moral e Cívica, entrava também o Renascimento, e a gente tinha que seguir aquilo ali, era o livro, e era muito bom. Era uma orientação que formava o aluno para um bom caminho.

Deci: Era, em todos os aspectos.

Neusinha: Era, em todos os aspectos. Agora olhe, naquela época já tinha uma tal de, que o povo chamava, como é, que o povo chupava loló, essas coisas, aqui e acolá tinha aluno assim sabe? Mas geralmente eu ensinei muitas grávidas lá, que eu tive 4 filhos, né? Aí eu tinha uma alergia que me dava vontade de vomitar, só que eu não vomitava, né? Mas era como uma tontura, aí eu ficava muito magra nas minhas gravidez. Aí quando eu entrava pra dar aula, alguém que tivesse fumando loló, eles já saiam, porque eles me amavam, já saia, aí só voltava.

Ana Paula: Tinha respeito.

Neusinha: Era, eles só voltavam depois que eles tivessem fumado e tudo, e eles já sabiam. “Faça isso não, Dona Neusinha tá grávida, quer que ela perca o bebê dela?”. Eu levava Karla até para festas do colégio, eu já tinha Karla, e era de respeito, você tinha até demais. Era Dona Neusinha, a gente professora era como uma mãe deles ou mais, nera Deci?

Deci: Era.

Ana Paula: Aí a Madre dizia o que, sobre a questão do corpo, do namoro, da vida da mulher, tinha um padrão, tinha que seguir aquilo ali?

Deci: Tinha, a gente ensinava.

Neusinha: Se comportar, a maneira até de sentar, com aquelas minissaias.

Deci: É verdade.

Neusinha: Eu mesmo usava minhas minissaias, não para ir pro colégio, né, que eu já era uma professora também, eu já fiz o Pedagógico com 30 anos, né? Não, tinha menos, uns 28 anos. Eu sei

que eu já era professora, que eu entrei cedo, né, no Estado em 68, vim ensinar lá em 73, estudar, mas eu usava minhas minissaias, mas não pra ir pro colégio.

Deci: É. Ensinava, tinha aquelas pessoas que...

Neusinha: Por exemplo, eu tô com você aqui em casa...

Deci: A pessoa tem que ter a postura adequada pra cada ambiente. Hoje não, hoje em dia você vê, a gente está vivendo hoje, na sua época, que hoje é sua época, a inversão dos valores. Eu me lembro na sala de aula eu dizendo, assim como você não usa longo pra ir pra praia, hoje em dia tá todo mundo de longo na praia, mas pra não se queimar, né? Você não pode usar um biquini para ir pra uma festa. Hoje dia o povo de hoje se veste muito mal. Você vai pra uma festa as mulheres com as coisinhas aqui.

Neusinha: Lascado pra mostrar a beirada da virilha.

Deci: Os shortinhos, o povo de hoje se veste muito mal Neusinha. Veste um tamanho desse tamanho, com um shortinho desse tamanho, uma blusa aqui que não cobre nada. Aí se o homem olhar, ahh é, como é que se diz, é assédio sexual. Não, a mulher que tá. Hoje o que a gente aprendeu é que o meu valor é do tamanho que eu der, se eu não me valorizo, não é o povo de fora que vai me valorizar não.

Neusinha: Não dá valor a você.

Deci: O valor da pessoa, do ser humano em si, tanto faz o homem como a mulher, serve para ambos os sexos, o valor tem que ser seu. Se você não se valoriza, você vai ser um eterno debochado, na sala de aula, lá na praia, numa repartição, num evento, onde quer que você esteja. Se você é uma pessoa que não se dá respeito, você não pode quebrar o respeito de ninguém, o seu valor é do tamanho que você der. Ou você se valoriza, ou você é um lixo. E a mulher principalmente, quem é o homem. A primeira coisa que eu dizia na sala de aula: “Olha gente quem é que faz a graça, no circo? O palhaço. Agora na sala de aula, não é circo”. Como é que você vai corrigir o palhaço na sala de aula, porque o aluno gaiato, ele chega na sala de aula, o aluno ele se comporta mal na sala de aula. Mas ele não gosta, ele faz bagunça, mas ele não gosta de bagunça na sala de aula.

Ana Paula: É impressionante, eles reclamam, quando o outro faz.

Deci: Eles fazem para testar o professor, eu dizia: “Olha, como é que se corrige o palhaço numa sala de aula, é brigando com ele, é dando um soco nele? É não, ele fez uma piada, a sala não riu, todo mundo ignora, ninguém viu. Faz a segunda vez, ninguém viu, a terceira ele já vai pensar, se faz ou não. Agora se na hora que ele soltar uma piada, todo mundo rir. Ele vai fazer outra, daqui a pouco a sala de aula vai deixar de ser sala de aula para ser um circo”. E sala de aula não é circo, sala de aula é um lugar de respeito, onde a gente busca cidadania, a meta do professor é formar cidadão. Mas hoje em dia a maioria, muitos professores de hoje em dia não se valorizam. Eu tiro pelos meus colegas professores, quantos deles que é debochado em sala de aula, que exemplo, o que é que ele pode cobrar de um aluno, se ele não se dá o respeito?

Neusinha: Até as palavras que os professores falam hoje em dia, não é mais o mesmo.

Deci: É não.

Neusinha: Olha, aqui foi a Primeira Eucaristia da minha filha, como eu me vesti.

Ana Paula: Saia longa.

Neusinha: Olhe como eu estou me vestindo hoje, que eu tô mais velha que aqui, por quê? Eu vim aqui entre vocês, aí o calor era muito grande coloquei essa blusinha, mas eu não ando assim, num é?

Deci: É verdade.

Neusinha: Você acha que eu vou viajar num ônibus com uma roupa desse jeito.

Deci: “Pia velha sem vergonha”, o povo ia dizer desse jeito. Sabe nem que é, o povo diz logo na cara: “Ei velha sem vergonha, não tinha roupa não?”

Neusinha: Apesar do calor, mas aí eu já vou com uma roupa.

Ana Paula: Havia algum tipo de castigo de repreensão com os alunos?

Neusinha: Não, nenhum, não existia.

Ana Paula: Lá no Auxiliadora?

Neusinha: Sim, lá no Auxiliadora eu nunca vi, nem com meus filhos nem com ninguém.

Ana Paula: Não, né?

Neusinha: Não. Fazer como eles chamavam de carão, não tinha isso.

Ana Paula: Não tinha, né?

Neusinha: Carão era o professor tratar mal os alunos: “É num sei o que, vai embora”. Não tinha isso, não tinha de jeito nenhum, nunca, lá no Colégio das Freiras era um exemplo. Os professores tratavam bem os alunos e nós também como alunos tratavam bem, melhor ainda. Ahh mas aquela Madre Aurélia era adorada.

Ana Paula: Até hoje, né?

Deci: Até hoje.

Ana Paula: Uma pessoa maravilhosa.

Neusinha: Irmã Iraídes, Irmã Francisca, Irmã Tavares era aquele amor, né?

Deci: Tudim era.

Neusinha: Meus meninos são loucos por Irmã Tavares, tudim.

Ana Paula: Quando, no tempo assim que as senhoras estudavam lá, havia alguma coisa relacionada a questão de namoro? Paqueras, essas coisas assim, se era permitido, se não podia?

Deci: Podia, só não levava pro colégio, né? Mas tinha uns namoradinhos, umas namoradinhas que vinham pra praça, eu lembro Antoniêta. Por sinal eu arrumei um namorado na noite de São Pedro, ali de trás, eu só vivia paquerando, era bom na Festa de Setembro, a gente no parque nas horas vagas a gente ia, mas quando terminava a gente voltava pra assistir aula. No recreio a gente...

Ana Paula: É porque só tinha mulheres, né? Então não tinha contato com rapaz.

Deci: Era, era só os namoricos sabe?

Neusinha: Eu como estudava de manhã e lá era só mulher e as crianças, né?

Deci: Eu estudava de noite, e era muito bom.

Neusinha: De manhã era o Primário...

Deci: Nunca tive, até porque na nossa época existia namoro, não é hoje que existe transa, né? No nosso tempo você namorava 3, 4 anos e era namoro simples. Ninguém avançava o sinal, porque todo mundo se respeitava, né? Hoje em dia é completamente diferente.

Neusinha: Não, eu digo, eu me casei com 31 anos, eu casei virgem. Mas eu tive mais de 200 namorados, tenho o maior prazer de dizer.

Deci: Eu não tenho nem conta, do meu marido até hoje, foi o único homem da minha vida. Eu já namorei e muito, eu já namorei mais de 500.

Neusinha: Era, a gente namorava, ficava reunido todo mundo assim, saía de mão dada. Tinha beijo, tinha abraço, mas não tinha sexo.

Deci: Mas não tinha nem beijo de língua. Ninguém sabia nem o que era isso.

Neusinha: Não, era os beijos simples, os abraços, era na frente do povo assim quando a gente ia se abraçar. Como agora que eu me abracei com o meu neto, né? A gente andava de mão dada assim no braço e tudo, mas não tinha essa falta de respeito que tem hoje na frente das crianças. As crianças, desde criança, cedo, já vê aquele povo, só não vê fazendo sexo, mas é quase.

Deci: É verdade.

Ana Paula: É verdade, infelizmente é a realidade.

Deci: Ainda ontem eu postei no face: “Nós vivemos os anos dourados”. Como era bom, era muito bom, na nossa época era muito bom e nós vivemos mesmo. Nós dos anos 70, 80 vivemos a juventude e aproveitamos tudo de bom que uma juventude pode aproveitar.

Neusinha: E criança também, eu me lembro que em Aparecida eu tomava banho no rio quando não era infectado como hoje, eu atravessava o rio cheio em Aparecida. Tomava mais banho no rio. E eu vou dizer a você, que no começo, eu com uns 8 anos, 9 anos, 10 anos, a gente tomava banho sem roupa.

Deci: É verdade, a gente tomava banho no açude também.

Neusinha: Tudo pelado, todas as meninas, não olhava, e os homens passavam por longe. Tinha o passador dos homens, aonde a gente tomava banho, por exemplo: perto da ponte, eu não tomava banho ali, era mais na frente, era o maior respeito.

Deci: Era todo mundo pelado, e não tinha nada.

Neusinha: Quando eu sair da escola do grupo escolar, quando eu era estudante, né? Eu pegava minha farda, botava na beira do rio e tomava banho sozinha, tirava a roupinha, desde a calcinha. Aí um dia quando eu cheguei lá em casa, que é na mesma rua, bem pertinho do rio assim, né? Aí mãe disse: minha filha, minha mãe era assim, sabe? Aí eu pulei o muro, vim pelo beco. Aí mãe disse: “Você tá tomando banho quando sai da escola, você vai molhar os livros e se você molhar os livros,

você vai levar uma surra”. Era uma surra de matar mesmo.

Deci: Era uma surra mesmo.

Neusinha: Aí eu disse: “Ave Maria mainha, não diga a pai não que nunca mais eu vou”. Mas não era porque eu fui tomar o banho, era por causa dos livros e o caderno e o lápis, era assim, a gente só tinha medo da surra, que o pai dava, que dava mesmo, era pra ser tudo de linha. E meu pai foi excelente, como eu lhe disse, passava de dois em dois meses, vendia um garrote pra suprir. Quando ele morreu com 98 anos e 6 meses, ele ainda deixou 23 cabeças de gado, era lúcido, só passou uns 8 dias doente, ele ainda votou bem pertinho da eleição, ainda no tempo de boi velho. No domingo, ele ainda conversou com todo mundo, ele ainda sentado na cadeira e morreu na terça-feira, falando, entendeu? Ahh, hoje é uma coisa, a gente não chega mais lá, eu ia chegar a isso cheio de problema, quer dizer quem sabe, né?

Ana Paula: As senhoras conhecem outras colegas de turma para me avisar por perto? A senhora disse que tem uma aqui por trás?

Deci: É Maria Abrantes, esposa de Francisquinho.

Ana Paula: Ela ainda mora aí?

Neusinha: Mora. Ela foi ser professora?

Ana Paula: Ela estudou no colégio, na turma da senhora que a senhora tava falando, Maria Abrantes. Tem o contato dela?

Deci: Não mulher, tenho não.

Neusinha: Eu estudei com aquela Ildete, Ildete, ela foi até diretora, não sei se foi da Escola Normal.

Ana Paula: Ildete, que é esposa de Antônio Tobias? É minha madrinha de Crisma.

Neusinha: Ela estudava também, quando eu fiz o Pedagógico, ela fez. Agora eu vou te dizer, e Antônio ele nem sabe de Ildete, mas eu estudei com ele no Comercial. Aí eu num descobri um dia desse, já morreu muita gente.

Deci: Tem Antônio, ela foi minha colega de colégio também.

Ana Paula: Muitas obrigada as duas pela colaboração de vocês.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM KARLA

Ana Paula: Bom, inicialmente eu queria saber como foi que você começou estudar a lá no Auxiliadora?

Karla: Eu comecei desde a alfabetização, na época era alfabetização, aí eu sempre estudei lá. Foi a única escola que eu estudei até o final, até o Pedagógico, eu sempre estudei lá.

Ana Paula: Começou em que ano?

Karla: Vixi Maria, mulher, vamos fazer as contas viu (risos). Mainha, qual foi o ano que entrei lá no Auxiliadora? Tem que fazer as contas. Deixe me ver...

Ana Paula: É porque na foto diz que é em 85, 83.

Karla: Pronto, foi aí mesmo a alfabetização, em 83.

Ana Paula: Quando você estudava lá, já era ensino misto, né? Já estudava meninos e meninas juntos?

Neusinha: Era homem e mulher, nera?

Karla: Eu acho que sempre foi, não? Só o Pedagógico que era só mulher?

Marido: Não, mas tinha homem que fazia o Pedagógico. Lá no Normal tinha.

Karla: Na minha sala não tinha não.

Neusinha: Na tua sala não tinha não, nem na minha não tinha. Mais Ramilho, teve outras pessoas, tinha gente que estudava lá, não era proibido não.

Karla: É, na minha sala tinha, menino.

Ana Paula: Aí você gostava de estudar lá?

Karla: Eu sempre gostei.

Ana Paula: Você continuou estudando lá por causa de Neusinha. né?

Karla: Foi.

Ana Paula: Neusinha já estudava lá, aí colocou você lá.

Neusinha: Não, eu estudei antes né, eu já tinha estudado lá. E também eu nem morava aqui, morava em outra rua mais perto, morava mais perto da faculdade. Ai Karla estudava lá. Aí depois foi Kelly, depois foi Paulinha, depois foi todos os quatro.

Karla: Foi, a gente sempre estudou lá, todo mundo, e eu sempre fiquei até o final, né? É... lá quando terminava a oitava série na época, aí todo mundo saía, né, para ir fazer Científico na época. Na época era o Científico, mas aí eu fiquei, pra fazer o Pedagógico.

Ana Paula: Você gostava de estudar lá? O que é que você lembra assim de estudar?

Karla: Eu sempre gostei, gostei, gosto, a gente sempre foi a mesma turma, né, que a gente começa, desde o começo até o final. Ainda tenho várias amigas da época também. A gente forma um vínculo, né?

Ana Paula: Você também estudou com a Madre? A Madre foi sua professora no tempo?

Karla: Foi...

Ana Paula: De quê?

Karla: Foi minha professora do Pedagógico, eu acho. Não sei se foi em Moral e Cívica, não me lembro mais não, qual foi o curso não. Mas ela ensinou o Pedagógico. No Pedagógico era mais ela e as irmãs.

Ana Paula: E ela sempre com aquelas roupas tradicionais, você sempre usava essas roupas, a blusinha e a sainha?

Karla: Era, elas nunca usaram roupas... aquela roupa de freira mesmo não, né? Era assim, a sainha com a blusinha.

Ana Paula: Você gostava dessa vestimenta? Ou queria outra roupa, se incomodava com a largura da saia?

Karla: Mulher, eu sempre fui meio danada, né? Aí eu dobrava a saia, a minha sempre era curtinha e elas sempre brigavam comigo, mas...

Ana Paula: E era?

Karla: Era (Risos). A minha era curtinha.

Ana Paula: Muitas colegas também eram assim?

Karla: Era.

Ana Paula: Eu fiz uma entrevista, elas diziam isso.

Karla: Todas, todas, era...

Ana Paula: Eu fiz uma entrevista com duas...

Karla: Era pra ser comprida, mas ninguém usava não, mulher. Usava curtinha.

Ana Paula: A juventude, né, não aceitava essas coisas. Eu fiz uma entrevista com duas ex-alunas e elas diziam isso. Que encurtavam as sainhas e as madres ficavam chateadas, mas elas não gostavam.

Karla: Dobravam, quando chegava na escola soltava mais (um pouco da saia).

Ana Paula: Você se lembra assim, se você queria sair, ou você sempre quis ficar lá na escola, no colégio?

Karla: Eu sempre quis, sempre gostei de lá. Nunca tive vontade de estudar em outro canto não. E os meus filhos também, eu botei lá. Aliás, meu filho, porque o outro quando começou a estudar, eu não morava mais aqui. O mais velho ainda estudou até a terceira série, aí a gente foi embora pra Mossoró e aí, ele saiu, né? Mas ele ainda estudou até a terceira série.

Ana Paula: Como eram as aulas, as atividades, como você se lembra assim do Ensino Religioso, que existia lá?

Karla: Mulher, era muito tradicional, não tinha nada de diferente não, assim. Ela... ela... uma era

uma escola religiosa, por elas, mas não tinha nada, assim, rígido e diferente das outras escolas não, entendeu?

Ana Paula: Seguia os conteúdos né, das outras escolas, né? Mas tinha alguma parte educação religiosa, né?

Karla: Tinha, tinha a matéria, que era dada por elas, pelas irmãs. A gente sempre aprendia as orações tradicionais católicas, pai nosso, ave maria, essas orações assim, a gente sempre rezava antes, né? De começar a aula, mas não tinha nada de dizer, essa escola é diferente... era igual as outras, sempre igual as outras, não tinha nada de diferente não, pelo menos na minha época não tinha não.

Ana Paula: Tinha as normas, tinha as regras que vocês deveriam seguir, tipo, chegar no horário, se comportar em sala de aula?

Karla: É, normal de toda escola, né? Não tinha nada de... de diferente por ser uma escola religiosa não. Assim, eu acho que era mais porque era... administrada por elas, mas nem elas assim, não era...

Ana Paula: Tão rígida...

Karla: Eu não sei, se eu me acostumei com isso, porque eu nunca estudei em outra escola, mas...

Ana Paula: Você não sentia, né? Esse peso...

Karla: Não, eu não sentia se tinha alguma coisa diferente não, acho que não.

Ana Paula: Nem suas colegas percebiam nada?

Karla: Não. Na minha época também nem tinha muitas escolas aqui em Sousa. Eu acho que só tinha lá mesmo, lá, é... o Monteiro Lobato e o Comercial. Mas a maioria das pessoas estudavam lá mesmo, era a mais tradicional da época.

Ana Paula: O Comercial, é essa escola que é de frente a prefeitura?

Karla: É, que hoje é um Centro Cultural, era lá.

Ana Paula: No tempo funcionava... certo. Você disse que dava um pouquinho de trabalho, existia essa questão de namoro escondido, fugas. Você praticava algo assim, que para elas era errado?

Karla: Eu comecei a namorar assim, muito nova, muito cedo e.... na hora do recreio eles abriam o portão e a gente sempre se encontrava lá na praça, né, com esse que é meu marido hoje. Comecei a namorar com ele com treze anos.

Ana Paula: Uhum, Ele estudava na escola?

Karla: Ele não estudava lá não, mas a gente se encontrava na hora do recreio, que meus pais não aceitavam, né? Porque eu só tinha treze anos e naquela época era o fim do mundo. Mas dentro da escola mesmo não. Mas tinha, tinha, eu tinha um... tinha um casal amigo, que era colega de sala, na sala. Também nunca teve problema não.

Ana Paula: Não, a gestão não falava nada, reclamava?

Karla: Não... nem sei se eles sabiam, nunca teve problema mesmo não.

Ana Paula: Porque geralmente em colégio religioso a gente tinha aquele imaginário que era rígido, que era fechado, que era as vezes autoritário.

Karla: Não tinha isso não.

Ana Paula: Então, você não enxergava isso? Certo. Quando você estudava lá, quais as profissões que você tinha em mente, que queria seguir, sua trajetória de vida?

Karla: Mulher, eu acho que eu queria ser professora mesmo, porque quando terminou, meus colegas, todo mundo saiu e eu fiquei, lá pra fazer o Pedagógico.

Ana Paula: Então, você queria, era uma vontade sua?

Karla: Eu queria, era. Na verdade, eu fazia os dois, eu fazia o Pedagógico e fazia o Científico lá no Poli, fazia os dois. Mas aí acabou que eu engravidei e deixei o Científico e fiquei só lá no Pedagógico mesmo.

Ana Paula: Você seguiu a profissão de professora?

Karla: Eu segui pouco tempo, nessa época que a gente foi embora daqui. Eu não consegui transferir a minha faculdade que eu fazia Letras, porque era do estado, e não consegui transferir. Aí acabei que comecei a trabalhar com outra coisa, aí não ensinei mais não.

Ana Paula: Então, você tinha interesse assim, você pensava quando estudava que iria seguir a profissão docente, mas não tinha vontade de fazer outras coisas?

Karla: Não, tinha não.

Ana Paula: Você se sentia bem, realizada em estudar lá, se sentia à vontade?

Karla: Sentia. Como eu lhe disse, eu não achava nada diferente não, lá não.

Ana Paula: Sobre as aulas, o ensino no Pedagógico. As disciplinas eram as mesmas, via História, via Português com...

Karla: No Pedagógico?

Ana Paula: Sim.

Karla: Não. Não, era, era... as matérias era...

Neusinha: Tinha as Didáticas.

Karla: Era, tinha as Didáticas, não me lembro mais não, mulher. Mas não era História, essas coisas aí não. Não era nada preparatório pro vestibular, nada disso. Era preparando pra ser professora mesmo.

Neusinha: E de Primário.

Karla: De primeiro, é, na época, que hoje é o Fundamental. Mas não aprendia essas coisas aí não, Matemática, História, não tinha isso aí não.

Ana Paula: Era mais específico pra sala de aula.

Karla: Era, era Metodologia...

Neusinha: Metodologia da Ciência, metodologia de...

Karla: Era... Aí era mais pra gente... preparava a aula, dava aula. O meu estágio também foi lá. Elas

tinham uma Escolinha Experimental. Não sei se ainda hoje tem, acho que não tem mais Pedagógico lá não, né?

Ana Paula: Tem não. Pedagógico não, só tem até o Ensino Médio, né? Lá no Normal que tinha, mas acho que hoje o Normal não tem mais o Pedagógico.

Karla: Aí lá tinha uma Escolinha Experimental, que era... que não era pago. Tinha as turmas, alfabetização, primeira, segunda, terceira e a quarta série, e as alunas estagiavam lá, entendeu? Era a gente que dava aula, ficava, era tipo... não sei se eram seis meses, tinha um período que a gente ficava com aquela turma, pra... era o estágio.

Ana Paula: Era qual horário? Que você estudava?

Karla: O Pedagógico? De noite.

Ana Paula: Muitas alunas na sua turma?

Karla: Não, tinha não.

Ana Paula: Tinha não... Já havia um número menor de alunas.

Karla: Era pouquinho gente. Acho que não tinha nem vinte pessoas, não lembro não. Mas tinha pouca gente.

Ana Paula: Ocorria assim, momentos de oração, durante as aulas, fora da sala de aula?

Karla: Não.

Ana Paula: Já não existia mais esse momento de oração?

Karla: Não. Não tinha nada disso. É como eu digo a vocês, eu nem sentia que era uma escola religiosa, era uma escola religiosa só porque elas cuidavam, mas não tinha nada disso não.

Neusinha: Ela já foi muito depois de mim.

Ana Paula: Aham. Já houve uma mudança grande.

Karla: Tinha não. A gente tinha um momento quando a gente chegava, a gente orava, a gente rezava, o pai nosso, a ave maria e pronto, e tinha aula de religião, né?

Neusinha: Quem era tua professora, era a Madre Aurélia, né?

Karla: Era irmã Iraídes, era Madre Aurélia, todo ano era uma. Acho que Madre Aurélia, eu só estudei com ela no Pedagógico, que ela deu uma disciplina, não me lembro mais qual é não.

Neusinha: Mas ela ensinava Psicologia da Criança e Filosofia. Ela ensinava.

Karla: No Pedagógico. Eu não lembro dela ter me ensinado no estudo...

Neusinha: Não, ela não ensinava não.

Karla: Era irmã Iraídes que dava, era... Moral e Cívica, ou era...

Neusinha: Irmã Iraídes não era Português, não?

Karla: Ela dava aula. Não me lembro mais não.

Neusinha: Eu lembro que tu estudava Gramática. Lembra que vocês estudavam Gramática aqui, pra dar aula comigo? Eu num ajudava vocês, tu e aquela menina?

Karla: Mas era no Pedagógico. O Pedagógico, elas que ensinavam, quase todas elas que ensinavam.

Neusinha: Era dentro da Didática da religião delas, mas já diferente, porque pelo que ela tá dizendo...

Karla: Mas no meu tempo não tinha esse negócio aí de, de... momento de orar de rezar, não tinha isso não.

Ana Paula: E a questão do comportamento assim, da menina, da mulher. Como é que ela deveria se portar na sociedade? A Madre influenciava, explicava alguma coisa, ou já no seu tempo, já não existia mais isso?

Karla: Não, acho que não. Não lembro mais não.

Ana Paula: É totalmente da realidade assim...

Neusinha: Só que como não, ela quis ser professora, ela fez máquina, ela tem uma lojinha de roupa íntima.

Ana Paula: É eu sei.

Neusinha: Tu já viu né, no Instagram?

Ana Paula: Já, no Instagram. Érica trabalha com você, né? Ela tá fazendo História também.

Karla: É. Tu estuda com ela é?

Ana Paula: Eu terminei já, a graduação em História, e ela tá terminando. A gente não chegou a estudar juntas em sala de aula. Mas a gente ia no ônibus para Cajazeiras.

Neusinha: Olha Karla, eu vou te dar teus retratos, tu quer levar?

Karla: O chato é perder, é melhor deixar aí.

Ana Paula: Quando você estudava antes do Pedagógico, voltando um pouquinho, havia algum tipo de castigo, de punição, se fizesse algo de errado? Ou não?

Karla: Como é?

Ana Paula: Se havia algum tipo de castigo, de punição, alguma punição se fizesse algo de errado?

Neusinha: Tinha não, eles chamavam só os pais.

Ana Paula: Chamavam só os pais e conversavam.

Neusinha: Lá na entrada era tudo corrigido, era uma fila de freiras e professores esperando você entrar, até no meu tempo era.

Karla: Não, mas no meu...

Neusinha: Vocês não eram mais não? Era porque no nosso o Pedagógico era misturado com os meninos...

Karla: Eles ficavam mais assim, olhando fardamento, olhando se tava completo essas coisas. Elas exigiam o fardamento completo, tinha gente que queria ir de chinelo, aí elas não deixavam não, tinha que ser a fardinha completinha, mas só isso mesmo.

Neusinha: Aí nas reuniões sabe o que elas faziam? Diziam que os alunos, que a mães cuidavam bem das roupas, eles sabiam, aí elas diziam, já transferia para os outros pais, mas meus meninos tinham farda limpa todo dia, não era não Karla?

Karla: Era.

Ana Paula: Existia alguma colega sua que não gostava, que queria sair, que reclamava da escola?

Karla: Mulher, a gente não tinha muita opção não. Como eu lhe disse, na minha época só tinha o Colégio das Freiras, o Comercial e... Monteiro Lobato. Na época, o melhor colégio era lá, então não tinha o que reclamar não. Precisava o aluno ser muito.... pra eles expulsarem. E o povo de antigamente não era igual os de hoje não, mulher.

Neusinha: Karla, foi porque ela foi morar longe de Sousa, mas os meninos dela, ainda começou a estudar no Colégio das Freiras.

Karla: Eu já disse a ela.

Neusinha: Mas se não, tinham estudado tudo lá.

Karla: Eu já disse a ela, vá terminar isso...

Ana Paula: Porque assim, quando você, no período que você estudava, a gente já tava no final do Regime Militar, né? Então não existia essa influência opressora do governo na realidade...

Karla: Eu nem sabia disso...

Ana Paula: Você nem tinha noção disso, né? Aí, quais os princípios e os valores que existiam no colégio? Que você lembra? De uma Educação Libertadora, uma educação só pra transformar a vida dos alunos, era mais nesse sentido?

Karla: Eu não sei te dizer não...

Ana Paula: Não recorda não?

Karla: Não. Não me lembro não se tinha alguma coisa não.

Ana Paula: Pronto. Depois que você saiu do colégio, você seguiu sua vida, casou, arrumou um trabalho?

Karla: Foi, eu engravidei dele. Eu fazia o segundo ano, o Pedagógico já, quando eu engravidei dele. Aí quando eu terminei, ainda... aí eu fui ensinar, fui ser professora, ainda ensinei, aí entrei pra faculdade. Eu fazia Letras...

Ana Paula: Em Cajazeiras?

Karla: É Cajazeiras. Aí, eu fui embora pra Mossoró, não consegui transferir a faculdade, porque é outro estado, aí não conseguia. Aí eu acabei fazendo outra faculdade. Me formei em Marketing de vendas, e pronto fui trabalhar no comércio, lá e aqui também. Ai, quando eu voltei aqui pra Sousa, eu ainda quis voltar a ensinar, ainda fiz faculdade de novo de Letras, fiz a faculdade, aproveitei as cadeiras que eu tinha feito dois anos já.

Ana Paula: Terminou?

Karla: Não. Aí também eu vi que não... não era mais isso que eu queria não, desisti de ser professora.

Ana Paula: Quais as memórias que você tem do tempo que estudava? O que você fazia, o que você gostava, que marcava, que marcou você?

Karla: Do Pedagógico?

Ana Paula: Do Pedagógico ou antes.

Karla: Mulher, a gente assim... as amizades que foi desde a alfabetização, a turma sempre as mesmas pessoas, e a gente faz aquele vínculo de amizade, e... era os mesmos amigos vizinho, entendeu?

Ana Paula: Uhum.

Karla: Minhas amizades de lá, e também na faculdade... e também quando eu fazia, eu gostava muito de ensinar, na época eu gostava muito mesmo. Depois que eu voltei pra cá que eu vi que não gostava mais. Que não era mais aquilo que eu queria, entendeu? Porque a gente vai mudando, né, de opinião, não quis mais não. Também, tudo muda. O ensino, as crianças, os comportamentos. Na época que eu ensinava pra quando eu voltei, era tudo muito diferente. As crianças muito rebeldes, muito... não tem mais é... o apoio dos pais, o professor não tem. Os pais querem que os professores, que... eduque, que... num quer nem que eduque, porque, se você chamar um pai pra dizer alguma coisa, eles não aceitam, entendeu? Na minha época, quando uma mãe era chamada na escola, eles iam repreender a criança porque fez aquilo, hoje não é mais assim.

Ana Paula: Já questiona o professor.

Karla: É. Hoje as crianças, faz tudo que quer, em casa, na escola os pais entregam a... os pais não quer a responsabilidade de educar, a verdade é essa.

Ana Paula: É verdade, infelizmente.

Karla: Aí eu não tive mais paciência não.

Neusinha: Ela ainda fez dois bimestres de Letras.

Ana Paula: Foi ela estudou ainda dois anos de Letras em Cajazeiras. Pronto tá ótimo. Muito obrigada.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM ANTÔNIA

Ana Paula: Inicialmente, gostaria de saber como foi sua chegada no Colégio Auxiliadora?

Antônia: Foi assim... Eu terminei em Nazarezinho o Primário, né, e o Ginásio, na época que era o Ensino Fundamental e o Médio, só tinha em Sousa. No Médio fazia o Científico ou fazia o Pedagógico, ou Técnico em Contabilidade. Eram os cursos que ofereciam na época, isso em 77. Aí, só tinha o Pedagógico no Auxiliadora, pra ver as coisas como são. O da Escola Normal foi extinto por falta de gente querendo fazer, e na minha época só tinha particular. E pra vir de Nazarezinho, tinha que ter condição, porque você, ou vinha numa caminhonete fretada, ou você tinha casas de parente em Sousa, pra que você ficasse, A Madre na época era professora, já dirigia a escola, Madre Aurélia, mas lá era muito assim, muita ordem. É uma escola muito boa, muito humanizada, na questão assim... ainda hoje é, da questão religiosa, dos valores, sempre trabalhava muito, mas sempre tudo dentro da ordem, né? Respeito, hora, até eles achavam assim, que o horário, faz parte da sua conduta humana. Se você não começa a respeitar o horário da escola, então você vai achar que na sua vida, tudo é, num é, chega na hora que você achar que deve chegar. Então eu vim pra Sousa. Quando eu vim pra Sousa, meu pai era doutor e minha mãe também virou médica, aí meu pai disse: “Antoniêta minha filha, será que a gente vai ter condição de pagar”, porque o colégio era caro, era particular e tinha a questão material e tinha a questão do transporte.

Ana Paula: Como é que fazia pra estudar lá?

Antônia: Aonde?

Ana Paula: No Auxiliadora. Tinha que fazer uma prova de admissão?

Antônia: Não, eu já tinha feito minha admissão em Nazarezinho, você fazia uma avaliação, como se fosse, por exemplo, um teste, chamava-se teste de aptidão, pra saber se você realmente tinha vocação pra ser professora. Aí nesse teste perguntava, primeiro, a origem de quem é você, pra ver qual é sua condição, eu acho. Aí, então se sua mãe não é professora, na sua família não tem professor, quando alguém já diz: “minha mãe é professora”, já dizia: “Ah, então é hereditário”. Meu caso não, é porque é de mim, a profissão que eu escolhi pra minha vida, eu acho bonito e eu sempre quis ser professora. Na minha casa, muito cedo eu pensei em ensinar reforço, eu via, eu tinha uns dez, doze anos, eu já ensinava reforço, aos meus colegas que tinham dificuldade. Graças a Deus, modéstia parte, eu sempre tive facilidade em Português, em Redação, entendimento dos textos, interpretação, sempre tive facilidade. Aí... vai pra casa (falando com o neto). Depois... era minha irmã, essa minha irmã que ficava aqui, é viúva, aí a pessoa que vinha era muito pequena. Meu pai, minha mãe e nós dois, não teve filho homem não. Minha mãe dizia que teve dois filhos homens, mas antes de mim. Naquela época não tinha vacina, morria muita criança novinha, então foi o caso dos meus dois irmãozinhos que era homem. Aí eu nasci, depois de mim aí é ela. Eu sou mais velha que ela 5 anos, pronto, aí nós duas. A família muito pequena e muito junto, ainda hoje. Aí era o contrário, o pessoal sempre fazia essa comparação até ela não gostava. “Ahh, o oposto, Antoniêta gosta demais e Salete gosta de menos”. Então ela não gostava. Eu coloquei reforço lá em casa, já por ela, porque ela ia pra escola e ela brincava, e a professora: “Dona Francine, Salete não rendeu muito” e Salete não tava nem aí. “Mamãe, vou colocar um reforço aqui e o incentivo pra Salete é o seguinte: se você aprender a ler e escrever, você tá liberada, enquanto você quiser voltar pra escola, você vai”. Graças a Deus, num instante eu aprendi, já pra ser liberada da escola, o incentivo foi esse. Aí eu sei que aprendi a ler e escrever, Matemática, operações. Na época se você soubesse as quatro operações e ler e escrever, você era doutora, precisava mais de nada, ainda ler, foi o que aconteceu com ela. E depois ela entendeu que tinha que estudar, hoje em dia é professora de Ensino Pedagógico, enfim. Aí vim

pra cá, aí colocaram um ônibus, no meio da política, sabe que a política tem essas coisas, né? Lá em Nazarezinho o prefeito, é na época era Lunguinho Luiz, aí tipo Cora tinha uma frota de ônibus indo pra São José. Aí a aviação São José, aí teve em Nazarezinho, como teve em Marizópolis e outras cidades. Aí a oferta dele, como ele trabalhava para os políticos, aí ele disse: “Olhe se os prefeitos me apoiar, eu colocarei um ônibus aqui pra fazer a linha pra Sousa. Tanto vai levar passageiro, como vai levar o pessoal de escola, quem está doente”. E isso foi uma conquista muito grande, porque pouca gente lá em Nazarezinho tinha transporte, eu reconheço e ainda lembro que eu acho que uns três ou quatro comerciantes como Antônio Pedrosa, João Damião e Zé Minês, tinham uma caminhonete que vinha buscar mercadoria em Sousa ou Cajazeiras para os comércios deles, os mercadinhos.

Tirou disso, Sousa pra Nazarezinho é como se fosse Sousa pra João Pessoa, você terminou, perdeu esse ônibus, e esses dois carros ou três, podia dormir em Sousa, porque não tinha mais como você ir, tu acredita? Não tinha asfalto, era estrada de terra, estrada de sinal, não tinha outra via, porque era assim. Pra Marizópolis é bom, porque pra você ir pra Cajazeiras tinha que passar lá. Nazarezinho não, você vai só pra quem tem negócio com Nazarezinho, daqui você para lá.

Ana Paula: Agora tão fazendo uma estrada pro serrote dos...

Antônia: É, e tem hoje estrada asfaltada. Nazarezinho hoje virou um bairro de Sousa, com relação ao passado. Aí bem, aí se coloca esse ônibus, graças a Deus, na minha época era uns oito, de Nazarezinho.

Ana Paula: Que vinha fazer o Pedagógico?

Antônia: Que vinha pra Sousa. Pedagógico só eu e duas, o resto queria contabilidade, outras queriam Científico e assim. Aí só eu e Gracinha, Gracinha Justino que queria Pedagógico, mas veja bem, aí no primeiro ano fomos impedidas de fazer o Pedagógico.

Ana Paula: Por quê?

Antônia: Porque o ônibus não descia até o centro, o ônibus fazia a linha pelo Santa Terezinha, ele vinha, aí deixava o pessoal no Poli Valente 1, deixava o pessoal na... era chamado Colégio João Rumã, onde é a Agrotécnica. João Rumã era diretor, já até faleceu, era o técnico do curso doméstica, quem queria costurar, tinha um bocado de técnico lá, auxiliar, negócio de quem tinha crochê, costura, alimentação e Científico. Então como não tinha, aí as oito ficamos aqui, no Colégio João Rumã, é o jeito que tem, não é meu curso não, mas é o jeito que tem, fazia o Científico mesmo. “Aí faço o vestibular se Deus quiser em Cajazeiras na área de educação e eu vou ser professora do mesmo jeito, mas não tem como eu ir fazer o Pedagógico, vou ficar aqui com os novatos”. Não tinha condição de pagar táxi todo dia, dinheiro não tinha, não tinha condição. Aí todas as oito ficaram aqui, na Agrotécnica, aí o ônibus descia com o pessoal no Santa Terezinha, fazia um retorno não sei por onde, só sei que não descia no centro pra ir pro Auxiliadora, não dava essa condição. Fiquei, né? Terminei o ano lá. Antes de terminar o ano letivo, todo final de semana, porque lá em casa... Ave Maria, ficar o final de semana fora de casa, era como que dizer, emancipada, queria ser homem, porque não é homem pra ficar fora de casa no final de semana. Mamãe disse: “você vai Antoniêta”, porque assim, quando faltou ônibus, a política deu um retrocesso, num sei quem lá, o governador não foi de Lunguinho Luiz, deixou de... depois de seis meses deixou de... aí tira o ônibus, ficamos tudo desnorteado. Isso mais em setembro, a gente já perto da campanha que era em novembro. Minha Nossa Senhora, foi pior que no comício, vala... vamos perder o ônibus faltando três, quatro meses, minha Nossa Senhora! Foi uma tristeza grande pra todo mundo, das oito, eu acho que umas quatro

ou cinco tinha parente em Sousa, e foi se organizando. Ficou eu e Gracinha Justinho, fazendo o Pedagógico, sem ter pra onde ir, e outra Gracinha, ficamos sem ter condição de vir. Eu tinha um tio que morava no sítio, morava no Trapiá, Depois de Nazarezinho. Ele chegando em Sousa de Nazarezinho, tinha um mercado, aí dizia assim: “Mais Antônio Joaquim é o pai de Ari, não sei se você conhece, é meu primo. Mas Antônio Joaquim, quem tá muito triste é Antônia, já chorou tanto”. Todos os meus parentes sabiam que eu era muito estudiosa, aquela coisa toda, que gostava de estudar. Aí Dr. Luiz disse: “Por quê?” Porque... aí contou a história. “Lunguinho Luiz, houve um retrocesso, não vai apoiar o prefeito, ficou sem o ônibus, como forma de punir, aí começou a se revoltar com Lunguinho”. Aí Antônio Luiz disse: “Eu vou lá”. Aí Dr. João foi lá em casa, aí parou o carro, aí fiquei ali. Dr. João disse: “Antônia, você tá triste? Vai Fransquinha...” Aí papai tinha ido dar água aos animais na roça, mas “Antônia vai pra onde, se a gente não tem casa de parente em Sousa? Não tem como ela ir todo dia. A caminhonete que tinha, o ônibus atrapalhou, que era uma caminhonete. Umas das oito, cinco ou seis já arranjaram lugar, a caminhonete ficou muito cara, não tem como a gente arcar a despesa com essa caminhonete. Outra, Antônia tá lá na escola Agrotécnica, não tem com ir...” “Olhe, olhe nós temos um primo sim, ele é muito meu amigo, vou falar com ele hoje, vou a Sousa, daqui eu vou a Sousa é Nozinho Gonçalves”. Nozinho Gonçalves, ele é sobrinho da minha vó, minha vó em nome da mãe dele, só que a gente de Nazarezinho, mora aqui em Sousa, a gente não tinha nenhum contato. Meu tio ele vendia, ele tinha moagem, tinha rapadura, mel, aí conhecia todo mundo aqui. Aí Dr. disse: “Antônia, eu vou a Sousa, viu? Você fique, organize suas coisas, porque eu sei que vai dar certo, mas eu vou antecipado pra falar com ele. Antônia, eu tenho obrigação moral de apoiar quem gosta de estudar e sendo sobrinha de Nozinho, é minha também. Aí foi, e eu sou professora e não posso deixar uma pessoa sem estudar. Diga a Antônia que venha, que pode vir, que ela venha pra casa, não se preocupe”. Quando chegou essa notícia, era mesmo que ganhar na mega sena. Aí eu disse, Graças a Deus! Eu sei que eu organizei minhas coisas tudo e vim embora. Aí quando eu cheguei aqui... Sim... aí Dr. João disse: “Eu vou falar, e outra, lá só tem duas criaturas, Antônia e uma amiga de Antônia, que também querem fazer o Pedagógico, mas não deu certo”. Aí contou a história. Viemos as duas, isso a gente vinha numa felicidade tão grande, uma realidade diferente da minha, guarda fiscal, Iva professora, um padrão de vida bem diferente. Mas eu me adaptei com relação a eles, que parecia Ana Paula, que ela era minha mãe, ela tinha três filhos. Um homem, Jerry e duas filhas mulheres, Carintia tinha sete, tinha uns nove anos.

Ana Paula: A senhora tinha quantos anos nessa época?

Antônia: Eu tinha uns dezesseis pra dezessete anos. Acho que eu tinha dezessete já. Essa menina Carintia, era bem bonitinha tinha os cabelos grandes. Ahh... se apegou comigo e queria que eu fizesse os cachos, e eu fazia os cachos, deixava na escola. A minha escola lá era de manhã, mas tinha o ônibus que a gente ia, tinha o ônibus da cidade João Rumã, tinha de graça, pra você ver o quanto Sousa já era evoluída, né? O ônibus circulava pegando o pessoal pra lá, por conta do colégio e eu deixava Carintia em frente a escolinha dela, o Pequeno Príncipe e seguia pra minha. E com isso, e Gracinha... (a colega que veio com ela), as coisas como são, ela não se ambientou, não se sentiu bem. Aí eu disse: “Mulher, não faça isso não, ano que entra a gente vai sair daqui e fazer o Pedagógico, mais perto ainda do Auxiliadora”. Porque eles moravam ali, vizinho ao Sousa Ideal, ainda hoje a casa deles é lá. Ai eu digo: “Mulher, não faça isso não, Gracinha, bem pertinho do Auxiliadora, vamos ficar por aqui”. “Não, eu tenho uma tia que mora no Núcleo Três, é irmã da minha vó e eu vou pra lá ano que entra. Já conversei com papai lá em casa. Tu devia ir também” Eu disse: “Não Gracinha, ela é sua tia, não a minha. Se for pra ir pra casa dos outros, eu vou ficar aqui mesmo. Se fosse pra minha casa, se um ônibus voltar, aí eu vou pra Nazarezinho, pra minha casa. Mas se for pra ir pra casa dos outros, eu fico aqui. E mulher, eu queria que você ficasse, mas você

fique à vontade, a gente não pode, num é? Aí é com você”. Pois bem, chegou o final de dezembro, a gente foi aprovada e Gracinha disse: “Dr. ... muito obrigada”. Que ela era advogada.

Ana Paula: Quer dizer que quando o ônibus parou em setembro, a senhora veio pra Sousa e conseguiu terminar?

Antônia: Terminei

Ana Paula: O Científico?

Antônia: O Pedagógico não, não. O Científico.

Ana Paula: O Científico na Agrotécnica?

Antônia: O primeiro, mas como o primeiro é básico até hoje, e você tem condição de ir para o segundo, num é assim? Aí quando chegou no final do ano, Gracinha agradeceu a ele e a... que para o próximo ano não ia vir, em virtude da gratuidade do... “Antoniêta, e você? Não vá não, fique conosco, você se deu bem aqui, eu quero muito bem a você”. Ela ia lá em casa em Nazarezinho e eu sei que todo mundo é primo... é parentesco, sabe? De verdade depois que eu vim pra ela, o vínculo de parentesco nasceu aqui. A minha tia que é a mãe de Nozinho, irmã da minha vó ainda era viva, veio pra cá, ficou feliz enquanto eu tava aí, me abraçou e disse: “Olhe Nozinho, só deixe Antoniêta sair daqui quando ela terminar o Pedagógico. Faça com que ela transfira para o Pedagógico e não vai sair daqui, deixe ela aqui”. Aí Nozinho disse: “Não mamãe, nem se preocupe, Antoniêta é uma filha mais velha, e eu gostei deles também”. Essa empatia foi deles para comigo, foi como a mão de Deus. Sabia que eu precisava, a mão de Deus mesmo. Aí Ana Paula, só sei que Gracinha... eu fiquei triste porque ela foi. Chorei também. Aí nós ia pra casa... se despediu pra ir, mas eu ia pra passar as férias e retornar. Só que essa minha tia, que é a mãe dele, morava em Mombaça no Ceará, aí adoeceu. Aí chegou um telegrama, na época telefone era muito difícil. Chegou um telegrama, chamou Nozinho lá urgente pra buscá-la pra vir para os médicos daqui, Dr. Lelela, Dra. Silvana. Uns médicos bons aqui, que ele é Gonçalves, a mãe Gonçalves e o pai Pedrosa, aqui em São Pedrosa. Aí se trataram aqui em Sousa. Aí Nozinho disse: “Antoniêta, eu vou pedir uma coisa a você...” Veja como as coisas de Deus são, acho que Deus escreve certo por linhas tortas. “Eu sei que você tá com tudo organizado as férias em casa, mas eu vou a Nazarezinho pedir a Fransquinha, pra você ficar aqui com meninos, porque eu preciso ir a Mombaça buscar mamãe pra vir se tratar, porque mãe tá muito doente. Os médicos mandou um telegrama, tá aqui, que eu fosse buscar pra... Mas antes de eu ir, eu vou a Nazarezinho”. Um favor desse tamanho, eu não posso dizer nunca não a esse povo. Aí eu disse: “Fico, fico sim, só não posso ficar sem saber. Aí ele disse: “Gracinha, você quer ir pra casa?” Aí Gracinha disse: “Tu vai ficar? Tu vai ficar? Tu vai perder tuas férias? Tu ainda achou pouco, esse tempo todinho, regime de escravidão, de casa pra escola?” “Mas Gracinha mulher, vamos dar graças a Deus, só em eu estar estudando, eu não quero mais saber de nada. Mulher, quando a gente terminar de estudar, a gente vai ter tempo pra namorar, sair. Isso vai chegar, se preocupe não. Aí disse assim: “Vou ficar aqui não Nozinho, se você quiser ficar Gracinha, Antoniêta, pra ir depois que eu chegar, do jeito que eu vou avisar a Fransquinha mais Honório (meu pais mais minha mãe), aí eu aviso a seu Nezinho e a Dona Rita”. “Não, não, não, eu vou pegar carona com o senhor”. Nozinho: “Pois bem, Antônia, você... ficou, sem problema...”. Aí Nozinho foi no carro com Ilma e eu fiquei já com os meninos, porque lá tinha uma pessoa que trabalhava com eles, mas tinha feito cesariana, tinha ganhado neném. Aí tava só a gente em casa. Aí bem, só sei que eu fiquei. Nozinho foi a Nazarezinho... mostrou o telegrama, foi deixar Gracinha em casa. Aí disse a Nezinho: “Que pena que Gracinha não tinha gostado de ficar”. Mas lá agradeceram, que foi muito bom, mas não podia insistir que ela ficasse, e bem. Quando chegaram mãe disse: “Não, de jeito nenhum Nozinho, é uma necessidade. Diga a Antoniêta que não se preocupe, diga a ela que fique”. “Olha, eu não sei quantos dias eu vou ficar, e a menina que mora lá em casa tá operada e tá tentando arranjar outra pessoa pra ficar em casa pra cozinhar. Mãe disse: “Não se preocupe, não se preocupe, pode dizer a ela que fique à vontade”. Bem, ele voltou satisfeito, quando chegou aí disse: “Antoniêta, vou viajar à noite, e eu já tomei outra decisão”. “E qual foi Nozinho?” “Nós vamos todos, nós vamos para o Ceará, nós

todos, vamos levar os meninos, porque não vai dar certo você ficar aqui, como é que você vai fazer? Não dá pra você cozinhar para os meninos não. Nós vamos todo mundo”. Pois tá certo, melhor ainda. Quando a gente tava se organizando pra viajar 10 da noite, chegou Linete, uma amiga... que são os pais de Nozinho, que eram meus tios e meus padrinhos, por incrível que pareça, por isso ela queria bem a mim. Pois bem... chegava lá em casa, ninguém viajou mais e a Ilma disse: “Antoniêta, Fransquinha vai saber, aí tu avisa a ela”. Aí madrinha Ilza disse: Antoniêta, fique comigo, fique aqui com a gente. “Não, vou ficar, mamãe já sabe que eu tô aqui, não se preocupe não”. Nós ficamos. Aí levaram para o médico, medicaram, só sei que ela foi melhorando, aí quando foi no outro dia, isso era numa quinta-feira, no outro dia, no sábado, tinha um circo, por trás lá do Sousa Ideal, bem pertinho da casa de Nió. Um circo chamava muita atenção, que tinha muito animal diferente, era muita gente rica, tinha gente de Fortaleza, de Cajazeiras, num sei de onde, pra ir pra esse circo. E Susana, Nozinho arranhou Susana pra vir pra lá, aí era afilhada dele. Susana: “Vamos ficar com Antônia, ficar com os meninos pra eles não ficarem só? Porque Rosa tá operada e Antoniêta não dá conta sozinha não. Aí tem os meninos, aí faz uma tapioca de manhã. Ohh, bagunça, revira a casa”. Quando foi de noite que tava todo mundo bem, vamos no circo, aí Ilma disse: “Vamos, vamos perguntar quanto é a entrada”. Só sei que a gente se ajeitou pra sair, aí foi. Quando nós chegamos lá, quem tava? Zé Formiga, tinha entrado no circo, com a namorada. Quando ele me viu entrar com Susana, aí Susana: “Quem é esse?” Aí ele voltou, deixou a namorada sentada.

Ana Paula: É o seu marido?

Antônia: É o meu marido. Deixou a namorada dele lá sentada e voltou. Deci conhecia demais. Aí minha amiga Deci desde essa época, e Susana essa que eu tô dizendo é casada com Deci. Você pesquisou com ela né, você conhece Deci?

Ana Paula: Foi.

Antônia: Trabalhava com ela no comércio daquele Zé Brito. Ali depois do mercado, era colega, sabe? E era afilhada de Nozinho e sempre ficava na casa de Ilma. Quando Ilma precisava ela ia lá, dar uma força, ficava com os meninos, dava uma alimentação, essas coisas. Ilma trabalhava como advogada e como professora, quase não parava em casa, a dona da casa. Aí nós fomos no circo, ele entrou com a namorada, deixou lá e, chegou Susana: “Quem é essa Susana?”. “É minha amiga Antoniêta, ela é de Nazarezinho”. “Ela é bonita, vou namorar com ela”. Aí Susana: “Tu com uma namorada, bicho enrolão”. Eu na época, eu já tinha aí o que? Uns dezoito anos. Eu faço aniversário em novembro, aí já tinha feito dezoito anos. “Vou, vou, você vai ver. Vou já terminar o namoro ali. Susana essa aqui é minha mulher”. Susana: “Ah bicho enrolão. Aí Susana: “Antoniêta, tem um rapaz doido por tu”. Aí quando eu olhei assim disse: “Quem é esse? Quero nada! Ele entrou nesse instante com a namorada. Quero nada! Bicho véi, muito é enrolão! Deus me defenda. Esse bicho é rapaz véi, gosta de enrolar o povo, Susana. Quero nada, nem diga. Pode ficar aí com a namorada dele, eu não quero não! Aí ele arradiou e disse: “Antoniêta?” “Digo: Oi?” Aí ele disse: Eu terminei o namoro agora”. “Pra que?” “Pra ficar com você”. “Comigo? De jeito nenhum! Não quero, mas eu não quero mesmo, nem se engane. Do jeito que você tá fazendo com ela pra ficar comigo, você vai fazer comigo o que fez com ela, eu não tô lesando não. Olhe eu não quero não, o Senhor é quem?” Aí eu disse: “Vamos Susana, vamos embora, perdi até a graça do circo”. Quando nós chegamos em casa, ele chegou, minha casa bem por trás. Aí ele riu e disse: “Seu Nozinho”. Era amigo de Nozinho. Nozinho ganhou guarda fiscal e Zé comprava e vendia gado e quando chegava a carrada de gado, quem despachava era Nozinho. “Seu Nozinho, tem uma prima sua aí”. Nozinho riu e disse: “Tem”. “Pois eu vi ela lá no circo, ela disse que não me queria não. Ajeite ela pra mim, aí”. Nozinho disse: “E sua namorada?” “Terminei nesse instante e fui deixar em casa. Não quero mais não, quero essa daí. E outra coisa, todo dia eu venho aqui, nem que o senhor me coloque pra fora, mas eu venho para aqui”. Aí Nozinho achou graça, conversou com ele foi muito, conversaram sobre gado. “Antoniêta, você queira, Zé formiga é uma pessoa boa, eu conheço, muito bonito”. “Quero não Nozinho, eu quero ele como amigo seu, mas ele é enrolão, que ele tava com a namorada dele lá”. Aí ele riu foi muito. Bem, pois ele ficou insistindo, quando foi uns quinze dias, a gente começou a namorar, foi. E eu de férias, Ilma disse a ele: “Zé, o sonho de Antoniêta é ser professora”. “E porque não disse isso mais cedo?” Aí contou a história. “Dona Ilma, o Colégio das Freiras é aqui e eu vou me casar esse ano, e nós

vamos morar aqui, e ela vai terminar o curso dela de professora. Eu já tenho idade pra me casar, já tenho meu comércio, tenho minha casa aqui em Sousa. Eu tenho minha vida feita, só faltava encontrar uma pessoa que eu achasse que dava certo. Com essa daqui eu achei”. Aí Ilma riu demais. “Isso é coisa de gente enrolão e tu acredita nessas conversas? Vala minha Nossa Senhora!”. Aí Ilma riu, eu não aguentava não, basta. “Aí, olha Dona Ilma, domingo o almoço é lá em casa, vou levar a senhora, Antônia, seu Nozinho pra conhecer meus pais, depois eu quero ir pra Nazarezinho, pra eu conhecer os pais dela e vou pedir ela pra casamento”. Aí Ilma riu demais, José. “É Ilma, eu não tô brincando não. Tu quer Antoniêta pra casar contigo?” Aí eu disse: “Não, quero nada!” “Porque?” “Porque eu não quero. Tá muito cedo essas conversas aí, parece que tá desesperado você, Deus me livre. Tu tá devendo alguma coisa a alguém?” “De jeito nenhum”. Pois bem, quando foi no domingo, ele veio buscar a gente... Almoçamos lá, o pai dele era surdo, senhor Alexandre, Alexandre Marques Formiga e Ana Gomes Sarmiento, era a mãe dele. A família grande a de Zé, tinha dez irmãos. Aí eu sei que seu Alexandre disse: “Eita, você vai ser a minha nora?” José disse, ele só chamava José, uns chamavam de Zé formiga, seu Alexandre e minha mãe chamava de José. “José disse que vai casar com você, já tá bom dele casar mesmo, até aqui os mais novos já casaram”.

Ana Paula: Ele tinha quantos anos?

Antônia: Zé na época quando eu me casei, ele casou com trinta e eu me casei com vinte, dez anos de diferença, ele morreu com 33, e eu fiquei viúva com 23, três anos só de casada. Aí eu só sei que de namoro e noivado, foi onze meses, a gente casou. Aí pronto, sim, aí fui para o Auxiliadora. Aí vamos para o Auxiliadora.

Ana Paula: No ano seguinte a senhora foi?

Antônia: Fui fazer o segundo lá, o Pedagógico. Já fui com ele pra Agrotécnica, trouxe a transferência. Mas Ana Paula, pra mim, era uma realização tão grande, que, não tem aquela coisa que você acha impossível que você tá conseguindo? Pronto, era esse o sentimento. Eu digo: “Meu Jesus, será que é verdade?” Tem hora que eu digo: “Eu não acredito que tô fazendo o Pedagógico não”. Era aquela alegria tão grande, tão grande, que era uma coisa, que você tem muito sonho. Pronto, hoje, é o sonho que eu tenho, acho que vai ser igual a esse aí, é quando meu filho revalidar o curso, que meu filho tá fazendo Medicina na Bolívia. Aí tá faltando revalidar. Ele trabalha no Mais Médicos lá em Cachoeira dos Índios. É o filho que eu, só tenho ele. Eu acho que vai ser esse mesmo sonho que eu tenho, de realização, ver esse sonho que eu senti lá. E eu só sei que, pra ele, pra Zé, Zé que já tinha o gado, já era bem sucedido já na época, o pessoal dizia: “Antoniêta vai casar com um rapaz véi rico”. Nazarezinho encheu. Mamãe disse: “Antoniêta, esse homem?” Aí eu disse: “Mulher, dá certo, não é rico não mulher. Ele tem a situação melhor que a minha, melhor que a nossa, mas... Então certamente ele quer e ele sabe”. “Sabe quem é rica? É ela. Porque ela tem um curso e ninguém vai tomar dela”, meu sogro dizia isso, sabe. “A rica da história é ela”. Bem, aí eu sei que eu fui pra lá, me identifiquei demais com o Pedagógico, Ave Maria. Era meu sonho, sabe? De realização. Aí terminou, fui pro terceiro, aí foi pro estágio que era na escola você passa 6 meses.

Ana Paula: Dentro da escola fazia o estágio, né?

Antônia: É dentro da escola fazia. Aí você fazia 6 meses dentro da escola e você fazia 6 meses dentro das escolas do estado. É assim, muito bom o curso. Hoje o Auxiliadora virou uma empresa, mas na época, você sentia aquela vontade. É como se fosse assim uma irmandade, lutando pela sociedade. Você sentia assim, aqueles valores todos, de ser bom, de ser honesto, de ser católico, de se irmanar, você sentia... todo mundo tratava muito bem. Não tô dizendo que hoje não trata, mas eu quero dizer assim, porque sentimento hoje, você ver, depois que Madre Aurélia saiu... as últimas, acho que as últimas pessoas que estavam lá, saíram agora, que era Cristina e Lene. Por sinal, Cristina é casada, era né? Que hoje é viúva, com Cláudio. Cláudio é primo legítimo da minha nora, que minha nora é dos Gomes, filha de Carlão, Carlão José... Não sei se vocês sabem, Novinho que é vereador de Sousa, que é aquele Carlão, é irmão da minha nora. Eles não têm pai também não. Carlão morreu de CA, tá com dez anos. Pois bem, aí eu sei que, Ave Maria, vocês estar no Auxiliadora, e tem uma coisa, é onde todo mundo, é ainda hoje, né? Você era muito visto assim, como uma pessoa assim,

de visão, quem está lá tem muita visão de futuro. Era como se fosse muito estudioso, porque também se você brincasse, se as freiras percebessem que você estava... era aquele cuidado mesmo, de mãe. Um aluno faltou, tava com o namorado na praça, era contado: “fulano não veio não. Veio, mas saiu” “Saiu pra onde?” Ahh, por mais que fosse difícil telefone, muita gente tinha aquele telefone convencional nas casas. “Olha, vamos arranjar telefone, vamos arranjar quem conheça”. Mandava dizer pra mãe, chamar o pai pra conversar que é pra dizer que perdeu essa aula. Não pode. É aquele cuidado mesmo que, sabe como é, que permanecer naquela escola, era aquela coisa assim de cuidar de você e querer que você realmente crescesse, como profissional. Era esse medo que a gente sentia assim. Uma amizade, de igualdade, que você aprendesse a ser um grande profissional, o estímulo todo dia era esse. “Olha, seja um professor de renome, faça com quem estiver nas suas mãos aprendam, veja que quem está nas suas mãos é quem precisa, né, de ter um futuro melhor”. E geralmente quem está estudando, em rede pública, se você for trabalhar em rede pública, são as pessoas filhos de operário, que mais precisa de educação, como eu e outros, que fizeram, que lutou. Pois bem, aí terminei, quando eu terminei o terceiro ano, que foi aí, já terminei aqui, tanto que José com quatro meses de casado.

Ana Paula: Em 79?

Antônia: Em 79. Aí eu me casei no dia quatro no civil, quatro de julho de 1974, 79, quatro de julho. Eu tive Antônio José em 81. Quatro de julho José morreu, nós tivemos aqui três documentos na mesma data, por incrível que pareça e quando eu terminei, aí Zé disse: “Antoniêta...” Fiz vestibular no começo do ano, passei em Pedagogia... em Cajazeiras... “Vamos fazer o seguinte...”. Ele viajava muito pra lá com o gado e tinha muito final de semana que tinha que ficar lá, quando aquele gado começava, vinha alguém pesar, vir comprar ele, não podia vir pra Sousa. Aí, eu dormia muitas vezes com Antônio José e a menina na casa com a gente, com João. Aí eu disse: “Homem, faça o seguinte, vamos fazer o seguinte... porque vai ficar muito distante, deixe Antônio José crescer mais, o ano que entra você faz, não vamos ficar mais juntos esse ano, quando eu for pra... você vai também comigo, a gente fica lá, a gente, vamos”. “Depois que a gente casou Antoniêta, a gente não curtiu nada, porque você, porque eu não podia nunca lhe proibir, porque era seu sonho, porque seu pai disse a mim, quando fui pedir em casamento”. Papai disse: “Antoniêta tem o sonho de ser professora”. “Vai parar aqui, a isso eu dou minha palavra. Ninguém mais do que eu seu Onório, só o senhor e ela quer tanto quanto eu, dou minha palavra”. “Ele tá empenhado, que não seja só aqui, a palavra pra casar”. “De jeito nenhum. Se eu não assumir, me diga que eu não sou homem, sou fraco”. Aí pai disse: “Não, vou confiar em você, Nozinho”. “Não Onório olhe, pode confiar, porque eu conheço, é um homem. A família dele é uma família de homem de palavra”. Aí pai: “Não, tudo bem. Eu tô dizendo, eu gostaria que isso acontecesse, bem”. Aí, depois tá bom. Daí chegou o vestibular, aí a gente ficou muito, porque a gente passou entre os anos 80 muito junto. Aí eu sei que a gente ia, ficava lá, se vinha pra igreja, a gente vinha. É porque eu não tinha assim, nem trabalho e o pessoal chamando pra trabalhar, era o contrário, as casas hoje você luta pra ser professora, nessa época tinha os convites: “À professora Antônia Pedrosa tal...”. Vai surgir o Mobral pra ser professor, vi surgir o projeto não sei o que lá, vai surgir não sei o que, tá convidando professor. “Não painho, é quanto lá? Você vai ganhar quanto lá? Quanto é meu amigo que paga lá?” “Tanto”. “Pois eu vou aqui”. “Aí comadre... não vá fazer isso comigo não, porque eu vou ter que trabalhar, porque é minha vontade, vou fazer faculdade... não. O ano que entra você começa... aí eu disse, tudo bem”. Quando foi em 81, ele morreu. Aí foi quando eu senti, que a casa caiu mesmo. O comércio dele foi com ele, porque era gado, comprar e vender, vinha de cavalo, ele ia de carro. Tinha uma caminhonete daquelas que tinha uma gaiola, que botava o gado em cima, só dava certo com ele. O comércio só dava certo pra homem mesmo, que tem muita força e, enfim. Quando eu fiquei, no dia quatro de junho de 81, foi o dia que Antônio José tava fazendo dois aninhos, a gente tava fazendo aniversário dele. Aí comprou o gado na sexta, aí foi deixar esse gado lá, na volta já tardinha, uma das vacas entraram na... no mato. Foi um ano de inverno, aí o mato fechado, e ele procurando lá com os vaqueiros e tal. Deu tarde da noite e não encontrou, aí a casa da mãe dele era lá, na época morava lá, era dele, do pai dele e de Raimundo que é irmão. Os três compraram uma casona grande, mais de 700 tarefas. Aí dividiu entre eles três, aí cada um tinha a sua parte. Aí... fomos jantar lá, tomar banho e jantar. Aí Dona Aninha disse, quando foi bem cedinho, no sábado, que era o aniversário de Antônio José, eles sem chegar. Aí minha sogra chegou: “Dona Aninha e Zé?” “Minha filha, tomou banho dormiu lá em casa, jantou...”

Aí contou a história dessa vaca que tinha entrado na mata, muito cedo, quatro da manhã ele foi com Chagas, não sei quem, não sei quem procurar. E preocupado, porque era aniversário de Antônio José e tinha que vir pra casa. “Mas se Deus quiser, daqui pra oito horas ele chega”. Aí tá bom. Acharam a vaca dentro do curral, depois que Dona Aninha saiu, que ele veio. Só que, quando ele vinha, vinha como era um sábado de manhãzinha tinha ido buscar a bicicleta em Sousa. Que a estrada é aquela da estátua e é cerca de um lado e outro, chamado corredor. Aí ele vinha no carro com um morador. Quando o rapaz veio meio embriagado, ficou dançando. Aí ele botou o carro do lado, aí o carro chocou no murão da cerca “tum”. Quando tombou, bateu a cabeça e quebrou o pescoço, morte na hora. E deu nove da manhã, dez horas, e quem vinha depois trouxeram ele pro hospital. E eu sem saber, minha Nossa Senhora, lá pra onze horas. Lá vem meu cunhado mais... e a mulher dele se chama Jesus, aí vieram. “Vala meu Deus do céu, vieram pra o aniversário de Antônio José e não tem nada, que nem o pai chegou aí pra ir buscar as coisas, o bolo que tinha encomendado, as coisas, salgado. Aí, Jesus mulher, José não chegou ainda”. “Antoniêta mulher, aconteceu um acidente”. Aí eu digo: “Mulher, foi com Zé?” “Foi”. “Mulher... porque ele tava na casa do Bom Jesus, porque a casa do Bom Jesus é... remédio. E eu morava no pé da Cagepa”. Mulher, quando eu escutei isso, eu deixei tudo lá e saí correndo. Lembro como hoje, saí correndo, quando eu cheguei na casa de saúde, já ia um caixão entrando sabe na porta e eu nem imaginei que fosse pra Zé não, eu só sei que menino, pronto. Aí, pronto. Fizeram velório, e acabou, ninguém lembra mais nem de bolo, acabou, acabou, acabou a vida da gente. Aí pá. Minha filha, passei o ano de 81, minha Nossa Senhora de Perpétuo Socorro. Parecia que o mundo tinha acabado mesmo de vez. Aí quando foi em 82, mamãe dizia assim, Antônio... minha mãe era viva, meu pai. Mas eles eram novos, moravam a mais de vinte anos, moravam ali vizinho a Deci, Dr. Zezé. Morei naquela rua ali, naquela casa lá. Aí mamãe disse: “Antoniêta minha filha, faça isso não, você tem um filho. Você tinha seus planos de ensinar”. E eu digo: “Eu vou lá mais ensinar nem nada homem! Vou nada, nem estudar, não quero mais nada, olhe minha vida acabou”. “Minha filha, você precisa agora, tem um filho pra cuidar. Antoniêta, você tem... minha filha não pode ser assim não, mulher, olhe”. Sabe quando a pessoa fica transtornada? Muito tempo eu fiquei assim. Aí depois eu comecei, a Madre ia direto lá em casa. Começou a conversar e ir várias vezes, mostrando outras pessoas, dando conselho, que agora é que Antônio José precisava de mim, não tinha pai, que meu nome era Antônio, Antoniêta e o pai José, Antônio José, o nosso nome, vamos. Aí Antônio José por isso. Aí eu sei que, bem, aí chegou um convite, lembro como hoje. Lindalva Dias, você não conhece não, porque... Lindalva Dias, ela quem, quem, chamava presidente, ela era presidente do Mobral, ela é irmã de Judimar Dias que toca. E é, chegou um convite, pra ir trabalhar nesse Mobral. “Aí, Antoniêta você é uma menina, é professora, não sei o que...” A Madre: “Gente incentive Antoniêta, ela queria tanto ser professora. Vamos incentivar”. Aí eu sei que com esse incentivo, eu comecei a ensinar nesse Mobral. Era um projeto, programa, do Governo Federal. Daí, lá no Rômulo Pires, que é ali perto de Deci, tinha uma escola lá, Rômulo Pires.

Ana Paula: É, eu conheço lá.

Antônia: Pronto, foi minha primeira escola no município. Aí fui pra lá com esse projeto. Quando o projeto, antes do projeto terminar, aí Mafalda, que era prima de Cozinho e Cozinho prefeito, aí ela era diretora. Aí ela disse: “Antoniêta...”. Mafalda é a mãe desses meninos, de Glauber de Glaus que tem um Lava Jato, Glauber o marido de Corrinha. “Aí Antoniêta, tu que ensinar aí no município?” Pra tu ver aqui a diferença de hoje, né?”

Ana Paula: Muito obrigada pela sua ajuda.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DE LENE

Lene: Nos anos 80, eu... eu terminava o Ensino Fundamental e como minha mãe já era professora, eu também obviamente já tinha uma tendência, né? A... a também a seguir o magistério. E aí fui matriculada no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora.

Ana Paula: Qual ano?

Lene: No... no ano de 1983. 83 e 84 era exatamente pra fazer o Ensino Pedagógico. E a partir daí eu já seguia, né? Depois de terminar o Terceiro ano Pedagógico, me mantive como professora na própria escola onde eu lecionei até o ano de 2022. Né? Até o ano 2022. Ou seja, agora estou... estaria completando agora... estou completando, na verdade, 40 anos de magistério, de sala de aula. No Colégio Auxiliadora, mas também sou professora da rede pública Municipal aqui de Sousa. E foi isso, eu acho que pela influência da minha mãe, que já era professora, educadora, eu tinha uma admiração muito grande. E aí, é... consegui uma bolsa de estudo, na verdade. Foi através de uma bolsa de estudo que eu fui matriculada lá. E de onde comecei, como estudante, e segui como professora.

Ana Paula: A família da senhora era daqui de Sousa mesmo?

Lene: A minha família é de Santa Cruz. Mas a gente sempre teve uma influência muito grande, passei a vir morar aqui Sousa. Eu, à época, antes de fazer... vir fazer o Pedagógico, eu morava em Campina Grande, tinha feito o primeiro ano lá, tinha até o primeiro ano do Ensino Médio. E aí vim pra aqui exatamente pra fazer Pedagógico.

Ana Paula: A mãe da senhora estudou no Auxiliadora também?

Lene: Não, a minha mãe foi... foi aluna do... da... de Pedagógico também, na época era chamado exame de admissão, ela contava muito isso, ela hoje em memória. E aí ela, é... estudou em Cajazeiras, né? Era escola pra professores também, curso de magistério pra, é... mas foi em Cajazeiras, não foi aqui no Colégio Auxiliadora.

Ana Paula: A senhora tinha quantos anos na época?

Lene: Na época, quando eu fiz Pedagógica, eu tinha 16.

Ana Paula: 16?

Lene: 16, 17. Quando eu completei 18, eu passei a... fiquei na escola trabalhando, tinha terminado o magistério. A gente fala magistério, na época era... era Curso Pedagógico, né? E aí, depois, posteriormente, eu fiz licenciatura. Fiz licenciatura em Geografia, na UFPB, na época. E quando eu terminei já era UFCG, e também passei a lecionar na UFCG, ainda UFPB e UFCG. Mas sem nunca ter deixado de dar aulas no Colégio Auxiliadora.

Ana Paula: Hum, coisa boa. Conseguia conciliar, né?

Lene: Conciliava.

Ana Paula: Certo. Assim, o que é que a senhora se lembra, assim, das memórias do... do Ensino Pedagógico lá na Auxiliadora? Como eram essas aulas?

Lene: Bom, o fato de ser só mulheres, né? A gente tinha relações de amizades muito fortes. E pelo colégio ter, é... é... ter professores, né? Porque tinha, mantinha o Ensino Pedagógico e mantinha a Educação Primária. Então a gente almejava muito ser uma boa estudante do curso de magistério que era pra se manter como professora na escola. Tipo, era um emprego garantido, né? Você terminava o pedagógico... comigo isso aconteceu, obviamente não foi com todas. Mas a gente fazia o quê? Das

memórias que a gente tem do Curso Pedagógico era exatamente que a gente fazia tudo pra ser bom, né? Pra ser bom, pra desempenhar bem. Até porque durante o Segundo e Terceiro ano Pedagógico a gente tinha os estágios. Aí nos estágios eu já assumia substituições, é... eu já assumia as substituições dos professores, antes mesmo de ser professora da escola, né? Era de menor ainda, 16, 17 anos.

Ana Paula: Os estágios eram dentro do colégio?

Lene: Meu estágio já era fazendo substituições, né? Que a escola mantinha aí a educação, é... do Ensino Fundamental, né?

Ana Paula: Então, permitia que vocês...

Lene: Que era o antigo Primário.

Ana Paula: ...permitia que vocês já estagiassem, substituíssem dentro do próprio colégio?

Lene: Já! Eu já substituí a própria Maria Aurélia.

Ana Paula: E era?

Lene: Era. Ela... ela dava... ela era professora de Psicologia.

Ana Paula: Isso.

Lene: E ela era, depois ela se... ela foi eleita a Superiora Geral. E a partir daí ela precisava tá muito fora, ter que ir a Fortaleza, ao Crato, né? As demais escolas da congregação. E aí ela me passava os assuntos, os conteúdos e eu já substituía. Aí isso lá no Terceiro Ano, já como estágio também, tudo, era contado como estágio.

Ana Paula: E a senhora sempre se interessava e gostava do ensino?

Lene: Sim, gostava. É tanto que posteriormente eu terminei também o curso, na época era o Curso Científico, hoje é o... é o Médio, né? E eu fui fazer o Curso Superior. Eu fiz também o Curso Superior na mesma área, Licenciatura, né? E até então tô seguindo. Ainda leciono normalmente. Não lá no Colégio Auxiliadora, lá eu... eu... eu saí agora recentemente, mas, é... depois de 40 anos de atividades como professora.

Ana Paula: Muito bom.

Lene: Inclusive eu aposentei, já. Mas eu continuava como prestadora na escola.

Ana Paula: Como era a educação? A madre era uma das professoras, né? Eu fiquei sabendo.

Lene: Sim, a madre era uma das professoras. Tinha outra irmã, irmã Iraídes, que era, né? Uma outra boa memória. É... a irmã Iraídes...

Ana Paula: Ela faleceu?

Lene: Não, ela vive no Iguatu com a família, mas já é bem... é uma irmã, religiosa. Mas ela não... não vive mais em atividade na Congregação pela idade. Convive com a família dela. Uma grande professora de Linguagem e uma das melhores memórias que eu tenho era que ela tinha uma habilidade muito grande de ensinar Redação, né? E aí a gente se deparava com situações. Tipo, tinha que ler um livro, geralmente Literatura Clássica. A gente lia o livro, depois ela pedia toda... todo um resumo do livro. Depois ela pedia um... um... uma sinopse. E depois ela dizia: “Eu agora quero um telegrama”. Que o telegrama era uma mensagem curta, ainda muito usada na época, né? Hoje... hoje

é um e-mail, que é uma mensagem curta ou então é uma... uma... um Twitter, né? Que hoje é uma mensagem curta também, ou uma mensagem do WhatsApp. Só que tinha que ser correto, né? Não é como a Linguagem hoje das redes sociais que você abrevia.

Ana Paula: É.

Lene: Mas enfim. Ela... ela... ela nos proporcionou tamanho conhecimento nessa área da linguagem que nos ajudava a ter... ler, né? Ler, interpretar, escrever, né? Porque essa forma quando ela pedia pra ler um livro, fazer um resumo, fazer uma síntese e dizia que queria um telegrama com uma mensagem central daquele... daquele roteiro. Eu... eu tenho isso como uma grande aprendizagem na área da linguagem, né? O que hoje é um grande desafio, né? Pros jovens hoje, ler, escrever e discernir, interpretar.

Ana Paula: São tão acostumados, né? Com essa linguagem rápida que não consegue se concentrar.

Lene: É, a linguagem rápida. Mas é assim, é... eu diria que foi um, é... quando você perguntava, assim, dessas memórias, foi um momento magnífico. E também a gente como jovem, né? Como jovem a gente, à escola, a gente recreava. Era à noite as aulas, eram à noite. Nosso intervalo era na Praça da Matriz, era sempre um momento muito... muito alegre. Não era, a escola não era uma escola fechada, né? Assim, é... E que a gente tinha os intervalos, era muito bom os períodos de festas. Só mulheres, na verdade eram só mulheres e a gente convivia muito bem e formava laços de amizades também muito forte. Inclusive colegas de trabalho, colegas da época. E teve até outra... outra... outra referência que eu... que eu posso destacar é que muitas daquelas, é... é... colegas, depois foram alunas minhas... colegas, é... depois colegas minhas no colégio mais recente, foram alunos minha lá no Pedagógico. A professora Vanderlúcia, por exemplo, ela foi minha aluna lá no Pedagógico. E depois foi colega de trabalho. Então, assim, a escola, a gente tinha um vínculo muito forte, né? Muito forte. Um vínculo, é... tanto pela própria, é... espiritualidade da escola como escola religiosa, confessional, né? Como também pelo respeito. A gente como profissional, é... e sempre elas acolhiam, assim, o... o... essa capacidade que a gente tinha de... de sala de aula, de... da docência, né? De ser professor, de ser educador, né? De ser mestre.

Ana Paula: É... uma das entrevistadas que eu conversei, né? Antoniêta Formiga, ela disse que o colégio era o único colégio de Sousa que era só pra o Pedagógico.

Lene: Só o Pedagógico, era.

Ana Paula: E aí tinha esse... essa referência, né? O colégio era referência pra as cidades vizinhas. Então tinham muito colega da senhora que estudava fora?

Lene: Tinha, de São Gonçalo, Nazarezinho, né? Eu era... eu mesma era de Santa Cruz, mas vim morar aqui em Sousa pra cursar o Pedagógico. E era... até hoje é assim, né? A escola é uma escola religiosa, ainda tem... tem 60 a 67 anos hoje. E a Madre Aurélia foi diretora por 49 anos. 49 anos ela foi diretora. E a maior parte da nossa convivência realmente foi com ela, né? Como professora, como diretora da escola que nos acolheu. E... e tinha gente sim, até hoje, como lá na época do Pedagógico, tinha muita gente de fora, desses municípios arredores. Aparecida, São... São Francisco, Santa Cruz, Nazarezinho, São José. Então... e não tinha, não tinha curso profissionalizante. E você ser professor, naquela época, ainda era uma profissão, vamos assim dizer, de status, né? De status. Hoje não, né? Hoje cada época tem suas... Do mesmo jeito, eu gosto muito de dizer do mesmo jeito que teve uma época que ser bancário, né? Trabalhar no banco era status. Hoje, é um profissional funcional liberal, né? Advogado, médico, né? Professor continua na luta, né? Por salário, ainda, aquela coisa toda. Mas eu diria que eu faria tudo de novo, se eu tivesse que... eu nunca me vi fazendo outra coisa.

Ana Paula: Que bom! Sobre essa educação do colégio ser um colégio religioso, como é que a senhora enxergava essa educação?

Lene: Não, eu... eu... eu tinha como perfeita. Porque eu venho de uma família, é... cristã católica, a

minha mãe era uma professora também muito ligada ao serviço da igreja. Então, pra mim era uma continuidade. Não teve, no meu caso, assim, se foi empecilho pra alguém, pra mim só enriqueceu a minha... o meu... a minha aprendizagem como cristã, né? Cristã e seguidora do Catolicismo. Eu só achava como complemento e é tipo, assim, juntou aqui isso e deu certo.

Ana Paula: E essa educação religiosa acontecia de que forma? Com momentos de oração?

Lene: É. A gente celebrava, né? Como os preceitos da Igreja normalmente, aí intensificava esses momentos. É Natal, Semana Santa, Páscoa, o aniversário da escola, né? O aniversário era celebrado com muito espiritualidade. Todos os momentos, até o São João mesmo, essas datas mais festivas, a gente sempre via os dois lados, né? O lado religioso: “Ah, São João. Quem foi São João?”. Tá? E não era só aquela coisa, porque a escola religiosa tem esse diferencial da escola, é... regular, né? Ela... ela celebra os momentos festivos mais dentro de uma proposta de espiritualidade. Então, nunca vi problema nenhum pelo fato de ser escola religiosa.

Ana Paula: Existia alguma colega que...

Lene: Tem, sempre teve. Inclusive nos tínhamos colegas, tanto colegas como alunas, como professores, que eram de igrejas evangélicas. A escola... a escola sempre teve um respeito muito grande pela... pelas colegas e professores que eram... Até hoje nós temos muitos professores que são, é... seguidores do Protestantismo e a convivência é muito harmônica e respeitosa, né? Hoje... hoje a gente usa um termo chamado Ecumenismo, né? E dentro dessa proposta a gente, tanto tem os professores, colegas e alunos, muitos alunos também que sempre teve o colégio Auxiliadora como o caminho, né?

Ana Paula: Mas existia alguma aluna que não gostava? Que não queria seguir esse caminho da docência?

Lene: Não, a gente teve em alguns momentos. Aí eu diria que isso mais recente. É... celebração de, vamos citar um exemplo, a Páscoa. Então, se o evangélico não seguia geralmente ele fazia uma atividade, é... em outra sala, separado, sabe? Mas, é... sempre era respeitado nessa condição da questão religiosa.

Ana Paula: Mas eu estou dizendo assim, no período da sua turma do Pedagógico.

Lene: Sim, do Pedagógico.

Ana Paula: Existia alguma menina que não gostava desse ensino?

Lene: Não, eu te digo... Eu não lembro, eu acho que uma só que era evangélica, né? Mas as demais eram todas cristãs católicas. Você sabe que sabe que nos últimos 20 anos tem aumentado muito o número de protestantes, né? No... no nosso país. Nós até 20 anos atrás dizíamos que o Brasil era um país, é... predominantemente católico, não é? A gente hoje nem... nem coloca isso. A gente diz é um país predominantemente cristão, mas que existe hoje um aumento muito grande no mundo de protestantes, né? Evangélicos, como alguns chamam. Mas, é... na época eu não lembro, não. Como estudante eram só mulheres, mas eram de maioria. Eu acredito que uma só, me lembro, inclusive, de Rucenir, que era filha do Pastor Jair, era colega nossa e... e ela... Não, mas ela não foi nem colega minha lá, porque no que eu fazia Pedagógico lá, eu fazia também o ensino regular. Ela foi minha colega, mas não foi lá. Tava equivocada. Mas era, eu acho que uma só que me escapa agora o nome que era evangélica, mas não participava assim diretamente, não, né? Mas a gente sempre ficava, também de forma muito respeitosa nas celebrações que a gente fazia.

Ana Paula: Quando a senhora estudava lá o fardamento era aquele tradicional? A sainha, longa, vermelha?

Lene: É uma sainha pregueada, né? Com... com uma blusinha branca. Tecido, né? E era aquela

sainha pregueada na cor bordô, né? Era, até hoje é o bordô, é predominantemente. Até porque é uma estrutura, é o fardamento da congregação, né? A escola é uma instituição que pertence a Congregação das Filhas de Santa Teresa, né? Que ela tem origem no Crato. Que, inclusive, agora tá completando 100, esse ano de 2023, a Congregação. E ela nasceu, acho que... você já entrevistou a Madre Aurélia, ela nasceu com essa proposta de educar jovens no interior, né? Do Nordeste. Eu não sei se ela lhe falou, mas uma das propostas iniciais de educar a jovens é porque os homens que as famílias tinham um pouco de condição iam estudar em Recife, em Fortaleza, mas as mulheres que viviam no interior, elas não tinham acesso à educação. Então uma das propostas da congregação era educar no interior do Nordeste. É tanto que nós temos escola em Piauí, Paraíba, Rio Grande do Norte. Aliás, Ceará, Rio Grande do Norte não, e Ceará. E com esse propósito de oportunizar as mulheres a educação, coisa que só era até então, até eu acredito que até os anos 70, os anos 60, só para os homens, né? E era uma forma de oportunizar as mulheres.

Ana Paula: Isso, muito bacana.

Lene: Isso é da... Isso é um propósito da educação... Ou, da congregação.

Ana Paula: Da congregação. Que se expandiu, né? E chegou aqui na cidade.

Lene: Isso, isso. Foi algo, inclusive, trazido pelo Padre João Cartaxo. Padre João Cartaxo foi quem trouxe as irmãs, né? Transformou a escola, era uma escola... era a escola São José e transformou no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora.

Ana Paula: No início a educação era só de meninas, não é isso?

Lene: Só de meninas, só mulheres.

Ana Paula: Durou até quanto tempo? A senhora sabe?

Lene: Não, inclusive na escola tem... tem um museuzinho, não sei se chegou a conhecer. Na escola tem com a primeira turma tem foto, a primeira turma. Mas tem lá, viu? A irmã Geildes, se você quiser procurar, você pode inclusive fazer foto dessa primeira turma. Lá no museu a escola mantém uma sala, tá? Porque é um museu, aí você pode procurar a irmã Geildes e ela pode te dar acesso a essa sala. Inclusive tem foto da primeira turma, só mulheres.

Ana Paula: A primeira turma da escola?

Lene: É, a primeira turma.

Ana Paula: A madre me contou. Só que ela não se lembrava ao certo, né?

Lene: É porque a Madre já, assim, uma idade também bem...

Ana Paula: Já tá com a idade avançada, né?

Lene: Eu diria que ela, grande educadora que foi e ainda é, mas tem algumas limitações. Talvez, assim, de lembrar algo em total, né?

Ana Paula: É, exatamente.

Lene: Também não sei tudo, não vou lembrar tudo.

Ana Paula: Uhum, tudo bem.

Lene: Mas que, na verdade, são, é... 40 anos de uma historiazinha que dá para contar alguma coisa.

Ana Paula: Dá, dá sim. É... Sobre esse... o ensino da... do colégio, a senhora sentia que havia alguma rigidez? Quanto ao comportamento das meninas do Pedagógico?

Lene: É, a disciplina era prioridade, né? A disciplina. Não só porque era só mulheres, mas era a época. À época a gente tinha uma disciplina, mas eu não achava que era rigoroso. Eu lembro que a gente, como eu disse agora pouco, né? A gente saía pra praça, ia brincar, namorava, né? E acontecia de tudo, normalmente. Não era assim rígido, não. Ah, pelo menos a minha época, isso lá no início dos anos 80, né? Anteriormente, claro que havia mais uma rigidez. Inclusive teve um período em que as meninas eram internas, as meninas eram internas. Elas ficavam lá, passavam o dia, faziam a refeição, é... tinham os dormitórios, né? A escola foi interna um tempinho, não durou muito, não. Mas, não sei se a Madre falou disso.

Ana Paula: Falou.

Lene: Mas foi interna, né? Teve um período do internato, como chamava. Aí sim, nessa época era mais rígido, na minha época já era mais... mais liberal.

Ana Paula: Uhum. E aí, é... vocês se relacionavam fora do colégio, não é isso?

Lene: Também, também. Até porque muitas das nossas colegas, é... a gente fazia lá no Polivalente Dois, a gente fazia a noite era... era Pedagógico e pela manhã a gente fazia o Ensino Regular, que era o chamado Científico, né? Na época. Então, a gente tinha um vínculo de amizade muito forte com essas colegas, né? Do Pedagógico. E quase todas elas, ou pelo menos uma boa parte, ficou na escola, né? E outras, não, outras seguiram outro rumo, foram fazer outros cursos, entrar no Curso Superior pra outras áreas.

Ana Paula: Pronto. E depois que a senhora terminou, a senhora já contou, né? Que depois que terminou o Pedagógico continuou trabalhando no colégio. Desenvolvendo, né? Suas atividades. Havia alguma atividade religiosa durante as aulas?

Lene: Sim, tínhamos, né? Inclusive a escola por muitos anos, eu acredito que aí em torno de décadas, eu posso falar aí de quatro décadas mais ou menos, a escola quem fazia a formação, é... da Primeira Eucaristia, né? Que é um dos preceitos da Igreja Católica. Não sei se você é Católica, mas é um dos sacramentos. Que é a primeira eucaristia, então a escola que preparava. E a gente fazia isso também, até porque a escola religiosa também deve ter como objetivo a evangelização. Assim como a família também evangeliza e como uma escola cristã católica também tinha atividades, né? É... De cunho religioso. Agora, assim, sempre muito respeitoso, como eu te disse. A gente tinha tanto professores como tinha alunos que eram de outras religiões. Mas a gente também nunca teve, assim, vamos dizer, assim, um impacto, né? Sofreu nenhum tipo de impacto com... por questões religiosas não.

Ana Paula: A figura da Madre Aurélia, como é que... que você enxergava a sua ação pedagógica?

Lene: Bom, a gente via a Madre... Primeiro que a Madre tinha um conhecimento de Educação, de Psicologia, de Filosofia. Ela era professora de Psicologia, de Filosofia. Muito boa, né? E eu diria, assim, que a área que mais chama atenção dela como professora, como diretora, é... é o lado humanístico, né? Ela sempre foi uma pessoa de um coração grandioso. Eu posso até te dizer, sem medo de errar, que foi a pessoa que eu já conheci mais justa. Mais justa, porque hoje a gente busca muito, né? Justiça, justiça. Então era muito justa, ela reclamava quando tinha que reclamar, quando estava errada, né? E quando a gente estava errada ou como profissional chamava, conversava, né? E dizia: “Olha, aconteceu isso. Olha, um pai veio dizer que isso assim, assim. Aconteceu isso? É verdade, professora? Vamos evitar fazer isso”. E, assim, é justiça nas relações de trabalho, né? Nas relações de trabalho, de pagar, de ser justa com o salário, né? A gente sempre tinha um salário melhor do que se pagava fora da escola. O professor era tratado como um, como professor, né? Então ela tinha esse lado muito humanístico. Até hoje, né? Ela ainda mantém. Inclusive ela saiu da educação, mas ela mantém os trabalhos sociais, né? Ela mantém os trabalhos sociais, é... no conjunto Frei Damião tem uma... uma célula, vamos assim dizer, um centro de evangelização da congregação lá

no José Lins do Rego, elas mantém. E, assim, mesmo que a educação... que a educação cansa, né? Ela tenha se afastado da direção da escola, mas ela continuou com esse processo de evangelização. Então, eu diria que é uma pessoa humana ímpar, quase... quase rara no mundo.

Ana Paula: Ela é.

Lene: Viu? Quase rara. Se você tiver a oportunidade de conversar com ela. Você...

Ana Paula: Sim, eu conheço ela.

Lene: Você sente, né? Você sente.

Ana Paula: Eu já conheço ela de muito tempo, já.

Lene: Você sente que ela é uma pessoa despojada e cheia de Deus, né? Cheia de espiritualidade.

Ana Paula: A pessoa sente aquela paz.

Lene: Aquela paz.

Ana Paula: É.

Lene: Uma das pessoas mais completas, uma grande conselheira. Uma grande... Se a gente ia namorar, a gente dizia a ela, a gente dizia quem era, de quem era filho. Se ia casar, Maria Aurélia, assim: “Mas, minha filha, é isso mesmo que você quer?”. Pra tudo ela tinha um... um ensinamento, né? Pra tudo, como profissional, como... Então, a figura dela, eu diria assim que eu... sem medo de errar mesmo, repito, é uma das pessoas mais justas e mais humanas que eu já conheci.

Ana Paula: E é unanimidade, todo mundo gosta de...

Lene: Fala a mesma coisa.

Ana Paula: Fala a mesma coisa dela. Ela é muito especial. É... Com relação, assim, às normas, às regras do colégio, o que que a senhora lembra desse período?

Lene: Olha, era isso, né? A escola religiosa, por si só, ela tem uma responsabilidade, eu diria, talvez, maior do que as outras, né? Então, essa questão disciplinar, essa questão de fardamento, essa questão de resultados, né? Nós sempre caminhamos, é... em busca de resultados. Nossos alunos sempre foram muito bem sucedidos, né? Saindo da escola e eu lembro, a gente recebia dezenas de cartas das escolas parabenizando pelos alunos quando eram transferidos pra outras escolas, parabenizando pela educação... pela educação de qualidade, pelo, é... o conhecimento científico mesmo, né? Até porque um... os pilares da escola é Ciência, Fé e Cidadania. Então, a gente sempre preservava muito por isso. Então, caminhando nessa linha da fé tá sendo pautada, a cidadania está sendo trabalhada, né? É... a ciência, os conteúdos estão sendo aplicados. Então, são essas coisas que... que eu diria, assim, que a escola seguia tudo isso e dentro das mudanças. Eu lembro que nós passamos, meu Deus, pela proposta construtivista de Paulo Freire, né? Pela... pelas inteligências múltiplas de Gardner, pelo... a sociedade, é... líquida de... de Zygmunt Bauman. Eu tô colocando aí três décadas, tá? De... de mudanças, você sabe que a educação, como qualquer setor de vida, né? Muitas vezes aspectos da sociedade como um todo, à educação não foi diferente. Eu diria que a gente passou por tudo isso se adequando, se adaptando e aprendendo e ensinando, é... dentro das propostas educacionais de cada época.

Ana Paula: Isso. E no período que a senhora estudava lá, né? Tava já quase no finalzinho, né? Do período da Ditadura Militar.

Lene: Ainda, porque eu fui... eu cheguei, não... já... Isso! Eu cheguei em 80, finalzinho. Finalzinho

da Ditadura Militar, exatamente a gente já vivia o processo de abertura política, né? Já respirava, já, os ares do governo de João Batista de Figueiredo, a anistia. Já se sonhava... Eu acho, eu posso até dizer que talvez tenha sido esse o encantamento pela educação, se acreditava naquela época que a educação seria a grande mudança que o mundo precisava, né? Que deveria acompanhar a sociedade, né? Com a pujança da redemocratização. Então foi muito feliz, né? Acho que deu certo também por isso, né? Era o fim, você fez uma referência aí, é um momento bem especial, porque a gente teve a oportunidade de viver isso, né? Sair da Ditadura.

Ana Paula: Vocês sentiam alguma repressão nesse período?

Lene: Não, não, não.

Ana Paula: Ou não tinha noção nesse período?

Lene: Nesse período não tinha mais, é... Eu lembro, não lá, mas eu lembro que como eu comecei a estudar nos anos 70, pegou aqueles anos de chumbo, aí eu lembro, não no Colégio Auxiliadora. Mas lá também, pelo que a gente escutava as mais velhas falando, aquela coisa de cantar o Hino Nacional todo dia. Isso existia, né? Isso existia. Existia sim e, é... lá como nas outras escolas também, né? O patriotismo era mais, como eles chamam... não o patriotismo de agora, né? Que é meio confuso. Mas à época era muito... muito isso de respeito mesmo, de ver a pátria como... como mãe, né? Que é o próprio sentido da palavra de pátria é mãe. Mas, assim, existia sim essas... é... essas regras, né? E do Pedagógico mesmo, era só mulheres, era... eu diria que era mais fácil porque eram só mulher, né? Dizem que os meninos eram mais trabalhosos. Hoje a gente não... hoje a gente não... não percebe essa diferença, né? A gente não percebe que meninas são mais calmas de que os meninos, a gente realmente não percebe hoje, é uma geração muito agitada, né?

Ana Paula: Agitada, é. É sim.

Lene: Quem tem em sala de aula. Você é formada em Licenciatura. Tá se preparando também pra isso, né?

Ana Paula: Já... já tô me preparando para sala de aula.

Lene: É. E é um muito isso. É, um professor tem que ser dinâmico, né? É esse dinamismo, é essa liderança, é essa... essa capacidade empática, né? Que hoje é tão necessária pra você conviver com os jovens, com as crianças e com os jovens. Oportunamente lhe desejo sucesso, né?

Ana Paula: Obrigado.

Lene: Mas, e... e assim, porque não é uma coisa fácil. E eu diria a você que é uma coisa pra quem é vocacionado, quem não é vocacionado, é... não... não deve ir pra sala de aula.

Ana Paula: A senhora fez um teste de vocação que tinha na época?

Lene: Não, a gente faria... a gente fazia. A gente fazia, não antes de entrar. A minha vocação era a minha mãe, é aquilo que eu já falei no início, né? Minha mãe era educadora e era uma perspectiva de mercado, que a gente já tinha essa perspectiva de mercado. Fez Pedagógico, tem trabalho, né? Vai trabalhar. Se não fosse no colégio, como foi o meu caso, mas na repartição pública. Você fazia o Pedagógico é a mesma coisa, você tinha uma qualificação de hoje. Hoje também, né? Hoje se fala muito em... em... é... Escola Integral, que vai oportunizar o aluno a ter um curso profissionalizante, né? Seja na área de Robótica, seja na área de Energias Renováveis, né? Não é tudo assim, né?

Ana Paula: Uhum.

Lene: As escolas, é... integrais hoje é já com esse objetivo. E... e lá era específico por isso, né? Porque a gente estava se formando pra ter uma qualificação, pra ser professora. Tipo uma coisa

garantida. É tanto que tinham pessoas que não tinham condições financeiras, mas aí tinham umas bolsas. Eu me lembro que eu tinha uma bolsa da fundação Miriam Benevides Gadelha, que era, na época, facilitava, era pra algumas... algumas pessoas. Aí a fundação pagava o colégio e outras podiam pagar mesmo, tinham mais condições econômicas. E outras não tinham condições, aí às vezes negociavam uma... uma mensalidade mais barata. Às vezes a madrinha pagava, né? Às vezes a família se juntava pra pagar aquela mensalidade no curso.

Ana Paula: Uhum.

Lene: Sabe? Tipo a prima madrinha, o pai, o avô, né? Eu lembro que tinham colegas que diziam: “Não. Quem paga é minha tia. Quem paga a escola é minha tia”. Porque era uma escola privada, né?

Ana Paula: Isso.

Lene: Agora, tinha parceria. No meu caso eu estudei com uma bolsa de estudo, né? Consegui essa bolsa de estudo.

Ana Paula: A senhora conseguiu através de uma prova?

Lene: Não, não. A bolsa de estudo era... era da fundação e era a... quem comandava a fundação era madrinha da minha mãe, aí eu acho que foi também isso, né? Ela disse: “Não, vou... vou lhe ajudar”. No meu caso, né? Nos outros, aí cada caso era um caso, né? E a fundação já existia pra isso também, recebia, é... doações, e essas doações serviam pra alunos, né? Geralmente de baixa renda. A minha mãe já era professora, já era funcionária pública, não era nem questão de pobreza por si. No meu caso eu acho que foi mais assim um apadrinhamento mesmo, né? Dona Miriam era... era a madrinha da minha mãe e me deu a bolsa.

Ana Paula: Dona Miriam é família dos Gadelha?

Lene: É a esposa de José Gadelha, é.

Ana Paula: Ah, entendi.

Lene: A mãe de Salomão, a mãe de Marcondes, de Doca. Não sei se... aí era, tinha a fundação. Fundação Miriam Benevides Gadelha e era pra isso, era pra ajudar principalmente na educação de jovens. Aí quem queria fazer Pedagógico e não podia pagar, ajudava.

Ana Paula: Como era ser mulher naquele período? Tinha que... que demonstrar ter sempre um bom comportamento? Ser uma mulher do valor? Como era que a sociedade expressava essa...

Lene: É, eu não sei, é, eu acho essa... essa... essa coisa, que muita gente... porque hoje a gente tem pensamentos diversos, né? No mundo se fala muito em feminismo e tudo. Eu lembro... eu... eu prefiro falar em ser virtuosa, que é bíblico, né? Não é que eu seja, é... vamos assim dizer, piegas de religião não. Mas eu digo que, não só naquela época, mas hoje, todo... toda área profissional você tem que ter algumas virtudes. Não se exigia respeito por exemplo pra... mas era... era normal que uma escola religiosa você precisava ter um bom comportamento, né? Mas eu lembro também de colegas que eram mais, vou usar um termo da época, que a gente dizia era mais assanhada. Aí a madre chamava, né? A madre chamava. Eu não, eu lembro assim, eu lembro que eu tinha um comportamento tranquilo, mais moderado mesmo. Mas eu lembro que tinha aquelas mais... mais, é... que gostavam de fugir mesmo, de não voltar do intervalo pra ficar na praça.

Ana Paula: E é?

Lene: É. A madre mandava chamar. Certo? Mas, assim, não era que... é aquilo que eu te disse, não era uma escola fechada. Aí eu já peguei a oportunidade da escola mais aberta, né? Mais liberal. Mas não era um critério, eu não posso te dizer que era um critério, não, né? Porque nem religião era

critério. Nem caráter, né? Nem caráter, até porque isso é adquirido e a escola não selecionava. Não lembro também de alguém ter saído da escola porque não tinha um bom comportamento. É ao contrário, eu... eu acho que elas procuravam, é... vamos assim, moldar, né? Aqueles comportamentos mais... as meninas mais...

Ana Paula: Eram punidas essas meninas mais assanhadas?

Lene: Era o quê?

Ana Paula: Punidas?

Lene: Às vezes, eram, né? Mas não era aquela punição.

Ana Paula: Sim, assim, conversar com os pais, suspensão.

Lene: Era uma suspensão normal, chamava os pais. É, chamar o pai é a primeira coisa, né? Essa assanhada que eu digo assim é porque tinham aquelas mais danadas mesmo, né? Como eu te disse, não voltava depois do recreio porque tinha ficado com o namorado, assim, assim. Mas, era normal, a gente já vivia uma época mais liberal, né? Se bem que os pais sempre achavam que estando na escola estaria seguro, né? Por isso que as irmãs também... Escola religiosa, aquela coisa toda.

Ana Paula: Então, as principais regras e normas eram quanto a chegada, né? No horário.

Lene: Era, a chegada. Era chegada... a farda, né? Tinham umas meninas... tinham umas meninas que dobravam pra ficar curtinha a saia, dobravam na parte de cima, assim. Eu não lembro de eu ter dobrado, não, mas... mas as meninas dobravam, assim, que era pra ficar mais curta. Aí quando ia entrar na escola, aí baixava, né? O cós, né? Dobrava o cós pra ficar mais curtinha. E... mas se ficasse com a saia curta também elas mandavam desmanchar. Disse: “Olhe, já tem que desmanchar”. Que às vezes a menina entrava na escola e crescia, né? E a saia ia diminuindo. Aí eu lembro que a Madre mandava ajeitar a saia que tava muito curta, aquela saia não servia.

Ana Paula: Tinha uma irmã que ficava na função de observar as meninas, né?

Lene: Era Tavarinha, era. Chama Tavares. Era, era, ela era chefe de disciplina, né? Chefe de disciplina. E aí é aquela coisa toda. Outra coisa que me chama atenção é... ela, na questão disciplinar, eu acho que eu também devo muito isso a elas, é... Tavarinha ficava, por exemplo, no bebedouro. Ninguém podia encher um copo se não fosse pra beber, só era pra botar no copo o que fosse beber, que era pra não sobrar e ter que derramar. Desperdício, né? Essa ideia de desperdício. Então, elas trabalhavam muito com essa disciplina também. A questão ambiental, né? A visão de meio ambiente. Eu desenvolvi um... uma espiritualidade, é... ambiental muito forte na escola, né? Eu acho que tem muita a ver com a inteligência também, essa inteligência, é... a inteligência emocional e a inteligência ambiental, né? Que eles chamam de... tem um nomezinho que eu esqueci agora. É uma concepção de Gardner e de Celso Antunes. Mas, é... eu acho muito eu atribui a essas coisinhas pequenas, né? “Olha, não pode encher o copo que é pra não derramar. Se tiver com sede venham pegar de novo”. As garrafinhas não podiam encher toda que era porque esquentava, aí ninguém queria beber água quente, né? Se bem que lá no comecinho os bebedouros não era... era... água não... não era água gelada, não. Mas elas tinham o maior cuidado.

Ana Paula: É... Não havia nenhum castigo daquele período? De colocar palmatória na escola.

Lene: Não, a gente não. Não, não. Não! A gente não tinha mais essa experiência, não tinha de palmatória, né? De ficar de joelho, de... Sim, eu lembro que, assim, em algumas coisinhas que a gente fazia e a madre mandava a gente rezar. “Vá rezar dez Ave Marias”. Como um padre, né? Assim, em uma confissão ela diz: “Não”. E, mas era... era muito tranquilo, assim, nessa questão. Não tinha nenhuma forma mais agressiva, né? Dentro do contexto de punição não.

Ana Paula: Ela mandava rezar como uma forma...

Lene: Era, às vezes era. Às vezes... mas é raro, né? Só quando... quando acontecia, assim, alguma coisa assim mais... Às vezes com os pais como os pais que algumas meninas diziam que... se chateavam, né? Com os pais. E ela era muito espirituosa também, né? Conversava muito, muito conselheira. Aí todo mundo quando tinha algum problema, alguma coisa sempre conversava assim com ela. Mas não era punição, não. A gente entendia como um momento de parar, né? De parar e refletir. “Quem foi? Quem é que tá errado? É você, seu pai, sua mãe?”. Né?

Ana Paula: Tinha uma capelinha lá?

Lene: Assim, na verdade, a capelinha sempre foi na casa das irmãs. O colégio não tinha, sempre tem... tinha um canto, um local, um altar, né? Um altarzinho até hoje tem, Nossa Senhora Auxiliadora, né? Mas, assim, não tinha de ter uma capela. Eu... eu tive conhecimento de que quando ainda era internato tinha uma capelinha, mas depois não, né? Tinha só um canto, assim, um canto que a gente recolhia quando queria rezar, quando queria... né? Mas nada obrigatório, assim, não. Era muito espontâneo.

Ana Paula: Porque em um dos depoimentos a mulher falou que tinha uma... tipo uma capelinha.

Lene: É.

Ana Paula: E a madre colocava as meninas mais danadinha, né? Pra ir rezar lá.

Lene: É, mais danadinha pra ir... é.

Ana Paula: Como forma de punição.

Lene: Era isso que eu estou dizendo, na... Ainda hoje tem lá, é tipo um altarzinho, não chega a ser uma capela. Se Paula, Antoniêta foi aluna lá bem mais jovem, no caso dela. Aí não sei se nesse tempo ainda tinha capelinha, no meu tempo não tinha mais. Tinha... tinha sim esse local, né? Que a gente tem como um lugarzinho reservado mesmo.

Ana Paula: É... com relação à questão dos namoros. Não era permitido dentro do colégio?

Lene: Não, não. Elas evitam até hoje, né? Até hoje elas estão tendo... Ano passado mesmo a gente teve... a gente teve fatos engraçados que... Os jovens hoje estão muito... muito, vamos assim dizer, é... muito... com a... com a sexualidade muito aguçada, né? Então eles namoram muito jovens, né? 12 anos, 11 anos eles estão já naquela fase de paquera. E as meninas têm dificuldade na hora do recreio, tem que estar em todos os lugares, porque senão eles querem estar namorando, beijando, essas coisas. E aí, naquela época era mais tranquilo, né? Também não tinha homens, né? Na... no período do Pedagógico. Depois quando a gente começou a ser professor já tinha também esses cuidados, né? Porque a gente entende que a escola não deve ser, né? Mas não evita, tudo começa lá, no fim de tudo começa lá. Nas entrelinhas começa lá, porque a gente tem de casais hoje, famílias, né? Que começaram a namorar na escola é impressionante.

Ana Paula: Porque mais tempo, né? Na escola do que fora, né? E aí conhece as pessoas lá.

Lene: Depois que, é. Aí depois que saiu da condição de Pedagógico e o Ensino Regular, né? Ensino médio, 1998, aí sim, aí eram homens e mulheres, né? Homens e mulheres.

Ana Paula: Então, até 1998 tinha o Pedagógico?

Lene: Tinha, até 98 tinha o Pedagógico.

Ana Paula: Com turmas bem numerosas?

Lene: Era, relativamente numerosas. 30, 35 alunos, né? Aí depois no Ensino Médio, não. Aí abriu, era meninos e meninas. A partir de 98, foi.

Ana Paula: Então, no Primário... No Primário, já no período que a senhor estudava já era misto? Ou...

Lene: Já era misto.

Ana Paula: Já era misto. Mas com... no Ensino Médio, né? No período.

Lene: É, no Pedagógico eram só mulheres. Mas já tinha o Ensino Regular normal na escola.

Ana Paula: Que aceitava os meninos?

Lene: Era, em todos os outros níveis, né? Fundamental... porque na época o Ensino Médio era o próprio Pedagógico. Terminava o antigo oitavo ano, né? Aí se quisesse seguir era Pedagógico, já.

Ana Paula: Havia alguma questão relacionada, assim, a desigualdade entre as alunas? No tratamento entre aquelas alunas que eram de família mais abastadas, com condições e as bolsistas?

Lene: Não, não. Eu não... não percebi isso, não. É tanto que eu era bolsista e eu posso dizer que eu fui privilegiada. Fui privilegiado porque eu... eu... o meu estágio já foi substituindo as turmas da escola mesmo, né? Já fui, já fiquei na escola como professora. Muitas ficavam, né? Independente de ter... de ser bolsista ou de ser... ser mais abastada economicamente, né?

Ana Paula: Então a senhora não percebia que não havia algum tratamento?

Lene: Não, eu tiro por mim mesmo, né?

Ana Paula: Uhum.

Lene: Que era. Se bem que minha mãe era, tinha um pouquinho de condição. Mas eu ganhei a bolsa, né? Era bolsista.

Ana Paula: Uhum. Aí a senhora tem algumas fotos desse período?

Lene: De Pedagógico mesmo, eu não sei. De Pedagógico eu acho que eu não tenho, como aluna. Era essas fotos que tu queria, né? Porque eu tenho muito, assim, da escola mesmo, mas como professora. Mas como... não lembro de ter, eu vou dar uma olhadinha, vou pegar meu álbum ali, eu posso olhar porque eu tenho um álbum todo... Mas tu falou, eu pensei que era mais da escola mesmo, que eu não sabia que era específico de... de Pedagógico.

Ana Paula: Mas pode ser também, do período em que a senhora trabalhou no colégio.

Lene: É, eu vou dar uma olhadinha ali no que é que eu tenho. Deixa eu só pegar aqui, é rapidinho, tá arrumadinho aqui. Se eu tiver, é aqui.

Ana Paula: Muito obrigada pela sua ajuda.